

VALENTINA K. MICHAEL

DOCE DOMINIO

DINASTIA
CAPELLO
-LIVRO 1-





DOCE DOMÍNIO

DINASTIA CAPELLO | 01



VALENTINA K. MICHAEL

Ficha Técnica
Copyright © 2018 by Valentina K. Michael
Doce Domínio – Dinastia Capello

Edição 01 - 2019

Capa: Mirella Santana

Revisão: Clara Taveira e Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da autora, sejam quais forem os meios empregados.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança dos fatos aqui narrados com pessoas, empresas e acontecimentos da vida real, é mera coincidência. Em alguns casos, uma notável coincidência.

Sumário

PRÓLOGO

01 | MARIA CLARA

02 | FERNANDO

03 | MARIA CLARA

04 | MARIA CLARA

05 | MARIA CLARA

06 | FERNANDO

07 | MARIA CLARA

08 | MARIA CLARA

09 | MARIA CLARA

10 | MARIA CLARA

11 | MARIA CLARA

12 | FERNANDO

13 | MARIA CLARA

14 | FERNANDO

15 | MARIA CLARA

16 | FERNANDO

17 | MARIA CLARA

18 | MARIA CLARA

19 | FERNANDO

20 | MARIA CLARA

21 | MARIA CLARA

22 | MARIA CLARA

23 | FERNANDO

24 | FERNANDO

25 | MARIA CLARA

26 | Fernando

27 | Maria Clara

28 | MARIA CLARA

29 | MARIA CLARA

30 | FERNANDO

31 | Maria Clara

32 | MARIA CLARA

33 | FERNANDO

34 | MARIA CLARA

35 | FERNANDO

36 | MARIA CLARA

37 | FERNANDO

38 | MARIA CLARA

39 | FERNANDO

40 | MARIA CLARA

41 | FERNANDO

[42 | MARIA CLARA](#)

[43 | FERNANDO](#)

[44 | MARIA CLARA](#)

[45 | Maria Clara](#)

[46 | MARIA CLARA](#)

[47 | FERNANDO](#)

[48 | MARIA CLARA](#)

[EPÍLOGO](#)

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus leitores pelo incansável apoio, carinho e paciência.

Agradeço ao importante apoio e conselhos que recebi no grupo #IRIN quando o livro era apenas uma ideia e eu contei a algumas poucas pessoas. Julia Menezes, Caroline Oliveira, Claudia Rodrigues (Kakau Mafra), Lucia Couto, são alguns nomes que não só me deram ideias, como acompanharam a construção de Maria Clara e Fernando, prestigiando meu trabalho.

Iniciei esse livro no site Wattpad, em novembro de 2018, com um outro pseudônimo: **Madah Kosta**. Fiquei muito feliz por ter conseguido leitores também naquele perfil. Agora, A Dinastia Capello passa oficialmente para as mãos de Valentina K. Michael.

Este é meu primeiro caubói / fazendeiro. É um romance leve, sobre construção de uma paixão. Eu amei escrever e espero que gostem de ler.

Uma boa leitura,

Valentina K. Michael

PRÓLOGO

— Pai, pelo amor de Deus, não estamos na era medieval. Isso é uma discrepância. — Tentei argumentar, mas meu pai estava fixo em sua descabida ideia. Olhei para Andrey, que nem pareceu se importar muito. Ele tinha uma amante há anos, se casar não mudaria nada em sua vida. Mas eu? Casar apenas pela empresa?

— O recado está dado, e já mudei meu testamento — nosso pai advertiu, desconsiderando qualquer que fosse minha opinião. Olhei com ódio para meu velho enquanto ele se levantava da opulenta mesa de reuniões da empresa. — Andrey só será presidente no meu lugar se estiver casado, e você só assumirá a vice-presidência se for casado também.

— Enquanto isso, deixa um qualquer tomar conta... — destilei, sendo um pouco venenoso. Eu me referia a Miguel, que subiu de nível rapidinho só por ter filhos, os primeiros netos de meu pai.

— Miguel é marido de sua irmã. Ele é um bom homem, que praticamente criei, além de ter me dado netos. O que eu posso levantar contra esse homem?

— Se acalme, mano. — Andrey me cutucou. — Tenho um plano. — Piscou para mim.

Eu me calei até meu pai sair da sala e só então voltei a atenção para meu irmão mais velho.

— Vou me casar em um contrato de seis meses — ele disse. — Só o tempo de pegar a presidência. E você fará o mesmo. A Leticia, sua secretária gostosa que você come escondido, será ótima para essa trama. Case com ela em um contrato de seis meses, ganhe a vice-presidência e mande nosso velho se lascar.

— Ótima ideia. — Soltei um sorriso.

— Case você primeiro, depois serei eu. — Ele levantou-se e pegou o terno na cadeira — Ainda preciso arrumar a pretendente.

— E a Dinah? — Indaguei sobre sua amante.

— Não mesmo! — fez uma careta contraindo uma sobrancelha — Ela é meu tesouro, não vou me casar para depois separar e não poder mais vê-la, pois a mídia ficará de cima. Escondido é melhor.

— Que seja. — Refleti quanto à Leticia. Era uma garota boa, humilde e

que estava sendo bem treinada na minha cama. Poderia dar certo. Era hora de mexer meus pauzinhos, antes que Miguel, o homem perfeito, tivesse outro filho e ganhasse uma promoção.

01 | MARIA CLARA

— Meu Deus! Você é muito louca. E se o Fernando descobrir? — Leticia curvou-se diante da tela do notebook, vendo a planilha que eu construía. Tinha que entregar ao advogado de seu noivo ainda naquela tarde. Era uma corrida contra o tempo.

As coisas pareciam se apertar como em um labirinto confuso. Eu estava no meio dele, sufocando, sem tempo para raciocinar.

E quer saber? Eu mesma não sabia onde eu estava com a cabeça para roubar um dos fazendeiros mais ricos e famosos do país. Minha mão tremia diante da minha ousadia.

— Ele não vai descobrir — falei, tentando me tranquilizar. Interiormente, repeti: “*ele não vai descobrir*”; meus olhos quase parados nos números.

— O smoking de quatro mil, você colocou nove e quinhentos? Maria Clara? Ele vai foder com a nossa vida.

— Calada! Você me colocou nessa, não vou sair sem nada.

Eu jamais seria tão cara de pau a ponto de criar uma planilha superfaturada e torcer para que o homem abrisse a carteira sem questionar. Não era nenhuma santa, já havia aplicado outros golpes, mas não contra alguém tão abastado.

Com esse casamento milionário, esperado pela sociedade e mídia há meses, eu já estaria com a vida totalmente ganha. Bastava criar um espetáculo, e então minha agenda estaria lotada de contatos dos famosos. Todo mundo desejaria o casamento igual ao do Fernando Capello. A pequena e novata empresa de organização de festas a qual sou sócia ocuparia um lugar de respeito no hall da fama.

E eu só tive essa sorte porque a noiva é minha amiga. Eliana, a dona da empresa, e eu quase morremos de gritar quando Leticia me procurou. E foi sorte de ela ser secretária do cara e ele se interessar pela novata. E parecia que estava mesmo muito interessado. O partidão cobiçado por 90% do público feminino nunca tinha colocado uma aliança no dedo, mas, com Leticia, estava disposto a fazer um show de matrimônio.

Todavia, para meu desespero, vi meu sonho caindo feito um castelo de cartas. Leticia apareceu com a ideia mirabolante de fugir com um peão gostoso,

funcionário de Fernando. E ela estava firme nessa decisão. Quase fiquei de joelhos e implorei para ela fazer isso depois do casamento, mas quem pode mandar no coração?

Ele cancelaria todos os preparativos, e eu não seria lembrada nunca mais. Pelo contrário, o nome da nossa pequena empresa estaria na lista negra dos ricos, e o meu nome seria gravado como a cerimonialista pé-frio.

Com contas para pagar, um pai alcoólatra e uma mãe doente morando em uma casa hipotecada, a melhor solução era reviver meu lado pilantra e tirar um pouco do bolso do fazendeiro e torcer para dar certo.

Voltei aos valores do smoking e abaixei para cinco mil. Não poderia colocar valores exorbitantes, para não levantar desconfiança.

— O que você acha de colocar sete mil em cada presente dos padrinhos? Custou três. — Olhei para Leticia mesmo sabendo que ela não me daria essa resposta.

— Eu não sei. Quero estar bem longe quando a bomba explodir. Eliana vai querer te matar, pois será a empresa que ficará com a culpa.

— Fique tranquila, Ely disse que está pensando em dar uma pausa e tentar outra coisa. Vou aconselhá-la a fechar por uns tempos. E eu estarei bem longe. — Recostei na cadeira e repassei meu plano infalível. — Vou pagar a hipoteca dos meus pais e fugir para São Paulo, ficar uns meses por lá. — Eu tinha ciência que poderia dar uma merda gigantesca se ele descobrisse e resolvesse processar a empresa de eventos. Mas ele não ia descobrir, na verdade ele só dava a ordem para liberar o valor, quem estava à frente de tudo era o advogado, que, por sua vez, não me perguntava muito sobre meus atos, apenas liberava os depósitos.

— Eu vou avisar ao Fernando essa noite — falou, sem demonstrar qualquer emoção. — Ele é um homem bom, honesto, muito trabalhador e rico. — Ela pensou um pouco antes de continuar, e eu esperei com a mão parada no teclado do computador. — É bonito, além de ser um animal delicioso na cama.

— Sério? — Eu estava surpresa por ela tocar nesse assunto. Leticia sempre desviava de falar sobre a intimidade dela com o cowboy milionário, dizia até que havia um contrato de sigilo que a impedia de falar sobre isso. Agora, ter a chance de saber um pouco dos bastidores do romance me deixava estranhamente eufórica.

— Ele é diferente dos outros homens nesse aspecto... gosta de dominar. — Pensou um pouco novamente e continuou, o olhar longe: — Ele tem

tendências dominadoras entre quatro paredes. — Meu corpo estremeceu ao ouvir. — Segundo ele, teve que me treinar para que eu pudesse satisfazê-lo, e não posso negar que foi bem prazeroso. O cara faz coisas que impressiona qualquer filha de Deus.

Abandonei a tela do computador e olhei, interessada, para ela.

— E por que vai deixá-lo?

— A gente não manda no coração, Clara. — Deu de ombros, pronta para explicar mais uma vez o que já tinha me contado. — Infelizmente, mesmo tendo o Fernando, sonho de qualquer mulher... meus olhos seguiram para outro lado. Estou completamente apaixonada pelo Thiago. Vamos embora daqui. Ele tem uma pequena fazenda em Minas, com o pai dele.

Assenti, acreditando nela, mesmo sem compreender de verdade como poderia fazer uma escolha tão descabida. Era um abismo de diferença entre os dois. Leticia nunca foi apegada a bens materiais. Outra ficaria com Fernando só pela boa vida, mas eu achei certo ela acabar com o casamento, impedindo que ambos sofram mais.

— Ele gosta de você? O Fernando? — Era algo que eu sempre quis perguntar, porque ninguém nunca acreditou de verdade nesse relacionamento. Leticia é bonita, com sua pele acetinada e o corpo em forma, mas a classe social diferente dava margem a dúvidas.

— Ele é um pouco frio no quesito sentimento. Sempre distante, me procurava só quando queria sexo. Mas, no fundo, quero acreditar que ele gosta de mim. Não sei se é amor, mas ele disse que eu alimentei o desejo dele de se casar e que será uma coisa boa para o pai. — Ela puxou uma cadeira da minha mesa de jantar e se sentou ao meu lado — E às vezes acho que ele só quer mesmo se casar para dar esse evento como presente para o velho. — Ela suspirou e prosseguiu, levemente entristecida. — Hoje seria o jantar que ele me apresentaria à família Capello.

— Caramba! Será um grande golpe no ego dele.

— Sim.

— E você é a cara de uma esposa perfeita. Cabelos longos, sempre composta, trabalhadora, pai e mãe evangélicos... — Enumerei as qualidades de Leticia, desejando não comparar comigo mesma, de cabelos curtos e tingidos de louro, roupas de gosto duvidoso, muitas compradas em brechó, e com pai problemático.

— Uma filha fornicadora e fujona. — Fez um bico de deboche. — Meus pais vão morrer de desgosto.

— Mas o importante aqui não são seus pais, mas sim sua alegria.

— Então, compreende que estou deixando um casamento de conveniência de lado para seguir minha felicidade?

— Sim, eu acredito em seus sentimentos. Agora me deixe, que eu tenho que terminar isso urgente. — Leticia riu e se aproximou mais para ver meu trabalho criminoso. Eu era uma pessoa muito má, mentindo e roubando um homem inocente.

Já tinha feito umas artimanhas parecidas quando trabalhava em uma loja no centro da cidade, aumentando por conta própria o preço das roupas para ter meu próprio rendimento. Sempre deu certo, fui considerada a melhor vendedora. E espero que esse golpe também dê resultado.

Quando Leticia foi embora, eu tomei um banho demorado e encarei minha aparência cansada no espelho. Não havia mais volta. Franco passara menos de uma hora antes e havia levado a planilha. E pouco tempo depois, me ligou dizendo que o último depósito foi liberado na conta da empresa.

Eu me sentia exultante e amedrontada ao pensar sobre isso. Estava praticamente rica, tinha conseguido quase um milhão de reais no golpe e teria que usar toda minha agilidade para sumir do mundo, se possível fosse. Fernando não teria piedade se me alcançasse.

“Ele gosta de dominar.” A voz de Leticia soou na minha mente, e eu fechei os olhos, ofegando rapidamente. Fernando Capello era o segundo filho dos cinco irmãos. Aos trinta e cinco anos, era dono de uma imagem imponente e poderosa, sua personalidade forte era visível nos olhos acinzentados, quase sempre carregados com um ar de aspereza. Sempre visto na mídia como o cowboy milionário, que comanda toda a parte pecuária da marca Capello.

Pensar naquele homem gigantesco e forte sendo um experiente dominador na cama me deixou tensa e um tanto agitada. Eu nunca tinha pensado nesse tipo de fetiche, por isso foi estranho flagrar meu corpo respondendo de maneira libidinoso às imagens que minha mente produzia.

Após me vestir, fui à cozinha, coloquei água para ferver, na intenção de preparar um chá. Enquanto isso, conferi na geladeira o estojo com seringas e ampolas. Estavam no fim, e eu precisava conseguir mais. Mas com dinheiro no banco, eu compraria logo um carregamento grande de agulhas e seringas.

Conferi a dosagem e injetei no abdômen. De olhos fechados, suspirei e fiquei feliz por poder jogar essa seringa fora, já que compraria novas.

Tomei o chá recostada na pia, olhando para minha velha pequena cozinha a qual eu daria adeus em breve. Não morava com meus pais; mesmo tendo de pagar aluguel, eu preferia, para ter minha liberdade.

Arrumei em uma mala tudo de básico que eu iria precisar. Nada exagerado. Roupas, eu compraria outras, portanto nada de encher malas e mais malas com peças velhas. O celular, eu trocaria, e não daria a ninguém meu novo endereço. Fugir requer esperteza, e eu me considerava muito esperta.

02 | FERNANDO

— Eu vou acabar com essa infeliz! — Meu grito saiu com o barulho do vidro espatifado do copo que arremessei contra a parede. Franco, meu advogado, se encolheu, me assistindo perder a cabeça. Dificilmente saio dos eixos, e ele sabe disso; me ver estourando era uma novidade.

Leticia achou que seria uma boa ideia acabar com o casamento justo dois dias depois de eu ter autorizado uma grana preta, que ainda desconheço o valor total, para a porra do matrimônio. Ainda por cima, fugiu com um filho da puta. Se não bastasse me dar um pé na bunda e roubar meu melhor peão, ainda me fez de corno. Seria um caralho gigantesco ter de superar aquilo depois que a mídia carniceira descobrisse. O ódio me alfinetava mais uma vez só de pensar que ela tinha sido capaz de jogar meu nome na lama.

Era tudo um plano da minha parte, confesso. Eu iria obrigar Leticia a assinar um contrato pré-nupcial de seis meses apenas. Daria à sociedade um evento histórico, daria a meu pai o que ele desejava, e, no futuro, usaria isso para dizer que não queria saber de casamento tão cedo. Eu seria o divorciado traumatizado.

Era um esforço que eu estava achando compensador. A vice-presidência da Capello era tentadora, e eu teria o prazer de tirar o Miguel de lá. Agora me via em um mar de confusão, sem saber como avisaria ao meu pai que não teria mais casamento. Apenas disse que tinha sido adiado, mas em breve ele deveria conhecer a noiva.

Que noiva? Que porra de noiva eu iria apresentar?

A danada da vadia ferrou com meus planos. Estava fodendo com meu funcionário, debaixo das minhas fuças. Remoer isso só atiçava ainda mais minha fúria.

Essa merda só não era mais triste que deixar cuscuz cair no fundo da cuscuzeira.

— Fernando, estamos em contato com os pais do Thiago...

— Não vou dar trela pra essa gente! — rugi, apoiando as duas mãos na mesa, de costas para Franco. — Não quero mais ouvir falar desses desgraçados. — E não queria mesmo. Era bonita, gostosa e seria a promessa de paz na minha vida pelos próximos meses. Mas não valia meu estresse. Repensei e, me analisando interiormente, não vi espaço para desejo de vingança. Passei a mão

no rosto e me virei para ele. — O valor que eu paguei... ela levou esse dinheiro?

— Não acredito que ela tenha te roubado. — Franco foi sucinto ao afirmar. — A agência de eventos que ficou a cargo de cada pequeno detalhe. Tratei diretamente com a gerente e cerimonialista.

— Você foi um belo de um amigo em aceitar um casamento tão caro — ironizei. — Eu disse que seria algo simples, de fachada.

— Se saiu na chuva, tinha que se molhar, Fernando. A mídia não espera nada menor que um espetáculo para seu grande dia. Você seria o primeiro herdeiro homem a se casar.

Mais calmo, me sentei para raciocinar. Agora era seguir a vida. Eu ia encerrar de uma vez por todas aquele circo, ligaria para meu pai contando tudo e só então deixaria escapar para a mídia. Por sorte, eles não tinham nada sobre Letícia, sabiam apenas que eu me casaria e estavam atidos de curiosidade para saber algo da tão sortuda noiva. Teriam quando eu quisesse.

Eu já começava a dar adeus à vice-presidência que deveria ser minha por direito. Por sorte, eu amava estar na fazenda, cuidando da parte pecuária, e decidi que iria apenas seguir em frente.

— Certo. Me passe as planilhas de gastos, vou ver o que dá para recuperar.

— Claro. As roupas de padrinhos, sua roupa... nem foram usados, eles podem conseguir anular. Ou pagar apenas a reserva.

— Isso. Me traga a responsável por esse maldito casamento, quero analisar essa planilha na presença da agenciadora. — Acenei para Franco. — Me largue de mão.

Ele saiu, e, de olhos fechados, massageei as pálpebras. *Mas que porra! Eu, Fernando Capello, perder para um peão.*

A porra da enxaqueca ameaçava atacar. Recusei uma dose de bebida com um olhar, fiquei de pé e olhei pela janela, contemplando a vista que sempre me fez relaxar. Minhas terras, até onde a vista alcançava. Estava na fazenda-sede, onde passava a maior parte do tempo gerenciando os negócios bovinos.

Os queijos, iogurtes e demais produtos da marca Capello eram os mais aclamados no mercado, e já exportávamos para outros países, o que nos colocava em uma posição de destaque invejável. Já tinha ido a congressos pecuaristas fora do país, costumava dar palestras sobre progresso empresarial sem ferir o meio ambiente, sem contar toda a questão de filantropia que a marca da minha família

apoiava.

Aquela maldita cadeira de vice-presidência deveria ser minha, e não do Miguel.

Ofeguei, me convencendo a superar esse assunto da vice-presidência. Mas o recente golpe ainda era difícil digerir.

Aos trinta e cinco anos, não era um homem que tolerava chacota com minha cara. Como Leticia acabara de fazer. Mas também não era um homem que encucava com pouca merda. O pé na bunda já fora dado, então segue o barco. Não ia me aprisionar a isso.

Em um rompante, peguei meu chapéu, enfiei na cabeça e, assim que saí pela porta da gigantesca casa, um dos meus homens me avistou e atendeu meu chamado.

— Patrão — cumprimentou assim que chegou perto, em seu cavalo.

— Tarcísio, traga meu cavalo. Vou dar umas voltas.

— Sim, senhor. Eia! — gritou e saiu galopando rumo ao haras.

Putão era um manga-larga negro reluzente da crina esvoaçante. O bicho era enorme, imponente e valente. Combinava perfeitamente comigo, o único autorizado a montá-lo. Até porque ele não obedeceria a qualquer outra pessoa. Era meu de estimação, e só ele me entendia, e vice-versa. Quando montava nele, era como se fosse uma extensão de mim, como se nos compreendêssemos e nada mais importava.

Tirei a camisa, ficando apenas com camiseta branca regata, jeans e botas de montaria. Montei nele e, ao pequeno sinal da minha boca, seguiu trotando sem precisar apertar-lhe com as esporas.

Correr pelas estradas, passear pelo pasto e verificar os currais e o gado sempre me deixava tinindo, de alma lavada, e não foi diferente dessa vez. O ar livre, a fazenda colossal tinha o poder de tirar qualquer merda da minha mente.

Eu até sorria olhando as serras ao longe.

Parei embaixo das árvores do pomar, chupei uma manga que eu mesmo arranquei, descansei enquanto matutava que planos eu seguiria e o que diria aos enxeridos que viessem saber do fim do casamento.

Em segundos, já tinha tudo planejado. Seria mais uma merda da qual eu escaparia.

03 | MARIA CLARA

— Como assim só vou poder quitar a hipoteca na segunda-feira? — Boquiaberta, mal podia acreditar no que o gerente do banco me falava.

— Não se avexe. Hoje é sexta-feira, dona Maria Clara.

— Sem dona, por favor.

— Como estava dizendo, na verdade, pode, sim, pagar. Só creio que não dá tempo para fazer tudo às... — olhou no relógio para conferir — duas da tarde de uma sexta-feira.

Maldita hora em que fiquei a manhã toda procurando os documentos da casa e ainda tive que enfrentar um trânsito infernal depois do almoço.

— Como não? Estou com o dinheiro...

— Sim, mas deve ir ao cartório dar baixa assim que emitirmos todos os comprovantes de pagamento. E, hoje, certamente, não dá mais tempo. Não seria melhor pagar na segunda-feira, fazendo tudo em um dia só? Mas pode pagar hoje e ir ao cartório segunda, se quiser.

Ele tinha razão. Eu já queria quitar de uma vez por todas, mas não ia acontecer alguma coisa em um sábado e domingo. Fernando Capello não ia estragar seu fim de semana para passar a limpo aquela planilha. Além do mais, já fazia dois dias desde a fuga de Leticia, e nem sinal do homem.

Eu acho que eu consegui mesmo. Me safei.

— Ok. Segunda-feira, eu volto. — Eu me levantei, tomando a decisão. Algo dentro de mim dizia para eu pagar logo a hipoteca enquanto tinha o dinheiro, outra parte dizia para segurar essa grana roubada, porque se o fazendeiro descobrisse, eu poderia ressarcir-lo.

Na minha quitinete, tirei a roupa, ficando só com uma camiseta surrada e calcinha. O calor estava escaldante, tinha até vontade de chamar uma amiga para darmos uma volta na praia, mas a preguiça sempre falava mais alto, então desisti da ideia.

Eu já tinha ligado para Eliana dizendo que me afastaria por uns tempos, e ela aceitou numa boa. Eu não queria que nada respingasse em minha amiga ou ela ia querer me moer na pancada.

Mais tarde, de ventilador ligado, naveguei nos canais de TV procurando algo para assistir em uma sexta-feira à noite.

Acabei dormindo. Foi a melhor escolha.

Às três da manhã, acordei com o pescoço duro de dor e fui para a cama terminar de passar a noite. Sonhei que policiais entravam em minha quitinete, reviravam tudo e depois me algemavam. E, no fim, para meu terror, um dos policiais era Fernando Capello, rindo de forma maldosa para mim.

Abri os olhos, sentindo a pulsação acelerada, e soprei fortemente ao perceber que era um sonho. Eu tinha de ir embora logo de São Luís. Isso não era brincadeira, eu poderia ser condenada, me lascaria legal. Quem cuidaria dos meus pais se eu estivesse presa?

Era manhã de sábado, eu já podia começar a contagem regressiva para chegar segunda-feira, pagar a hipoteca, deixar um pouco de dinheiro com minha mãe e sumir por um mês, mais ou menos.

Feliz e otimista, saltei da cama para dar início ao meu dia. Apliquei outra dosagem na barriga, fiz café e comprei pão. Na padaria, escolhi tudo de melhor que tinha, tudo que eu sempre quis comer, mas tinha que economizar o dinheiro e apenas passava vontade. Naquele dia, agi com gulodice mesmo. E ainda mandei entregar algumas coisas na casa dos meus pais.

Passei no supermercado, comprei uns ingredientes e fui para a cozinha, feliz da vida por ter a oportunidade novamente de tentar criar doces e bolos diets.

Estava seguindo umas receitas de um livro que roubei em um consultório médico que havia ido no mês anterior. Era fácil roubar em sala de espera de consultórios, uma vez que ninguém esperava por aquilo. Sem falar que eu era mesmo uma ladra experiente, tinha dedos leves; passei a vida roubando coisas que sempre achei interessante, mas que não tinha dinheiro para adquirir.

Quando acabei, horas depois, vi à minha frente cupcakes lindos,, com belas coberturas cor-de-rosa e roxas. Conferi mais uma vez a receita, para ver se eu tinha segurança para comer, e na primeira mordida meus dentes quase quebraram. Os cupcakes tinham ficado duros como pedra.

Mas que porra! Com ódio, taquei o cupcake na parede. Eu tinha errado mais uma vez. Meu estômago rugia de fome, mas não tive tempo de pensar sobre aquilo, já que alguém bateu na porta.

Olhei em volta, sem conseguir encontrar uma solução para esconder toda a bagunça. Poderia ser o inútil do meu pai ou alguma funcionária da agência de eventos para noticiar que Eliana estava me caçando com uma foice.

Olhei rapidamente os cabelos no espelho da sala e gritei “já vai” quando bateram de novo. Mais forte, dessa vez.

Abri o trinco da porta e dei de cara com doutor Franco, advogado de Fernando. Tremi e engoli em seco, querendo me punir por deixar transparecer meu terror. Encenei uma expressão de normalidade, mesmo vendo em seus olhos que não havia nada normal nessa visita, e ele sabia que eu sabia.

Que merda! Esse homem trabalhando no sábado.

— Maria Clara, venho a mando do senhor Fernando Capello. Precisa vir comigo para uma reunião com ele.

— O quê? Que tipo de reunião é essa? Para quê? — Minhas sobrancelhas se elevaram, estava boquiaberta. — Já não tenho mais vínculo com seu cliente, meu negócio era com Leticia, e já fiz o reembolso do dinheiro. Por favor, licença. — Eu não deveria atropelar tanto as palavras e dar explicações aceleradas, acentuando meu nervosismo. Empurrei a porta, mas ele colocou o pé, me impedindo de fechar.

O medo me apertou. Deu vontade de correr e pular a janela, mas me lembrei que morava no terceiro andar.

— Não precisa ficar preocupada, é apenas uma acareação. Ele quer conhecer todos os detalhes do que foi reembolsado. Eu fui à empresa, e dona Eliana me disse para te procurar.

— Eu fiz a planilha e entreguei ao senhor. Aquilo é tudo. Ele pode conferir...

— Você não entendeu. Fernando quer fazer isso junto com você. Ele é metódico e cismado, deve entender. Por favor, vista-se adequadamente e venha comigo.

Ah, meu Pai! Esse cara será muito difícil de dobrar, e eu vou colocar tudo a perder estando cara a cara com ele. Olhei ao redor, procurando uma rota de fuga.

— Não posso ir. Infelizmente. Com licença. — Empurrei a porta novamente, mas dessa vez ele me deteve apenas falando:

— Ou você prefere uma acareação na frente do juiz?

Ah, cacete! Tribunal, não.

Abri a porta, e o homem elegante de cabelos grisalhos sorriu, vitorioso.

— Vá se trocar, Maria Clara, venha comigo.

Inferno.

Calada e amuada no banco de trás do carro, eu pensava mil maneiras de me safar ou ludibriar o maldito, que devia ser muito bom para lidar com golpistas. *Esses ricos sempre são espertos, ainda mais quando o assunto é o dinheiro deles. Deve ser acostumado a esse tipo de gente — como eu — que dá golpe na esperança de que tudo correrá bem.*

“Ele gosta de dominar.”

Esse inferno de frase não saía da minha mente conforme o carro avançava. Um controlador nato! Quais eram minhas chances de ludibriá-lo?

Viajamos cerca de cinco quilômetros para fora da cidade. Entramos por um caminho de paralelepípedos e chegamos a um gigantesco portão de ferro que continha o nome Capello em letras garrafais.

O portão se abriu automaticamente, e me vi no interior de um paraíso terrestre. Antes, eu me perguntava por que um homem tão abastado como ele não ficava no prédio da laticínios Capello, no centro da cidade, mas logo compreendi por que Fernando preferia a vida campestre, longe da movimentação urbana. O lugar foi criado para hospedar um rei. Árvores frondosas, jardim imenso ladeando a mansão, grama tão verde, que doía os olhos, pareciam artificiais, e eu desejei pisá-las para ter certeza.

Terras verdes e produtivas a perder de vista.

Desci do carro sem desgrudar os olhos da mansão de tijolos brancos. As janelas eram gigantescas e, juntamente com o telhado alto e branco, eram classificadas como estilo colonial. Pensei que quem estivesse lá dentro, em um dos quartos, devia ter uma visão perfeita da natureza ali fora.

Caminhei lentamente atrás de Franco, chamando a atenção de algumas pessoas que só então percebi a presença. Dois peões passavam com celas de cavalo no ombro. Dois homens com uniformes cuidavam do jardim, e uma mulher saiu pela porta da casa.

Alisei minha saia de secretária, que eu usava sempre para trabalhar. Verifiquei o coque bem feito nos cabelos e ajeitei a haste dos óculos de leitura. Eu sempre usava lentes, mas, naquele dia, precisava parecer uma respeitada

empresária.

— O patrão já está chegando — a mulher disse da porta, avisando a Franco, e virou-se, entrando. Olhei para onde ela apontou e precisei colocar a mão sobre os olhos por causa do sol.

Lá de longe, no meio de dois outros cavalheiros, vinha um homem montado em um cavalo negro, trotando à frente. Era como uma aparição sóbria e erótica, no melhor estilo rústico.

Dei um passo para trás e, quando se aproximou mais, engoli saliva. Era ele. Grande, majestoso e muito gostoso em cima de um animal gigantesco. Mas isso era um mero detalhe, ele também era enorme. Juntos, até pareciam ameaçadores, mas meu corpo reagiu de forma bem receptiva.

Com a pele bronzeada brilhando ao sol, ele exibia, sem pretensão, um enxuto corpo malhado. Bíceps musculosos à mostra pela camiseta regata e chapéu de vaqueiro contrastando com óculos de sol.

Caramba! Que espetáculo. Tive vontade de me abanar.

Fernando saltou do cavalo, entregou as rédeas para um peão, que prontamente o esperava, e, ao tirar o chapéu, caminhou em nossa direção.

Ele percorreu os olhos pelo meu corpo, e sua testa se franziu por algo que deve ter pensado. Fez um bico charmoso com os lábios provocantes, acentuando o contorno forte e quadrado do maxilar, e sorriu amigavelmente.

— Deve ser a cerimonialista.

— Sim, senhor. Maria Clara. — Apesar de estar derretendo diante de toda aquela magnitude masculina, fiquei feliz por ter sido discreta.

— Fernando Capello. — Apertou com força minha mão, sem me deixar escapar de seu olhar intimidador. — Vamos entrar. — Mostrou a escadaria. — Você na frente.

O calor e o cheiro vindo do grande corpo me golpearam, e eu me vi vulnerável ao seu poder. Sua aura de dominação abrangia tudo em volta, todos tinham respeito e temor pelo homem, ele conseguia se impor com apenas um olhar.

Assenti, com um ridículo sorrisinho, e andei, mantendo a bunda dura, porque eu pressenti que ele olhava.

Eu me deparei com uma sala gigantesca e luxuosa, com sofás brancos e piso de madeira encerado.

— Franco, leve-a para o escritório. — Com sua voz grossa e calma, ordenou. Virou-se para a mulher que eu vi quando cheguei: — Tereza, sirva uma bebida para a moça, vou tomar uma chuveirada e desço em dez minutos.

Observei, nada discreta, ele andar rumo às escadas. Suas costas eram largas, e os ombros, fortes. Os bíceps eram lindos, e as coxas, de tirar o fôlego. Soprei e me abanei, sendo flagrada pela tal Tereza.

Parecia uma eternidade. Franco nem olhava para mim, mexia em algo no celular, sentado em uma poltrona afastada. Eu, em frente à mesa de trabalho de Fernando, me contorcia como se a cadeira tivesse pregos. Acompanhei uma gota que desceu do copo gelado, o peguei e tomei um gole da limonada. A porta se abriu, e eu deixei o copo novamente na mesa.

— Bem, vamos começar. — Ouvi a voz de Fernando, mas não me virei. Só quando ele entrou no meu campo de visão e sentou-se à minha frente é que tomei bem na cara um soco da sua beleza. Estava ainda mais bonito. Os cabelos pretos baixos estavam molhados, uma camisa branca com as mangas dobradas revelava antebraços fortes e levemente cobertos de pelos negros, além de um relógio evidentemente caro. Era impressionante como ele conseguia passar de caubói sexy para empresário gostoso em poucos minutos.

O cheiro delicioso tomou conta da sala. Sabonete masculino e colônia caríssima. Era um homem de alto padrão, não poderia ser de qualquer uma, apenas de algumas poucas privilegiadas. *E pensar que Leticia tinha tudo isso, e jogou fora...*

Nervosamente, recebi dele as tabelas que eu mesma tinha feito. Franco sentou-se do outro lado, e o silêncio reinou enquanto Fernando passava os olhos na primeira folha da caprichosa planilha.

— Ótimo — disse por fim. — Vejo que fez um bom trabalho. — Levantou os olhos instigantes para mim e gracejou: — Achei que a vadia da minha ex tinha de alguma forma tentado me extorquir.

Eu sorri, sem graça, e Franco disse:

— Eu falei para você, Fernando, que tudo estava sendo tratado com a empresa. Leticia não tinha nada a ver com as negociações.

Ou seja: quando descobrir, a culpa será toda minha. Como de fato é.

— Não custa duvidar. — Fernando olhou os papeis e pediu: — Fale sobre o bolo e demais doces. — Era o primeiro item da lista.

Acompanhei os números na minha cópia da planilha. O bolo, bem-casados e docinhos diversos tinham sido encomendados em uma confeitaria de luxo.

— Já liguei desmarcando, mas deve pagar um preço pela encomenda. — Sei que tudo tinha dado trinta mil, mas eu arredondei para trinta e cinco.

— Trinta e cinco mil em um bolo... e docinhos? — Fernando olhou para Franco. Este apenas deu de ombros.

— O senhor queria o melhor.

— Era o famoso *red velvet*. Mas não se preocupe — eu me intrometi. Tinha que dar a ele uma sensação de ganho, e não de prejuízo. — Desse valor, o senhor receberá de volta vinte e nove mil. — Claro, eu tinha que subtrair mil da reserva da confeitaria e cinco mil do meu golpe.

— Pode me chamar de Fernando, use o “senhor” apenas se eu mandar — ele me corrigiu e nem piscou, me encarando. Eu me remexi na cadeira diante de sua dissecação visual. Desceu o olhar até meus seios e, depois de segundos, pareceu acordar de um transe. — Ainda está difícil. Perder seis mil não é fácil. Mas vamos seguir. As lembrancinhas e os convites. Aqui diz que foram feitos pela mesma empresa.

— Sim. — Soprei sofregamente e acompanhei os valores na minha planilha.

Vai dar certo, vai dar certo.

Será que era muita hipocrisia pedir a Deus para ajudar uma ladra?

— Está nervosa, Maria Clara?

Levantei os olhos. Fernando me encarava com uma caneta entre os lábios. Ele estava me estudando novamente e seus olhos tinham um ar... de fome.

“Ele gosta de dominar.”

Eu poderia ver milhares de detetives em sua mente trabalhando arduamente, como eu poderia convencê-lo?

— Claro que não. — Dei um sorrisinho nem um pouco convincente e olhei para o papel.

— É casada, Maria Clara?

Meu coração sambou descontrolado. Meu sangue gelou.

— Senhor?

Ele riu. Um sorriso delicioso, mas sem deixar de lado o tom provocador.

— Gosta da palavra “senhor”?

— Ah, desculpe. — Olhei para Franco, que nem parecia estar na sala. Olhava de modo despreocupado o celular. — Não, não sou casada.

— É uma casamenteira que não se casou? Interessante.

— É...

— Suponho que pretendentes não lhe faltam.

— Não sou tão rodada como você. — Dei uma risada sem graça, mas ele não riu. Ao contrário, pareceu intrigado. Seu cenho se franziu, o deixando absurdamente sexy.

Caramba, por que fui falar isso?

— Então me acha um rodado? Tem acompanhado minha vida sexual?

— Não, senhor... Ah, droga, desculpa... não, Fernando. Não me importo com quem você... pega... ou... — Eu me calei. Ele estava me deixando aflita, e, com isso, eu não conseguia parar de falar asneiras.

Seus olhos se fixaram em mim por mais alguns instantes, então Fernando sacudiu a cabeça em negação e sorriu em um tom que eu considerei calmo, mas fiquei confusa, uma vez que seu maxilar estava enrijecido.

— Tem muita sorte por não ter um motivo para eu te manter por aqui. Vamos continuar.

— O quê?

— Eu disse para continuarmos. — Ele me fitou muito sério.

Olhei rapidamente o papel e sussurrei:

— Oitenta mil, os convites e lembrancinhas. — Engoli saliva e levantei meu olhar. Ele estava na mesma posição, parado, com a caneta entre os lábios, me fitando.

Era só o início de uma tarde longa. Fernando estava ficando cada vez mais instável, e eu, ainda mais pressionada e amedrontada. Apenas quando ele começou a surtar em cada item da lista é que eu fui ver como parecia mesmo

absurdo. Não tinha como pagar seis mil em um bolo que ninguém ia comer só porque fez a encomenda e cancelou.

Meus olhos abaixavam a todo segundo para o total: três milhões e oitocentos mil. Sendo oitocentos mil do meu roubo. Ele surtaria mais ainda quando visse isso. E creio que meu medo pode ter deixado transparecer, afinal ele não quis terminar de analisar e pediu para Franco ligar para a joalheria, onde a conta estava quase chegando a um milhão.

Ele já estava de pé no escritório, bebendo o uísque que lhe fora servido, e Franco digitava o número no celular. *É agora que minha farsa será descoberta.*

— Acharmos que o senhor estava a par... — Franco tentou amenizar a situação.

— Eu confiei em você para que tomasse conta de tudo e deixei o caixa da empresa disponível para todos os seus saques. Mas não achei que seria essa facada.

— Fernando, não pense que eu te...

— É claro que não estou pensando. Você não estragaria sua vida tentando me dar um golpe. Mas essas porras de serviços podem dobrar o valor quando veem que se trata de um homem poderoso como eu. Um milhão de reais na porra de uma joalheria? Comprou o quê? Um diamante para cada padrinho?

Franco mostrou o dedo indicador para Fernando, pedindo um minuto, enquanto esperava alguém atender a ligação. Eu fiquei de pé no mesmo instante.

— Ahn... eu posso ir rápido ao banheiro? É coisa rápida.

— Claro. — Fernando gesticulou sem dar importância. — Siga em frente na sala, vire no primeiro corredor. É a primeira porta.

— Obrigada. — Saí rapidamente, olhei em volta, não vendo ninguém, e corri para fora, lutando para que os sapatos não fizessem tanto barulho no assoalho. Meu coração pulsava em desespero, parecia que estava vivendo um pesadelo. Lembrei do meu sonho, em que era algemada, e o pânico me tomou.

Não tinha como fugir. O portão era automático e devia ser acionado por alguém na casa. Eu estava presa, e era questão de minutos para Fernando descobrir o golpe e chamar a polícia.

Eu era pobre, pegaria fácil dez anos de cadeia e seria esquecida lá dentro. Corri em volta no belo jardim tentando encontrar um funcionário que me ajudasse a sair. Não tinha ninguém por perto, a não ser...

O carro da jardinagem.

Um dos homens entrou no lado do motorista, e o outro foi pegar a caixa de ferramentas. Era minha chance. Mais rápido que uma larápia, tirei meus sapatos e corri. Entrei na porta de carga traseira, que estava aberta, me encolhi atrás de uns sacos de esterco e tremi, quase batendo o queixo quando ele jogou a caixa de ferramentas e fechou as portas.

Eu tinha que sumir no mundo. Maranhão seria pequeno quando Fernando descobrisse. Ele viria com tudo para cima de mim.

04 | MARIA CLARA

— Mãe, é muito dinheiro...! — Quase gritando em surto, eu explicava para minha mãe tudo que deveria ser feito na minha ausência. Depois que eu pulei fora do carro, assustando os homens da empresa de jardinagem, peguei um táxi e, em dois minutos, juntei tudo que precisava para fugir. Mas não tinha ainda quitado a hipoteca.

Não dava para confiar em meu pai, era um alcoólatra. E minha mãe mal conseguia andar. Ela tinha fibromialgia, e ultimamente a doença havia se intensificado. Eu não sabia o que fazer.

— Maria Clara, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Por que tem que viajar? Fique e pague a hipoteca segunda-feira.

— Não dá, mãe. — Jamais diria a ela que o dinheiro era roubado. Além de matá-la de desgosto, minha mãe não iria aceitar. — É uma emergência na empresa, tenho que viajar agora. Mas vou transferir o dinheiro para sua conta, e segunda-feira, peça para o Daniel levar a senhora ao banco.

Daniel, meu irmão mais novo, trabalhava durante o dia e estudava à noite. Mal tinha tempo para dormir.

— Sabe como a vida do coitado é corrida...

— Eu sei, vou ligar para ele. Ele pode vir no horário de almoço. — Peguei minha bolsa, coloquei no ombro e me abaixei para dar um beijo nela, sentada em sua confortável poltrona. — Se cuide, ligarei quando chegar lá. Se qualquer pessoa vier me procurar, diga que não sabe onde estou.

— Você está com algum problema? Conte para sua mãe.

— Problema nenhum, meu amor. Volto em breve.

Eu não podia gastar quase dois dias de ônibus para chegar a São Paulo. Recorri ao voo. A todo instante, era como se eu estivesse sendo seguida. Eu me mantive em alerta a cada segundo, pronta para correr a qualquer pequeno sinal de ameaça. Comprei passagens e, de chapéu e óculos escuros, esperei impacientemente até o momento do embarque.

Só dentro do avião, quando já estava no alto, eu respirei fundo, sorri e me delicieei com a visão de São Luís ficando lá embaixo. Eu estava livre, por enquanto.

Sei que fugir era só o atestado do meu crime. Se ele me denunciasse, eu me tornaria procurada pela polícia. Ainda não queria pensar se foi um erro ou acerto ter fugido. Ao menos, me dava tempo para pensar mais no assunto, tempo para planejar.

Assim que cheguei a São Paulo, a primeira coisa que fiz foi comprar uma tinta e, no quarto do hotel, pintar meus cabelos de preto, próximos da cor natural. Com pesar no coração, dei adeus a meu loiro platinado de anos. Ver meu reflexo moreno novamente me deixou surpresa, mas até realçou meus olhos castanhos.

Duas semanas em São Paulo, e eu já estava adaptada. Aluguei uma quitinete já mobiliada e consegui um emprego de garçonne a meia hora do prédio. A hipoteca da casa dos meus pais tinha sido paga, minha mãe estava em tratamento, não havia nenhum mandado de prisão contra mim e minha mãe tinha dito que ninguém fora me procurar.

Tinha dado certo. Ou Fernando não conseguira desvendar e eu fugi sem haver necessidade, ou ele havia descoberto tudo e ignorado, o que eu desacreditava. Nenhum homem, por mais rico que fosse, viraria as costas e ignoraria um roubo de oitocentos mil reais.

Às vezes, eu me flagrava amedrontada, sem conseguir dormir, imaginando o que ele estava armando. O silêncio dele estava me perturbando. Outras vezes, eu ia para o shopping fazer compras e ria, feliz da vida, querendo acreditar que ele não havia se importunado.

Acordei cedo, como de costume, coloquei água para ferver e fui me arrumar. As meninas da lanchonete sempre tomavam café lá, mas eu não conseguia despertar totalmente se saísse de casa antes de beber uma xícara de café, sem falar que precisava ser o café que eu preparava. Nunca bebia qualquer coisa fora de casa.

De uniforme e cabelos presos em um rabo de cavalo, passei o café e, de pé, recostada na pia, o bebi.

Era incrível como o dinheiro poderia mudar a vida de uma pessoa. Com o valor do roubo, quitei as dívidas dos meus pais, estava pagando um tratamento especializado para minha mãe e ainda sobrou para eu ter um bom conforto.

Eu sempre pratiquei pequenos furtos, mas nunca algo tão sério como a

quantia que desviei de Fernando. E por causa disso, uma rápida crise de consciência me tomou: *é errado roubar. Um crime horrível. Ninguém tem direito de roubar bens de outra pessoa, em hipótese alguma. Foi algo feito no calor do momento e que não deu mais para voltar atrás e agora, eu não me arrependo de ter feito, principalmente porque Fernando não parece ter se importado.*

Após o café, conferi meu estojo de ampolas e seringas na bolsa e segui para o trabalho.

— Bom dia — cumprimentei o pessoal assim que cheguei. Fui para a sala de funcionários, guardei minha bolsa e voltei para começar o dia.

— E então? Vai sair com a gente no sábado? — uma das minhas colegas de trabalho perguntou. Ajeitei a caderneta no bolso do avental e, em questão de segundos, repassei em minha mente como seria uma noite com as colegas de trabalho. Eu não estava com aquele tipo de espírito de confraternização. Neguei com um gesto.

— Acho que não. Estou tão cansada...

— Você acabou de chegar à cidade, será engolida viva se não se enturmar — criticou. — Precisa conhecer a selva de pedra.

Como se eu tivesse vindo da zona rural. São Luís é capital e é o município mais populoso do Maranhão. Decidi não a corrigir.

— Eu sei. — Dei um sorriso. — Vou pensar.

— Além do mais, vai ter uns gatinhos top de linha. Vamos nos dar bem.

— A coisa ficou melhor agora — graciejei, fazendo-a rir, e fui para o balcão.

— Maria Clara, encomenda para você — meu chefe avisou, passando por mim. — Resolva isso depressa, há clientes esperando. Odeio ver clientes esperando. Se puder, faça o entregador comprar um salgado, pelo menos.

— Encomenda? — Ele não disse mais nada, foi para o caixa, e eu caminhei para o salão.

Desconfiada, fui até a porta da lanchonete, e um homem estava parado com uma prancheta na mão. Encostada na calçada, uma van de entregas.

— Maria Clara Gouveia?

— Sim, sou eu.

— Assine aqui, por favor. — Empurrou a prancheta para mim.

— O que é isso? Eu não estou esperando encomenda.

Ele franziu o cenho e olhou mais uma vez o papel.

— Você é Maria Clara Gouveia com esse número de CPF? — Ditou o número do meu documento.

— Sim, essa sou eu. — A aflição me tomou. — Qual é a encomenda? — Imaginei que podia ser algo que minha mãe tivesse me mandado, mas, sobrepujando essa hipótese, me lembrei imediatamente que ela não sabia meu endereço.

— Está aqui. Veja se você reconhece. — Caminhou até a van, abriu a porta, e eu o segui. Espiei dentro e o que eu vi foi um grande colchão e dois homens enormes. Um deles sorriu pra mim, e antes que eu pudesse correr, fui empurrada para dentro, caindo de cara no colchão. O entregador falso entrou atrás, e a van arrancou a toda velocidade, o barulho se sobrepondo aos meus gritos.

Um dos homens segurou facilmente meus pés, o outro, minhas mãos, e o falso entregador me deixou aterrorizada ao pegar uma pequena seringa.

— O que vão fazer? Pare, por favor, eu tenho dinheiro, por favor...

Ele nem mesmo parou por segundos para me ouvir. Bateu com os dedos na seringa e a cravou em meu pescoço.

— Não tinha encomenda para você, gatinha. Você é a encomenda. — Foi o que escutei antes de cair em completa escuridão.

05 | MARIA CLARA

Senti meu pescoço dolorido e me mexi desconfortavelmente. Parecia que eu tinha dormido por horas, meus membros estavam moles, como se as articulações fossem de gelatina.

A luz acesa incomodou minha visão e, para contribuir, meu estômago roncou. Ah, inferno. Eu não podia ficar com estômago vazio.

Eu me sentei e vi meus óculos do lado, na cabeceira. Coloquei-os e olhei ao redor. Estava em uma cama. Bem alta e luxuosa. Era um quarto amplo, com piso de madeira brilhante e paredes brancas. As cortinas de pano fino balançavam contra o vento, mostrando que a janela estava aberta. Assim como a porta.

Eu não estava presa.

Desci da cama e andei, cambaleante, pelo quarto. Tentava escutar qualquer mínimo barulho possível, mas o local era silencioso. Já era noite lá fora, provando que eu dormira o dia todo.

Andei devagar até a porta e espiei. Era um grande corredor com outras portas. Parecia um grande casarão, muito bem cuidado, uma construção exuberante.

Segurando nas paredes, me deslizei pelo corredor, indo um passo de cada vez, sentindo minhas vistas levemente escurecidas, o que me deixava preocupada. Eu não sabia se era reação da injeção que os homens me aplicaram ou se era meu problema de saúde se manifestando.

Andei mais um pouco, ainda tendo o silêncio como companhia, e cheguei a uma escada. Com um rápido olhar, vi uma sala aparentemente familiar lá embaixo.

Ah, não.

Desci os degraus.

Não! Isso, não!

Desci mais e, para meu pesadelo, me vi na enorme e bela sala da mansão de Fernando. Onde eu tinha estado antes e havia conseguido fugir no carro da jardinagem.

Corri para a porta, mas dessa vez estava trancada. Olhei em volta, aflita,

desesperada para encontrar um esconderijo enquanto eu pensava como poderia fugir. Não havia como. Ele aprendera com os erros, ele saberia o que eu poderia fazer. Não deixaria brechas para mim.

Ouvi vozes vindo de um corredor e corri. Abri uma porta francesa e, do lado de dentro, fechei de volta com delicadeza para não provocar barulho. De uma pequena fresta vi a servente do outro dia abrindo a porta com uma chave e saindo. Meu coração arrebatava em meu peito. Agora que estava aberta, eu poderia correr até lá e...

— Chegou em uma boa hora. — Ouvi atrás de mim e saltei no mesmo instante em que dei um grito. Eu estava em uma sala de jantar. Na mesa opulenta, repleta de comida, Fernando ocupava a cabeceira. Deu um sorriso cínico diante do meu pavor.

Estava no estilo empresário sexy. Sua camisa de linho moldava com perfeição os braços e o peito musculoso. E as mangas estavam dobradas, revelando os antebraços.

Ajeitei os óculos no nariz e percebi que não tinha controle sobre minhas pernas. Eu estava paralisada, sem conseguir me mover. Correr ou enfrentá-lo?

Achava que Fernando iria apontar dedo na minha cara, fazer as acusações, berrar e tudo mais. Entretanto, apontou para uma cadeira ao lado.

— Deve estar faminta, sirva-se.

— O que quer... de mim?

Levantou os olhos e esboçou um tom confuso, creio que propositalmente.

— Não sabe? Achei que fosse mais espertinha. Sente-se, Maria Clara.

Não disse nem que sim, nem que não. Achei que lidar com a raiva dele era bem melhor. Eu saberia o que esperar, eu já estava preparada. Mas como enfrentar aquela expressão ridiculamente irônica?

Estava aflita, desesperada, em pânico. Eu poderia tentar fugir, mas isso seria pior. Eu estaria para sempre fugindo? Além do mais, visivelmente ele não estava com raiva, talvez conversássemos, e ele aceitasse parcelar o dinheiro.

Puxei a cadeira e me sentei.

— O que vai fazer comigo? Diga logo.

— Ah, não. Negócios depois. Não sou ninguém com fome. O avião pousou, e vim direto para cá, estou faminto. Coma e beba, Maria Clara, pois sua jornada é longa.

Pronto. Essa era a afirmação que ele tinha me capturado e não me libertaria tão facilmente.

Eu assistia, perplexa, ao homem bonitão e rústico devorando tudo à minha frente. Eu não podia fazer charme, era uma necessidade urgente que precisava suprir: tinha que comer, mesmo minha fome indo embora diante dele. Se eu não comesse, cairia desmaiada.

Servi um pouco de salada e duas fatias de pernil de porco assado. Terminei rapidamente e esperei com paciência ele provar cada coisa, e só quando estava satisfeito, eu questionei:

— Minha mãe contou?

— Detetive. — Limpou os belos lábios e tomou uma grande quantidade de vinho. — É mais demorado, todavia mais certo. Vinho? — ofereceu.

— Não bebo.

Deu de ombros e serviu a própria taça.

— Se eu fosse atrás de seus parentes, eles poderiam te avisar, e então escaparia mais uma vez.

— Mas como...?

— Pobrezinha — ironizou, exibindo dentes brancos alinhados — Não te ensinaram que quando fugir, não deve mais usar a conta bancária? Você é muito amadora, Maria Clara, tem que aprender a ser mais esperta.

— Por que não chamou a polícia? — Minha voz mal saía. Parecia entalada.

— Sabe...? — Fernando recostou na cadeira, sorrindo preguiçosamente. Um sorriso odioso. — Eu achei mesmo que ficou melhor com cabelos pretos. Não que eu não goste de loiras, mas morenas me deixam pegando fogo.

— Por que não chamou a polícia?

— Primeiro, veio o ódio. A enlouquecedora revolta por descobrir que eu tinha sido roubado na maior cara de pau. Além, é claro, de você ter fugido daqui. — Ele riu, fez uma pausa e continuou, me torturando com sua vingança calma. — O ódio me fazia desejar acabar com sua vida. Depois, veio a aceitação. Eu tinha que aceitar que você foi esperta, mas não esperta o suficiente. Ponto pra mim. — Abriu os braços em gesto exibido. — Em seguida, veio o otimismo. Eu vi uma brecha nisso, para agir e tirar proveito da situação. Então agradeça por não me ver furioso.

— Que tipo de proveito você quer tirar?

— Sua mãe está passando por um tratamento, e a hipoteca da casa foi paga com meu dinheiro. Posso fazer assim — ele estalou os dedos —, e você será processada e terá que me ressarcir, além de ir presa por uns... sei lá, cinco a dez anos.

— O que quer? — agitada, perguntei, sem paciência para aquele joguinho.

— A partir de agora, estará sob minhas ordens. Assinará um contrato como se fosse minha funcionária, e todo o salário que estiver estipulado no contrato será para cobrir o que me roubou. Não poderá sair daqui sem uma ordem expressa minha...

— Estou sendo mantida em cativeiro?

— Não. Claro que não.

— Você me sequestrou! Aplicou um sonífero... Seus capangas me levaram à força... — Fiquei de pé, tomando isso como uma grande arma para usar contra ele. — A justiça estará a meu favor!

Ele não se moveu um centímetro. Nem um gesto de sobrancelha, ao menos.

— Sério? Você acredita em você mesma? — Riu tão cinicamente, que eu rangi os dentes. — Vá, está liberada para ir dar parte de mim, será sua palavra contra a minha. Entretanto... — assobiou maldosamente. — Eu tenho provas concretas que me roubou, a sua colega de trabalho está disposta a depor contra você. É sua escolha agora.

Ele tinha razão, como eu poderia provar que fui sequestrada lá em São Paulo? Minha respiração ficou pesada, e senti a raiva doer na espinha.

— O que você quer?

— Nunca ouviu dizer que quem come em um restaurante e não tem dinheiro para pagar pode lavar pratos como pagamento? — Calmamente tirou um papel do bolso, desdobrou e estendeu para mim. Era uma cópia de um extrato bancário. Da minha conta. — Vai me devolver o que sobrou do roubo, o total aí diz que ainda tem quatrocentos mil. E o restante pagará se colocando à minha disposição para tudo que eu disser, como minha funcionária, e, com isso, pagará sua dívida. É virgem, Maria Clara?

— O quê? De que está falando?

— Já transou com um homem?

— Já... mas... onde quer... chegar...?

— Vou ser direto. Você acaba de ocupar o lugar de Leticia. Fará também o papel de minha noiva e, como já tem alguns dias que não faço sexo, será muito bem-vinda na minha cama. — Apavorada, me vi paralisada, e então a promessa ultrajante dele veio. Inclinou-se para frente e, o olhar cravado no meu, munido de uma expressão calculista, falou: — Vou te comer tantas vezes, e tão intensamente, até conseguir colocar na sua cabeça que não pode roubar um homem tão poderoso como eu e achar que vai se dar bem.

06 | FERNANDO

Senti alívio por expressar o que estava entalado na garganta desde o primeiro dia que vi a bela bunda de Maria Clara apertada dentro da comportada saia. Agora eu tinha total poder sobre ela, para desfrutar de todo tesão que eu tinha armazenado. E era bom ela saber logo de cara o que a esperava. Eu não a capturei apenas por vingança, meu desejo falou mais alto. Fosse outra pessoa, um homem, talvez, eu moveria céus e terras para que pegasse a pena mais alta possível em um tribunal. Todavia, eu era o promotor, júri e juiz de Maria Clara, eu daria a sentença e, para minha sorte, não haveria defesa para ela.

Sorri calmamente, saboreando o horror nos olhos dela. Houve noites em que eu achei que esse dia nunca chegaria, que eu nunca a encontraria novamente. Estava pálida e boquiaberta, nem piscava, creio que duvidando das minhas palavras.

E, como eu já esperava, em um impulso, ela correu.

— Cacete! Isso não adianta, garota — resmunguei, limpei o lábio pacientemente e me levantei, indo para a porta ver a cena.

Ela já corria porta afora, descera a escadaria e estava prestes a alcançar a extensa grama do jardim.

— Se você se machucar, eu encherei sua bunda de palmadas! — gritei, como um pai ameaça a filha traquina. Eu deveria ficar furioso com a petulância dela, mas acabei rindo do seu desespero. Os cabelos pretos voavam ao vento enquanto ela corria, mostrando que tinha um bom condicionamento físico.

Nem precisaria fazer um preparo como foi com Leticia. Já tinha contratado um personal trainer para vir, três vezes na semana, ajudá-la com os exercícios, entretanto eu não teria que esperar muito. Maria Clara era forte e aguantaria minha pressão na cama.

— *Traga ela* — ordenei a um dos peões que estava por perto e fui para o escritório.

Ajeitei os documentos que Franco redigira, li uma última vez, para ter certeza de que era o que eu tinha pedido, e recostei na cadeira, esperando pacientemente, até que ouvi os gritos desaforados; meus lábios curvaram-se com a generosa descarga de prazer que tomou meu corpo.

Ela era uma mulher bem difícil. E eu ia adorar treiná-la para ser minha.

— Me largue, seu fedorento! — Maria Clara gritava e tentava chutar os dois peões que a traziam. Eles a deixaram dentro do escritório e fecharam a porta assim que saíram. — Você está ferrado, Fernando! — ela berrou e bateu as mãos na minha mesa. — Eu vou foder sua vida, seu desgraçado. Vou chamar a polícia.

— Para de acreditar em fantasias, Maria Clara. O delegado é meu parceiro. Sente-se aí. E, só para lembrar, quem vai ser fodida aqui é você.

— Ok. — Ela massageou o rosto e ajeitou os cabelos. Tentou conter a respiração ofegante antes de me encarar. — Certo. Vamos negociar. Por favor, eu trabalho na sua empresa, gratuitamente. Eu tenho experiência em vendas...

— E em roubo — eu a cortei clinicamente. Ela abriu a boca para emitir um insulto, mas percebeu que estava em desvantagem, e me ofender não era uma boa ideia.

— Eu peço desculpas. — Sentou-se à minha frente — Você investigou minha vida e sabe de tudo que eu estava passando. Com o cancelamento do seu casamento, eu perderia clientes e poderia até declarar falência.

— Roubar nunca é a saída. Pedir seria mais digno.

— Eu sei, estou arrependida, me escute. — Curvou-se para frente, com súplicas nos olhos. — Eu ainda tenho metade do dinheiro, vou devolver e podemos negociar o restante... quatrocentos mil nem é nada para você.

Fiquei um instante parado, observando-a, apreciando sua desenvoltura para tentar me convencer. Tinha a lábia de uma esperta larápia. Eu poderia até aceitar, quatrocentos mil eram troco de bala para mim. Mas Maria Clara não sabia que eu estava bem ferrado de desejo por ela. Não pensava em mais nada desde que a vi aqui com aquela saia, óculos e coque. Isso não tinha negociação.

Eu não disse um “a”. Ofegante, ela esperava. E eu, recostado na cadeira, a fitava. Desejando-a.

— Diga alguma coisa.

— Agora que você aprendeu a dialogar, então vamos à negociação. A minha negociação, já que eu fui o maior prejudicado.

— Tudo bem — concordou, arfante, segurando com força nos braços da cadeira.

— Você assinará esse contrato como se fosse minha funcionária. — Empurrei os papéis para ela. — Só mesmo por questões legais, para ter direito a férias, décimo terceiro, essas coisas das leis trabalhistas.

— Ok.

— Mas não será uma empregada aqui e nem na empresa. Você ficará sob minhas ordens.

— E o que isso implica?

— Não pode sair dessa fazenda, a menos que eu ordene.

— Isso é cárcere...

— Não. Em um cativeiro, você não terá um quarto tão luxuoso, direito de ir e vir em todo o território da fazenda, comida de primeira e alguém para te dar o melhor prazer que já sentiu. — Pisquei em seguida, e Maria Clara ficou pálida.

— Está realmente insinuando que eu... que nós...?

— Maria Clara. — Eu me inclinei para frente na mesa. — O único motivo pela qual estou sendo gentil com você é porque estou muito interessado em te comer. Por várias noites seguidas. Senão, você já estaria na cadeia, acredite. Piedade com ladrões não é uma virtude minha.

— Canalha. — Ficou de pé. — Eu vou te moer na pancada, seu filho duma égua.

— Agradeça à sua bela bunda.

— Porco.

— Estará em um paraíso, sendo tratada como princesa, apenas porque gostei de você. E quando eu gosto de uma mulher, eu dou todo o carinho que consigo. Você vai gostar. Agora saia e vai descansar. Quero você de pé amanhã às cinco para correr comigo.

— Uma porra que eu vou acordar cinco da manhã. Vai correr com o cão.

Ela empurrou a cadeira, jogou as coisas da mesa no chão e correu para a porta. Revirei os olhos e me levantei, indo depressa ao encalço dela; a capturei no meio da sala.

Facilmente a joguei no grande sofá e me deitei por cima, segurando seu corpo esguio, mantendo suas pernas presas às minhas e seus braços bem seguros em minhas mãos. Maria Clara ofegou, de olhos saltados, quando eu ri de sua inútil tentativa de se soltar.

Mexi devagar meu quadril bem em cima dela. Eu a fiz sentir o frio da fivela. Minha fúria se aplacou quando vi seus olhos inflamarem e seu corpo responder positivamente ao meu toque. Mordi meu lábio, e Maria Clara pregou a

atenção em minha boca.

— Eu não vou falar duas vezes — ameacei mansamente. — Vá para seu quarto, descanse, porque amanhã será um longo e cansativo dia.

— Isso é sequestro! — berrou. — Sua família vai descobrir e você vai para a cadeia!

— Certo. Enquanto não descobrem, você vai fazer o que eu mandar. Na hora de roubar, não pensou nas consequências.

— Eu preciso ver minha mãe, ela é doente... Vai mesmo me trancar aqui...? Isso é desumano.

— Sua mãe está sendo muito bem tratada. Ela continua na clínica que você colocou. E seu pai também, foi enviado para uma clínica de dependentes químicos. — Eu ri da expressão surpresa que ela fez e bati o indicador em sua cabeça. — Coloque uma coisa nessa sua cabecinha: se eu vou te foder sempre que eu quiser, eu quero você feliz, sorridente, sem preocupações. Estou cuidando de você. — Antes que protestasse, abaixei e tomei seus lábios em um beijo gentil. Maria Clara não desviou, tentou lutar, se fez de estátua, de olhos abertos, lábios duros e corpo rígido. Mas eu era um cara experiente, soltei suas mãos e deslizei as minhas para a lateral de seu corpo, sem tocar nos seios, que, por sinal, já estavam acesos. Foi apenas a presunção de um toque. E quando continuei o beijo implacável, ela perdeu as forças.

Maria Clara me quis também desde o primeiro dia, e isso voltou com força total quando ela aceitou o furor de meus lábios.

Seus olhos fecharam, e um doce gemido de rendição escapou de sua boca. Ela se entregou e recebeu com ânsia minha língua. Eu queria comê-la ali, na sala mesmo, mas me recuperei, afastei do beijo e sorri ao limpar seus lábios com o polegar.

— Boa menina. Quanto antes aceitar minhas regras, mais rápido será feliz. — Ela estava calada. Eu a peguei nos braços, subi as escadas e a levei para o quarto que reservei para ela.

Coloquei Maria Clara na cama e permaneci do lado.

— Esse quarto será seu...

— Por quanto tempo?

— Pelo tempo que for gostoso para a gente.

— Vai me apresentar à sua família?

— Não. Pelo menos por enquanto. Você ainda precisa entender algumas regras sobre os meus gostos. Ali tem um banheiro abastecido com tudo que precisar. O café é servido às sete e fica na mesa até as nove. Você tem total liberdade para pedir o que quiser e ir onde quiser, desde que esteja nos limites da fazenda.

— Eu preciso de cuidados...

— Eu sei, Maria Clara. Você é diabética. Já pedi um médico para vir amanhã ver você, para dar um diagnóstico preciso e poder receitar um bom anticoncepcional. — Ela corou nessa parte, e eu continuei. — E preparei um estoque de ampolas e tudo que você precisar.

— Por que está me tratando assim?

— Assim como?

— Bem... eu te roubei...

— E está aqui me pagando o que roubou. — Sentei-me na cama e acariciei sua perna, sentindo como era macia, a pele. — Eu não sou desses que saem pegando geral. Comem uma mulher a cada noite. Para me satisfazer, a parceira precisa ter alguns entendimentos básicos de como me agradar. E para que ela consiga fazer isso, precisa estar feliz. Eu quero te fazer feliz, enquanto estiver sob minhas ordens, atendendo às minhas necessidades.

Seu olhar era quase assustado, como se entrevistasse um extraterrestre e descobrisse segredos impressionantes.

— Então acha que vamos transar...?

— Sim. Tenho certeza.

Ela engoliu em seco, passou os olhos pelo meu corpo e voltou para meu rosto.

— Fez isso com Leticia?

— Mais do que possa imaginar.

— Se vingou dela? — Seu tom era baixo e temeroso.

— Perder tudo que ela conseguiu já é uma boa vingança. — Fiquei de pé, com as mãos metidas no bolso do jeans. Maria Clara me olhava, intrigada e bem mais calma. Meu beijo poderia ter a acalmado. Ou talvez tenha percebido que não seria tão ruim como parecia. — Bom, se sentir qualquer coisa, ou quiser comer algo antes de dormir, afinal não pode ficar com estômago vazio, pode chamar Tereza nesse interfone aí. — Apontei para o aparelho ao lado da cama.

Ela olhou e tirou uma mecha de cabelo dos olhos para voltar a me encarar. — Eu estarei no fim do corredor, no quarto principal.

— Você mora aqui?

— Sim. Tenha uma boa noite, Maria Clara. — Andei para a porta.

— Fernando — chamou. — Poderei ligar para minha mãe?

— Ganhe créditos comigo para ter esse direito.

— E como...?

— Às cinco da manhã, virei te chamar. Precisa se exercitar. Para sua saúde e para aguentar meu fogo na cama. — Pisquei para ela e saí do quarto, indo direto para o meu, sabendo que dormiria de pau duro.

Ao menos amanhã, enfim, serei recompensado pelas minhas duas semanas sem foder.

07 | MARIA CLARA

Ele me beijou.

Putaque pariu. Eu estava imóvel, olhando para o nada, relembrando repetidas vezes o beijo delicioso. Eu sabia desde o início que Fernando Capello era uma delícia de homem e que era experiente na arte de dar prazer. Mas quando ele aplicou em mim um pingode seu poder sexual, eu me desfiz em farelos. Era impossível lutar quando todo meu corpo clamava pelo toque dele. Tão quente, grande, duro e cheiroso. Foi inútil lutar e delicioso se render. A língua era espetacular, se movendo contra minha, e a barba ao redor da boca fez carícias eróticas em meu rosto. Eu não me lembrava de como era bom beijar um homem. Talvez porque nunca tivesse sido beijada daquela forma.

Eu me deitei contra os travesseiros, de olhos bem abertos e fixos no teto.

Acreditava que o sonífero que eles me haviam aplicado ainda circulava pelo meu organismo, pois não tive forças para remoer minha sina. Caí no sono depressa. O quarto ajudava bastante. O clima era delicioso, a janela estava aberta, trazendo um aroma natural, diferente do ar poluído da cidade grande. A cama era grande, muito confortável, com travesseiros fofos e lençóis macios. Após me enrolar na manta fofa, o sono me abraçou.

Eu não poderia esconder o fato de que estar ali era melhor que numa cadeia suja, com colegas de cela violentas. Todavia a sensação de prisão existia. Eu teria que transar com ele... esse era o ponto principal. Fernando só estava sendo gentil porque poderia usufruir do meu corpo. Uma concubina não seria diferente de mim. Minha única obrigação dali em diante era saciá-lo, e apesar de ser um homem muito bonito, eu estava inquieta com essa realidade.

“Ele gosta de dominar.”

Leticia me falara isso, e agora eu sentiria na pele o significado dessas palavras. Ele já estava dominando tudo à minha volta, me dando ordens e cuidando de minhas necessidades. Fernando era um homem muito ativo, ele jamais aceitaria alguma coisa com passividade. Ele jamais aceitaria algo que outra pessoa impusesse.

Acordei sobressaltada quando ouvi batidas na porta do quarto.

— Maria Clara, tem dez minutos para descer. — Era a voz dele, grossa e mandona. Suspirei e fiquei olhando o teto, o quarto ainda escuro. Eu estava sem celular, sem minhas coisas, sem nada. Era mesmo uma prisioneira em uma torre

de cristal.

Nem vi o tempo passar, imersa em meus pensamentos, só pulei da cama quando outra batida informou que ele não estava de bom humor.

— Se eu for te buscar, será pior.

— Já vou, porra! — Joguei a manta para o lado.

— Se falar palavrão comigo mais uma vez, vou me certificar de que não poderá sentar por dois dias. — Droga, o maldito havia escutado. Devia estar ouvindo na porta para saber se eu tinha levantado.

Eu me arrastei até o banheiro, tomei uma ducha para despertar e me arrumei como pude em frente ao espelho. Eu estava sem bolsa, sem roupa, tinha apenas o uniforme da lanchonete. Mas, por curiosidade, abri o closet e me surpreendi com uma variedade de roupas femininas, ainda com etiquetas. Ele tinha tudo organizado à minha espera. Eu não sairia tão facilmente de meu cativeiro.

Suspirei e procurei uma roupa de exercícios. Vesti uma legging, uma camiseta regata e calcei um par de tênis que coube perfeitamente em mim.

Quando saí do quarto, às cinco e quarenta, a casa estava silenciosa, e lá embaixo Fernando conversava em voz baixa com um peão. O homem saiu, e ele me olhou de maneira sorridente.

— Muito bem. — Passou os olhos pelo meu corpo, aprovando.

Ele estava um gato. Muito gostoso, com uma bermuda e camiseta regata. Foi impossível não olhar seus bíceps e o peitoral largo debaixo da camiseta.

— Tome um rápido café, porque pode ser perigoso para você se exercitar em jejum. Tereza te espera na cozinha. Seja rápida. — Ele deu as costas e foi para o escritório. Eu deveria apreciar a preocupação dele, mas revirei os olhos e caminhei obedientemente para onde devia ser a cozinha. Eu tinha que obedecer, se quisesse ter os tais créditos para falar com minha mãe.

Na cozinha, a mulher estava misturando algo em uma tigela grande. Era uma cozinha de primeira linha, toda equipada, mas a mulher preferia fazer do modo antigo, sem usar a batedeira.

— Oi — cumprimentei, um pouco sem graça. — Sou Maria Clara. Você deve ser a Tereza.

Ela sorriu amistosamente, parecendo mais jovem do que eu supus da primeira vez que a vi.

— Oi, sou eu mesma. Sente-se, por favor, Maria Clara. Fernando me contou que você tem algumas privações alimentícias. Estou preparando um café especial.

Fiquei surpresa de saber que ele tentou mudar a rotina da casa por minha causa.

— Ah, não precisa. Basta um café sem açúcar...

— De maneira nenhuma. Quando vocês voltarem, terá um café com sustância. Agora coma esse biscoito de sal. — Colocou uma cesta com biscoitos à minha frente — É perigoso para diabéticos ficarem em jejum.

Tomei um pouco de café puro e mastiguei dois biscoitos em silêncio, assistindo-a despejar a massa em uma assadeira.

— Eu... sempre tentei fazer doces e bolos para diabéticos — falei e desejei não ter puxado assunto com ela. Não queria intimidade com ninguém, queria ser inimiga de todos ali, todos que fossem aliados de Fernando. Tereza limpou as mãos no avental e me olhou, interessada.

— E nunca deu certo?

— Não. Eu sou péssima na cozinha. Sempre ficam duros ou amargam demais.

— Infelizmente ainda não tenho produtos para fazer um bolo diet para você. Mas assim que os tiver, venha até minha cozinha para a gente tentar criar algo juntas. O que acha?

— Eu adoraria.... mas nem sei se ficarei aqui por muito tempo.

— Fernando me contou que ficará pelo menos por um mês. Então não se preocupe.

Um mês. Então quer dizer que ele impusera um limite para minha permanência. O que faria ao fim desse tempo? Ele me entregaria para a polícia? Será que ele pretendia me tomar sua amante e depois me jogar na cadeia?

O medo me fez estremecer. Eu tinha que arrumar uma maneira de fugir dentro desse mês que viria. Terminei rapidamente o café, me despedi de Tereza e saí correndo. Mas mantive a cara amuada, para não dar ousadia para aquele cão dos infernos.

Ele me esperava na soleira da porta, se alongando. Passei direto e andei rumo à escadaria. O dia clareava, era uma vista maravilhosa, o sol começando a despontar lá longe, pintando a grama e árvores de dourado.

— Está fugindo de mim? — Fernando me acompanhou.

— Vá se danar. — Acabei de falar, e ele me puxou ferozmente. Eu fiquei colada ao seu corpo grande e cheiroso. Abaixou o rosto diante do meu e ameaçou:

— Estou perdendo a paciência com essa sua boca porca. Não me provoque. Agora mexa essas pernas e me acompanhe. — E correu sem nem olhar para trás para ver se eu o seguia.

— Você deve saber que não aceitarei tudo numa boa — falei quando o acompanhei. — Eu vou infernizar sua vida.

— Eu supus que você pensaria que poderia fazer algo assim.

— Eu vou fazer.

— Será trabalhoso te amansar, mas quando eu conseguir, se tornará um obediente abacaxi.

— Como é que é? — Parei de correr, e ele parou um pouco na frente, o odioso sorriso deixando-o ainda mais belo.

— Problema difícil de resolver, que ninguém quer mexer por ser muito difícil de lidar. Sobrou pra mim a tarefa de descascar o abacaxi, no caso, você.

— Canalha — resmunguei, odiando o som da risada irônica dele.

Apesar de sempre me exercitar, eu não tinha o mesmo preparo de um fazendeiro que mantinha uma rotina de trabalho pesado. Fernando nem estava perto de se cansar quando eu tive que parar na sombra de uma árvore e me curvar para frente, quase sem fôlego. Ele parou perto de mim e riu. Furiosa, empurrei-o para longe.

— Está vendo como eu estava certo em te forçar a correr? Imagina precisar parar durante o sexo porque se cansou rápido demais?

— Você não vai tocar em mim, ouviu? — berrei, apontando um dedo na cara dele. — Você me sequestrou, e eu não sou nenhuma tola com síndrome de Estocolmo.

— Na síndrome de Estocolmo, geralmente, o sequestrado começa a gostar e sentir empatia pelo sequestrador, você não precisa sentir nada disso comigo. — Fernando se aproximou e tirou alguns fios de cabelo da minha testa suada — Basta me obedecer. Eu sou seu mestre aqui, e agradeça por eu não meter uma coleira nesse pescocinho e te obrigar a me chamar de senhor.

— Você é louco. Eu já tô injuriada, me deixe de mão.

— Vamos até aquela fronteira ali e voltaremos correndo. Caladinha, Maria Clara. Antes que eu me zangue. — Ele correu, e eu nem me mexi. Ao contrário, me sentei embaixo da árvore. Ele poderia ir sonhando que eu seria a ovelhinha dócil. Aquele desgraçado ia ver com quem estava mexendo. Fernando olhou para trás quando percebeu que eu não o seguia, mas continuou sua corrida.

Franzi o cenho, imaginando que ele poderia estar de muito bom humor. Fechei os olhos e esperei, esperei até que o ouvi bem perto de mim:

— Vamos. — Abri os olhos, e Fernando estava parado, com a camiseta suada, mas sem ofegar muito. Fiquei de pé e o segui de volta para casa, caminhando, no meu tempo.

Quando entrei na casa, fiquei feliz por ele já ter subido. Respirei aliviada e fui para o quarto tomar uma ducha. Abri a porta e, quando entrei, quase voltei correndo. Ele estava sentado em uma poltrona, vestindo apenas o short de corrida e segurando um chicote de montaria.

08 | MARIA CLARA

— Tire a roupa e deite na cama. — A voz dele era um brado seco.

— Saia do quarto, agora — falei baixinho, morta de medo. A expressão dele não era leve e irônica como mais cedo. O cenho estava baixo e havia um brilho estranho em seus olhos.

Meu corpo se arrepiou, e dei um passo para trás quando ele ficou de pé.

— Se você não tirar a roupa, eu farei, e será pior. Tire a roupa, Maria Clara.

— Por que está fazendo isso...? O que quer...?

— Ou isso, ou cadeia. Você decide. Você é a ladra aqui e precisa do meu perdão. Então, tire a roupa e deite na cama.

— Você vai me bater com isso?

— Não bato em mulheres. Eu as ensino a se comportar. Tire. A. Roupa.

Com as mãos trêmulas, tirei minha camiseta, sem desviar os olhos dos dele, que pareceram inflamados quando viram meus seios. Minha respiração estava suspensa, e o sangue fervia. Nervosismo, medo misturado com fúria. Eu não era uma submissa, e ele iria pagar se me machucasse.

Apesar do meu descontrole emocional, consegui retirar toda a roupa e caminhei para a cama.

— Barriga para baixo — ele ordenou, e eu me deitei com o rosto no travesseiro, a bunda pra cima, e fechei os olhos. Eu sabia o que ele faria, eu não era uma burra. Aos vinte e sete anos, eu já tinha escutado muita história.

— Segure firme na grade da cama, Abacaxizinho. Não solte — ordenou com voz dócil.

Eu tive vontade de me levantar e bater nele, pela fúria que me tomou ao ouvir o miserável apelido. Fernando veio até mim e me colocou na posição desejada, com um travesseiro embaixo de minha barriga, para manter minha bunda mais empinada. Esticou meus braços, me mostrando como eu devia segurar. Eu estava na posição ideal para ele, totalmente exposta.

— Não solte a grade da cama. Senão eu a amarrarei e a deixarei um dia presa. — Estava falando em um tom tão baixo e calmo, que fez meu corpo se arrepiar contra minha vontade. Meu coração saltava de expectativa. Ele beijou

minhas costas, dizendo:

— Tão linda, toda minha.

Em seguida, senti a ponta de couro do chicote.

— Eu não queria ter que colocar juízo na sua cabeça antes de nossa primeira vez, ou antes dos trâmites legais. Mas você me obrigou. Vou te mostrar como castigos podem ser viciantes. — Arrastou a ponta do chicote pelas minhas costas e pousou na minha bunda. Arfei e apertei as pálpebras.

Ele deu a primeira chicotada, e eu estremeci, não de dor, mas de susto, e por mais difícil que fosse afirmar, não doera nada. Minha bunda formigou, e outra chicotada veio em seguida. Eu achei que seria moleza e até me perguntei que tipo de castigo era esse, até que senti a palma grande dele acertar em cheio minha bunda. Dessa vez ardeu, e eu quase soltei a grade.

— Fernando...! — gritei.

— Shiu... — sussurrou, beijou onde ele havia batido, e acertou outro tapa, do outro lado. Definitivamente, a palmada doía mais. Imediatamente ele acariciou e acertou uma chicotada no mesmo lugar.

— Ai! Caralho!

— Palavrões só vão piorar sua situação. — Outro tapa estalado e quente. Rangi os dentes e esperei pelo chicote logo em seguida. Tapa, carícia, chicote, tapa, carícia, chicote. Minhas pernas tremiam, e minha bunda ardia de modo suportável.

Eu queria chorar pela raiva que eu estava sentindo dele. Mas me controlei e me mantive firme, não daria esse gosto.

Quando achei que isso era tudo, ele abriu minhas pernas, e senti o contado de tiras de couro percorrendo meu sexo, que impressionantemente estava úmido. Eu latejei, e ele acertou ali uma chicotada macia, com seu chicote de tiras. Gemi com o formigamento que percorreu minha vagina. Ele riu e, com o polegar, acariciou demoradamente, quase uma tortura impiedosa.

Quando eu estava receptiva, latejando, implorando silenciosamente por um contato mais íntimo, ele desferiu outra chicotada, acertando em cheio meu clitóris. O prazer com a leve dor foi impressionante. Acho que se ele continuasse a me chicotear, eu dissolveria em um poderoso orgasmo.

— Porraaa! — berrei, sem conseguir prender o palavrão. Mordi o lábio, e dessa vez Fernando riu. O tapa que veio a seguir na polpa da minha bunda foi

puro detalhe. Mais outro, e outro, intercalados com as chicotadas. Quando a dor começava a me tomar e o ardor a vibrar em meus nervos, ele voltava a fazer leves carícias, brincando sem pressa com meu clitóris inchado.

— Fernando...! Que... droga!

— Está vendo? Você esquece da dor quando eu toco no seu botãozinho rosado. — Acabou de dizer e recomeçou a sessão de tapas. E como uma drogada maldita, eu só esperava que ele me batesse para receber sua carícia em minha vagina sedenta. Como uma recompensa. E para minha completa surpresa, a próxima coisa que senti foi sua boca. Toda, de uma única vez, tomando meu sexo em um beijo selvagem e libertino. Ele lambeu, aprofundou a língua e fez com que eu me contorcesse como uma maluca.

— Não solte a porra das grades — ordenou com voz embargada, falando um palavrão livremente.

Calada, sem poder abrir a boca para soltar outro palavrão, recebi uma grande dose de excitação vinda de sua língua e dedos. Quando eu estava quase liberando o orgasmo mais potente que já poderia ter, Fernando parou.

— Ah, meu Deus — choraminguei.

Sua mão acariciou sem pressa minha bunda ardente, e eu desejei mais alguns tapas para que conseguisse gozar. Eu queria que ele me libertasse, mas só então descobri que aquilo era punição. Nunca me senti tão quente, inchada e apavorada por um toque.

Ele aplicou outro golpe bem em cima dos lábios pulsantes. Eu me dissolvi em prazer líquido e puro. Era fogo que me fazia tremer e suar. Outro golpe, e minha vagina latejou descontrolada, outro golpe, e o orgasmo voltava. Mas acabou. Para meu completo horror, ele acabou.

— Se for obediente, eu prometo te dar mais. Agora, levante-se, vamos tomar uma ducha. Você tem consulta às oito.

— Fernando, por favor...

Ele tinha conseguido me colocar como uma dependente implorando por conforto. Eu sentia meu ventre pulsar e minhas pernas fraquejarem.

— Se você mesma se tocar, o castigo será maior — ameaçou. — Vai ficar assim até quando eu disser.

Ele me puxou, me colocando de pé. Eu quase vacilei e, para me equilibrar, me segurei em seu corpo grande, e forte, e seminu. Estava mais

quente que o normal e muito gostoso, com uma leve camada de suor. Segurar em seus músculos era um prazer que eu acabara de conhecer. Ele agarrou meus cabelos pela parte de trás e, sem que eu pudesse prever, segurou meu queixo, beijando vorazmente minha boca.

Esfreguei minhas pernas uma na outra. Ele estava só de cueca e começou a friccionar seu grande volume contra meu sexo escaldante. O beijo era delicioso, mais do que o de qualquer homem que eu já tivesse experimentado. Ele fazia com um único beijo meu orgasmo suspenso reanimar e querer explodir. E, para completar, deslizou, sorrindo odiosamente, mordeu meu queixo, desceu os lábios gostosos e chupou meus seios, um de cada vez, como quem chupa uma fruta suculenta.

Eu estava em frangalhos, prestes as me desfazer nos braços dele, de pé. Fernando parecia pressentir, então deixou os seios de lado e apertou meu queixo para que eu olhasse para ele.

— Aprendeu agora?

Eu achava que se concordasse, ele me deixaria acabar com a tortura que eu sentia interiormente. Então, como uma pateta, confirmei:

— Sim.

— Vai me desobedecer novamente e ser rebelde com seu chefe?

— Não.

Rindo como um completo desgraçado que ele era, segurou minha mão.

— Até que não será difícil descascar esse abacaxi. — E me puxou para o banheiro, dizendo que me ajudaria no banho para que eu não tentasse trapacear e gozar por conta própria.

09 | MARIA CLARA

Demorou bastante para que a inquietação interior melhorasse. Fernando me torturou mais um pouco no banheiro, acariciando com calma meu corpo enquanto eu tremia de excitação debaixo da água. Ele saiu, e demorou minutos para que eu me recompusesse.

Depois, apliquei uma dose de insulina, gostando das canetas para aplicações que o maldito tinha providenciado. Eu me vesti e desci para tomar café. Ele me esperava na mesa, sorridente, de cabelos molhados e barba feita. Eu achava que Fernando não poderia ficar mais belo, mas com ou sem barba, o homem era uma bela explosão de beleza. Moreno, viril, com um sorriso irônico e olhos acinzentados.

Sentei à mesa e deixei que Tereza me servisse. Ela me explicou as coisas que tinha feito para que eu pudesse comer. Não falei nada, estava muito irritada, tentada a jogar uma xícara de café quente na cara do fazendeiro arrogante.

Minha bunda latejava por causa das palmadas, e meu interior estava em brasas pelo orgasmo suspenso. Inquieta, eu me mexi na cadeira, e quando olhei para Fernando, seus olhos brilhavam contentes por saber que eu estava desconfortável com o castigo aplicado.

— A médica chegará as oito — informou. — Depois de sua consulta, você vai tirar a poeira de toda essa sala e arrumar o meu quarto.

— Como é que é? — Parei com a xícara no ar. — Você disse que eu não seria empregada...

— Fará o que eu ordenar. Mulher que trabalha não tem tempo para tramoias.

Boquiaberta e queimando de raiva, fechei meus punhos.

— Além de tudo é um machista desgraçado?

— Sou realista. Dei a Leticia uma vida de princesa, e ela me traiu. Já disse a Tereza para não interferir, essas duas tarefas serão suas todos os dias.

— Por que você não arruma seu próprio quarto?

— Porque tenho você para fazer isso. E se reclamar demais, vai ter que engraxar minhas botas e lavar minhas cuecas e meias. — Eu nunca corri de serviço, mas Fernando e eu sabíamos que isso era só uma tentativa de me humilhar. Levantei o queixo para não dar a ele o gosto de me ver furiosa.

— Prefiro trabalhar do que ser sua puta.

Uma sombra de irritação tomou rapidamente seu olhar.

— Já que gosta tanto, vai lavar minhas cuecas e meias e engraxar minhas botas. Para aprender a manter essa boca suja fechada.

Contei até dez e fiz uma cara de desprezo. Tomei o café só porque precisava mesmo. Eu era uma golpista, e arrumaria uma forma de dar o troco nele e fugir daquele lugar. Por enquanto, me fingiria de obediente.

Fernando esperou eu terminar e ainda insistiu para que eu comesse mais. A médica chegou, e essa foi a desculpa que arrumei para me levantar da mesa. Comer com um brucutu daqueles observando era algo bem indigesto.

De braços cruzados, encostei na parede.

— Vamos. — Fernando estendeu a mão, pressentindo que eu iria fazer espetáculo. E eu ia mesmo.

— Eu não vou para lugar nenhum! — falei alto. — Eu fui sequestrada e não vou de bom grado passar em médico...

— Maria Clara! — Deu um passo ameaçador. — Não me encha o saco.

— Vá se foder! — berrei e corri rumo à cozinha. — Tereza, me acode! — gritei como louca, mas fui pega em dois segundos. O cara parecia um espírito maligno que se movia nas sombras. Ele me empurrou contra a parede e apertou meu corpo. Sua mão estava na minha garganta, a outra, segurando minhas mãos e o quadril, me pressionando. Fernando estava puto de raiva.

— Escuta aqui, sua malcriada, você vai aprender a se comportar e a me respeitar, está entendendo?

— Me largue! Cavalo!

— Vai entrar agora naquela sala e ser uma boa garota — rosnou, com a boca bem pertinho da minha. — Antes que eu tenha que te dar um bom ensinamento.

— Desgraçado! Eu vou te fazer pagar! Eu juro.

— Vai ficar caladinha, eu estarei de perto olhando. Se não se comportar, providenciarei que sua mãe saia da clínica e fique em casa sem tratamento, à mercê de seu pai alcoólatra. É isso que quer?

Tremi e parei de lutar quando ele usou minha mãe doente. Olhei em seus olhos e vi que ele falava a verdade. Fernando não mediria esforços para aprontar

o que quisesse na intenção de me ferir.

— Entendeu, Maria Clara?

Engoli em seco e me rendi. Acenei positivamente.

— Ótimo! — Deu um tapinha no meu rosto e me soltou.

Nós dois chegamos à sala onde Tereza já recepcionava a mulher. Era uma mulher na casa dos quarenta anos, muito elegante, com belos cabelos loiros, lisos, em um corte Chanel, a pele lisa feito a de um bebê.

Ela me olhou com interesse, mas não expressou o que estava pensando. Virou-se para Fernando.

— Fernando, querido — cumprimentou, beijando-o no rosto. Pela intimidade deles, pensei se já tinham sido amantes.

— Leda. Seja bem-vinda. Essa é a Maria Clara, te falei sobre ela no telefonema.

— Sim — disse, apenas, sem dar grande importância. — Você, sempre com gostos peculiares. — Riu e bateu no braço dele.

Ela me chamou de peculiar?

— Onde podemos fazer a consulta?

— No meu escritório, por favor. — Ele estendeu a mão, mostrando o caminho, e Leda foi na frente, desfilando seu corpo alto e elegante. Fernando tinha uma expressão divertida para mim, mas ganhou um olhar de desprezo quando seguiu a doutora.

No escritório, Fernando entrou junto comigo, e a médica olhou para nós dois.

— Você vai ficar? — perguntou a Fernando.

— Prefiro que não — eu disse de imediato.

— Vou ficar — ele falou e, para Leda, a resposta dele foi a mais importante e decisiva.

— Não é necessário você assistir à minha consulta — insisti.

— Eu decido se é necessário. Fiquem à vontade, finjam que não estou aqui. — Pegou uma cadeira e se sentou do outro lado do cômodo, próximo à janela.

Eu estava de punhos fechados, tremendo de raiva, mas me limitei a

fechar os olhos e contar até cinco.

— Fernando é um homem controlador. Ele faz o que quer, quando quer — Leda sussurrou próximo a mim. — Se você entender isso mais rápido, sua convivência com ele será maravilhosa.

— Conhece ele o bastante?

— Muito. — Ela se sentou à minha frente e sorriu, bem antipática. — Está aqui há bastante tempo?

— Não.

Ela riu, curvou-se para frente e cochichou:

— Então ainda não experimentou a cavalgada do paraíso. Recomendo. — Leda fez questão de frisar a conotação sexual só para mostrar que já tinha passado pela cama do fazendeiro, como eu já tinha suspeitado. Isso me irritou bastante, porque eu estava com raiva dele e não queria imaginá-lo no âmbito sexual.

— Acho que ele te chamou aqui para falar sobre minha saúde.

Leda se empertigou, fechou a expressão e torceu os lábios.

— Certo. Me fale um pouco sobre seu problema. Diabetes, não é?

De esguelha, olhei para Fernando prestando atenção na conversa. Suspirei e retornei ao passado, quando a enfermidade fora descoberta.

— Eu tinha dez anos. — Olhei para a doutora. — Foi difícil aceitar, mas na época meus pais tinham condição, então encontraram formas de me ajudar.

— Então é a tipo 1 — ela concluiu.

— Isso.

— Como está o seu cuidado com alimentação, exercícios, doses diárias de insulina...?

— Agora, estando comigo, ela está indo bem. Antes, só Deus sabe como ela se virava.

Olhei para Fernando com desprezo e voltei para a médica.

— Eu estava sobrevivendo. Aplico as doses diariamente, me exercito sempre que posso...

— Bom, ainda bem que Fernando está aqui para te ajudar. Evite açúcar simples, massas, pães... Sempre meça a glicose antes de atividades físicas e

diminua, ou evite, as bebidas alcoólicas.

Grande novidade. Eu convivo com a diabetes há dezesseis anos. Mas não contestei, apenas concordei.

— Certo.

— Sobre o anticoncepcional, vou prescrever um ideal para você. Agora vou te examinar.

A médica pediu uma bateria de exames, e Fernando foi rápido em pedir que alguém do laboratório viesse colher. Ele não queria mesmo me deixar sair da fazenda. Ela prescreveu o anticoncepcional, e, quando foi embora, eu saí rapidamente do escritório. Ele me acompanhou.

— Agora venha comigo. Vou mostrar o que tem que fazer.

10 | MARIA CLARA

O quarto de Fernando parecia um grande apartamento. Era gigante. Descobri que arrumá-lo não seria desgastante, já que o homem não era tão bagunceiro. Havia algumas coisas fora do lugar, mas nada preocupante.

As luzes estavam acesas, pois parecia noite dentro do quarto. Fernando abriu as cortinas e as janelas, revelando o belo jardim lá fora. Pude ver com mais clareza tudo à minha volta. Os móveis tinham cores escuras, e as paredes eram brancas. Apenas uma parede tinha um detalhe de tijolos. Era bem requintado, não rústico, como eu esperava de um quarto de fazenda, apesar de alguns detalhes que sugeriam isso, como o chapéu em cima da cômoda, um berrante dourado na parede e uma foto gigante de um cavalo preto.

— Bonito — eu disse, apontando para a foto.

— Putão. Meu cavalo.

Acenei para ele. Eu já tinha visto esse cavalo da outra vez. Sob o olhar de Fernando, caminhei até uma estante de livros e olhei os exemplares. Algumas enciclopédias, livros famosos, livros de economia, pecuária, laticínios...

— Você não parece um homem que lê.

— E o que eu pareço?

— Um troglodita que não respeita mulheres. — Fernando riu, sem dar importância para minha alfinetada. Quando menos esperava, ele me deu um vestígio de algo humano nele:

— Perdemos nossa mãe cedo. E a leitura foi uma forma que nosso pai encontrou de nos domar. — Ouvir isso fez minha raiva espairecer um pouco. Eram cinco irmãos, que apareciam com frequência na mídia. Imaginei pequenos meninos tendo de conviver com a morte da mãe.

— Eu sinto muito... pela sua mãe. — Vi um brilho de desgosto passageiro tomar os olhos dele e os abandonar em questão de segundos.

— Bom, pelo que está vendo, não tem muito o que fazer. Limpe o chão, arrume minha cama e nem pense em xeretar. Tenho memória fotográfica, sei onde cada coisa está. No banheiro, tem um cesto com roupas sujas. Separe as peças pequenas, leve para a lavanderia, para você lavar, e deixe as outras para Tereza recolher.

Olhei para um jeans no chão do quarto, jogado, com cueca e tudo.

— Você poderia ser um pouco mais organizado.

— Eu sou o dono disso aqui. Posso até andar pelado, se quiser.

— Que seja.

— Volto no almoço para conferir se fez um bom trabalho. — Sem que eu esperasse, abaixou e beijou de leve meus lábios. Sorrindo ironicamente, sussurrou: — Ouviu o que Leda disse: quanto antes aceitar, será mais prazeroso para você. — Em seguida, mordeu a pontinha de minha orelha e completou: — Se for aprovada no serviço doméstico, farei você gozar como pagamento. — Piscou para mim e se virou, indo para a porta. Eu berrei como uma louca:

— Não preciso de um homem para poder gozar! — A risada dele ecoou pelo corredor e logo em seguida ouvi a batida da porta. — Machista! Arrgh! — rugi de raiva e passei a mão diversas vezes na minha boca, limpando o beijo. Mas, por dentro, eu sabia que minha raiva maior era por ter gostado.

Respirei fundo e olhei em volta, abaixando os ombros.

Fui até a cama e examinei. A calça de um pijama que Fernando deveria ter usado para dormir estava bem ali, embolada com o edredom. Peguei-a, e para meu espanto, uma mancha esbranquiçada enorme tomava a parte da frente. Aproximei para examinar melhor e fiquei boquiaberta ao confirmar. Era sêmen. Em grande quantidade. A mancha descia para uma das pernas da calça, fazendo o tecido grudar.

Ontem, depois que ele me deixou no quarto, deve ter se aliviado. Ou, talvez, aconteceu sem que planejasse, enquanto dormia. Eu não consegui deixar de rir, sabendo que possivelmente tinha feito o fazendeiro dos infernos gozar nas calças.

Se foi mesmo durante o sono, a coisa deve ter sido ainda melhor. Fernando deve ter praguejado por ter desperdiçado um grande tesão acumulado.

Joguei a calça no chão e comecei a arrumar os lençóis. Havia várias etapas. Primeiro, o lençol de elástico, depois, o lençol principal, e por cima, uma grossa colcha cinza-escuro. Tudo tinha o cheiro dele, e não era nem um pouco ruim. Até me rendi e abaixei para cheirar o travesseiro. Era um aroma masculino misturado com algum tipo de perfume. Desodorante, talvez.

Quando a cama ficou perfeita, recolhi as roupas do chão e fui para o banheiro separar as que eu precisava lavar. O espaço era gigantesco, assim como o restante da casa. Tinha uma banheira grande, chuveiro moderno e duas pias em uma mesma bancada. Fernando tinha dito para eu não xeretar, mas foi

impossível.

Abri as portas do armário da pia. Havia itens de limpeza para reposição, como pasta de dente, escova, papel higiênico, toalhas e muita, muita camisinha. Tinha uma cestinha cheia. Tive vontade de furar todas, mas fechei as portas e fui cumprir minhas tarefas.

As cuecas de Fernando, todas boxer, não eram sujas como a de alguns homens. Limpeza era algo que ele prezava, e eu já tinha observado isso. Recolhi seis cuecas, três pares de meias e dois shorts de dormir.

Quando enfim terminei com o quarto, o deixando limpo e cheiroso, fui para a cozinha, e lá Tereza me mostrou onde era a lavanderia. Tinha que sair da casa, atravessar a área da piscina e chegar ao outro lado em que ficava a sauna, a academia e a lavanderia.

Imaginei festas grandiosas naquele ambiente da piscina, com homens malhados e mulheres lindas. O anfitrião no centro, sorridente, podendo escolher quem seria a acompanhante da vez. Reprimi esses pensamentos, me insultando por ter ficado levemente inquieta com essas imagens.

Joguei as roupas na máquina, mesmo recebendo ordens de Tereza para não bater na máquina as cuecas do patrão. Que se foda. Eu não danificaria minhas belas unhas nas cuecas do meu sequestrador.

Enquanto lavava, eu acenei para um peão, e quando ele se aproximou, eu fui o mais fofa que consegui.

— O patrão deixou umas botas para engraxar, mas não faço ideia de como proceder, poderia...

— Eu faço para a senhorita. Me dê as botas.

— Você é um cavalheiro. Estão ali. — Mostrei e observei ele levar as botas para Deus-sabe-onde. Vai sonhando que eu iria engraxar botas de marmanjo.

A máquina lavava e secava, e quando o ciclo finalizou, respirei, contente. Foi moleza. No fim, as cuecas estavam limpas e cheirando a amaciante, prontas para acomodar a bunda grande dele e seu pau avantajado. Sorri para meu trabalho bem feito e Tereza me pediu para levá-las ao quarto. Deixei sobre a cama e fui dar uma olhada no closet de Fernando.

Enorme. Tinha uma seção para tudo. Relógios, camisas, calças, cintos, sapatos. Era mesmo rico, o sujeito, como o resto da família. No meio de suas coisas encontrei um porta-retratos com toda a família. Reconheci cada um deles

— antes de tudo acontecer, eu tinha aprendido bastante sobre a família Capello, para o casamento. Estudei os irmãos dele, que eram tão gatos quanto o maldito.

O mais velho era o Andrey, depois vinha Fernando, em seguida, Thadeo, a ovelha desgarrada da família — esse foi o que eu tive mais dificuldade para descobrir maiores informações. Quase nunca era visto e vivia em uma vinícola abandonada no Maranhão. Alguns o chamavam de louco. Leticia disse para eu incluir o nome dele apenas por praxe, mas que provavelmente ele não iria ao casamento. Por fim, tinha os gêmeos Benjamin e Estela. Ele, ainda solteiro, e ela, casada com Miguel, braço direito do patriarca Capello. Onde o velho estava, lá estava Miguel. E eu acreditava que até para escolher uma cueca o pai de Fernando precisaria da orientação do genro.

Quando Fernando chegou para o almoço, foi ao escritório, e da sala eu pude ouvir berros. Olhei em volta, para ver se alguém me via. Naquela casa provavelmente ninguém tinha o costume de bisbilhotar, mas eu queria descobrir mais coisas sobre ele. Corri para a porta e ouvi nitidamente Fernando falar:

— O papai já está velho, além do desgraçado do Miguel, agora uma amante? Investigue isso a fundo, Benjamin. — Fez silêncio e depois gritou: — Faça o que tem que fazer, quero a cabeça dessa vagabunda que está tentando dar o golpe em um velho de quase oitenta anos. Certo, me mantenha informando.

Corri para a sala, peguei uma revista e fingi estar lendo.

— Para a mesa, agora, Maria Clara — ordenou sem nem parar as passadas longas. — Sem conversa fiada.

Eu o segui obedientemente.

11 | MARIA CLARA

Tereza fingia que nada estava acontecendo, na maior cara de pau. Ela nos serviu normalmente e depois se retirou para a cozinha. Fernando comeu em silêncio a maior parte do tempo. Depois me falou que trouxe o anticoncepcional e que eu tinha que começar a usar imediatamente.

Eu fiz o que ele pediu, não queria problemas futuros que pudessem me ligar àquele brucutu ignorante. Mas Fernando não esperou fazer efeito. Um pouco mais tarde, a porta do meu quarto abriu, e ele surgiu parecendo muito feroz. Eu me sentei na cama e, sem que ele falasse uma palavra, já pude prever o que aconteceria. Segurando uma maleta, ele fechou a porta e veio até a cama. Seus olhos acinzentados cintilavam.

— Acabo de receber as botas que um dos meus funcionários engraxou.
— Riu ironicamente e proferiu: — Vejo que você prefere pagar de outra forma.
— Ofeguei, e Fernando já estava em cima de mim, me beijando com ânsia.

No início, eu tentei lutar, me mantive paralisada, mas era uma batalha em vão. O homem trazia uma forte aura de poder sexual, algo que jamais tive contato. Era inútil resistir, eu gostava de ser beijada por ele, gostava do seu toque forte com as mãos calejadas e de ter seu grande corpo sobre o meu. Eu não conseguia acreditar naquela atração por ele, um homem que teoricamente eu deveria odiar e desprezar.

Eu me rendi. Rodeei seu pescoço com meus braços e saboreei o beijo. Fernando tremeu com a minha entrega, e nos seus olhos, um brilho possessivo inflamou. Ele se sentou sobre os joelhos e tirou a camisa, revelando o peito mais forte e delicioso que tive o prazer de ver. Era quase todo liso, exceto por uma espessa camada de pelos, no abdômen, que descia para dentro da calça. Timidamente toquei, e ele sorriu, vitorioso. Puxou meu vestido e o retirou pela cabeça, me tomando em seus braços em seguida. O encontro de minha pele com seu dorso nu fez fogo subir pelas minhas veias.

Ao mesmo tempo que sua mão grande apertou meu seio, de uma forma quase perversa, sua boca sugou meu lábio inferior, e eu gemi, sentindo o poder de meu orgasmo suspenso ser revivido. Eu estava entregue ao homem que preferiu me sequestrar a me entregar à polícia. Não era uma maldita submissa com Síndrome de Estocolmo, mas era uma mulher que estava louca de pedra pelo toque do maldito fazendeiro gostoso.

Fernando me virou bruscamente, e eu senti o perigo me rodear. O perigo de não saber o que ele aprontaria; era um homem imprevisível e dominador.

— O que vai fazer?

— Quieta — resmungou e acariciou minha bunda. Fechei os olhos, sentindo sua palma percorrer minha pele e em seguida retirar minha calcinha. — Tão linda...! Essa bunda é o meu ponto fraco. — Golpeou fortemente com um tapa, e eu dei um pulo de susto. O tapa ardia, mas nada alarmante. Facilmente Fernando me subjugou novamente e acertou a outra banda com mais um tapa.

— Fernando...

— *Shiiuuu*. Você não tem direito a nada dessa vez. Se comportou muito mal nas últimas horas. — Deu mais alguns tapas, me deixando inquieta com a bunda em brasa. Eu tive medo de ele continuar, mas parecia que seus planos eram outros.

Acariciou demoradamente minha entrada úmida e dolorida de prazer. Seu polegar ia e vinha sem pressa, e eu até tentei não dar a ele o gosto de me ver gemendo. Foi inútil. Apertei o lençol entre os dedos e senti quando, devagar, Fernando penetrou um dedo em mim. Ele se aprofundou em minhas carnes, e meu fogo o abraçou. Ele gemeu em aprovação.

Caralho! Eu estava em brasas, e mais algumas carícias me levariam ao paraíso. O orgasmo que ele tinha me feito suspender tinha sido reavivado e crescido como uma bola de neve. Fernando sabia disso e aprofundou o dedo, curvando-o dentro de mim, na posição de um anzol. Gemi loucamente quando ele fez isso, e até senti um bem-vindo surto de felicidade por poder gozar, mas ele não continuou.

— Muito bem. Venha aqui. — Puxou-me para fora da cama.

— O que vai fazer? — exclamei. A todo instante eu estava em alerta para o que Fernando pretendia.

— Você não está apta a ganhar uma foda confortável na cama. Foi muito rebelde. Vou te comer de pé, amarrada na cama, e não poderá ver.

Ele me levou, aos tropeços, para os pés da cama, onde uma grade alta se erguia. Fernando abriu a maleta, tirou um par de algemas e veio por trás de mim, fazendo de sua ação um maldito momento sexy. Eu me reprimi por sentir um arrepio quando seu corpo colossal me abraçou por trás. Ele me empurrou contra a grade da cama, segurou meus braços à frente e facilmente me algemou ali, me deixando levemente curvada.

Fernando se afastou e terminou de tirar a própria roupa. Eu não conseguia piscar. Estava morrendo de curiosidade para vê-lo nu, e tal visão não me decepcionou. O pênis tinha um tamanho muito bom e sua grossura era vantajada. Ele era um homem muito dotado, e seu orgulho inflava por saber desse fato. Sorriu satisfeito com meu olhar para suas partes íntimas. Em seguida pegou um preservativo, vestiu com cuidado, se divertindo por eu não ser capaz de desviar o olhar. Fernando sabia que eu queimava de tesão.

Em seguida, voltou à maleta, pegou uma máscara de olhos para sono e beijou minha boca.

— Você precisa criar confiança em mim. Eu serei seus olhos, e você aprenderá a me dar o total controle do seu corpo e mente. — Não respondi, apenas ofeguei quando ele cobriu meus olhos. — É hora de descascar o abacaxi — sussurrou no meu ouvido.

Eu estava presa, com o coração batendo descompassadamente, como se estivesse no pescoço. Todo meu sangue parecia borbulhar, e o que mais queria era que ele desse um jeito na impiedosa dor prazerosa no meio das minhas pernas.

Fernando veio por trás e acariciou minhas costas, apertando os polegares com força enquanto descia as mãos, como se fosse uma passagem. Eu estava tensa, e isso me acalmou um pouco. Era gentil e calmo da parte dele.

— Abre as pernas. — A voz grossa surgiu, baixa.

Eu vacilei, e ele mesmo abriu.

— Quando eu disser abre, você me atende imediatamente — pontuou e me abraçou. Fernando estava nu. Poderosamente gostoso, quente e cheiroso. Suas mãos apertaram meus seios e seu pau passava rigidamente entre as minhas pernas.

E quando veio a invasão dolorosa, irrompendo nas carnes latejantes, eu gritei e debati as mãos presas. Ele não teve piedade e deslizou com força e de uma vez para dentro de mim. Minhas pernas fraquejaram.

— Porraa! — rugi e recebi um tapa na bunda.

— Sem palavrões. Receba meu pau apenas gemendo, Abacaxi. Sem boca suja. — Outro tapa e mais outro.

Fernando tinha mãos de ferro, mas eu nem me importava. Seus golpes dentro de mim eram o foco, e impressionantemente eu queria mais e mais, receber doses impiedosas de suas investidas. Meu corpo se debateu com a

pressão de sua grossura apertada no meu canal, indo e vindo sem o menor controle, em metidas úmidas e macias. Incrivelmente eu estava me adaptando ao seu tamanho e força. Senti suas bolas batendo do lado de fora, indicando que ele se profundava por inteiro, até a base, em cada investida. Eu quase caí no chão tamanha foi a sensação de destruição dentro de mim.

Fernando me acolheu e fez uma pausa. Ele me abraçou de maneira tão gostosa, que quase tive lágrimas nos olhos. Eu me senti bem estando no meio de seu abraço, e quando puxou meu queixo, para que eu virasse para trás, e beijou minha boca, eu queria eternizar aquela sensação de prazer.

Com minhas mãos presas, eu apenas vacilava. E Fernando batia, ora devagar, me fazendo saborear seu tamanho, ora rápido, me fazendo gritar com a profundidade de sua invasão; indo e vindo com golpes perfeitos, deliciosos, me mantendo refém de sua agilidade sexual.

Quando eu gozei com as estocadas fortes, Fernando estava me abraçando, para eu não despencar no chão.

— Ficou com as pernas bambas? — indagou, rindo, enquanto eu encontrava conforto em seus braços. Ele beijou minhas costas, o pescoço e mordeu levemente meu ombro. — Não acabamos ainda — informou.

— *Aahmm...* — gemi, e ele riu novamente.

— Tudo bem. Você não vai aguentar a foda de joelhos que planejei. Vou ser bonzinho e terminar de te comer na cama.

Ele retirou as algemas com um cuidado gentil, me pegou no colo e me jogou na cama. Uma vez lá, retirou a venda dos meus olhos, e eu me deparei com a visão mais saborosa e sexy que já tive. Em seguida, veio por cima e acomodou seu corpão inacreditavelmente gostoso, levemente suado e quente. Seus músculos pareciam maiores e saltados.

Fernando alinhou meus cabelos, beijou minha testa e desceu para meus lábios, e eu ofeguei. Sua boca deixou meus lábios, mordeu meu pescoço e chegou aos seios. Eu estava em outro mundo. Um mundo de prazer deleitoso e palpável. Quando sugou meus seios, meu corpo se reanimou e me senti umidificando novamente. Eu estava nas mãos dele, e refrear essa situação era impossível.

Fernando segurou minha perna, separando-as, acariciou meu clitóris com o pênis muito duro e se introduziu devagar. Meu corpo respondeu de imediato à sua investida e, de certa forma, parecia que era isso que eu precisava: ser preenchida de uma forma possessiva e dura.

Quando ele se curvou em cima de mim, golpeando sem trégua, e chupou meus seios, parecia que o mundo desabaria em minha cabeça. Seu quadril tinha um movimento rítmico e delirante, era gostoso e febril. Cada estocada perfeita do seu pau abria caminho nas minhas carnes. Eu o recebia com voracidade, e o arranhava, e abraçava na mesma medida.

Quando gozei novamente, ele veio logo em seguida. Eu me vi tão agarrada a Fernando, que era como se o segurasse com medo de cair de alguma altura. Ele desabou em cima de mim, e eu praguejei mentalmente por achar delicioso aquele corpo másculo e suado acomodado sobre o meu. Eu não tinha forças para levantar um braço sequer.

Quando Fernando já se vestia para sair, eu me cobri com um lençol e o observei fechar a mala grande cheia de apetrechos.

— Tem um quarto do prazer... como no livro...?

— Não — negou, antes de eu terminar de falar. — Mas tenho apetrechos que vou gostar de usar, cada um deles, em você. — Inclinou-se na cama, puxou meu queixo e me deu um beijo na boca. — Vá tomar um banho e desça para comer alguma coisa, se esforçou demais. Sem demora.

Só de calça, ele saiu carregando a mala e a camisa. Eu caí para trás nos travesseiros. Uau! Eu tinha acabado de transar com um dos homens mais desejados do estado. O homem que eu mesma desejei quando planejava seu casamento.

Ele era meu sequestrador, e eu uma ladra que o havia roubado. Acho que estávamos quites. Sentindo uma dorzinha entre as pernas, me levantei, notando como meu corpo ainda vibrava feito gelatina. Caminhei devagar para o banheiro e suspirei debaixo da água. Apesar do prazer explosivo que eu poderia ter nos próximos dias, eu não iria ficar de braços cruzados esperando. Tinha que encontrar uma rota de fuga.

12 | FERNANDO

Tomei um banho, me vesti e saí, deixando Tereza avisada que Maria Clara deveria comer alguma coisa. De uma forma inexplicável, me amedrontava imaginar que ela pudesse passar mal. Eu não entendia o porquê dessa preocupação idiota, uma vez que ela já convivia com a doença há anos e sabia como conduzir.

Mas meu corpo se empertigava e meu coração saltava toda vez que imaginava que Maria Clara pudesse se rebelar e machucar a si própria. Ela não teria escapatória de forma nenhuma enquanto eu a quisesse.

Pode parecer loucura, e era loucura; nunca precisei manter uma mulher presa. Mas era necessário manter Maria Clara debaixo do meu teto. Além de ter me roubado, era rebelde demais, e não aceitaria de bom grado minhas imposições se eu fosse um pacifista. Seria minha hóspede forçada enquanto a atração que eu tinha por ela perdurasse.

Cheguei no prédio da Capello e parei minha caminhonete preta em frente. Desci e entrei a passos largos sem querer falar com ninguém. Mantive minha expressão carrancuda para manter enxeridos distantes.

No andar de Andrey, passei por sua secretária e disse apenas:

— Chame Benjamin aqui imediatamente.

— Sim, senhor — ela respondeu, e eu segui para a sala do meu irmão mais velho. Andrey estava ao telefone, então esperei que ele terminasse e me sentei à sua frente.

Éramos cinco filhos, mas apenas três de nós trabalhavam na empresa. E, injustamente, nenhum dos três tinha o cargo mais alto.

— Benjamin te contou? — ele perguntou logo que viu minha expressão, assim que terminou a ligação.

— Sim. O que de verdade está acontecendo?

— Estamos planejando colocar um detetive — ele falou. — Primeiro vieram as conversas de corredor. Os próprios funcionários insinuando que o papai teria uma mulher. E agora, as contas.

— Ha algo de errado nas contas?

— Sim — Benjamin tinha acabado de entrar e respondeu. Meu irmão

caçula parecia mais puto do que qualquer um de nós. — Grandes retiradas e depósitos em uma conta não rastreável.

— Mas que porra! E o Thadeo?

— Também não está nada satisfeito, virá nos ver amanhã. — Benjamin se sentou e continuou: — Além disso, nosso pai não só incluiu o bastardo do Miguel em seu testamento...

Andrey interrompeu, completando:

— Deixando-o como tutor legal dos bens da Stela e dos meninos.

— Como também adicionou outro nome ao testamento.

Respirei pesadamente para digerir essa merda de ideia que o papai tivera de dar total controle dos bens de nossa irmã ao bastardo do Miguel.

— E quem é a mulher?

— Impossível saber. — Benjamin deu de ombros, tentando esconder a raiva — O advogado não diz, apenas deixou subtender que é mulher.

— Uma desconhecida?

— Sim. Ele falou algo como: “O seu pai quis agraciá-la. Respeite o desejo dele.”

Franzi o cenho, estudando os dois à minha frente.

— Não podemos entrar com um pedido de interdição? Ou julgar nosso pai incapaz...?

— Ele já previa algo assim e se adiantou. — Benjamin ajeitou o terno em um gesto impaciente. — Uma junta médica confirmou que ele está lúcido, capaz de tomar as decisões. Ninguém será capaz de mudar o testamento a não ser ele mesmo.

Estávamos de mãos atadas, nunca tinha me sentindo tão impotente. Eu não aceitava que depois de tudo que fizemos para ajudar o papai na empresa, entregaríamos tudo de mão beijada para uma vagabunda golpista.

Tinha que haver uma maneira de reverter a situação, e eu descobriria como.

Eu caminhei com Benjamin para fora da sala. Tinha que voltar para a fazenda, havia pilhas de contratos para analisar antes de assinar. E eu não era homem de escritório, meu trabalho fluía melhor estando na minha fazenda.

— Você vai à festa de noivado do Andrey? — Benjamin perguntou.

Como eu não consegui levar uma noiva ao altar, era a vez de Andrey tentar, para assim conseguir a merda da presidência, antes que nosso pai desse o lugar para outro.

— Sim. Estou pensando em ir. — Pensei em Maria Clara, meu tesouro escondido. Jamais a exporia à minha família. — Sozinho.

— Sozinho? Novidade, isso. — Caminhamos para o elevador. — A mídia estará de vigília tentando descobrir quem seriam as próximas pretendentes dos três herdeiros. Thadeo é um bicho do mato, e certamente nem virá, talvez eu traga a Alana. E você, sozinho. O pessoal ficará confuso.

— Que se foda o povo. Passa lá qualquer hora para comer o pirão de galinha caipira que só a Tereza sabe fazer — convidei, e ele assentiu.

— Claro. Melhor prato do mundo.

— Fernando, a que devemos a honra? — Olhei para o lado, Miguel se aproximava com um sorriso de chacota. Era um homem alto, magro e usava óculos. Parecia um nerd sempre impecável. Minha irmã dava a vida por aquele homem que conheceu na adolescência. Às vezes achávamos que controlava a vida dele, por ser muito perfeito e alinhado. Ela não fazia mais nada na vida a não ser cuidar da casa, filhos e marido.

— Não vejo novidade, Miguel. É a minha empresa.

— A nossa empresa — ele corrigiu com seu sorriso de bom moço. Franzii o cenho e fez uma cara de confusão. Benjamin me acompanhou na mesma expressão.

— Então comprou uma parte da empresa e eu não fiquei sabendo? — Ele não pegou minha provocação.

— Deixa de ser bobo, homem. — Bateu no meu ombro. — Somos família, aqui tudo é da gente. Passa lá em casa depois, vai visitar seus sobrinhos. — Piscou para mim e não deu oportunidade para que eu o rebatesse.

— Esse cara me dá nos nervosos — confidenciei a Benjamin.

— O azar nosso é que ele é muito inteligente e é o amor da vida da Stela. Vamos deixá-lo em paz.

— Dane-se. Vou tomar a vice-presidência dele nem que seja a última coisa que faço na vida. — Entrei no elevador.

— Nisso eu te apoio. Até mais, mano. — Benjamin se foi e as portas se fecharam.

Fui direto para casa. A noite estava chegando e com ela o desejo louco por Maria Clara crescia insuportavelmente. Sorri, imaginando seus olhos acesos e tensos me encarando. Eu iria fodê-la até estarmos exaustos.

Eu soube que havia alguma coisa errada assim que vi a movimentação de peões do lado de fora dos portões da minha fazenda. E um deles foi logo me contando:

— A sua hóspede está desaparecida, patrão. Dentro da propriedade.

13 | MARIA CLARA

Talvez eu pudesse aceitar o pagamento que Fernando tinha imposto. Eu poderia deixar de lutar e concordar em ser a bonequinha dele, para servi-lo em troca de não ir para a cadeia. Não era um cativeiro tão ruim. O lugar parecia um paraíso, eu tinha liberdade para fazer o que eu quisesse, tinha meu próprio quarto, muitas roupas, comida bem-feita e um macho da melhor qualidade na minha cama. Mas era justamente aí que morava o perigo. E se eu me acomodasse? E se eu passasse a gostar demais, e quando ele me mandasse embora, eu já estivesse apegada a tudo isso? Eu nunca fui uma mulher que ficava parada esperando as coisas acontecerem, ilegal ou legalmente eu ia atrás da minha independência. E não ficaria parada esperando Fernando se cansar desse joguinho.

Ainda sentindo em meu corpo os vestígios da tarde de sexo, fui para o andar de baixo, disposta a tomar uma atitude. Não foi difícil atrair Tereza para uma armadilha e prendê-la no banheiro. Eu tinha descoberto mais cedo que na cozinha havia um monitor para a câmera do portão e um dispositivo que o abria. Também percebi que geralmente na casa ficava apenas Tereza e, às vezes, por perto, Laerte, um dos empregados, algo como o chefe dos peões — braço direito de Fernando na fazenda.

Então, quando eu a tranquei no banheiro, corri para baixo, abri o portão e, como uma louca, corri para fora da casa. O percurso era longo para fazer a pé, e eu teria poucos minutos até que alguém aparecesse. Meus cabelos soltos voavam ao vento, minhas pernas doíam com o esforço repentino, e eu pensei que deveria ter treinado mais com Fernando. Coloquei mais pressão e aumentei a velocidade. Ao longe, o grande portão de entrada estava aberto.

E então, para meu pânico, ouvi o grito atrás de mim:

— Maria Clara! — Nem virei para saber que era Laerte. Os galopes atrás mostravam que ele estava a cavalo. Ele me alcançaria rápido, a não ser que...

Esperei ele estar bem perto e então parei de repente e me virei. Ele vinha a toda velocidade e puxou o cavalo para desviar de mim. Eu aproveitei o momento e berrei, batendo os braços para o cavalo se assustar. Funcionou. Ele não conseguiu frear a tempo e, com o susto, ambos caíram. O cavalo se levantou depressa e correu para o outro lado, e eu voltei para a minha missão de alcançar o portão da rua, agora com Laerte a pé, ao meu encalço.

— Fechem o portão! — Laerte gritou. E eu não lembrava que havia duas guaritas. Os guardas lá dentro olharam e, quando me viram, acionaram o portão. Ele estava fechando e eu correndo o máximo que conseguia para alcançar.

— Porraaaa! — berrei. Não conseguiria sair a tempo, então desviei e adentrei as árvores, indo em direção ao pomar.

O plano tinha sido um fracasso, e eu já podia pressentir a raiva de Fernando quando chegasse. Corri até o pomar e me encolhi entre as árvores. Ele não me pegaria facilmente, eu fugiria até as minhas forças esgotarem.

14 | FERNANDO

Solucei de raiva e entrei correndo. Em casa, Tereza estava muito amedrontada e me pediu clemência assim que cheguei. Apesar da raiva por ela ter sido facilmente ludibriada, eu não iria puni-la. Eu conhecia desde o início as pilantragens de Maria Clara.

— Me conte o que houve. —Tentei não ser bruto com ela. Eu sabia como Tereza era fiel a mim.

— Ela me trancou no banheiro, abriu o portão e correu. Ainda bem que a distância é grande para ela ir a pé. Ela derrubou Laerte do cavalo.

— Como é que é?

— Não sei como ela conseguiu, mas... foi isso... Ela ainda está na propriedade, mas não sabemos onde.

Medo e raiva me tomaram. Antes eu tinha apenas fúria, vontade de amarrá-la e estapear sua bunda até que ela não pudesse se sentar por dois dias, e em seguida deixá-la amarrada como uma mula teimosa. Mas, assim que olhei no relógio e percebi que ela estava há mais de quatro horas desaparecida, a preocupação foi mais forte.

— Prepare o cavalo para mim — falei e corri para calçar as botas de montaria. Tirei a camisa social, ficando apenas de regata, e saí; na porta da casa, o cavalo me esperava. — Eia! — gritei, e Putão galopou com a urgência que eu necessitava, se confundindo com a noite que caía.

Primeiro fui ao curral, depois aos celeiros e no haras. Apesar da fraca luz do dia que se findava, havia os postes de iluminação da fazenda, e era fácil encontrar uma pessoa. Eu mantinha minha mente focada, concentrado nas buscas, sem querer pensar nas consequências que aquela teimosa tinha arrumado para ela mesma.

Eu prometi a mim mesmo que amarraria Maria Clara, e que se fodessem os direitos dela. Precisa aprender a me obedecer, já que era uma troca entre a gente. Minha raiva quase tampava a preocupação, todavia conseguia controlar.

Já estava perdendo a paciência, percorrendo todo os cantos da fazenda, quando escutei bem ao longe, do lado do pomar:

— Ela está aqui!

Nunca corri tanto com Putão. Ele gostava de velocidade e deu o seu

melhor ao atravessar o vasto campo, passando pela estrada principal e chegando ao pomar. Um dos peões acabava de descer do cavalo e tinha ido correndo até o feixe de luz da lanterna que outro funcionário acenava. Eu fiz o mesmo, desci do cavalo e corri até lá.

Maria Clara estava sentada, recostada em uma árvore. Assim que ela me viu, levantou-se cambaleante e tentou correr, mas caiu de quatro, gemendo e tentando ficar de pé novamente.

— Que porra, Maria Clara! — Amparei-a nos meus braços. Ela estava trêmula e completamente fria.

— Me largue... — sussurrou sem forças. Eu a levantei nos braços e corri para o cavalo.

— Vá na frente e chame a Leda, rápido — gritei com um dos peões, e ele zarpou como foguete na frente.

Coloquei-a sentada sobre Putão e falei mais baixo, suprimindo meu pânico:

— Escute, você tem que se segurar, por favor, não seja teimosa. — Ela não respondeu. Parecia confusa e tonta. Montei atrás, a segurei com um braço, mantendo o outro controlando as rédeas, e Putão correu ao meu comando. Maria Clara jogou a cabeça para trás, recostando no meu ombro. Não estava segurando, mas ao menos se mantinha equilibrada.

A mansão estava toda iluminada. Os postes estavam acesos, e o belo jardim era chamativo com todas as luzes. Os peões que estavam na busca tinha acabado de chegar; um correu para receber as rédeas do cavalo assim que eu encostei. Laerte me ajudou a retirá-la do cavalo e foi à frente para abrir a porta, para que eu passasse com Maria Clara nos braços. Ela estava flácida, e perceber isso me deixou transtornado. Subi os degraus de dois em dois até meu quarto. Eu não tinha ideia do que fazer para ajudá-la.

— Doutora Leda ao telefone. — Tereza entrou depressa no quarto, quando eu ainda ajeitava Maria Clara na minha cama.

— Tire os sapatos dela, por favor — pedi a Tereza e atendi a ligação. — Leda, ela está quase inconsciente... o que eu tenho que fazer? — Engoli uma grande quantidade de ar, com a respiração pesada.

— Me diga o que houve, Fernando. Estou chegando.

Contei rapidamente a ela o que aconteceu e por quanto tempo Maria Clara ficou sumida. Falei quais eram os possíveis sintomas visíveis e, por fim,

ela concluiu:

— Ela está com hipoglicemia. Não aplique insulina, isso só diminuiria mais ainda a glicose. Dê a ela um suco com açúcar até eu chegar.

— Tem certeza disso? É seguro? — Fui incapaz de acatar imediatamente a ordem.

— Sim, Fernando. Posso não aprovar sua brincadeira de sequestrar uma pobre coitada, mas não vou matar uma pessoa. Dê a ela um suco, rápido.

Desliguei e falei com Tereza para trazer um suco adoçado. Ela voou porta afora. Eu me sentei ao lado de Maria Clara e tirei sua franja da testa. Ela estava pálida. Eu me sentia muito culpado por vê-la nessa situação, e sem pensar me comprometi comigo mesmo que jamais permitiria que ela se prejudicasse novamente por minha causa ou por qualquer outro motivo.

Um forte sentimento de proteção brotou descontroladamente em mim. Eu tive medo de libertá-la e deixá-la por conta própria, para se cuidar de qualquer maneira. Eu tive medo de que ela fosse incapaz de sobreviver sozinha, e isso era ilógico, uma vez que ela já sobrevivia sozinha antes de mim. Todavia meus fortes instintos dominadores gritavam para eu manter aquela mulher a salvo.

Além de tudo, eu a queria desesperadamente, e depois do sexo, percebi que deixar Maria Clara ir embora era quase impossível.

— Abacaxi — chamei baixinho, e ela abriu os olhos lentamente, me encarando com um semblante sofrido. — Fique olhando para mim, não durma.

— Eu... vou... quebrar... — fez uma pausa e depois, de modo quase inaudível, completou: — sua boca... Fernando.

Ri com a fraca ameaça dela e beijei sua testa.

— Fica bem, para a gente quebrar um ao outro.

Tereza chegou com o suco, e Maria Clara não protestou. Eu me sentei, apoiado na cabeceira da cama e a puxei, para que recostasse a cabeça em meu colo. Segurando sua cabeça, fiz com que bebesse boa parte do suco. Ela estava com sede, fome e com a glicose lá embaixo; sugava o canudo com gula.

Quando terminou, eu a abracei e beijei seus cabelos. Ficamos por arrastados minutos em silêncio, ela de olhos fechados, aninhada em meus braços.

— Você é o pior sequestrador do mundo, Infernando.

Gargalhei com o novo apelido que ganhei. Ela torceu o bico e permaneceu imóvel, de olhos fechados. Aos poucos, sua cor começou a voltar, a

respiração estava mais calma, e a pele, morna.

E eu respirei aliviado.

— Ela comeu pouco e fez um grande esforço físico, sem falar que ficou por bastante tempo sem comer. — Leda terminou de aplicar uma injeção em Maria Clara e se levantou da cama. — Maria Clara, você tem que preservar acima de tudo sua saúde. Está com raiva do Fernando, mas não pode se prejudicar por isso. Tente descontar nele, e não em você.

— Obrigado pelo conselho, Leda — ironizei, mas ela nem se importou. Maria Clara assentiu, de cabeça baixa, arrependida ou envergonhada do papelão que havia feito. Ela olhou para mim e percebeu como eu conseguia facilmente desvendá-la, e isso, de alguma forma, a assustou.

— Coma alguma coisa, durma, e amanhã volte às aplicações de insulina normalmente. — Leda comandou, pegou sua maleta e acenou para ela. Saímos juntos do quarto, e ela franziu os olhos, indicando a mim que faria uma pergunta.

— Vai continuar com essa palhaçada?

— Não sei do que está falando. — Cruzei os braços e me fiz de desentendido.

— Faça-me o favor, Fernando. Acha que seus irmãos ou seu pai ficarão felizes sabendo que você pode sujar o nome da família ao pegar trinta anos de cadeia por sequestro e cárcere privado?

— Vai me denunciar?

— Você tem sorte que eu acho um desperdício manter você preso por mais de dez anos. Agradeça aos velhos tempos. — Leda se referia à época em que éramos amantes. Revirou os olhos para mim e virou-se para ir embora.

— Vai ao noivado do Andrey?

— Não conte comigo — respondeu rispidamente e foi embora. Eu estava pensando em levá-la, para impedir que meu pai fizesse cobranças. Estaria acompanhado de uma médica que ele conhecia e aprovava. Leda era um saco por prejudicar meus planos. Eu tinha que procurar outra mulher. Maria Clara jamais seria uma opção. Jamais.

Voltei para o quarto, e ela estava tentando se levantar da cama.

— Ei, ei. Aonde pensa que está indo?

— Eu não vou ficar no seu quarto.

— O caralho que não vai. — Peguei-a e a coloquei de volta na cama. — Sem picuinhas por hoje. Fica quietinha aí, pois amanhã seu castigo vem. — Maria Clara engoliu seco e me deixou cuidar dela, ajeitando-a na cama. — Vou pedir a Tereza para trazer um rango bom para ti.

— Não sabia que a criadagem dormia na cama do patrão — ironizou.

— Mero detalhe. Assim como eu também não costumo foder a criadagem. Sorria, você está sendo a primeira.

Saí do quarto rindo, a deixando ranger os dentes com raiva. Estava se recuperando rapidamente, já até rosnava.

15 | MARIA CLARA

Tudo tinha sido em vão. E, ainda por cima, quase morri. Por teimosia, tentei percorrer cada canto da fazenda procurando uma brecha para escapar, quando vi que não tinha jeito e voltei pelo pomar, as minhas forças acabaram, e eu tive que poupar energia para não perder mais glicose. Vi a noite chegando e só torcia para que alguém me resgatasse antes do Infernando chegar. Mas foi ele quem me resgatou. E seus olhos brilharam de uma emoção estranha quando me viu.

Eu decidi aceitar o jogo dele. Decidi parar de lutar por enquanto. Precisava falar com minha mãe, e teria que ser obediente para ele me dar esse direito.

Quando Fernando voltou, eu estava saindo do banho. Eu precisava me refrescar, e uma chuvaizada pareceu reacender meus ânimos. Enrolada em um roupão gigante dele, me sentei na cama, tentando ignorar seu olhar devorador. Era nítido como o homem estava louco de tesão por me ver saindo do banho. E, estranhamente, vê-lo salivar de vontade me fazia pegar fogo.

Tereza serviu o jantar na mesa de café na sacada. Fernando, ao longe, me observava como um lobo faminto.

Assim que Tereza saiu, ele veio até mim.

— Hoje, você está em recuperação. Mas amanhã, você pagará caro. Vou tomar um banho enquanto janta.

— Tome um banho gelado, querido. — Gargalhei, fazendo chacota com ele. Não disse nada, apenas bateu a porta do banheiro.

Eu me senti levemente vingada enquanto saboreava a comida. Mas praguejei mentalmente quando a porta do banheiro abriu e Fernando saiu enrolado em uma toalha. Era golpe baixo. Seu peitoral era uma obra de arte, e eu desejei lambar cada pedacinho do corpo dele.

Descansei o garfo no prato e fingi não dar importância. Mas ele já sabia que tinha sucesso em mexer comigo. Até sorriu brevemente e depois foi para o closet. Espiei de lado, e de onde eu estava, podia ver parcialmente o corpo dele refletido no grande espelho do closet.

Fernando tirou a toalha, ficando pelado. Estremeci ao ver o corpo musculoso e bronzeado. Ele vestiu uma calça de flanela e passou desodorante

nas axilas. Voltei a fingir que comia desinteressadamente quando ele retornou para o quarto.

— Vou resolver algumas coisas no escritório, quando eu voltar, quero te ver dormindo naquela cama — Fernando ordenou e ficou me olhando.

— O quê?

— Me responda adequadamente. — Cruzou os braços de modo autoritário.

— Como é que é?

— Sabe, Maria Clara, você tem andando muito relaxada, achando que pode tudo aqui. A partir de agora, deve saber que é minha subordinada e vai se referir a mim como senhor. Então quando eu ordenar uma coisa, é seu dever responder com: sim, senhor.

— Você é ridículo.

— O que disse? — Deu um passo em minha direção.

— O senhor é ridículo.

Os lábios dele se curvaram de leve, entendendo minha resposta como desafiadora.

— Você vai se acostumar. Vou treiná-la direitinho. — Virou-se e saiu. Mostrei o dedo do meio para suas costas e desabei os braços sobre a mesa. Olhei sem interesse para o pudim diet que Tereza preparou e levantei da mesa.

Eu nunca imaginaria que um dia alcançaria uma vida de luxo, mesmo sendo forçada a isso. Minha vida sempre foi repleta de lutas. Desde cedo, quando minha mãe recebeu o diagnóstico de fibromialgia e teve que ser afastada do emprego, eu, como filha mais velha, me vi na obrigação de tomar atitudes. Meu pai sempre foi um encostado que pedia dinheiro para beber. Não adiantava quantas vezes eu brigava ou quantas vezes o aconselhava a se tratar. Eu me surpreendi ao saber que Fernando conseguiu interná-lo; será que ameaçou meu pai? Seria a única forma de fazê-lo aceitar o tratamento.

Quando Eliana e eu abrimos a pequena empresa de decorações de festa, imaginava apenas criar aniversários pequenos, casamentos simples, batizados, nada com grande proporção nacional, como era o casamento de um herdeiro Capello.

Saí do quarto de Fernando e fui ao meu, trocar de roupa. Enquanto olhava o closet repleto de peças novas, pensei no meu erro de ter superfaturado

as contas do casamento. Eu agi com desespero, não medindo as consequências. Usei minhas táticas de ladroagem para tentar me dar bem.

Eu jamais romantizaria um sequestro, mas estava longe de parecer algo doloroso.

Tirei uma camisola do plástico, arranquei a etiqueta após comprovar o tamanho e vesti. Eu deveria agradecê-lo por querer apenas uma putinha de estimação que ele poderia domar e usar quando bem entendesse. Dei de ombros e voltei para o quarto dele, pensando que não era tão ruim ser uma escrava sexual justamente do homem que eu desejei loucamente quando era noivo de minha amiga.

E nem vou ser hipócrita, o fato de ele ser muito gostoso, bonito e rico ajuda, sim, a tornar o processo mais saboroso. Ser uma mulher sequestrada passiva e obediente é muito mais fácil quando o carcereiro é um homem tão cheiroso, másculo e delicioso.

Rindo, me deitei na cama dele e esperei o sono chegar.

Acordei sozinha na grande cama. Pude ver a luz do dia pelas frestas das cortinas fechadas. Eu ainda tinha o cheiro de Fernando como companhia. Rolei para o outro lado e abracei o travesseiro do homem que eu queria esmurrar.

Fernando chegou bem mais tarde e se deitou ao meu lado. Na madrugada, me vi enrolada ao corpo dele e me perguntei quem tinha ido ao encontro de quem durante o sono. Não fiz questão de me afastar, apenas voltei a dormir, sentindo os braços fortes me enlaçando.

Tomei uma ducha, fiz uma aplicação de insulina e após escolher uma roupa nova e um penteado arrumadinho, desci para tomar café. Eu parecia uma professora do primário, usando óculos e com os cabelos presos no alto da cabeça.

Laerte estava numa boa, sentado no sofá, lendo um jornal, caracterizado como um vaqueiro que ele era. Botas, camisa quadriculada, jeans com um cinto de fivela enorme e o chapéu do lado, no sofá. Na testa, um curativo, possivelmente da queda do cavalo. Ele era um homem charmoso, de aproximadamente quarenta anos, com feições duras e másculas.

Nem cumprimentei, fui direto para a sala de jantar. A mesa estava repleta, mas não tinha ninguém. Eu me sentei, e Tereza apareceu.

— Maria Clara, como está? Sente-se melhor?

— Sim. Bem melhor. — Ela serviu café para mim e cortou uma fatia de bolo.

— Fiz esse bolo para você. É de cenoura, usei adoçante em pó.

— Obrigada. — Ela assentiu e caminhou para a cozinha. Eu me vi envergonhada, devia a ela um pedido de desculpas. Tereza não tinha culpa de trabalhar para o tihoso. — Tereza — chamei. — Me desculpe por ontem. Eu fiz sem pensar...

— Estou mais chateada por ter colocado sua saúde em risco.

— Eu sei. Desculpe.

— Está desculpada. — Deu um sorriso sincero. — Fernando te espera no celeiro, ele quer te levar para conhecer o território. Laerte te acompanhará até lá.

— Sim, obrigada.

Comi bastante, provei cada coisa na mesa. Tereza era uma excelente cozinheira, e me questionei se ela era alguém da família de Fernando ou só empregada mesmo; era a única que não se referia a ele como “senhor”.

Assim que cheguei na sala, Laerte ficou de pé.

— Está pronta, senhorita Maria Clara?

— Sim, estou pronta. Devo vestir alguma roupa apropriada?

Ele passou os olhos pela minha calça jeans.

— Não é necessário.

Caminhamos para fora da casa. Devia ser pouco mais de oito da manhã. O sol atingia uma temperatura muito agradável, que se misturava com o vento fresco da manhã. Maranhão tinha uma temperatura geralmente quente, e era comum a gente sentir frio quando atingia os vinte graus, pois já éramos acostumados com muito calor. São Luís era ainda mais fresco por causa da brisa do mar. Naquela manhã estava especialmente gostoso. Sol e vento fresco era uma combinação perfeita para cavalgar pelas planícies da propriedade de Fernando.

Laerte me deixou na porta do celeiro, pegou na ponta do chapéu, se despedindo de mim, e foi embora. Empurrei a porta e entrei.

— Oi. Fernando? — O lugar era claro. Tinha vitrais acima, quase no teto, por onde entrava a luz. Era gigantesco, com dezenas de fardos de feno amontoados. — Fernando? — Dei mais um passo para dentro e, para meu horror, me deparei com uma maleta preta colocada em um fardo de feno. Nem precisava olhar duas vezes para saber que era a maleta da maldade dele. Se ela estava ali, era porque ele devia...

Virei para correr, mas a porta bateu com um estrondo e Fernando sorriu maliciosamente. Só de jeans, botas e chapéu de vaqueiro.

— Pronta para aprender a cavalgar, Maria Clara?

16 | FERNANDO

— O que vai fazer? — Maria Clara questionou com a voz trêmula, sem conseguir tirar os olhos do meu peito nu. Apesar de amedrontada, estava começando a se excitar pela expectativa, sem saber o que viria. Sorri, tranquei a porta com cadeado e caminhei até a maleta.

— Fernando, por favor, eu já pedi desculpas à Tereza — ela implorou, vindo até mim. De costas, abri a maleta e observei cada um dos apetrechos. Eu tinha acordado inspirado, era dia de treinamento.

— Eu fiquei muito furioso com o seu tratamento a ela e com a sua falta de respeito.

— Foi culpa sua — Maria Clara me acusou.

— Minha? Eu te deixei quietinha, bem comida, descansando, como uma princesa. — Escolhi um plug anal e o analisei. — Não tinha necessidade de tentar fugir.

— Vai me punir?

— Não veria isso como punição, Maria Clara. Seja boazinha e tire a roupa para mim.

— O quê? Tirar a roupa aqui? O que vai fazer?

— Você é esperta, deve imaginar.

— Homem do cão! — Ela me deu um soco nas costas. — Não vê que estamos em um lugar que alguém pode nos flagrar?

Eu me virei abruptamente para ela e semicerrei os olhos.

— A porta está trancada. Tire a roupa.

— O que... vai fazer?

— Vou te foder no feno. E acabo de decidir que vai levar umas palmadas e ainda ser algemada. — Cruzei os braços na frente do peito, a encarando. — Se esqueceu que não está em posição de pedir? Você me roubou, e meu dinheiro está custeando tratamento para seus pais e sustentando seu irmão. Vamos, estou esperando. — Ela prendeu o lábio nos dentes e, chocada, olhou para minha calça, que já estava estufada pelo meu pau impaciente.

Maria Clara levantou o queixo, se mostrando corajosa e me fazendo tremer mais ainda de desejo.

— Vai ter troco — prometeu e calmamente desabotoou a camisa e retirou a calça jeans. Suprimi um gemido. Minhas bolas estavam apertadas, parecia que armazenavam meio litro de porra cada uma.

Ficando só de calcinha e sutiã, ela não tentou tampar os seios. Soltou os cabelos curtos e os agitou, deixando-a muito gostosa somente de óculos e lingerie. A mulher madura e sexy que eu desejei desde o primeiro momento. Maria Clara me olhava como uma gata selvagem.

Caminhei até ela e envolvi minha mão em seus cabelos. Eles cheiravam a algum tipo de produto feminino. De olhos fechados, passei meu nariz por seu pescoço, subi pelo queixo e puxei os cabelos para levantar seu rosto.

— Nunca desejei tanto comer uma mulher, Maria Clara.

Ela suspirou e cravou seus olhos nos meus. Abriu a boca, para retrucar, mas eu a cobri com meus lábios, em um beijo possessivo, controlado por mim. Maria Clara aceitou de imediato e apertou seus dedos em meus braços. Afastei minha boca, segurando no queixo dela, e mordi seu lábio, sugando-o devagar.

Meu sorriso fez suas bochechas corarem, e isso foi gracioso de assistir. Maria Clara não queria demonstrar o quanto sentia tesão por mim, entretanto, para o desgosto dela, seu corpo foi traçoeiro. Soltei seu queixo, percorri minha mão por seu abdômen e invadi sua calcinha. As unhas de Maria Clara se apertaram em meu peito, e seus olhos atingiram um tom de puro fogo. Pronta para mim. Eu a acariciei demoradamente, fazendo-a se ensopar de desejo e se contorcer pelo prazer acumulando.

— Relaxa... — sussurrei.

Abaixei novamente a cabeça, capturando os lábios dela, e a fiz gozar assim, beijando-a e brincando com seu clitóris, vez ou outra penetrando um dedo até o fim, circulando-o dentro e voltando à superfície.

Ela ainda estava trêmula pelo orgasmo quando eu a peguei, me sentei cuidadosamente sobre uma toalha que cobria um fardo de feno e tirei a calcinha. Estava ensopada. Maria Clara não tirava os olhos do meu corpo, e lambeu o lábio inferior quando olhou minha boca.

— O que foi? Deseja alguma coisa? — Eu ri, e ela corou.

Mas se recuperou imediatamente e sem que eu esperasse, puxou a minha fivela redonda para que pudesse me beijar de novo. Ela jamais iria exprimir em palavras o tesão que sentia, e eu pretendia cobrar dela mais tarde que verbalizasse sua atração por mim.

Deixei Maria Clara se satisfazer à vontade, segurando meus ombros e me beijando de maneira ensandecida. Quando se afastou, ofegante, seus olhos estavam anuviados e sua expressão, quase hipnotizada. Ela olhou para meu peito e me surpreendeu quando avançou, mordendo meu mamilo e passando a língua pelo meu tórax. Penteei os cabelos dela com meus dedos enquanto ela matava a curiosidade de provar o gosto da minha pele. Minha garota era uma boa aprendiz.

— Você sempre quis me lambar, né? — questionei, rindo, e ela fez uma pose de indiferença, empurrando o óculos no nariz.

— Perdeu seu tempo se está esperando um elogio.

Eu ri e fui até à maleta.

— O que vai fazer?

— Eu tenho necessidades, Maria Clara. E preciso te treinar para que você consiga satisfazê-las. — Peguei a algema, e ela arregalou os olhos. — Vire de costas para mim, Abacaxizinho.

Ela viu que não adiantava protestar e se virou de costas. Prendi seus pulsos atrás e acariciei sua bunda empinada. A primeira palmada a fez sobressaltar. Desabotoei seu sutiã, libertando os seios, e empurrei suas costas para que ela se deitasse sobre o feno, me dando total acesso ao seu traseiro.

Outra palmada, e seu corpo enrijeceu. Sorri de modo orgulhoso, sufocado de tesão, vendo a pele clara tomar um tom avermelhado. Outro tapa, e meu pau se contorceu. Eu queria fodê-la sem pressa, para saborear cada centímetro. Dei uma sucessão de cinco tapas, até fazê-la choramingar. Quando estava prestes a reclamar, acariciei sua boceta latejante e úmida, circulando o polegar.

— Isso... relaxa, meu bem... Veja como pode ganhar um carinho se for uma boa menina.

De olhos fechados, Maria Clara respirava pausadamente, mas começou a se inquietar enquanto meus dedos entravam e saíam de seu canal. Testei um dedo até o fim, depois inseri dois, com cuidado.

— Fernando... porraa!

— *Shhiu*. Sem palavrões. Quer o meu pau?

— Acaba de uma vez com isso...

Gargalhei, sem tirar o dedo de dentro dela.

— Está longe de terminar, minha menina rebelde. — Meti os dois dedos

e circulei devagar enquanto dava mais algumas palmadas, dessa vez, mais leves. Maria Clara estremeceu e gritou. Estava prestes a gozar de novo, o canal apertado se contraía em torno dos dedos. Então eu retirei.

— Caralho!!! — ela resmungou, esfregando as pernas, completamente desconfortável pela minha tortura erótica.

Na maleta, peguei o plug anal e o lubrificante.

— O que vai fazer com isso?

— Liberar todas as entradas.

— Se enfiar isso no meu cu, vai ter guerra nessa fazenda.

— Adoro uma guerra. Quietinha, não se mexa. O truque é relaxar para ficar gostoso.

— Fernando...

— Relaxa... fica calma. Eu fiz Leticia amar essa parte.

Acaricieei sua bunda e abri as bandas, revelando o ainda virgem ânus pequenino. Sorri, satisfeito em poder degustar cada parte dela. Maria Clara estava visivelmente nervosa, mas não se mexeu. Respirava com rapidez e mantinha os olhos fechados, bem apertados.

Passei lubrificante no meu dedo e na entrada dela e comecei a acariciá-la.

— Fique bem calminha. — Ela comprimiu a entrada, impedindo meu dedo, mas com uma forcinha a mais, eu o penetrei. Bem de leve, com facilidade após a primeira barreira.

Maria Clara se contorceu e gemeu baixinho.

— Isso. Bem devagar. Agora eu vou puxar e meter mais um pouco. Acostume-se com meu dedo. — Maria Clara apenas gemia e mexia-se de maneira inquieta. Tirei o dedo, limpei na toalha e peguei o plug anal. Ela se contorceu, sabendo o que viria. Eu escolhi o médio, sabia que ela daria conta. Joguei mais lubrificante e forcei na entrada.

— Não vai caber, Fernando. Tira isso de mim. — Tentou se levantar, mas eu empurrei suas costas.

— Relaxa — falei baixinho, perto do seu ouvido. — Prometo que será gostoso, eu não faria nada para te machucar. — Beijei suas costas e fiz uma breve carícia na bunda.

— Está me partindo ao meio... puta que pariu!

— Não está — disse carinhosamente. — É só um brinquedo, e foi feito para esse propósito. Relaxe, não tente resistir.

Voltei a forçar com delicadeza e, dessa vez, conseguir colocar todo o plug dentro. Tirei e empurrei novamente, observando o buraquinho aderir ao tamanho do objeto, se adequando à invasão. Empurrei de novo, repetindo esse movimento sem dar trégua. Ela gemia, apertando os dedos, com as mãos presas.

— Isso. Em breve, estará prontinha para receber meu pau.

— Cu tem que ser conquistado, porra! — ela berrou

— Não aqui na minha fazenda.

Deixei o plug dentro dela e a abracei por trás, tocando seus seios sensíveis. Estavam durinhos, implorando para serem manipulados.

— Ah... merda! — choramingou quando minha mão alcançou sua boceta. Eu estava beijando sua nuca, massageando os seios, e agora, dando um trato no clitóris inchado. Maria Clara estava pronta para mais um orgasmo. Mas eu não o permiti chegar; não até que fôssemos juntos ao encontro do clímax.

Abaixei minha calça e empurrei as costas dela com bastante gentileza. Podia parecer bruto o fato de comê-la amarrada, mas eu jamais a machucaria ou marcaria sua pele sedosa.

Meu pau estava todo babado e tão duro, que eu quase podia afirmar que as veias explodiriam. Pincelei sua vagina, fazendo ela responder ao meu toque, latejando sem parar. E quando meti de uma única vez toda minha potência robusta, Maria Clara ergueu-se, gritando.

— Puta merda!

— Sem palavrões! — Em vez de um tapa, afaguei sua bunda. Meu pau todo metido, tão apertado por causa do plug anal. Deixei ela vibrar de maneira enlouquecida com os dois buracos preenchidos, totalmente recheada. Maria Clara esfregava um pé no outro, clamando por movimento, e coube a mim mantê-la deitada. Então puxei meu quadril lentamente, trazendo meu pau para fora; deixei apenas a cabeça redonda e grande acariciando sua entrada e meti outra vez.

— Porra...! Isso...

— Isso?

— Vai logo, cacete!

— Está gostoso?

— Você sabe que sim, Inferno!

Gargalhei e joguei meu quadril para frente, segurei sua bunda e, com deliciosas metidas rítmicas, comecei comendo-a fortemente, até que o orgasmo a fez convulsionar com belos gemidos de gratidão por ter alcançado a portinha do paraíso, e lá se foi o segundo orgasmo. Quando tirei meu pau de dentro dela, Maria Clara estava de olhos virados.

Puxei-a para meus braços, e ela descansou a testa em meu peito.

— Tudo bem? — Tirei os cabelos dos seus olhos e consertei seus óculos.

Como resposta, ela avançou e abocanhou minha boca. Eu a beijei vorazmente, até que ela estivesse pronta para me levar ao prazer.

Soltei os braços de Maria Clara da algema, tirei as minhas botas e calça e me sentei em um monte de feno. Em seguida, a puxei para mim. Com os olhos turvados de prazer, Maria Clara aceitou meu comando, se sentou sobre mim e deslizou, cobrindo meu pau com seu interior quente e apertado.

— Cavalgue, querida. Cavalgue no seu peão.

E ela não protestou. Segurou nos meus ombros e definiu o tom, subindo e descendo, engolindo meu pau tão esticado e grosso, como nunca esteve, que abria espaço enquanto o plug permanecia no ânus.

Eu a abracei e chupei seus seios enquanto ela recebia doses cavалares de prazer gerado pelas estocadas fortes e fundas que eu providenciava. Gozamos juntos, e dessa vez, senti a deliciosa sensação de preenchê-la com meu leite, deslizando um pouco mais lentamente até ela soluçar de prazer e chegar ao terceiro orgasmo. Enquanto Maria Clara me apertava com força, eu a olhava com satisfação. Esse era apenas o início de tudo.

17 | MARIA CLARA

Eu não sei quanto tempo fiquei abraçada a ele, sentada em seu colo esperando o coração acalmar. Eu tinha gozado três vezes e estava exausta. E mesmo assim o cheiro dele e o contato com sua pele quente e suada fazia tudo em mim se acender novamente. Não era humana essa minha predisposição a querer ser tocada por ele quase obsessivamente.

Fernando me tirou de seu colo e parecia saber como eu estava mole de tanto prazer gerado. Ele me deitou na cama improvisada de feno, tirou o plug de dentro de mim e jogou em uma lata próxima. Não sabia se era descartável ou ele viria depois pegar e limpar.

Ele tinha uma pequena pilha de toalhas fofas e limpas por perto. Passou uma no rosto e peito, e jogou na lata que tinha descartado o plug. Pegou outra toalha e me limpou calmamente. Assim que terminou, seus lábios se curvaram de lado levemente.

— Vista-se, vamos nos refrescar.

Eu vesti apenas a calça jeans e o sutiã. Ele me impediu de vestir a blusa, assim como vestiu apenas o jeans e, descalço, seguiu comigo para a área da piscina.

Fernando passou o braço no meu ombro, me puxando para junto dele, enquanto subíamos rumo à mansão. Adorei o contato com seu corpo forte, mas me mantive travada, com um pouco de receio. Quem nos visse, saberia o que estávamos fazendo.

— Não se preocupe. Pedi para que não se aproximassem da piscina nesse horário. — Ele pareceu perceber minha aflição com medo de sermos flagrados.

— Tem muitos empregados? — questionei.

— Duzentos e oitenta e quatro.

— O quê? — Levantei os olhos para ele, mas Fernando não me deixou parar de caminhar.

— A fazenda é grande e conta com rodízios de pões. Alguns moram aqui. Naquela região — apontou para um lado distante — ficam as casas das famílias que trabalham para mim. A Tereza é uma delas, mora aqui há anos com a família. Laerte é filho dela. — Assenti, surpresa com essa informação — Ainda tenho seguranças, veterinários, motoristas, ordenhadores... É daqui que sai todo

o leite usado na fábrica Capello.

— Sério? Você, então, cuida da maior parte...

— Ainda não. Mas vou chegar lá. A vice-presidência da empresa é meu foco.

— A Leticia me contou que o Miguel é o atual vice-presidente. Por que ele, e não você?

— Vamos mudar de assunto? Venha tomar uma ducha comigo, antes de nadarmos um pouco. — Não me chocou o fato de ele não querer me deixar a par dos problemas de sua família. Eu não era ninguém importante para ele e não fazia sentido que ele desabafasse.

Chegamos na gigantesca área da piscina. Havia uma parte coberta com uma ducha e foi para lá que Fernando me conduziu.

— Tire o jeans, Maria Clara — ordenou e fez o mesmo diante do meu olhar curioso para seus movimentos firmes.

— É um lugar muito grande para alguém que mora sozinho — observei.

— Costumo receber meus irmãos aqui nos fins de semana. Apesar de comandar a fazenda, a propriedade pertence à família, e não apenas a mim. — Fernando ligou a ducha, veio até mim, retirou meus óculos, colocando-os junto com nossas roupas em um estrado de madeira, e me levou gentilmente para debaixo da água.

Era incrível como ele usava de gentileza comigo ao contrário do que eu achei que ele faria: que seria rude e até me machucaria.

— O que foi? — Ele me flagrou olhando-o atentamente.

— Você... eu achei que você... fosse me machucar.

— E por que eu faria isso?

— Eu te roubei... — Dei de ombros.

— Isso não me devolveria o dinheiro, Maria Clara. Você está sob meus cuidados e vou te tratar bem. Como eu disse, quero foder uma mulher feliz e bem servida, e não um zumbi com olhar triste.

Foi inevitável o sorriso. Eu quase quis me render totalmente e deixar ele tomar as rédeas de tudo. Mas essa não seria uma queda de braço fácil. Eu era teimosa, e meu orgulho estava ferido pela privação de liberdade. Por mais que fosse delicioso estar com ele, não iria facilitar sua vida.

Fernando começou a ensaboar meu corpo, com o olhar concentrado enquanto percorria as mãos másculas por cada parte de mim. Não era normal estar em chamas sendo que minha vagina ainda pulsava dolorida pelo sexo tórrido. Entretanto meu corpo não entendia regras e já estava pegando fogo por ele.

Ele soube que seu toque me afetava e sorriu no processo de me ensaboar e deslizar as mãos pela minha bunda e seios. Quando terminou, tirou a cueca e me entregou o sabonete líquido.

— Sua vez.

— O quê? — Eu estava tensa olhando para os lados, com medo de alguém ver o patrão pelado. Somente eu podia vê-lo pelado.

— Quero que lave meu corpo, Maria Clara.

Ora essa. Não precisava pedir duas vezes.

Eu era tão safada por estar doida para lavar o corpão do meu carcereiro.

Despejei sabonete líquido na esponja e comecei esfregando o abdômen duro e ondulado pelos músculos bem confeccionados. Fernando era grande e viril, tinha um olhar perigoso e debochado ao mesmo tempo, além da boca, que era uma perdição. Molhado, então, era um espetáculo.

Esfreguei seu pescoço, as costas, a bunda e abaixei para lavar as coxas musculosas. Deixei a esponja de lado e passei minha mão sob seu peitoral, descendo pela barriga e chegando a virilha. Parei.

— Ele faz parte do meu corpo. Lave-o — ordenou com seu costumeiro sorriso matreiro.

Minha mão se fechou em torno de seu pênis em estado relaxado, nem mole, nem duro. Tão grande e macio... Eu queria ficar por horas apertando-o. Sem controle dos meus atos, me excitei com ele crescendo em minha mão e, tomada pelo momento, beijei o peito molhado de Fernando. Ele gemeu de olhos fechados, mordendo o lábio ao mesmo tempo. Continuei friccionando o pau, fascinada com o tesão que eu provocava, até ele me empurrar de leve.

— Sei que está louca por mim, mas deixaremos isso para mais tarde. — Sem se importar com minha expressão abruptamente carregada, ele se enxaguou e pulou pelado na piscina, me deixando desnorteada de surpresa.

— Entre, Maria Clara. Ninguém vai aparecer.

Olhei para os lados, mesmo estando de sutiã e calcinha, eu estava tensa. Prefери sentar na beira da piscina com os pés dentro da água.

Fernando nadou de um lado para o outro, me dando uma bela visão de sua bunda máscula. Ele se mexia como um peixe, um tubarão, na verdade, tão perigoso e sexy, como se atraísse pobres inocentes para serem devoradas. Soprei efusivamente.

Depois, veio até mim, descansado os braços na beirada.

— Me diga uma coisa, como ia escapar da Receita Federal por ter tanto dinheiro na conta sem conseguir provar a origem?

Eu só tinha lembrado disso depois que já havia roubado. E com certeza, ainda precisava provar de onde eu tinha tirado os oitocentos mil.

— Não sei. — Dei de ombros.

— Acho que vai precisar de mim para se safar dessa. — Ele jogou a isca. Olhei para ele de cenho franzido.

— E vai me ajudar?

— Você precisa merecer. Talvez eu diga que lhe fiz uma doação... Franco pode ajeitar os papéis. Será tudo legal diante da lei.

— E o que quer de mim?

— Obediência. Vai assinar o documento que eu havia mencionado, se colocando como minha funcionária, só mesmo por questões legais, para eu poder te ferrar no tribunal caso tente fugir daqui.

— Você fala isso com essa cara de pau?

— Estou sendo honesto. Venha aqui.

— Nããoo... — Nem tive tempo de terminar a negação. Ele me puxou pelos braços e caí dentro da água. Surpreendentemente estava morna. Saí na superfície, tirando a água do rosto. — Você é louco. — Dei um tapa no braço dele. Fernando me abraçou gostosamente, sorrindo como um completo imbecil.

— A água está uma delícia, pare de birra. — Terminou de falar e capturou meus lábios em um beijo quente.

— Babaca. — Suspirei e me entreguei prontamente, abraçando-o de volta dentro da água, sentindo seu corpo nu junto ao meu.

18 | MARIA CLARA

No dia seguinte, depois do almoço, Fernando precisou sair, e eu fui dormir um pouco. Quando acordei, Tereza tinha preparado um lanche leve, para eu não ficar de estômago vazio. Falou que Fernando tinha deixado explícito que eu deveria me alimentar de duas em duas horas.

Na cozinha, enquanto comia biscoitos com chá, ela decidiu me mostrar como fazer um bolo gostoso usando adoçante em pó.

— Sempre que tentei fazer, ficou amargo. — De pé, ao lado da bancada, eu a olhava fazer todos os processos com delicadeza.

— Você tem que usar o adoçante próprio para bolo — ela disse enquanto colocava os ingredientes na batedeira. — Não acho boa ideia colocar esses adoçantes líquidos.

— Ah, entendi. Sabe, Tereza, eu pretendia abrir uma loja de bolos.

— E por que não fez?

— Como não sabia preparar, abri uma empresa de eventos, em sociedade com uma amiga.

— Era seu primeiro evento? O casamento do Fernando?

— Grandioso, sim. Mas eu já estava há um ano no mercado, fazendo eventos pequenos. Aniversários, noivados...

— Menina. — Ligou a batedeira e me olhou. — Por que você fez uma coisa dessa? Roubar justo o Fernando?

— Eu agi sem pensar. — De olhos baixos, dei de ombros. — Hoje me arrependo, entretanto minha família está bem cuidada, aí fico tranquila. Com Fernando, eu me resolvo. Ele te contou que eu o roubei?

— Você não viu como ele ficou furioso aquele dia. Eu me escondi com medo. Franco me contou o motivo dos gritos quando veio buscar água para o patrão, que estava surtado.

— É? Minha nossa...

— Demais. Ele praticamente quebrou o escritório todo ao saber que você o tinha roubado e fugido daqui da fazenda no carro dos jardineiros.

Gargalhei imaginando a cena. Eu queria muito ter visto o exato momento em que ele descobriu que tinha sido passado para trás.

— Não ria. O caso é sério — Tereza me repreendeu, tentando não rir também. — Vocês estão juntos, não é?

— Mais ou menos.

— Você é de longe a melhor que já pisou aqui. E olha que ele já trouxe várias. — Ouvir isso me incomodou demais. Puta que pariu! Era ciúme maciço que tomou meu peito. Observei Tereza mexer na batedeira e depois voltar a me encarar. — A Leticia, por exemplo, era uma mimada que me destratava e fazia fofoca para ele. Na época, quase dez peões foram demitidos.

— Por quê?

— Eu não posso dizer o que não sei. Mas nunca tantos peões foram expulsos, e o mais intrigante é que eram justamente os mais apresentáveis, moços, fortes e que viviam ensinando-a a cavalgar.

— Sério? Eu quase posso colocar minha mão no fogo por ela. Leticia sempre foi uma boa amiga para mim. Era trabalhadora, uma boa filha e sempre dava exemplo na escola. Eu a conheço desde quando estudávamos juntas. Eu acho que você está enganada, Tereza.

— Se você está falando...

— Além do mais, ela já está em outro estado, morando com outro cara. Ela seguiu a vida dela.

— Sim. Graças a Deus.

— Oi, vocês. — Olhamos juntas para a entrada da cozinha, onde Fernando estava. Eu me perguntei há quando tempo ele estava ali ouvindo. Pelo sorriso, acho que não muito. — Quero falar com você. — Estendeu a mão para mim. Era impressionante como um jeans ficava tão bem nele, suas pernas grossas em evidência, e o cinto com fivela grande dava um ar rústico e erótico.

— Mais tarde chamo vocês para um café fortificado — Tereza disse, e eu saí caminhando até Fernando. Ele segurou minha mão e me levou ao escritório.

— Sente-se aí. — Apontou a cadeira que um dia eu estive sentada, sendo analisada pelos olhos vorazes dele.

Fernando abriu um armário, pegou algo em um saco preto e despejou na minha frente.

— Minha bolsa! — exclamei, sorridente. Ela estava na lanchonete de São

Paulo, com certeza ele tinha mandado alguém buscar. Fui com intenção de agarrá-la, mas ele tirou de perto.

— Não. Não é assim que a banda toca.

— O quê?

— Assina nosso contrato, e terá tanta liberdade que poderá até ter sua bolsa com documentos e telefone. Pode ligar para sua mãe, seu irmão... o que acha?

— Me dá logo essa porra de contrato.

— Olha a boca! — vociferou de cara feia. — O que eu te falei sobre se referir a mim com palavrões? Vou ter que encher sua bunda de palmadas com um plug enfiado para você aprender?

— Me desculpe. Força do hábito.

— Você vai ter que mudar esse hábito. — Fernando empurrou para mim um envelope. Eu nem li. Alcancei a caneta e assinei as três vias.

— Nem leu? — Fernando ficou perplexo com minha bravura. Ou burrice.

— O que vai adiantar? O senhor todo poderoso vai me dar oportunidade de debater e mudar as cláusulas?

— Não. Você já entendeu como as coisas funcionam. — Pegou as vias, colocou no envelope e guardou no cofre. — A partir de hoje, seu salário será semanal. Um valor de mil reais, mas não receberá nada, porque está trabalhando para pagar o que roubou. No contrato diz isso, ou seja, você acabou de assinar um documento em que você afirma estar ciente de que por ter me roubado, deve me pagar com serviços.

— Merda.

— Tudo que eu disser, de agora em diante, não é mais somente uma ordem, é parte de um contrato assinado. Tem que fazer. Como, por exemplo, correr todas as manhãs comigo.

— Por que esse tipo de coisa?

— Porque eu quero. — Pegou minha bolsa e estendeu para mim. — Segure. — Eu obedeci. Fernando ficou de pé, rodeou a mesa, me fez ficar de pé também e me tomou nos braços. — Suba em mim, Maria Clara — pediu com a voz esbaldando luxúria. Eu já sabia para onde ele ia me levar. Abracei seu pescoço, ele me levantou, apoiando minha bunda, e então minhas pernas

envolveram sua cintura.

O cheiro de Fernando me dominou, e eu me entreguei a seu beijo possessivo.

— Vamos para o quarto agora. Preciso te comer para selar nosso acordo.
— Saiu do escritório comigo, subiu as escadas e entrou em seu quarto, me jogando na cama grande. Para meu deleite, começou a tirar a roupa bem na minha frente.

Eu já estava quente de desejo por ele, esperando-o ansiosamente.

Mais tarde, Fernando foi para o escritório, e eu fiquei sozinha com minha bolsa. Imediatamente peguei o celular, coloquei para carregar e fiquei chocada com o tanto de chamadas não atendidas. A maioria de Leticia. Minha mãe havia ligado apenas duas vezes. Apenas elas duas tinham esse número, e antes de retornar para minha mãe, toquei no número de Leticia e esperei chamar.

Ela atendeu prontamente.

— Maria Clara! Pelo amor de Deus! Onde se meteu? Eu precisei de você, precisei desabafar...

— Menina, nem te conto. — Sentei no chão, perto da tomada onde o celular carregava. — Fernando me sequestrou.

— O quê? — ela berrou do outro lado. Eu dei risada do pânico dela. — Como assim, Maria Clara?

— Bom, ele conseguiu me encontrar... me trouxe para a fazenda, e agora estou aqui, sendo a amante de estimação dele. — Não que isso fosse algo ruim. Relembrei de nosso momento ainda há pouco, no quarto dele, e meu corpo clamou pelo toque masculino. Eu estava viciadíssima.

— Meu Deus, amiga! E agora?

— Bom, não quero que conte para ninguém. Isso fica entre a gente, tudo bem? — Eu estava feliz por ter de volta alguém para ouvir meus lamentos.

— Sim, claro.

— Vou esperar o tempo que ele estipulou para nosso acordo. Ele disse que é a forma de eu pagar o dinheiro. Estarei disponível para satisfazê-lo.

Fernando é muito ativo e muito viril, você já sabe disso. Acabamos de fazer sexo no quarto, e ele me deu dois orgasmos, e ontem de manhã, já tinha me dado três no celeiro. Me fez ensaboar seu corpo e nos banhamos juntos na piscina.

— Vocês dois... se banharam na piscina? — Leticia estava chocada.

— Sim. Ele me puxou para a água e me fez nadar com ele. — Acabei rindo enquanto lembrava do momento. Eu estava mesmo louca pelo Infernando.

— Eu sinto muito, amiga.

— Eu estou bem. Muito bem na verdade. Ele me trata bem, estou em um quarto ótimo e já dormimos juntos...

— Como é que é? Vocês... no quarto dele? Ele te deixou dormir na cama dele?

— Sim. Não era assim com você?

— Não. De jeito nenhum. Toda vez que eu ia visitá-lo, sempre ficava no quarto de hóspedes. Fernando era distante e rabugento. Sempre.

— Estamos falando do mesmo homem? Esse que está me mantendo prisioneira é debochado, gostoso... safado demais.

— Tá, já entendi — ela me interrompeu. — Não tentou fugir?

— Tentei, mas é impossível. Ele está ajudando minha família, então vou ficar por aqui mesmo, sendo a amante do fazendeiro...

— A putinha dele, você quer dizer, não é? — O tom dela ficou rude inesperadamente. — Acorde, Maria Clara! Esse homem está te usando. — Concluí que Leticia estava magoada por me ver tão passiva, sem lutar.

— Eu já sei disso, Leticia. Já sou adulta para entender que não estou em um conto de fadas. — Decidi que não queria mais falar sobre Fernando. — Bom, mas me conte, o que queria desabafar comigo?

— Nada... nada de mais. — Ela soprou pesadamente. — Apenas queria bater papo. Quer que eu vá te ver?

— Claro que não. Você não seria bem-vinda. Mas pode me ligar quando quiser. Estava morrendo de saudades, amiga.

— Eu também, amiga. Muitas saudades.

Leticia me contou como estava sua nova vida com o ex-peão de Fernando. Dizia estar bem feliz, porém, apesar de afirmar isso, não foi o que mostrou sua voz. Eu forcei para que ela me contasse a verdade, mas Leticia

reforçou que estava mesmo tudo bem. Quando ela desligou, eu pulei para a cama e, deitada, pensei sobre nossa conversa.

Eu teria sido insensível de ter contado a ela que estou ficando com seu ex-noivo? Ela não o queria mais, então não vi problema nisso. Todavia minha consciência pesou por ter contado do sequestro.

A porta se abriu, e ele entrou.

Pensando no diabo...

— Quer ver uma coisa legal agora no fim de tarde?

— O senhor dos senhores me perguntando se eu quero? Novidade, isso.

Fernando riu e veio até a cama.

— Seu deboche é tocante. Trabalhar está sendo um saco quando na verdade eu queria estar fazendo outras coisas. — Tocou no meu seio. Eu mantive meu olhar no dele. — Quer me acompanhar?

Olhei para o celular e deixei a ligação para minha mãe para depois.

— Já que estou com tempo livre na agenda... — eu falei e me levantei da cama. Fernando segurou minha mão e me levou para fora do quarto. — Para onde vamos?

— Você verá.

19 | FERNANDO

Sáímos da mansão com o sol quase se pondo. Alguns peões voltavam para suas casas. Lá ao longe passavam os vaqueiros conduzindo um pequeno rebanho de novilhas, e um caminhão com carregamento de leite, que eu tinha acabado de despachar no escritório, estava chegando no portão já aberto. O dia de trabalho estava findando para amanhã recomeçar tudo novamente.

— Tarde, patrão — um grupo de cinco peões me cumprimentou. Olharam para Maria Clara e repetiram respeitosamente o cumprimento: — Tarde, senhorita — disseram.

— Tenham uma boa noite — eu disse e passei o braço no ombro de Maria Clara, conduzindo-a para a estrada principal. — Ficou olhando para os peões, Maria Clara? — Eu percebi o olhar deles, e ela ficou curiosa observando os cinco. Isso me deixou nervoso, pois me remetia ao pé na bunda que ganhei de Leticia. Todavia, com Maria Clara, o sentimento de posse era sufocante.

— Claro que não.

— Não precisa mentir. Só quero que saiba que se for se engraçar com um deles, a coisa vai ficar muito feia para os dois. — Ela parou de andar abruptamente.

— Está me achando com cara de piranha?

— Não. Mas a carne é fraca. Olha a Leticia, por exemplo, parecia uma santa e...

— Não quero que me compare a ela. — Apontou um dedo pra mim — Eu não vou sair por aí ficando com qualquer macho. Já me basta um para ter que suportar. Mais do que isso é cruz pesada demais. — Eu ri e segurei a mão dela, tranquilo com sua defesa. Maria Clara era impulsiva, mas era segura de si e sabia o que queria. No momento, ela queria apenas a mim, e isso devia me acalmar.

Andamos mais um pouco, atravessamos o caminho que levava ao portão, e passei pelos celeiros, pegando uma estrada que dava para os currais. Era gigantesco o lugar, e o pasto sumia a perder de vista. O sol prestes a se pôr no topo da serra verde dava uma coloração bonita para tudo ao redor.

— Isso é tudo propriedade sua?

— Tudo da Capello.

Abri a porteira, Maria Clara passou, e fechei novamente. Segurei na mão

dela e a conduzi pelo caminho marcado com casco do gado, anunciando que eles já tinham passado por ali, até chegarmos ao grande lago atrás dos juazeiros.

— Uau! Que lindo, Fernando.

O lago era abastecido por uma nascente que vinha da serra e que, por agilidade do meu pai, estava nas nossas terras; uma nascente só da Capello. Era um espetáculo da natureza. Sua água refletia toda a beleza natural ao redor. O verde das árvores, o dourado do sol, era um espetáculo exuberante ver o sol se pôr daquele ponto.

Eu me sentei na grama, perto do lago, e bati do lado para Maria Clara se acomodar.

— Sente-se aqui.

Maria Clara obedeceu e olhou para o alto, onde o céu começava a ganhar um tom avermelhado.

— Tem memórias de sua infância aqui? — ela questionou, sorrindo, curiosa com minha vida.

Meneei o pescoço e joguei uma pedrinha no lago, fazendo-a pular sobre a água.

— Não tecnicamente. Quando vim para cá com meu pai, eu já tinha quinze anos. Eu não queria vir...

— Hum rum... — Maria Clara murmurou, mas continuou me olhando, em dúvida sobre o que eu acabara de dizer.

Encarei Maria Clara, nossos olhares cravados. Ela era uma mulher forte e muito determinada. Isso transparecia em sua expressão, e acho que foi isso que fez surgir em mim aquela atração tão forte. Joguei outra pedra no lago e, sem olhar para ela, falei:

— Minha mãe largou nosso pai quando éramos muito pequenos e depois se casou com outro cara. Não tivemos bons momentos na infância. Quando meu pai interferiu... bom, dois dos meus irmãos já estavam danificados demais... — As palavras entalaram em minha garganta ao lembrar o que eles viveram. — E, mesmo assim, ele conseguiu a guarda apenas dos dois mais velhos. Eu e Andrey. Os três mais novos ficaram com minha mãe... É isso.

— Que bom que hoje vocês superaram. — Ela tocou na minha perna.

— Sim... — Dei um sorriso e apertei a mão dela sobre a minha calça. — E você? Conte aí alguma coisa sobre você.

— Algo que você ainda não saiba pela investigação?

— Sim.

— Não tem muita coisa. Meus pais estão juntos desde que se casaram, mas ele é alcoólatra, e minha mãe sustentou a casa por muito tempo.

— A pobreza te fez roubar?

— Não tanto. Acho que a vontade de ser o que eu não podia. Eu roubava lojas, supermercados... era mais por capricho. Quando decidi te roubar... teve um motivo.

— Sua família — adiantei.

— Sim. Apenas esse. Eu estava em pânico, imaginando que podia ficar mal falada pelo cancelamento do casamento, e estava pagando as parcelas da hipoteca. O que seria deles se perdessem a casa? Teriam que morar de aluguel com a aposentadoria de minha mãe. Era impossível, uma vez que ela precisa de tratamento.

— Então usou o caminho mais curto.

Maria Clara tirou os olhos da água e me fitou.

— Sei que roubar não é a justificativa, nunca é. Mas eu fiz. É isso. — Catou uma pedrinha e jogou na água. Não teve o mesmo efeito que eu consegui, quicando sobre a água. Ficamos calados ouvido o barulho dos pássaros se empoleirando para dormir nas árvores. Em instantes, as luzes da fazenda acenderiam.

— Esse lugar foi para onde eu corri quando cheguei aqui. Eu não queria vir, nem o Andrey, porque queríamos ficar lá para proteger os outros. Eu fiquei aqui até o sol se pôr, e essa foi a imagem que vi naquele dia. Desde então, esse lugar me deixa tranquilo. Te trouxe aqui para mostrar como sua vida pode ser tranquila enquanto estiver aos meus cuidados.

Maria Clara sorriu, levemente deslumbrada, sem piscar, me encarando.

— Isso foi fofo da sua parte.

— Um caubói fofo? Nunca tinha ouvido me chamarem assim. Dizem até que sou o próprio tihoso de tão ruim.

— E eu cheguei a acreditar nisso. Infernando.

Ri e passei o braço no ombro dela, a puxando para perto de mim.

— Abacaxi — provoqueei, e ela acabou rindo.

20 | MARIA CLARA

— Hora de acordar, Maria Clara. — Ainda de olhos fechados, gemi, morta de preguiça e sono, e tentei afastar Fernando, que acabara de me abraçar e estava beijando minha nuca. — Sem teima.

— Hum rum... me deixa... — Eu me afastei mais um pouco e cobri a cabeça com o cobertor.

Tínhamos dormido juntos mais uma vez. Ele me trouxe para o quarto depois do jantar, transamos e ficamos por ali mesmo. Confesso que dormir em sua cama grande, no quarto escuro, com ele me abraçando, era uma sensação deliciosa. Nunca tinha dormido tão bem. E era uma coisa que eu lutava para não gostar, entretanto era inevitável.

— Você não tem querer. — Infernando arrancou o cobertor, e o frio do ar condicionado me abraçou. Praguejei mentalmente, querendo esmurrar o homem. — Te dou um minuto para estar de pé naquele banheiro, Maria Clara.

Ele se levantou da cama, jogou o cobertor em um poltrona e foi para o banheiro. Estava pelado. Fernando dormiu nu, me abraçando. Eu ainda não estava pronta para superar sua safadeza.

Eu me encolhi com o frio, tendo preguiça de levantar para pegar o cobertor do outro lado do quarto. O maldito fez a coisa mais cruel que pode existir e que mães do mundo todo usam como tática: tirar o cobertor de um pobre inocente que ainda está com sono.

Do banheiro, ouvi barulho de Fernando fazendo xixi e em seguida o chuveiro sendo ligado. Imaginei a suculência máscula se ensaboando e sorri hipocritamente. Eu queria matar Fernando, mas não queria perder a transa, que, com ele, era a oitava maravilha do mundo.

Eu estava quase dormindo novamente quando ouvi o grito na porta do banheiro:

— Maria Clara!

Sentei na cama de supetão. Fernando estava se enxugando com uma toalha e portava um olhar ameaçador.

— Já estou indo, caralho!

— O que disse?

— Falei que a manhã está com cheiro de orvalho.

Fernando resmungou, foi para o closet, e eu entrei no banheiro. Após despertar com uma ducha, vesti uma roupa leve para correr, desci, tomei um pouco de café com queijo, que Tereza mesma fez, e saí, prontinha para seguir o chefe.

Fernando decidira correr só de bermuda, tênis e óculos escuros. Sem camisa, me deixou sedenta por seu corpão malhado e bronzeado.

— Vamos seguir o mesmo percurso daquele dia. E, dessa vez, ai de você se recusar.

— Sim, senhor — falei com puro deboche e corri ao lado dele, tomando a estrada principal. O clima estava muito bom, fresco e com os primeiros sinais do sol aparecendo. Enquanto eu me esforçava, correndo e ofegando, ele ia ao meu lado, numa boa, sem qualquer sinal de cansaço. Parei para descansar, e Fernando estendeu para mim uma garrafa de água que eu nem tinha percebido que ele havia trazido.

— Se hidrate. Aguenta continuar?

— É uma pergunta ou uma ordem?

— Eu vou te forçar até o seu limite, Maria Clara, e você precisa me dizer quando chegar nele.

Soprei pesadamente, arranquei a garrafinha da mão dele e bebi a água refrescante. Devolvi para Fernando, me alonguei e corri.

— Tente me alcançar, nobre senhor. — Eu já estava a metros de distância quando ouvi a risada dele e, em seguida, seus passos. Revirei os olhos quando ele me alcançou sem nenhum esforço. O sorriso de vitória estava em sua cara. Eu queria tirar aquele sorriso à força, mas sabia que o que conseguiria era alguns gemidos quando voltássemos para casa, no momento em que fôssemos nos refrescar antes do café oficial.

Os dias estavam voando. Três semanas se passaram, e eu não me sentia mais como uma refém, e sim como um integrante da fazenda. Era como se lá fosse minha casa.

Fernando criou um cronograma para mim, e eu fui obrigada a seguir à

risca. Eu tinha um personal trainer que vinha três vezes por semana para me ajudar na bem equipada academia da fazenda. E meu carcereiro *cowboy* não confiava nem um pouco no profissional. Fernando sempre se vestia e ia para a academia malhar com a gente.

O sexo era constante, e eu até achava que tinha aumentado, porque a gente não podia se ver, que pulava um no outro, se agarrando. Estávamos progredindo, e agora eu achava delicioso quando ele inseria um plug anal em mim e dava o seu melhor em um sexo formidável, me deixando a ponto de subir pelas paredes.

Eu estava progredindo com minhas aulas de culinária com Tereza, e até arrisquei fazer brigadeiros diets um dia em que estava sozinha; Tereza tinha ido às compras com Laerte. Fernando entrou na cozinha no momento que eu enrolava e era a cobaia perfeita para minha nova receita.

— Prove. — Peguei um e enfiei na boca dele. Fiquei esperando a nota que ele me daria, mas eu nem terminei de enrolar, pois ficou um horror. Ele começou a fazer uma careta e depois cuspiu tudo na pia.

— O que você colocou aqui?

— É uma receita que estou testando. Brigadeiro de mandioca.

— Ficou horrível. Venha, vou te punir no quarto para aprender a não querer me envenenar. — Gargalhei e fui correndo com ele.

Tudo era um motivo para ele querer sexo, e eu sempre estava atçada por sua sensualidade.

Eu ligava para minha mãe todas as noites, sorrindo satisfeita por ouvi-la tão feliz se recuperando, sem as costumeiras dores por todo corpo. E, por isso, eu estava tranquila na fazenda. Às vezes, ia com Fernando assistir à ordenha das vacas, outras vezes, eu ficava do lado de fora do curral, vendo o senhor da fazenda fazer as vezes de vaqueiro. E era muito sexy ver ele todo vestido como um bom peão de raiz, montado no Putão, usando botas, fivela enorme no cinto, chapéu na cabeça e o sorriso abrasador.

Ganhei até mesmo um chapéu. Era de couro, bonito, novinho. Ele tirou da caixa e falou:

— Pra você se proteger do sol, quando for andar por aí. — Mas, no fundo, eu sabia que ele estava louco para me ver como uma peoa. Adorei o chapéu.

A primeira vez que eu o usei, saí da casa com ele, o que chamou atenção

dos peões. Fernando veio andando, desconfiado, e eu fui em direção ao grande cavalo preto.

— Não chegue perto, é perigoso — ele avisou, mas eu já estava com a mão em Putão.

— Parece tão dócil.

— Mas não é. Só obedece a mim. — Com as mãos na cintura, Fernando parecia desconfortável em me ver de chapéu, botas e jeans.

Ignorei Fernando e acariciei a crina do cavalo. Era muito macia e grande. O animal me olhou, desconfiado.

— Oi, cavalinho. Como vai? O Infernando falou que você é bravo, mas não é o que eu acho.

Em resposta, o cavalo relinchou e balançou a cabeça.

— Arrá! Viu só? — gritei para Fernando. — Ele gosta de mim.

— Uma ova.

— Quero andar nele, Fernando — falei, decidida.

— Nem em sonho. Só eu monto nele.

— Então venha comigo.

— Não, Maria Clara.

— Que merda. Só uma voltinha, vamos até o lago e voltamos.

Ele ficou me encarando enquanto eu continuava acariciando o cavalo. Soprou, perdendo a batalha, e se aproximou. Fernando tirou a sela do cavalo e me ajudou a montar. Putão nem se importou, como seu dono vinha alertando que aconteceria.

Ele montou atrás de mim e segurou as rédeas. Gostei da sensação de sentir seu corpo me apoiando. Era um pouco desconfortável sem a sela, mas não tirava a gostosa experiência de cavalgar.

Só com um assovio de Fernando o cavalo se colocou em movimento. Não correndo, trotando, nos fazendo pular.

— Uau. Ele é muito alto. Amo cavalgar nele.

— E em mim — Fernando falou e riu bem atrás na minha orelha.

Cavalgamos até o lago, como eu havia pedido, e ao chegar lá, descemos e Putão foi pastar tranquilamente. O clima estava delicioso. Estava calor, mas o sol

não aparecia totalmente porque algumas nuvens o encobriam. Comecei a me despir. Primeiro as botas, depois o jeans.

— O que está fazendo? — Fernando questionou.

— Nadar. Óbvio. Você vem?

— Claro que não. Está louca? Vista essa roupa, Maria Clara. — Ele olhou para os lados sem conseguir esconder o ar preocupado. — Alguém pode ver.

Só de calcinha e sutiã, tirei o chapéu e joguei na grama.

— E desde quando você tem medo de que alguém veja algo? Venha, Infernando.

Ele me observou entrar na água. Não estava gelada, pois o dia estava calorento. Fiquei feliz por sentir pedrinhas debaixo dos meus pés e só parei de andar quando a água chegava a minha cintura.

— Cacete — Fernando resmungou, tirou a roupa com rapidez e deu um pulo no lago, mergulhando e saindo perto de mim. Sacudiu a cabeça para tirar o excesso de água e me puxou para junto de seu corpo. — Vou colocar freio nessa sua teimosia.

— E desde quando é teimosia querer ficar pelada com o fazendeiro dos infernos? — Mordi o queixo dele e subi a boca até seus lábios. Fernando arfou, já entregue à minha sedução. Não precisava muito para dominá-lo. Mordi de leve seu lábio e sorri, mirando seus olhos.

— Sua encenqueira — ele rosnou e puxou meu rosto sem paciência, para aprofundar o beijo. Gemi durante o beijo, afogada pela voracidade de seus lábios. Sua língua rolava para dentro da minha boca em uma doçura que eu estava me acostumando a ter todos os dias. Doce e dominador, Fernando era um contraste impressionante.

Fazia quase dois dias que estava sozinha com Tereza e os funcionários na Fazenda. Fernando precisou viajar com os irmãos dele para resolver negócios da empresa em outro estado. Eu pude ver o pânico nos olhos dele antes de ir, porque tinha medo de que eu fizesse uma besteira.

Ele me ligou várias vezes desde que saiu. Seu tom não era suave, me deu

ordens para não esquecer a insulina, não esquecer de comer regularmente, dormir no horário certo e não fazer exercícios sozinha. E disse para eu nem sonhar em tentar fugir, ou ele me acharia novamente, e a coisa ia ser bem pior.

O que eu não contei para ele? É que eu não queria fugir, pelo contrário, estava com o coração pequenininho de saudades do infeliz. Saudade de nossas brigas, de nossa explosão na cama, do bate-boca. Saudade de o ironizar sempre e receber tapas na bunda como punição. Eu me vi prisioneira de mim mesma.

— Ele disse se vem hoje? — perguntei à Tereza casualmente enquanto a ajudava no almoço.

— Não falou. Às vezes, ele viaja e fica uma semana fora. Mas como o noivado de Andrey é amanhã, acho que ele chega hoje.

— Noivado?

— Sim. Fernando não te contou?

— Não. — Senti minha boca seca ao ouvir isso.

— Eu até achei que ele fosse levar você como acompanhante, pois dias atrás ele pediu Franco para marcar um horário em algumas lojas femininas para vestir a acompanhante dele. — Ela me olhou um pouco sem graça e se desculpou imediatamente. — Desculpa ter falado demais.

— Tudo bem... não se preocupe. — Fingi que não tinha me importado, esperei passar uns minutos, pedi licença a ela e fui para o quarto. Puta da vida. O quarto estava perfeito, eu tinha arrumado para esperar o filho do cão, e ele fazia uma cachorrada daquelas. Ia levar uma vagabunda na festa. Por que não ia sozinho, já que não podia me levar?

Alguém poderia dizer que eu não tinha o direito de exigir nada dele. Engano total! Eu tinha, sim, direito, porque era o meu corpo que ele usava sem descanso todos os dias. Fernando era obrigado a me dar satisfação.

Andei de um lado para o outro no quarto dele. Ele pagaria caro. Estava muito enganado se achava que ia chegar e me achar como a putinha doméstica feliz para recebê-lo. Eu até estava contando nos dedos as horas para vê-lo de novo. *Agora eu quero guerra.*

Para meu desapontamento, Fernando não veio. Ele me ligou já à noite dizendo que tinha chegado em São Luís, mas teria que ficar na casa do pai para terminar de resolver os assuntos da empresa. Eu me fiz de tranquila, dei até boa noite para o safado.

Quase nem dormi direito, imaginando-o em alguma farra privada com a fulana que ele levaria como acompanhante. O ciúme doía, como eu jamais tinha experimentado. Eu não queria que outra tocasse naquele maldito fazendeiro do cão.

Na manhã seguinte, passei o tempo toda inquieta. Até que, depois do almoço, vi Tereza falando no interfone. Ele tinha chegado. Era minha hora de agir. Peguei meu chapéu no sofá, já estava vestida a rigor: short jeans, botas e uma blusa curta. Corri para fora, olhando ao redor. Na fazenda, sempre havia homens por todo lugar, em qualquer hora do dia, e para minha sorte, um grupo de uns quatro peões estavam debaixo de um umbuzeiro escovando celas.

Corri muito rápido. Quando cheguei até eles, vi a caminhonete de Fernando passando atrás de mim. Sorri maliciosamente.

— Boa tarde, rapazes. — Eles me olharam, desconfiados.

— Tarde. A senhorita precisa de algo?

Preciso. Usar você.

— Não. Só estou dando um passeio. Quando vai levar o gado para beber água?

— *A tardezinha.*

Eu me virei, e lá longe Fernando estava parado, perto da caminhonete olhando em minha direção. Voltei-me para os rapazes.

— Nossa, gostaria de ir com vocês — fiz uma voz melosa.

— Essa não é nossa função, não.

— Não? E o que vocês fazem? — Toquei no bíceps de um deles e apalpei. — São tão fortes, devem mexer com algo pesado.

O homem deu um pulo e se afastou de olhos saltados. Ele sabia que não podia nem olhar atravessado para mim: eu era a garota do patrão — pelo menos aqui na fazenda. Sorri e mexi nos cabelos como se me oferecesse, com um olhar sapeca. Fiz de conta que tropecei e pulei nos braços de outro peão que me segurou para eu não cair.

— Mas que porra está acontecendo aqui? — Era a voz de Fernando bem atrás. Eu me virei para ele e me fiz de sonsa.

— Oi, senhor. Estou conversando com os meus colegas de trabalho. —

Fernando percebeu na hora que era joguinho meu.

— Sumam os quatro da minha frente, antes que as consequências sejam piores! — ele berrou para os homens, e os bichinhos correram tão apressados, que uma sela até caiu no caminho, mas não voltaram para pegar. — Maria Clara, Maria Clara... — Sorriu de uma forma estranha. O maxilar tenso, puto da vida. — Então resolveu cutucar onça com vara curta? — Ele deu um passo na minha direção. Estava muito gato, como sempre. Sua expressão era puramente perigosa, mas eu nem liguei.

— Eu estou conversando com os garotos. São homens lindos. Me dê licença. — Empurrei Fernando e andei de volta para casa, mas não dei três passos, e ele segurou meu braço com força. Agora ele estava sério de uma forma que eu não esperava.

— O que você pensa que está fazendo, hein? Acha que é legal brincar com uma merda dessa? Zoar com minha cara?

— E você? — berrei, perdendo a compostura — Acha que eu sou sua boceta de estimação e não me deve explicações? Pois me deve, sim. Não vai tocar em mim, ouviu?

— De que está falando?

— Da safada que você come por fora. Seu desgraçado! — Dei uma sucessão de socos nele até que Fernando conseguiu segurar meus braços. Os olhos dele estavam saltados de surpresa. — Vai levar essa mulher para o noivado de seu irmão porque a putinha aqui é prisioneira ilegal.

— Para de se rebaixar. Você sabe que não é assim!

— Idiota! Já que você pode, eu também posso. Eu vou flertar mesmo com todos esses homens daqui, ouviu? Eu vou me oferecer adoidado.

— Vai? Olha a merda que você está falando pra mim, Maria Clara! — gritou também. Estávamos aos gritos em frente à mansão.

— Pois eu falo e repito. Vou, sim, flertar, mostrar minhas pernas e se um deles me quiser, eu quero também.

— Agora você foi longe demais. — Ele me arrastou pelo braço e, quando ia se aproximando da frente da casa, chamou Laerte.

— O que vai fazer comigo, seu brucutu? — eu berrava como uma louca, tentando me soltar. — Me largue! Fernando, por favor, o que vai fazer?

— Sim, Fernando? — Laerte veio de dentro da casa, com Tereza

correndo atrás dele.

— Você vai levar essa mula teimosa na cidade até a loja onde Isabela tem um horário marcado e ela ficará à disposição da Isabela, como uma ajudante.

— O quê? — Eu exclamei — Você é louco?

— Não quer ser minha funcionária? — Ele se virou furioso para mim — Pois então essa é a sua obrigação como minha funcionária. Vai servir minha acompanhante para hoje à noite.

— Vai sonhando.

— Ou vai, ou se fode agora — sussurrou bem na minha cara, em tom maldoso. — Tem um contrato assinado. Você pediu por isso, Maria Clara. Eu cheguei na paz, querendo te ver, e você quis me ferir.

— Você está tentando me humilhar, eu não vou ser empregada de patricinha...

— Você se humilhou quando insinuou que me trairia. Agora vai pagar. Vai ficar atrás de Isabela e fornecerá tudo que ela precisar, será a empregada dela por um dia. — Eu me soltei da mão dele. O ódio me deixava cega. Além de saber que ele tinha outra mulher, eu ainda teria que ser a empregada dessa mulher. Isso me deixou transtornada de uma forma incontrollável.

— Eu vou arrebentar a vagabunda na pancada, você não me conhece, Fernando.

— Se você tocar nela, a coisa vai ficar bem feia para seus pais, que estão vivendo do meu dinheiro. — Tereza desceu os degraus da casa correndo.

— Fernando, por favor, eu vou no lugar dela...

— Tereza, isso não te diz respeito. Laerte, pegue o carro e leve Maria Clara na loja. A limusine passa às sete para buscar Isabela, depois você volta e busca essa sem-vergonha e traga para cá. — Ele me arrastou até a garagem, e lá me surpreendi ao ver vários carros. Todos muito bonitos e aparentemente muito caros. Fernando abriu a porta de um, me empurrou para dentro e jogou a chave para Laerte, que já entrava no outro lado.

— Você é um ridículo, Fernando! — berrei de dentro do carro. — Laerte é um gostoso e vou flertar com ele. — Ele correu em direção ao carro, mas graças a Deus Laerte arrancou. Eu acionei o vidro da janela, e enquanto fechava, mostrei o dedo do meio, deixando-o bufando de raiva.

21 | MARIA CLARA

Eu fiquei calada no banco do passageiro enquanto Laerte dirigia. Era inacreditável ver o mundo exterior depois de quase duas semanas presa; mas não queria ter saído, não para essa finalidade. Além do mais, minha mãe estava tão feliz sendo bem tratada, não colocaria isso a perder fugindo de novo.

Eu via que Laerte queria falar alguma coisa, mas se arrependia antes de abrir a boca. Assim, não aguentei ficar calada.

— *Conhece ela?*

— A Isabela?

— Sim.

— Mais ou menos. Fernando sempre a leva nos lugares quando precisa exibir uma companhia. Ele tem negócios com o pai dela e acaba de contratá-la como veterinária da fazenda.

— Ele a usa? É isso que está me dizendo?

— Ela consente. Na verdade... bom, não devia estar falando isso. — Laerte ficou visivelmente incomodado.

— Desembucha, Laerte, não vou contar nada para o Tinhoso.

Ele assentiu, coçou a barba e continuou:

— Fernando consegue sempre levá-la nos lugares porque a família dela acha que em algum momento ele vai se casar com a garota.

— Entendi. Ele vai me pagar caro.

— Não bata de frente com ele, Maria Clara. Fernando é um homem muito bom e gosta mesmo de você, mas sabe ser bem ruim quando quer. Ele não mede esforços para se vingar de alguém.

— Obrigada pelo aviso. Ele é exatamente como eu.

Chegamos à loja, e eu nem me surpreendi quando notei que o local estava fechado para receber Isabela. Eu com certeza seria a mula que carregaria as sacolas da dondoca. Eu estava a ponto de entrar em ebulição de tanto ódio. Pensar que ia ajudar a mulher que passaria a noite com ele...

Uma mulher alta, usando um belo vestido e saltos altos, se virou em nossa direção. Laerte sorriu quase encantado, eu diria.

— Oi, Isabela, essa é a Maria Clara, o Fernando a mandou para te ajudar.
— Laerte fez a apresentação, e ela me olhou interessada, mas mantendo a cara muito fechada. Era uma jovem muito bonita, com belos cabelos loiros e lisos na altura dos ombros, pele de pêssego, lábios perfeitos, olhos azuis. Uma princesa. Não era à toa que Laerte estava babando.

— Mas eu disse pra ele que não precisava disso — ela protestou.

— Você sabe que ele faz o que quer — Laerte disse, e, boquiaberta, ela me mediu de cima a baixo.

— O que está olhando, hein?! Tira uma foto, que dura mais tempo. — Meu Deus, eu não era assim, grossa e mal-educada com as pessoas, mas olhar para Isabela e saber que teria uma noite com Fernando me deixava doente de raiva.

— Você é louca! — exclamou.

— Sou mesmo. Vamos logo acabar com essa palhaçada.

— Sete horas, a limusine estará na porta para te buscar, Isabela — Laerte falou, ela revirou os olhos e entrou na loja. Eu entrei atrás e ouvi Laerte advertir: — Juízo, Maria Clara.

As atendentes da loja receberam Isabela muito bem, na maior firula. Eu, por outro lado, fiquei de longe observando, sem conseguir desfazer minha carranca. Escutei quando ela disse baixinho: “É funcionária do Fernando, só vai me auxiliar”. Revirei os olhos e fiquei no mesmo lugar, observando-a falar como queria o vestido. As vendedoras pareciam estar lidando com a Kate Middleton. A loja era exclusiva, assinada por uma estilista. Os vestidos únicos deveriam custar uma fortuna.

— Você, venha aqui — Isabela me chamou quando as atendentes trouxeram os vestidos, todos embalados em capas de plástico. — Me ajude no provador. Obrigada, meninas.

A raiva me dominou, mas eu atendi. Ainda não tinha um plano para dar o troco no miserável, mas eu teria. Ah, se teria.

Fui com ela para o provador, tão espaçoso quanto meu antigo quarto. Ela tirou a roupa, e eu entreguei a ela o primeiro vestido. Era lindo, preto, todo forrado de cristais — algo que meu corpo jamais teria contato. O vestido caiu como uma luva, a deixando inacreditavelmente bonita.

Isabela olhou-se no espelho, torceu o bico e revirou os olhos. Resmungou algo para si própria.

— Nós duas parecemos estar aqui contra nossa vontade. Estou certa? — questionei. Eu queria dar a oportunidade do diálogo antes de meter a mão na cara dela.

— Certíssima. Estou sendo obrigada a ir nessa festa maldita. Vê se não me ferra, pois eu já estou virada no cão.

— Sério?

— Puxe o zíper atrás — ordenou e falou: — Se ao menos rolasse sexo depois com ele...

Ouvir isso me interessou.

— E não vai rolar? — Puxei o zíper e a ajudei, retirando o vestido estilo sereia.

— Logico que não. Fernando não me quer, só quer me usar como acessório para a sociedade. E quer saber? Me desiludi com ele faz tempo. — Ela tinha acabado de confirmar o que Laerte havia me dito. Fiquei boquiaberta. Então ele não passou a noite transando com ela. Repentinamente, eu tinha um sorriso de vitória no rosto.

Isabela colocava outro vestido quando me olhou pelo espelho.

— E você?

— O que tem eu? — Fechei a cara.

— Disse que não queria estar aqui.

— Ele me obrigou.

— O Fernando? Por quê? Eu nem precisava de uma ajudante, ainda mais uma maluca, mas ele ligou furioso e insistiu.

Fiquei alguns segundos calada até decidir contar.

— Acreditaria se eu contasse que sou amante dele e que por ter batido de frente com ele, o deixando nervoso, ele fez isso para me humilhar?

Isabela parou de ajustar o vestido, deixando o sutiã à mostra. Estava boquiaberta, me encarando.

— Mentira, menina! — exclamou, perplexa. — Meu Deus, Fernando é muito baixo. Acredito mesmo que ele tenha feito isso só para te humilhar.

— Pois é, e aqui estamos. E agora não quero mais te bater.

— Queria por ter achado que eu ia foder a noite toda com teu homem?

— Ele não é meu homem, aquele filho da puta... — Eu não conseguia convencer nem um bebezinho. Ele era mesmo meu homem, enquanto eu estivesse naquela merda de fazenda.

— Claro que é. Ouvi dizer que a nova namorada dele estava hospedada na fazenda. Então essa namorada deve ser você. — Ela passou os olhos pelo meu corpo. — Faz o que da vida?

— Não é da sua conta, mas sou cerimonialista. — Fiz uma pose. *E ladra nas horas vagas.*

— Também não é da sua conta, mas eu acabei de me formar em medicina veterinária e vou trabalhar lá na fazenda dele. Isabela Figueiredo. — Estendeu a mão para mim.

— Maria Clara.

Ela se virou para o espelho, terminou de colocar o vestido, eu fechei o zíper atrás, e olhamos em silêncio para a peça. Era tão lindo como o outro. Cor champanhe, todo de renda.

— Eu acho o Laerte um gato — Isabela confidenciou enquanto conferia a bunda no espelho.

— Ele é mesmo. Um homão rústico — concordei. Isabela sorriu e se virou para mim.

— Você não adivinha a ideia que estou tendo. Iria me ajudar a ter a noite livre e você daria o troco no Fernando.

— *Desembucha, mermã.*

— O que acha de você ir em meu lugar e aparecer na mansão dos Capello como a possível nova dona do cavalo bravo?

Eu até pensei em discordar, mas quando vi, já estava rodeada de mulheres me dando dicas do que fazer. Isabela pediu que trouxessem vestidos do meu tamanho, pois eu sou um pouco mais baixa que ela — todavia havia curvas mais acentuadas e uma generosa bunda que a genética me deu.

Meu coração pulsava desesperadamente enquanto eu experimentava os vestidos. Em segundos, tinha passado de servente para Cinderela, e Isabela tinha se mostrado minha fada madrinha, uma pessoa extrovertida e gentil que eu julguei mal precocemente.

O vestido escolhido tinha um tom vinho escuro. O busto bem trabalhado com pedrarias e seu comprimento até um pouco abaixo dos joelhos, classificado

como midi, me deixaram muito elegante. Atrás era aberto, tornando-o sutilmente ousado.

Elas trouxeram sapatos para combinar, e depois que saímos da loja, Isabela me forçou a ir a um salão que ela conhecia, ali por perto.

— A produção tem que ser completa, Maria Clara. Fernando tem dinheiro a puxar de rodo.

Pegamos um táxi, pois ela tinha vindo com o motorista do pai dela, e no caminho Isabela ligou para Laerte, dizendo que precisou passar no salão e que lá seria o novo lugar para a limusine buscá-la.

— E se Laerte chegar antes e não permitir essa loucura?

— Deixa que dele eu cuido. — Isabela piscou para mim, e eu suspeitei que ela queria mesmo “cuidar” dele. O que importava era que o motorista da limusine não conhecia a acompanhante de Fernando. Eu apenas torcia para não ser barrada na casa da família dele.

O salão era de um homem gay que nos atendeu prontamente e ficou eufórico quando Isabela contou o plano.

— Amores, vocês vão pirar o homem. Venham aqui, eu mesmo irei te transformar na rainha da noite.

Eu tinha pintado sozinha meus cabelos curtos, na altura dos ombros. Ele aplicou uma nova tintura, deixando-o em um tom castanho escuro. Fez cachos e depois penteou de leve, para dar um ar ondulado volumoso. E depois que aplicou uma maquiagem bem-feita, eu não acreditava no que via à minha frente.

Eu estava completamente mudada. Outra mulher. Os olhos estavam bem marcados, mais escuros, com direito a cílios postiços, e, nos lábios, um batom claro.

— Esse batom não sairá com facilidade — ele informou. — Mas vou te dar uma amostra grátis da mesma cor, só para você retocar se precisar.

Quando eles me ajudaram a colocar o vestido, quase desabei em lágrimas, porque eu via na minha frente uma mulher poderosa, de alto nível, com um corpo bonito, rosto impecável e cabelos modernos. E essa mulher era eu. Minha autoestima estava lá no alto, e eu acreditava que poderia vencer uma batalha naquela nova armadura.

Às sete, a limusine chegou, e quando saímos, Laerte acabava de descer do outro carro. Assim que me viu, entrou em desespero.

— Maria Clara, você não vai fazer uma sacanagem dessas.

— Não estou vendo sacanagem, Laerte. — Empinei o nariz e desfilei para a limusine, levando comigo uma carteira de mão. Laerte não desistiu.

— Pelo amor de Deus, eu serei demitido, entre no carro e vamos para a fazenda.

— Laerte, querido. — Isabela o segurou. — Não há mais o que fazer, Maria Clara já é dona da situação. Somos apenas espectadores.

— Ela a obrigou a fazer isso?

— Não. Eu a obriguei. Agora me leve para um bar legal, vamos beber alguma coisa. Amanhã Fernando nem saberá o que é raiva, confie em mim.

Entrei na limusine, o coração pior que tambor em ritmo descompassado. Minhas mãos suavam. Ainda tinha tempo de desistir, mas eu jamais faria isso. Queria que ele me olhasse e visse que eu não estava para brincadeira. Sem falar que Fernando não poderia fazer nada comigo lá diante da família dele. Gargalhei sozinha no espaçoso banco traseiro.

A limusine arrancou, e eu fechei os olhos. Era o momento de avançar uma casa a mais no jogo.

22 | MARIA CLARA

A mansão do pai de Fernando era gigantesca, parecida com as casas de filmes. Estava toda iluminada, e vários carros de luxo paravam em frente e eram imediatamente recebidos por homens de terno. A limusine ficou minutos na fila, até ter a oportunidade de parar em frente. Eu olhei, embasbacada, para a altura da mansão e engoli em seco, amedrontada. Eu estava prestes a invadir uma festa que não fui convidada. Um dos homens abriu a porta e me ajudou a descer.

— O seu nome, senhorita?

— Isabela. Acompanhante de Fernando.

Ele semicerrou os olhos, intrigado, e para minha sorte, o motorista da limusine assentiu para ele.

— Claro. Venha comigo.

Caminhei com ele para a suntuosa entrada, com duas grandes portas de madeira que se abriam para o público. Dois seguranças em cada entrada estavam parados observando tudo. Eu congelei feito um picolé, mas passei numa boa com o homem de terno.

No hall de entrada, ele me deixou em frente a um senhor com uma lista em mãos.

— Isabela Figueiredo — informei, e ele olhou na lista.

— Sim, aqui está. Tenha uma boa noite, senhorita Isabela.

Meu suspiro de alívio quase foi ouvido na festa toda. Agradei e passei por ele, sorrindo por estar dentro da festa.

— Ei, você não é a Isabela. — Uma voz falou atrás de mim, e quando me virei, me deparei com Miguel, cunhado de Fernando. Eu nunca o tinha visto de perto, e agora podia notar como ele era bonito. Bem alto e magro, eu apostava que era enxuto por baixo do terno, mas não musculoso, como Fernando. Ainda tinha uma postura elegante e determinada.

— Ah, oi. — Sorri educadamente.

— Quem é você? O que está fazendo aqui? — O tom dele era rude e ofensivo. Seu cenho franziu, me observando, intrigado.

— Eu sou a acompanhante de Fernando... Onde ele está...?

— Garota, sabia que isso pode te levar para a cadeia? Está invadindo

uma propriedade. — Segurou no meu pulso.

— Me largue.

— Seguranças. — Ele acenou para um dos homens na porta. — Agora as putas de Fernando acham que tem direito a...

— Ei. — Empurrei ele. — Me respeita, seu ridículo! — berrei, chamando a atenção das pessoas.

— Seguranças! — ele chamou em um tom mais alto, vi os homens vindo e tentei correr, mas Miguel me segurou novamente.

— Eu disse para me largar! — bati nele com minha carteira de mão. Pronto. Já era escândalo. As pessoas olhavam para a gente. Por sorte, estávamos no hall de entrada e não chamávamos tanta atenção.

— Tirem essa mulher daqui antes que o senhor Capello tenha que ser importunado — ele mandou. Antes de os seguranças chegarem perto, ouvi a voz:

— Mas que porra é essa aqui? — Eu me virei e meu Fernando acabava de chegar no grande hall. Um espetáculo dentro de um terno preto bem cortado que moldava seu corpo alto e forte. Ele não tirava os olhos de mim. Estava pasmo como se nunca tivesse me visto na vida. — Maria Clara? O que está fazendo aqui? Cadê a Isabela? — Ele olhou para minhas pernas, meus saltos altíssimos, e era visível como ficou perplexo de um jeito bom. Fernando estava babando com minha nova aparência.

Miguel me soltou e deu um passo na direção de Fernando.

— Você a conhece?

— Sim. Pode deixá-la. — Fernando fez um gesto para os seguranças se afastarem. Eles atenderam prontamente e voltaram para a porta.

— Cara — Miguel falou —, eu estou à frente da organização, e combinamos que não entraria qualquer um. É uma noite importante para seu pai. — Ele estava dando um sermão em Fernando. Eu pressenti que aquilo não terminaria bem.

— Sim, Miguel...

— Você não pode querer trazer qualquer uma de suas mulheres de rua... — Quase dei um grito quando Fernando avançou e segurou com as duas mãos no colarinho de Miguel, quase o levantando e impedindo que ele terminasse a ofensa.

— Peça desculpas a ela agora! — rugiu.

— Ei, Fernando! — Um homem mais jovem e muito bonito veio correndo. Era Benjamin. Era tão alto como Fernando, e seu terno adería com perfeição ao corpão forte. Ele tentou puxar o irmão, mas foi em vão.

— Peça desculpas a ela! Agora! — Fernando continuou sem largar Miguel. Apesar de alto, ele se debatia, tentando se soltar, mas era inútil. Meu cavalo tinha a força de cinco touros. — Essa mulher é minha acompanhante, e exijo respeito.

— Fernando! — outro grito. — O que acha que está fazendo? — Eu me afastei quando uma mulher maravilhosamente linda passou aos tropeços. Era Stela, irmã de Fernando. — Solte meu marido, Fernando. O que deu em você?

Fernando o soltou.

— Esse imbecil ofendeu minha acompanhante. — Engoli em seco quando os dois irmãos, Stela e Benjamin, olharam para mim, só então percebendo minha presença.

— Me desculpa — Miguel se rendeu, falou comigo e apertou o terno. — Eu fiz um mau julgamento de você.

Apenas assenti. Benjamin ainda estava me analisando cuidadosamente, e isso fez o irmão se ofender.

— Perdeu alguma coisa aqui, Benjamin? — Fernando passou o braço na minha cintura.

— Calma, cara. É uma bela companhia, a sua. — Ele estendeu a mão para mim. — Benjamin. Irmão do cavalo louco.

— Maria Clara. — Sorri, ainda um pouco desconfortável, mas sentindo o sangue voltar à face. Olhei para o casal, Miguel parecia nervoso, mas supus que ele não queria brigar com os cunhados e a esposa, e por isso deu o braço a torcer. Stela sorriu graciosamente e estendeu a mão para mim.

— Sou Stela. É um prazer ter você com a gente, Maria Clara. Tenho certeza que meu marido apenas se enganou. — Cutucou Fernando e falou: — Meu irmão enfim parece ter feito uma boa escolha. — Eu dei uma risada e corei ao notar Benjamin ainda de olhos parados em mim. O cara tinha uma expressão muito fechada, mas estava nitidamente me comendo com os olhos.

Fernando também percebeu, revirou os olhos e me puxou.

— Até mais, pessoal, vão cuidar de suas vidas. — Caminhamos para um grande salão onde algumas pessoas circulavam. Todas muito bonitas, até parecia

os bastidores do Oscar. E eu me animei por estar tão arrumada como eles.

— Uau! Seu irmão é uma bomba de erotismo — sussurrei para Fernando.

— Vai zoar com minha cara aqui também?

— Calma, só estava elogiando. Gostou da surpresa? — Paramos em um canto mais isolado. Ele enfiou as mãos nos bolsos e me olhou com mais atenção.

— Que ideia de jacu foi essa? Onde está Isabela?

— Ela não estava feliz em ser seu bibelô e me propôs isso. Gostou do vestido? — Girei devagar e lambi o lábio quando voltei a encará-lo. — Foi tudo com seu dinheiro.

— Você não tem vergonha na cara? Vir para um lugar onde não podia ter vindo e ainda usando um vestido provocante para chamar atenção dos homens. Você está se prejudicando, pois eu vou ter que puni-la.

— Bom, até lá, vai ter que engolir a sua refém sendo a estrela da noite. — Eu me inclinei mais para perto dele e falei baixinho: — Você precisa entender que eu não serei nunca sua submissa obediente. Sempre terei uma cartada para dar. — Os olhos de Fernando brilhavam, ele estava doido para me pegar e jogar contra a parede. — Adorei ver sua cara de desespero em meu ver. Patife.

— Vai acontecer assim: eu vou chamar um motorista e ele te levará de volta para a fazenda. Agora. Aqui não é o seu lugar.

— Meu querido, você ainda não entendeu. Eu escolhi essa noite para brilhar. Você criou tudo isso quando tentou me humilhar, mas acho que esqueceu de um detalhe: mulheres podem se unir para derrubar um macho arrogante. Isabela foi minha aliada.

— Haverá consequências amanhã. Você que sabe — ele prometeu, com a tensão fazendo sua expressão endurecer. Fernando odiava ser peitado, e eu adorava enfrentá-lo. Dei uma risada baixa.

— Se for consequências com você todo gostoso, pelado, suado e gemendo, eu não vou me importar. Agora vou dar um giro na festa, ainda quero conhecer seus outros dois irmãos. — Dei as costas para ele, mas Fernando me segurou, me trazendo de volta.

— Se você arrumar uma cena...

Segurei na gravata dele e puxei seu rosto.

— Diga que gostou da surpresa. — As bocas estavam bem próximas. — Sei que gostou. Fiquei gata, não fiquei? — Fernando não disse nada e tentou

manter uma expressão de raiva, mesmo não estando mais com raiva. — Confesse, Infernando, confesse que está louco para ter esse corpinho aqui.

Ele olhou para meus seios e endureceu o maxilar. Depois sussurrou:

— Sim, Maria Clara, eu gostei. Gostei muito. E você vai pagar por essa ousadia.

— Adoro! — Dei um selinho nos lábios dele. — Agora me dê comida, pois não posso passar fome. É questão de saúde. — Saí de perto e desfilei graciosamente, sabendo que ele vinha atrás.

23 | FERNANDO

Eu estava impressionado com a ousadia de Maria Clara. Desde o início, eu sabia que ela não era uma mulher que abaixava a cabeça, e mesmo assim eu insisti que a amansaria. Era louvável a jogada dela, e mesmo estando irritado por ter se colocado em exposição para minha família, gostei de vê-la tão bonita e cheia de si. Foi uma surpresa agradável, e eu demorei segundos para aceitar que era mesmo ela, bem ali, sendo segurada por Miguel.

Eu não queria ela aqui porque conheço a família que tenho; o Andrey, o Miguel, principalmente o pai... são os que não têm papas na língua e não estão ligando se vão ou não magoar uma pessoa. Morri de medo só em pensar que o pai pudesse destratá-la. Não era o momento de eu confrontar o velho, e com certeza eu iria para cima de qualquer um que se metesse a besta com minha Abacaxi.

— Vou ter que te apresentar a meu pai — resmunguei enquanto Maria Clara se servia no buffet. — Antes que ele ache que é algo ilegal.

— É algo ilegal. Isso aqui está uma delícia. — Ela provou um canapé e escolheu mais alguns para seu prato. — Seu cunhado costuma ser esse pé no saco?

— Você não viu nada. — Tomei um gole de champanhe. — Miguel está na aba do meu pai desde que tinha uns dezesseis anos.

— Sério? Ele é parente? Primo, alguma coisa assim?

— Ele e minha irmã têm um elo muito forte. Na adolescência, ela estava a ponto de um surto quando nossa mãe faleceu. Tivemos medo de que Stela fizesse uma loucura. Aí o Miguel apareceu na vida dela... — Parei de falar sem desejar recordar aquela época conturbada.

Maria Clara até parou de mastigar para me olhar um tanto intrigada. Eu sabia que ela poderia estar pensando que nesse caso eu deveria ser grato ao Miguel.

— É, pode olhar com essa cara. Ele a ajudou, ele foi a tábua de salvação para ela, e devo confessar que se não fosse por ele, minha irmã não estaria hoje aqui.

— Ah, nossa... Fernando...

— Eles têm uma história juntos. Às vezes, minha irmã ainda tem umas

crises... Ele é o único que consegue colocá-la nos eixos.

— Mas tem algo que você não aprova. — Maria Clara tentou adivinhar.

Eu ia dizer para ela o “mas” da questão, todavia meu pai veio sorrindo ao meu encontro.

— Fernando. — Olhou para Maria Clara se empanturrando de canapês e apontou para ela: — É a moça? Miguel me contou.

Tinha que ser o fofoqueiro.

— Pai, quero que conheça a Maria Clara. Mora aqui mesmo em São Luís, e é uma excelente cerimonialista, da mesma forma que faz deliciosos doces diets. — Os olhos de Maria Clara brilharam de divertimento quando eu menti sobre os doces horríveis feitos por ela. — Além do mais, ela rouba muito... a atenção de qualquer um.

— Olha que coisa, temos uma mulher prendada. Olá, querida. — Meu pai pegou a mão dela e beijou. — João Capello.

Graças aos céus ele gostou dela de imediato. Totalmente diferente de como agiu com a de Benjamin anos atrás.

— É um prazer, seu João. O seu filho é encantador, ele deixa qualquer uma adoravelmente... presa — Maria Clara alfinetou na maior cara de pau, com seu sorriso malicioso.

— Estou muito feliz que ele enfim tenha me apresentado alguém de verdade, e não aquelas moças que todo mundo sabia que eram só para disfarçar.

— Maria Clara e eu estamos nos conhecendo, pai.

— É o suficiente. Hoje o Andrey está noivando e você me apresentando uma futura namorada. Não poderia me deixar mais feliz.

— E o Thadeo? — Joguei a isca. De todos nós, meu pai nunca cobrou do Thadeo que ele se casasse, os dois não tinham uma boa relação.

— Você sabe dos problemas do seu irmão. Não o pressione quando ele chegar. Não quero ninguém olhando torto para ele.

— É claro. — Tomei todo o champanhe e deixei a taça na mesa. — Bom, vamos dar uma volta, meu pai.

— Fiquem à vontade.

Meu pai sorriu para Maria Clara, mas ela estava preocupada em encher a bolsinha de pequenos canapês. Ela acenou sem jeito para ele e segurou meu

braço.

— Aquele é o Andrey, meu irmão mais velho. O noivo. Vamos cumprimentá-lo. — Apontei para onde meu irmão estava, ao lado da noiva, recebendo convidados que chegavam. Ele se casaria apenas para convencer meu pai, mas não seria um grande sacrifício. A noiva era quinze anos mais nova e muito bonita. Meu irmão não tinha o que reclamar.

— Gato — Maria Clara falou, e eu enrijei.

— Quer parar de ser uma cretina? — sussurrei.

— Qual é o seu problema? Não posso mais elogiar as pessoas?

— Não. E isso é uma ordem.

— Sim, senhor, mestre. — Ela revirou os olhos ironicamente. Maria Clara sabia o quanto eu detestava seus picos de ironia e fazia isso só para me ver fora do controle. Ela ainda não sabia o que era me ver fora do controle.

— E aí, mano? — Andrey falou comigo, mas seus olhos estavam presos em Maria Clara. Ela era uma mulher bonita, mas a curiosidade deles era por eu estar com alguém que ninguém conhecia. O fato de ela ser segura de si e vaidosa atiçava os homens. Foi por isso que me atraí por Maria Clara, e não podia impedir meus irmãos de seguirem o mesmo impulso.

— Maria Clara, minha acompanhante. — Enquanto eles se cumprimentavam, eu continuei as apresentações: — Andrey, meu irmão, e Mariana, sua noiva.

— É um prazer conhecê-los — Maria Clara disse polidamente.

— Espero que esteja gostando da festa, Maria Clara — Andrey falou, tentando esconder seu olhar pervertido, e ela assentiu, sorridente.

— Estou adorando. Fernando foi muito gentil em me convidar. — Ela sorriu para mim e encostou a cabeça brevemente em meu ombro.

— É recente seu relacionamento com ele? — Andrey estava intrigado. E eu queria sair de perto o mais rápido possível. Eu não tinha contado para ninguém sobre ela. — Porque até mês passado, ele estava de casamento marcado...

— O destino nos uniu, Andrey — falei, e Maria Clara sorriu, concordando. — Vamos pegar uma bebida? — Tentei puxá-la, com temor de que a safada falasse o que não devia. Ela freou, segurando meu braço.

— Espere, querido. Seu irmão está curioso. — Soprei pesadamente e

assisti Maria Clara expressar um ar romântico. — Sim. Foi lindo. Ele estava sofrendo, eu era a cerimonialista que estava preparando o casamento dele e amparei seu irmão no momento mais difícil. Ele foi um dia me buscar em São Paulo, me implorando para passar uma temporada com ele na fazenda.

— Implorei, é? — Olhei para cara de pau dela.

— Sim. Precisava ver a cara do bichinho. Estava destruído.

— Que história linda. — Mariana estava deslumbrada, e Andrey, chocado com minha fraqueza em supostamente ter indo implorar atenção de uma mulher.

— Bom, é isso. Vou deixar vocês receberem os convidados — falei, antes de meu irmão abrir a boca para começar outra sessão de perguntas, e puxei meu carma, mais conhecido como Maria Clara. Enquanto alcançava uma taça de champanhe na bandeja de um garçom, praguejei mentalmente, sabendo que Andrey estaria no dia seguinte na fazenda para saber detalhes.

— Você vem comigo. — Segurando na mão dela, caminhei entre as pessoas até a gigantesca escada. Eu queria tirá-la de perto das pessoas o mais rápido possível. Maria Clara não contestou, apenas me seguiu. — Eu quase não morei nessa casa, porque quando enfim ficou pronta, eu já tinha dezenove anos e estava na faculdade.

Abri uma porta e entrei com ela. Assim que acendi as luzes, um quarto masculino se mostrou à nossa frente.

— Seu quarto? — ela perguntou, olhando ao redor.

— Sim. Fiquei por meses apenas. Depois me mudei definitivamente para a fazenda. — O quarto era grande, assim como os outros da casa. Meu pai não economizou para construir a residência. O chão de madeira estava encerado, e as paredes claras não tinham nada que lembrasse um quarto de jovem. Ali havia apenas o mapa da fazenda.

— Muito bonito. — Maria Clara se voltou para mim. — Vamos usá-la? — Sorriu de modo pervertido, apontando para a cama.

— Não. Venha aqui. — Abri uma porta francesa e saímos em uma grande sacada, que nos dava vista para o jardim lá embaixo. As pessoas circulavam por ali, pois era um lugar calmo, fresco e muito bem iluminado.

Ela olhou com interesse para as pessoas lá embaixo, que não podiam nos ver, uma vez que apaguei a luz para ficarmos no escuro.

— Apesar de ele ser babaca, eles são uma bela família. — Maria Clara apontou para minha irmã ao lado de Miguel enquanto ele, agachado, consertava a gravata do filho. Stela falou alguma coisa com a filha mais velha, de sete anos, que deveria ser um sermão, visto que minha sobrinha fez cara de choro e seguiu os pais obedientemente para dentro da mansão.

— São crianças maravilhosas — comentei. Eu amava meus sobrinhos, mesmo com a repulsa que sentia do pai deles.

— Qual a rixa com ele? Com o Miguel...

— Nenhuma. Ele é um cara trabalhador, dá o sangue pela empresa, além de ser muito esperto nos negócios. Mas acontece que meu pai... baba demais nele por ter sido capaz de dar dois netos ao velho.

— Então é por isso que a vice-presidência é dele?

— Sim.

— Entendi — ela assentiu e se calou, parecendo satisfeita com minha explicação. Depois de uns minutos em silêncio, falei:

— Eu tinha que me casar para tomar o lugar dele.

Maria Clara me fitou, completamente pasma, ligando os pontos imediatamente.

— Oh, meu Deus. Então... o casamento com a Leticia era tudo...

— Conveniência.

— Você é mais inescrupuloso do que eu imaginava. — Ela tentou sair, mas a segurei.

— Eu, inescrupuloso? Quem foi que me roubou quase um milhão?

— O fato de eu ser uma ladra não tira de você esse rótulo. Se eu não presto, você também não fica atrás. Ia enganar minha amiga na maior cara dura. Não tem vergonha na cara?

— Vergonha eu tenho de roubar — debochei, com um sorriso maldoso.

Maria Clara arfou, revoltada, sabendo que eu queria provocá-la, e tentou sair, mas a segurei contra a grade da sacada.

— Me largue. — Tentou inutilmente, uma vez que sou bem mais alto e forte que ela. Virei-a com facilidade de costas para mim e a pressionei mais forte. Puta merda! Eu já estava com uma bela ereção.

— Não é de hoje que você está pedindo um corretivo, Maria Clara —

segurando seus braços nas costas, sussurrei em seu ouvido.

Rapidamente arranquei meu cinto e preendi os pulsos dela. Maria Clara se sacolejou o tanto que pôde dentro do meu forte abraço.

— Fernando, eu vou acabar com sua raça. — Ela fez a única coisa que podia: ameaçar. Isso fez meu sangue ferver, o pau doer, de tão duro, e a risada brotar espontaneamente. No início, o que me encantou foi a forma que ela falava “senhor” a todo momento, e eu achei que era uma submissa. Mas, agora, o que mais me fazia tremer de tesão era a bravura corajosa de Maria Clara.

— Vai aguentar meu pau caladinha, para não chamar atenção dessas pessoas no jardim — falei e mordi a orelha dela. — Se fosse uma boa garota comportada, eu esperaria chegarmos em casa.

Maria Clara arfou quando desci as mãos pelas suas costas e levantei o vestido rodado, que chegava na altura dos joelhos. Meu coração quase saiu pela boca quando dei de cara com uma calcinha preta de renda cobrindo parte do bumbum arrebitado. Minha mão coçou, e acertei um tapa, satisfazendo meus instintos.

Ela gemeu baixinho. Dei mais um tapa, na outra banda, e não me prolonguei nisso.

— Pernas abertas. — Afastei suas pernas. — Debruce na grade, fique bem empinada. — Maria Clara fez o que pedi, também ansiosa por contato, e ficou um espetáculo, com seus saltos altíssimos, as pernas torneadas abertas e a bunda, empinada. Caralho! Eu tinha tanta sorte por encontrá-la. Esfreguei meu dedo na boceta dela por cima da renda e nem precisei esperar muito para seu corpo começar a responder, me dando toda a lubrificação que eu precisava.

Assim que tirei a calcinha, meu sangue pareceu se concentrar todo nas regiões baixas. Eu estava até pálido olhando a boceta que era minha tentação. Ela havia depilado para me esperar. Maria Clara não cansava de me surpreender.

— Fernando... Caralho! — ela gemeu e mexeu os braços, presos com meu cinto. — eu vou gemer... o povo lá embaixo vai ouvir. — Advertiu. — Vamos para a cama.

— Shhiu. Sem palavrão! Vou te comer forte, mas tem que ficar de boca fechada. — Dei uma risada enquanto abria minha calça e cochichei: — Ou vai querer que todo esse pessoal te veja e pense coisas não tão boas sobre você?

— Você me paga! — ela devolveu se mexendo, tentando soltar as mãos. Dei dois tapas seguidos na bunda de Maria Clara e bati meu pau duro em sua vagina úmida. — Aguenta, Abacaxi — falei e empurrei para dentro de uma única

vez todo meu pau, melando com sua lubrificação. Cheguei bem ao fundo e girei o quadril, sorrindo de satisfação. Tinha três dias que eu não tocava nela e já sentia os primeiros sinais de abstinência.

Maria Clara ergueu o corpo e suprimiu um gemido. Devagar, empurrei suas costas, para ela se abaixar contra a grade da varanda. Abri um pouco minhas pernas e bati forte duas vezes seguidas, para ela sentir a potência do meu pau muito duro abrindo-a com facilidade. A grossura dele se acomodou perfeitamente em seu interior, apertando-o, pulsante, como um punho. Minhas bolas se contraíram de tanto prazer.

— Puta que pariiiiu — gemeu, e eu fui mais fundo. Inclinei sobre suas costas e mordi sua orelha.

— Caladinha.

— Canalha! — resmungou.

— E você ama o pau do canalha. — Saí devagar e meti mais uma vez, segurando a cintura com as duas mãos para manter dentro, bem fundo. E então, para meu desespero, ela gritou:

— Ai, Fernando! Mais forte, porraaaa! Enfia tudo. — Gargalhou muito alto teatralmente. Chamou a atenção das pessoas que olhavam em volta, procurando de onde vinha o barulho. Abri a boca para mandar Maria Clara se calar, mas ela foi mais rápida, fugindo de minha mão, que tentava prender sua boca: — Que perda de tempo, Fernando Capello tem o pau pequeno e não sabe fod... — Eu a puxei para trás, quase caindo no chão e provocando uma fratura no meu pau, que estava todo metido dentro dela.

Joguei Maria Clara na minha cama de solteiro, enquanto ela ria maquiavelicamente ainda com os braços presos.

— Ficou louca, porra? — gritei com as mãos na cabeça.

— Gostou do espetáculo, Infernando?

— Eu vou acabar com você! Sua cretina desgraçada. — Corri, fechei a porta do quarto e comecei a tirar minha roupa. — O que as pessoas vão pensar de mim? Sua inconsequente!

— Que você tem o pau pequeniníssimo. — Gargalhou. — Mas não se preocupe, querido. Eu saber que seu pau é grande e poderoso já é o suficiente. — Já totalmente pelado, subi na cama, empurrei Maria Clara com a cara nos travesseiros, puxei a bunda dela para cima e meti tudo de uma vez, com toda a raiva que estava fervendo em mim.

— Ah, que punição maravilhosa! — Ela riu e em seguida gemeu alto. — Porra, que delícia!

Dei mais duas bombadas fortes, me ajeitei montado sobre ela e, segurando no cinto que prendia suas mãos, eu a fodi sem pena.

— Quem é o pau pequeno aqui? Fala!

— Porraa!! — ela gemeu e mordeu o lábio.

— Isso aqui é pequeno para você? É pequeno, Maria Clara? — Mais forte e fundo, sem interrupções.

— Não! — berrou.

— Então fala, grita aí o que eu quero ouvir. — Segurei-a forte e mantive o ritmo das estocadas.

— Seu pau é grande e delicioso! — Maria Clara confessou aos gritos, e eu aplaquei minha fúria. Saí devagar e deslizei para dentro suavemente. Puxei o cinto, libertando as mãos dela, virei-a de frente e, com rapidez, a ajudei a se livrar do vestido. Queria ela nua junto ao meu corpo. Assim que estava livre das roupas, Maria Clara me agarrou, me abraçando sofregamente, suas pernas em volta da minha cintura.

— Aprendeu a lição? — sussurrei, bem perto de sua boca. Nossos corpos bem colados.

— Idiota — rosnou e avançou, beijando minha boca.

Penetrei-a devagar, mexendo meus quadris em um embalo sensual, até fazê-la gemer e apertar as unhas em meus ombros. Eu a comi demoradamente, me satisfazendo com sua sucção gulosa que recebia meu pau com euforia. Quando desci minha boca e encontrei seus seios chamativos, abocanhei ao mesmo tempo em que lhe dava prazerosas bombadas úmidas e barulhentas. Nossos gemidos se misturavam com o som do sexo, me dando mais tesão e fazendo-a se arrepiar. Maria Clara estremeceu e apertou os dedos nos meus braços, mas não permiti que ela chegasse ao orgasmo. Parei os movimentos, e virei-me com ela na cama.

— Cavalgue. Venha buscar seu orgasmo. Pule no maior pau que você já teve a sorte de sentar.

Bati na bunda dela, coloquei as mãos atrás da cabeça e a observei subir e descer engolindo minha rola até o fim. Gemia, sorrindo ao ser preenchida, e se levantava devagar, jogando os cabelos para os lados.

Ela estava me degustando vagorosamente, mas eu queria fazê-la tremer e gritar, por ter sido tão petulante. Segurei seus quadris e alavanquei minhas pernas, dando impulso e atacando-a. Maria Clara, inclinada sobre mim, com as unhas em meu peito, gritou até chegar ao orgasmo em uma tremedeira dos infernos, parecendo que estava sendo eletrocutada. Eu a abracei e gozei jatos fortes e viscosos dentro dela, pulsando de satisfação.

24 | FERNANDO

Nós nos limpamos com o lençol e ficamos ali, deitados. Maria Clara, abraçada ao meu corpo, em silêncio, pensativa.

— Vou ter que achar uma maneira de te desmentir — falei, também pensativo.

— Como assim?

— Sei lá. Deixar vaziar uma foto da minha rola por descuido. É minha integridade em jogo. Sua sem-vergonha.

Maria Clara riu e continuou deitada sobre meu peito, fazendo carinho em volta do meu umbigo. Meus dedos faziam cafuné em seus cabelos.

— Fernando...

— Fala.

— Como era com a Leticia?

— O quê? Leticia e eu?

— É.

— Por que quer saber?

— Curiosidade. Você gostava dela ou...

— Era conveniência, Maria Clara. Ela era gostosa, mas não passava disso. A gente nem se falava direito, eu não tinha paciência para ela.

— Hum... — Ela ficou em silêncio e falou depois de um tempo: — Tive um breve surto de mal-estar por ficar aqui deitada com você.

— Por quê?

— Ela é minha amiga. Você é o ex dela. Quando eu for embora da fazenda, acho que vou visitá-la.

— Quando você for embora. — Dei uma risada. — Ah, bom, conta outra. — Eu me levantei e peguei minha calça. O celular tocava.

— Como assim? Eu não vou embora...?

Olhei a mensagem de Andrey falando que já ia propor o noivado e eu tinha que estar lá embaixo.

— Fernando! — Maria Clara berrou por eu não ter dado a resposta.

— Você me roubou muito dinheiro, então esqueça de ir embora por agora. Vista-se, pois temos que descer.

Comecei a me vestir, pasmo por ter ficado extremamente agitado quando ela falou essa merda. Talvez, com um mês ou dois, eu estivesse preparado para deixá-la ir. Mas, naquele momento, pensar em ficar sem Maria Clara me causava aflição.

Esperei até ela terminar de se vestir e de retocar a maquiagem no banheiro. Dez minutos depois, descemos as escadas, Maria Clara com feições não muito amigáveis, e isso era até bom para as pessoas não ficarem supondo coisas da gente.

Antes de chegarmos ao grande salão, uma mulher passou correndo, um tanto aflita, quase nos derrubando. Muito bonita, com vestido espetacular e saltos altíssimos. Ela saiu pela porta e, em seguida Benjamin apareceu, ofegante.

— Viu uma mulher alta, cabelos castanhos...?

— Por que está perseguindo uma mulher aqui? Ficou louco? — Segurei o braço dele, impedindo-o de acompanhá-la.

— Preciso encontrá-la, porra! Para onde ela foi?

Antes de eu falar, não consegui impedir Thadeo, que puxou Benjamin com força e quase o ergueu do chão. Apesar de nós todos sermos altos e com os músculos em dia, Thadeo era um brutamontes que vivia isolado em sua falida vinícola. Ela era da nossa mãe e um dia produziu o vinho mais famoso do Brasil.

— Pra onde ela foi? — Thadeo gritava, rouco, sacolejando Benjamin.

Consegui afastar Benjamin das mãos do Hulk Antissocial e fiquei entre os dois.

— Que porra está acontecendo aqui? — berrei.

— Esse desgraçado importunou minha acompanhante e a afugentou — Thadeo afirmou. Maria Clara e eu olhamos perplexos para Benjamin, esperando dele uma explicação bem convincente. Todo mundo sabia que o caçula dos Capello não queria saber de relacionamento e era o maior mulherengo que essas bandas já viram, mas correr atrás da acompanhante de um irmão? Isso era selvageria.

— Eu conhecia, ok? Eu tinha que falar com ela. Não entendi por que a safada correu de mim.

— Gente, pelo amor de Deus. — Stela veio correndo. — Os gritos estão

chegando lá no outro salão, o papai está aflito. Vocês três acham justo brigarem agora?

— Ok. Já estou legal. — Benjamin ergueu as mãos em sinal de paz.

— Beleza. — Thadeo respirou fundo e sorriu para Maria Clara. Olhou para cada um de nós e deu de ombros. — Era só uma acompanhante de luxo que eu contratei para enganar o velho. Vou ter que encontrar outra para comer essa noite — disse isso olhando para Maria Clara.

Puxei Maria Clara para perto de mim.

— Sai fora, que ela está comigo.

Ele a olhou mais um pouco, virou as costas e voltou para o salão, deixando Stela rosada de vergonha.

— Você está legal? — ela se dirigiu a Benjamin, que, por ser seu gêmeo, tinha uma proximidade maior que os outros irmãos.

— Estou. — Ele passou o braço na cintura de Stela. — Vamos ver o Andrey se foder, oficializando o noivado. — Ela riu e seguiu abraçada a Benjamin.

— São todos loucos, como você — Maria Clara falou, observando os dois irem conversando.

— Você ainda não viu nada. Espere para presenciar um almoço de domingo. — Ri e a levei para o salão onde Andrey estava rodeado de convidados, pronto para oficializar o noivado.

Foi tudo feito à moda antiga, como meu pai queria. Andrey fez um pedido formal aos pais dela e depois lhe deu um anel com uma grande pedra de diamante. Todos, inclusive a noiva, ficaram perplexos. Ao meu lado, Maria Clara exclamou um “caralho”, pasma com a beleza do anel.

Depois a noiva empurrou uma aliança comum, prateada, no dedo direito dele. Todos festejaram sem saber que daqui a seis meses eles estariam divorciados, e ele, comandando a empresa. Olhei para Miguel, que sorria e aplaudia fervorosamente. Mal podia esperar para arrancar o cargo que ele ocupava e que era meu por direito.

Mais tarde, depois que todos os convidados já tinham ido embora e estava apenas a família reunida, meu pai se levantou no meio da sala para um pronunciamento. Já era quase duas da manhã, e era a última coisa que ele diria antes de subir para repousar.

— Meus filhos estão todos muito bem amparados. Benjamin não faz questão de cargo alto na empresa, mas me faz feliz estando lá. — Revirando os olhos, Benjamin lançou um sinal de “joia” para nosso velho. — Thadeo não se envolve demais, pois tem seus próprios planos. — Thadeo nem se mexeu. — Mas todos vocês sabem do embate silencioso entre Miguel e Fernando.

— Da minha parte, não tem nada, seu João — Miguel se adiantou, e Stela concordou com o marido, assentindo.

— Estou falando na empresa, Miguel. Você ocupa um cargo que deveria ser do meu segundo filho.

— O Miguel me representa na empresa, papai — Stela se intrometeu. — Não vejo o motivo desse cargo precisar ser do Fernando. Acho que todos já estão bem colocados em suas funções. — Olhei torto para minha irmã, que nunca sequer imaginou questionar o perfeito marido.

— Sim, querida — meu pai falou. — Mas agora que Fernando parece estar tomando um rumo na vida, com a muito bem-vinda Maria Clara, e eu devo fazer o que prometi. — Eu e Maria Clara nos entreolhamos. — Dar a ele a chance da vice-presidência, já que a presidência é do Andrey.

Thadeo revirou os olhos e olhou o relógio de pulso, impaciente. Era o único que não se importava com os cargos na empresa. Ele ganhava a parte do lucro que lhe cabia, e fim.

— E o que propõe, meu pai? — Eu estava ansioso.

— Um desafio. Temos uma conta de um irlandês que deseja fazer negócios com alguma empresa brasileira no ramo de laticínios. — Meu pai se curvou com lentidão, apoiando na bengala, e alcançou duas pastas. — Miguel e Fernando — entregou uma pasta para cada um de nós —, a partir de hoje, entrego para vocês esse caso. Quem conseguir fazer o irlandês assinar o contrato fica na vice-presidência.

25 | MARIA CLARA

Fernando não estava nada satisfeito com a ideia do pai de fazer uma competição entre ele e Miguel. Ele tinha confiança em si próprio, mas achava que o pai não deveria fazer isso, sendo que ele era o filho legítimo. Mesmo assim, enquanto voltávamos para a fazenda, ele me falava de seus planos para laçar o tal irlandês. Ele trabalhava com a colheita do leite que era usando na fabricação dos produtos Capello, portanto seu plano seria mais certo do que qualquer um que Miguel pudesse criar.

Já passava das duas da manhã quando entramos na casa silenciosa. Fernando acendeu as luzes da sala e jogou o terno e a gravata no sofá.

— Pode subir — eu falei —, vou na cozinha procurar algo para comer. Já estou faminta.

— Vamos, vou ver se Tereza guardou alguma coisa do almoço. — Eu o segui em direção à cozinha, e enquanto Fernando olhava a geladeira, me sentei em um banquinho do balcão. Ele arregaçou as mangas da camisa e pegou uma frigideira grande de ferro.

— Sabe cozinhar? — perguntei, interessada, indo ver de perto o que ele iria fazer.

— Sei me virar na cozinha. — Ele jogou na panela o restante de frango xadrez do almoço. O cheiro subiu, alvoraçando mais ainda meu apetite. Enquanto a carne esquentava, Fernando pegou limões, cortou em quatro partes e jogou no liquidificador com água e muito gelo.

— Minha mãe tinha uma crença de que o limão era bom para digestão — ele falou. Ligou o liquidificador e bateu o limão com casca e tudo. Passou o líquido em uma peneira culinária e serviu em dois copos grandes.

— Você tem jeito na cozinha. Não é como alguns homens podres de rico que não sabe nem onde estão os talheres.

— A casa é minha, preciso conhecê-la — disse e jogou arroz cozido no frango, mexeu bastante, tampou a frigideira e foi pegar os pratos e talheres.

— Quer ajuda?

— Fique sentadinha aí. Você é minha convidada.

— É bom progredir de sequestrada para convidada — alfinetei, e ele sorriu sem comentar minha fala.

Quando tudo estava pronto, eu adocei meu suco e provei. Maravilhoso. A galinhada improvisada que Fernando fez também estava uma delícia, mas ele me serviu pouco.

— Não é legal dormir de barriga cheia — explicou.

— Eu sou uma lástima na cozinha — confessei enquanto comíamos. — Queria muito aprender a fazer sobremesas e bolos para diabéticos. Mas você é testemunha de como saem intragáveis.

— Você poderia fazer um curso. Não há nada que não possa ser aprendido.

— É, vou pensar sobre isso.

Terminamos e subimos para o segundo pavimento. Eu fui para o meu quarto me trocar, escovar os dentes e cair na cama. Tinha acabado de sair do banheiro quando vi meu celular apitar. Peguei o aparelho, e minhas sobrancelhas se elevaram ao ver uma mensagem de um número intitulado “Meu mestre”. Revirei os olhos sem acreditar que Fernando havia de alguma forma conseguido minha digital e desbloqueado o celular. De qualquer forma, eu deveria estar convencida que não existem barreiras para aquele homem.

Ele havia descoberto sobre meu contato com Leticia? Com certeza ele tinha olhado o histórico de ligações. Mas não falou nada, portanto só me restava ficar confusa.

Abri a mensagem.

Meu mestre:

Pronta?

Um emoji de abacaxi a seguir. Ridículo.

Eu:

Sim, pronta para dormir.

Meu mestre:

Venha para o quarto, então. Estou na cama te aguardando.

Imaginei ele em sua cama grande, no quarto frio e escuro. O desejo me atíçou, apesar de querer resistir ao menos uma vez.

Eu:

Posso ficar por aqui...

Meu mestre:

Não te perguntei se quer, ordenei para você vir.

Eu estava prestes a responder quando ele mandou outra mensagem.

Meu mestre:

Não me obrigue a ir te pegar à força.

Um emoji de abacaxi e um de capetinha roxo sorrindo de forma safada.

Acabei sorrindo para o celular. Maldição. Eu não tinha forças nem de negar alguma coisa a ele. Ainda queria ser teimosa e provocá-lo até o limite, mas eu tinha desejos e emoções, e tudo em mim implorava para ceder e ir dormir apertada no abraço forte e quente daquele homem.

Como eu tinha imaginado, Fernando estava deitado na cama, usando apenas uma cueca boxer, enquanto olhava algo no celular. Eu me ajeitei do lado que costumo dormir e esperei. Ele deixou o celular de lado, apagou as luzes e me abraçou por baixo do cobertor extremamente fofo e muito grande que cabia nós dois com folga. Os músculos de Fernando me esquentaram de uma forma aconchegante, e eu relaxei.

Eu não sabia nada sobre os sentimentos dele, mas essas noites dormindo abraçados estavam acabando comigo, porque a cada dia, mais eu me sentia inclinada a gostar dele.

Quando me espreguicei, senti ao meu lado o corpo feminino. Maria Clara dormia encolhida dentro do cobertor, com a perna jogada sobre as minhas, e o rosto espremido contra o meu peito.

Sorri ao vê-la tão passiva e quieta dormindo. Era a única forma de aquela mulher ser obediente. E incrivelmente a teimosia dela não me causava raiva, como ocorrera com outras mulheres, que, por muito menos, conseguiram provocar minha ira.

Desde cedo, quando fui trazido à força da casa da minha mãe para morar com meu pai na fazenda, eu tive necessidade de dominar e controlar. Não sou o típico dominador sexual que só se satisfaz com alguns tipos de prazer na cama. Eu faço disso apenas uma extensão do que sinto. Para mim, o mais importante é a necessidade de ter tudo e todos nas minhas mãos, dentro do meu controle, fora da cama principalmente. Foi assim com todas as minhas namoradas e todos os meus empregados. E Maria Clara precisa entender que eu mandava ali, em toda a fazenda, inclusive nela.

Com calma, penteei seus cabelos com os dedos, e ela se mexeu, creio que pressentindo que estava na hora de acordar. Beijeí sua testa, e ela me empurrou.

— Sabe que está na hora, não é? — sussurrei, rindo da cara feia que ela fez e de sua tentativa inútil de tentar se afastar de mim. — Maria Clara...

— Porra, cara! — Levantou o rosto sem abrir os olhos. — Fomos dormir três da manhã e você quer me acordar às seis? Vai se tratar.

— Já vai dar dez da manhã, espertinha. Já dormiu demais. — Puxei o cobertor dela, e Maria Clara se sentou na cama.

— Que inferno de vida — lamentou baixinho. Pulei da cama, mostrando como sempre acordo no pique. Fui até ela e a puxei para que levantasse também. De pé, ela se apoiou no meu corpo sem abrir os olhos.

— Acorda, preguiça. Vou te despertar no chuveiro — Peguei-a no colo e a levei para o banheiro.

Terminamos o banho, ela foi se vestir, e descemos para tomar café.

— Quer vir comigo até o curral? — perguntei, e ela mostrou desânimo. Estava na cara que ia terminar o café, subir e dormir novamente. — Se ficar, vai arrumar o quarto e lavar minhas cuecas.

— Eu tenho outra escolha? — Tomou um gole de café.

— Claro que não — falei, ela deu de ombros.

— Não vai focar no desafio que seu pai te deu?

— Vou. Chamei Franco aqui essa tarde para me dar algumas ideias.

— Pensei em alguma coisa — Maria Clara disse e cogitou algo em pensamento antes de continuar. — Se depois quiser me ouvir... sei lá.

— Teve uma ideia sobre a reunião com os irlandeses? — Encarei-a, pasmo.

— Sim. Mas se não quiser falar sobre isso comigo, entenderei.

— Quero, sim. Toda ajuda é bem-vinda. — Fiquei de pé, peguei meu chapéu e coloquei na cabeça. — Volto no almoço para a gente conversar sobre isso. — Eu me abaixei perto dela e beijei seus cabelos. — Não esqueça minhas cuecas. Quero todas cheirosas. O que eu guardo nelas é muito precioso, e você sabe.

— Ridículo. — Maria tampou a boca com a xícara, mas pude ver que deu um rápido sorriso, incapaz de manter qualquer resquício de raiva de mim.

Montado em Putão, cavalguei até um dos currais onde estava sendo separado o gado que seria vendido para alguns frigoríficos clientes da Capello. Nossa empresa não vendia a carne, apenas o gado vivo para abate. A Capello era voltada prioritariamente aos produtos lácteos e, claro, ao abastecimento da grande demanda dos frigoríficos por aves, suínos e bovinos.

— A papelada foi encaminhada para a central, patrão — um dos funcionários me falou assim que aproximei. — Como o senhor pediu.

— Ótimo. — Desci do cavalo e caminhei com ele até a cerca do curral.

— Duzentas cabeças para abate — ele informou e me passou um tablet com informações sobre o gado. — Essa é a carga de um frigorífico. Assim que a central liberar, eles vêm buscar.

— Acha que despacham as sete cargas hoje?

— Creio que não, senhor. Ao todo serão mil e oitocentas cabeças. Acho que terminamos amanhã.

— Tudo bem. — Devolvi o tablet para ele. — Estamos no prazo de entrega.

Observei o trabalho deles, não me dispondo a ajudar, uma vez que tinha

mais coisas para vistoriar. A ordenha tinha sido finalizada, e eles estavam levando as vacas para o curral. Fazíamos o máximo para toda a produção ser o mais natural possível. Nossa marca era conhecida por produzir um legítimo produto do campo, sem maus-tratos e sofrimentos aos animais.

Ajudei os vaqueiros a levarem todas aquelas vacas para o curral, onde ficavam separadas, e quando parei para tomar um pouco de água, vi Laerte vindo à toda velocidade.

O sol estava a pino, era quase meio-dia, e eu estava todo suado por ter ficado tanto tempo sobre o cavalo. Tomei um gole de água e o observei se aproximar. Tremi ao pensar que algo teria acontecido com Maria Clara. Ela teria tentado fugir? Teria conseguido fugir?

Eu não queria de maneira alguma pensar nessa hipótese, porque meu coração quase parou de bater ao imaginar que ela tinha ido embora e me deixado.

— Fernando! — ele gritou, antes de chegar mais perto.

— O que houve? — Corri, aflito, até ele. — Desembucha, homem.

Laerte chegou mais perto e falou de uma única vez:

— Há policiais lá na mansão. Estão lá por uma denúncia anônima de sequestro. Estão interrogando Maria Clara.

27 | Maria Clara

Assim que Fernando saiu, eu subi, arrumei o quarto, peguei as malditas cuecas e as lavi rapidamente, como eu fiz no outro dia: jogando na máquina para lavar e secar. Saíram macias, cheirando a amaciante. Meu sorriso pervertido foi inevitável ao lembrar de nosso banho mais cedo.

Fernando era uma explosão de prazer, o deus do sexo em pessoa. Usando sua força, me jogou contra a parede do banheiro e me atacou sem pena, com uma dose exagerada de excitação, com suas bombadas fortes e incansáveis, seus músculos rígidos me segurando e seu beijo delicioso enquanto eu me desintegrava aos poucos no melhor orgasmo matutino que já tive.

Apesar que antes dele, eu nunca tive orgasmos matutinos.

Deixei as cuecas no closet dele e sorri para a grande cama que me convidava sedutoramente. Fechei as cortinas, programei uma temperatura baixíssima no ar-condicionado e me enfiei debaixo do cobertor e voltei a dormir.

Parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos quando ouvi me chamarem e sacudirem minha perna.

— Maria Clara.

— O quê? — Semicerrei os olhos, mirando Tereza com feições apavoradas. — O que houve, Tereza?

— Policiais. A polícia está aí. Receberam uma denúncia de sequestro. Querem ver você. — Pulei da cama no mesmo instante e com as mãos na boca encarei a mulher.

— O que eu faço?

— Não sei. A escolha é sua. Tudo pode mudar a partir de agora. — Os olhos escuros dela estavam saltados, e eu soube o que Tereza queria dizer. Eu poderia denunciar Fernando e sair livre agora mesmo da fazenda, ou poderia mentir para a polícia e continuar como estava.

Sentada na cama, tentei raciocinar acima do pânico. Quando ele iria me libertar? Dois meses, seis meses, um ano? E, por outro lado, como seria minha vida fora daqui sem Fernando? E como seria a vida dele respondendo a um processo de sequestro?

Fiquei de pé, ajeitei os cabelos em frente ao espelho do closet, coloquei meus óculos e assenti para Tereza. Ela estava com muito medo da decisão que eu havia tomado, porque ela sabia que a vida de Fernando acabaria se eu falasse a

verdade.

Na sala, havia vários agentes da polícia civil. Uma mulher veio à frente quando me viu chegando com Tereza.

— Maria Clara Gouveia?

— Sou eu.

— Alessandra. — Estendeu a mão para mim. — Delegada da delegacia da mulher. Podemos conversar?

— Sim, claro. — Eu me sentei no sofá, e ela se sentou de frente para mim e olhou para Tereza.

— Pode nos deixar a sós por favor?

— Claro. — Tereza tremeu e saiu correndo para a cozinha.

— Maria Clara, quero que saiba, antes de tudo, que está protegida. Pode nos contar o que quiser. A partir de agora, ninguém poderá fazer nada contra você.

Olhei para os homens de pé, próximos à porta, e voltei a encarar a delegada. Ela percebeu que eu poderia ficar retraída na presença deles e mandou que todos esperassem do lado de fora. Ficamos sozinhas na sala.

— Do que se trata? — Eu me fiz de desentendida.

— Recebemos uma denúncia de sequestro. Segundo a denúncia, você está sendo mantida aqui contra sua vontade e sendo violentada diariamente. — Senti meu rosto corar, mas me mantive encarando-a firmemente. — Como envolve uma pessoa influente no estado, estamos aqui para te dar apoio. Seus pais não quiseram falar a respeito, mas Daniel, seu irmão, nos contou que você nunca mais apareceu por lá.

Ah, meu Deus! Tinha sido Leticia. Eu tinha quase certeza que fora ela. Apenas ela sabia todos os detalhes, nem meus pais sabiam do sequestro. Ela e eu conversávamos sempre pelo celular. Eu contava tudo para ela.

— Eu acho que está havendo um engano — falei, por fim, firmando meu olhar no dela e sendo o mais convincente possível. — Eu sou uma convidada de Fernando Capello.

— Como se conheceram? Não parecem frequentar os mesmos ambientes.

— Nos conhecemos durante a preparação do casamento dele, que, por fim, não deu certo. Mais tarde, eu perdi o emprego, e ele me chamou para passar

um tempo aqui.

— Não poderia ficar na casa dos seus pais? — Ela olhou uma caderneta e falou: — Pelo que vimos, a hipoteca deles foi paga, sua mãe está sendo tratada em uma das melhores clínicas e seu pai, recebendo cuidados com dependência de álcool. Você arcou com tudo isso?

— Não. Fernando está arcando com tudo isso. — Para que eu mentiria se ela já sabia a verdade?

— Então suponho que o relacionamento sobrepõe ao amigável?

— Sim. — Não titubeei a responder. E ela, como mulher, sabia que não era nem um pouco difícil cair no charme de Fernando.

— A pessoa que fez a denúncia foi incisiva ao afirmar que você negaria tudo com medo de represálias.

— A senhora pode me acompanhar? — Fiquei de pé. — Venha ver onde estou hospedada.

— Claro. — Ela me seguiu pela escada. Abri o quarto de Fernando e deixei que ela visse.

— Aqui é o quarto de Fernando.

Ela entrou, olhou ao redor, foi até o banheiro, observou e voltou até mim.

— Você divide o quarto com ele?

— Não, às vezes acabamos dormindo juntos. Ali é o meu. — Caminhei até o outro quarto e abri. — A senhora pode ver que minhas roupas estão no closet, minha bolsa está ali, com documentos, e tenho meu celular. — Apontei para o aparelho carregando. — Por acaso alguém que estivesse sendo mantida em cativeiro teria acesso ao celular?

— Há inúmeros tipos de cativeiros. A prisão psicológica é a pior. Você tem que entender que não somos seus inimigos.

— Eu sei disso, e agradeço por ter a quem recorrer quando eu precisar. Mas, no momento, estou bem e quero continuar aqui.

Ela me encarou por mais alguns segundos, assentiu e desceu as escadas. Bem no momento Fernando entrava como um louco, com os policiais logo atrás dele para contê-lo. Havia nos olhos de Fernando uma mistura de medo e desespero, coisa que eu jamais tinha visto. Ele tirou o chapéu e me olhou, tentando imaginar o que eu tinha dito. O homem à minha frente era durão, arrogante muitas vezes e muito másculo, mas agora estava puramente reduzido a

um pobre caubói aflito.

Seus olhos eram tristes e brilhantes, o que me deu um nó na garganta.

— Fernando Capello? — A delegada entrou na nossa frente.

— Sim. Sou eu.

— Alessandra, delegada. Preciso falar com você. A sós.

Ele poderia se contradizer com tudo que eu contei. Entrei em pânico e falei:

— Alguém duvidou que você me convidou para me hospedar aqui, Fernando, e fez uma denúncia...

— Maria Clara, por favor. — A delegada foi firme e rápida. — Não pode falar com ele até que eu o interrogue.

— Desculpe. — Pelo menos vi o alívio tomar o rosto dele. Em um segundo, voltou a ser o homem forte e poderoso que eu conhecia. Ele levou a delegada para o escritório e ficaram lá por quase meia hora. Quando saíram, ela se dirigiu a mim.

— Não vamos arquivar essa denúncia. Quando descobirmos quem fez a denúncia anônima, voltaremos.

— Claro. Eu fico agradecida pela segurança em nosso estado. — Ela me direcionou um olhar torto, se despediu e saiu. Eu me joguei no sofá, arfando aliviada, e Fernando fechou a porta. Ele me estudou com as mãos na cintura e com o olhar penetrante.

— Quem fez isso?

— É o que quero saber — falei. Na verdade, eu tinha certeza que fora Leticia, mas não ia contar para ele. Não ia dizer que ela sabia de todo nosso rolo. — Será que não foi o Miguel?

— Não. Ninguém sabe do sequestro. Nem meus irmãos. Quem mais sabe sobre isso, Maria Clara?

Eu queria proteger Leticia, não queria Fernando indo com tudo para cima dela. Pelo menos não antes de saber os motivos, talvez fosse uma tentativa de me ajudar. Ela sempre se preocupou muito comigo.

— Olha, Fernando, talvez eu tenha deixado escapar para minha mãe. Não sei...

— Não sabe? Contou para sua mãe que foi sequestrada? Porra, Maria

Clara! Logico que sua mãe iria denunciar. Tem noção do que poderia ter acontecido comigo?

— Sim, eu...

— Ou foi você mesma que fez essa denúncia? Numa tentativa de fugir daqui e se vingar de mim? Foi você, Maria Clara?

A indignação me consumiu. Eu me levantei e fiquei bem perto dele, enfrentando-o.

— Você deveria estar me agradecendo. Era minha chance de escapar e jogar você numa cela, mas tem sorte que eu sou uma besta e desenvolvi um pouco de apreço por você, de modo que jamais pagaria na mesma moeda. — Virei para subir a escada, mas voltei rapidamente. — O que acha que eu ia fazer? Denunciar você depois de tudo? Eu conheci sua família, lembranças do seu passado, seus planos e ainda me ofereci para ajudar. Eu não seria tão fria e cuzona para jogar na cadeia o homem que divido a cama, apesar de ele merecer.

Subi as escadas correndo, entrei no quarto destinado a mim e, com as mãos dentro dos cabelos, caminhei no cômodo. Eu não seria mesmo capaz de denunciá-lo. Se fosse no dia em que havia chegado aqui, eu faria sem pensar, mas depois de duas semanas... Não dava. Fernando se tornou parte dos meus dias e noites, não podia simplesmente feri-lo.

Da janela, olhei o jardim lá embaixo. Estava acontecendo o que eu mais temia: eu estava acostumada à fazenda, e isso era péssimo.

A porta se abriu e nem precisei olhar para saber que era ele. Fernando sentou-se na cama e ficou ali, calado, por uns segundos.

— Eu sei que não foi você — ele sussurrou. — Obrigado por ter me acobertado.

— Que seja — murmurei.

— Eu fiquei apavorado.

— Não se preocupe — falei sem olhar para ele. — Se depender de mim, não será preso.

— Eu não fiquei apavorado em ser preso, Maria Clara. Eu só pensei que você pudesse... ir embora. E, dessa vez, seria impossível eu te buscar novamente. Seria um porre estar nessa fazenda imensa sozinho de novo.

Ouvir isso vindo dele me desestruturou. Fernando estava sendo sincero ao abrir seu coração para mim. Um homem acostumado a ser machão e sempre

dominador estava me mostrando qual era seu pior medo. E por incrível que pudesse parecer, era exatamente igual ao meu medo: ter que ir embora daqui.

Eu me sentei ao lado dele na cama.

— Por sorte, você tem um contrato que me obriga a ficar. — Fernando me fitou e sorriu. Passou o braço em torno do meu ombro e me puxou para abraçá-lo.

— Você continua sendo minha refém.

— Esse é meu carma. Se a delegada tivesse chegado às seis da manhã, quando você costuma me acordar à força, com certeza o resultado seria outro. — Ele riu e deu vários beijos na minha cabeça.

Eu procurava um instante a sós para poder ligar para Leticia e buscar respostas sobre aquela manobra. Mas, desde o ocorrido, Fernando não desgrudou mais de mim, e eu tive medo de pegar o telefone e ele me flagrar. Acho que Fernando já sabia que eu havia conversado com ela, mas não passava por sua cabeça que eu seria tão idiota a ponto de contar sobre o sequestro.

No dia seguinte, depois do almoço, enfim Isabela veio para a fazenda; ela entrou sendo guiada por Laerte. Eu fui rapidamente cumprimentá-la.

— Pelo que estou vendo, não sofreu as consequências daquela noite — ela disse para mim, em um tom que Fernando pudesse ouvir.

— Digamos que foram boas consequências. — Pisquei, insinuando safadezas e fazendo-a rir.

— Isabela, eu não vou tolerar seu conluio com Maria Clara, chegando a ponto de me desrespeitar — Fernando advertiu em um tom ranzinza. Estava de cara amarrada por eu ter, enfim, uma aliada. — Você é minha funcionária, e não medirei esforços para te demitir.

— Desculpe, Fernando, não acontecerá novamente.

— Ótimo. Laerte vai te mostrar a fazenda. Depois conversaremos. — Fernando me olhou com a mesma expressão severa. — Você, no meu escritório agora.

Entrei com ele no escritório, Fernando se sentou na cadeira grande de

couro e me indicou uma poltrona à sua frente. Assim que me acomodei, ele disse:

— Sou todo ouvidos. Me conte a ideia que teve para desbancar Miguel.

Contei para ele que poderíamos mostrar na prática para o cliente como tudo acontecia na fazenda. Eu mesma tinha assistido a ordenha das vacas e achei tudo muito cronometrado e feito de uma forma que não prejudicasse o contato do animal com a terra. As vacas leiteiras não eram mantidas em cativeiros, em cubículos fechados com bicos de sucção presos em suas tetas. Estes eram colocados apenas na hora da ordenha.

Eu tinha certeza que se ele visse a forma que Fernando conduzia tudo, assinaria contrato com a Capello. Falei ainda que ele poderia trazer o gringo para cá, servir um café com o leite, queijos e iogurte da empresa e, mais tarde, no escritório, Fernando e Franco mostrariam a ele toda a parte administrativa da empresa, lucros, investimentos, prêmios acumulados.

A ideia que ele tinha era compatível com a minha e planejamos como tudo aconteceria. Armar todo um ambiente familiar e próspero para atrair o cliente que seu João tanto queria.

— Eu posso fingir ser a esposa prendada — ironizei, de pé ao lado dele, enquanto Fernando tentava falar com Franco ao telefone..

— Só não tente fazer doces para ele, ou pensará que estamos tentando envenená-lo.

— Pode deixar. Vou vestir um vestido florido e aparecerei sorridente nos celeiros trazendo uma cesta de ovos. Como uma boa dama do campo. — Fernando empurrou a cadeira executiva para trás e me puxou para sentar em seu colo.

— Falando em ovos... Os meus precisam de cuidados.

— Que safado. — Circundei seu pescoço com meus braços. — Estive o dia todo esperando por isso. — Beijei seus lábios enquanto as mãos dele já adentravam minha blusa, tocando meus seios. Em segundos, meu corpo começava a aquecer pelo toque dele. E o que eu mais queria era me derreter em seus braços.

28 | MARIA CLARA

No dia seguinte, depois de nos exercitarmos e tomarmos café, Fernando teve uma bela ideia. Ele me fez deitar na cama, amarrou meus braços e vestiu uma sunga, sem me dizer nada. Eu sabia que eram novos planos, devido à maleta da maldade que estava ali perto. Entre o temor e a curiosidade, me vi entregue, disposta a entrar em qualquer jogo que poderia me levar.

Fernando afastou minhas pernas e sorriu daquela forma que fazia meu corpo todo esquentar. Sem tirar minha calcinha, ele acariciou minha intimidade, criando uma onda de pura energia erótica em todo meu corpo, o que me fez despertar completamente. Nem precisou muito, eu já estava acesa, e quando ele retirou minha calcinha e abaixou até ali com a boca, eu tremi loucamente, sentindo minha pele arrepiar ao mesmo tempo.

Fernando lambeu uma vez, mais uma e outra. Sem tocar no meu clitóris. Em seguida, inseriu vagarosamente um dedo em mim. Merda! Meu corpo ia se inflamando aos poucos, até o ponto máximo que eu já torcia para chegar. Quando sua língua tocou meu clitóris, achei que morreria. Tentei mover os braços, mas estava presa, e isso me deixou frustrada por não poder tocar em Fernando.

Ele parou, parecendo satisfeito com meu estado, no meio caminho do clímax. Puxou para perto a maleta, abriu e escolheu algo parecido com um colar. Tinha umas bolas prateadas do tamanho de morangos.

— Se chama colar tailandês — ele disse.

— E o que isso faz?

— Você vai descobrir. — Afastou minhas pernas, passou o polegar na minha vagina, girando devagar, e depois forçou uma das bolas do colar. Fechei os olhos e gemi quando ela entrou. Ele acariciou em volta, abaixou e beijou de leve todo meu sexo. Gemi mais ainda. E então ele empurrou mais uma bola. Elas tocavam intimamente dentro de mim, nas minhas carnes sensíveis pelo toque dele. E quando a terceira entrou, eu me contorci, erguendo o quadril da cama e dando a ele um bom motivo para sorrir com satisfação.

No fim, foram quatro bolas dentro de mim, e quando eu achei que algo mais aconteceria, ele me desamarrou e deu um tapinha na minha coxa.

— Levante-se. Vamos descer.

— O quê? E o que... o que vou fazer com isso dentro de mim?

— Estou te esperando na sauna. Vista um biquíni. — Ele saiu da cama esbanjando uma grande ereção que esticava a sunga. Horrorizada, olhei para a cara de pau dele.

— Fernando!

— Venha logo, Maria Clara. E nem ouse retirar sem minha ordem.

Eu me levantei, sentindo minhas pernas bambas. Conforme eu andava, as bolas se mexiam na minha vagina, me deixando sempre acesa de tesão. Praguejei e fui me vestir, andando torta enquanto segurava nas paredes. Eu ia matar Fernando. Ali, tive certeza.

Eu me vesti e desci devagar as escadas, segurando com cuidado o corrimão, curvada, parecendo uma corcunda, para não causar movimento nas bolas.

— Ei, Maria Clara — Tereza me chamou, e eu praguejei em pensamento. *Não, não! Eu não posso parar para conversar.* Esfreguei uma perna na outra.

— Sim?

— O que acha de um peixe assado para o almoço?

— Seria ótimo... — balbuciei.

— Quer me ajudar?

— Eu só... Vou pegar uma sauna com o Fe... Fernando. — Mordi os lábios.

— Está tudo bem? — Franziu o cenho, preocupada.

— Está ótimo. — Sorri para ela e andei rápido para fora, parando para comprimir as pernas. Eu não sei como outras mulheres reagiriam, mas eu estava morrendo com aquelas coisas friccionando dentro de mim.

Cheguei à sauna, e Fernando estava lá, sentado, com uma toalha em volta da cintura. Ao seu lado, a bendita maleta.

— Ah, você veio — disse em tom preguiçoso.

— Não tenho opção. — Fui até ele, e Fernando me colocou entre suas pernas. Puxou meu queixo e, após um beijo demorado, sorriu libertinamente.

— Hoje você vai conhecer o que é prazer de verdade — sussurrou e

agilmente despiu minha canga e em seguida meu biquíni. Engoli em seco quando seus dedos foram de encontro à minha vagina latejante e sua boca encontrou um dos meus seios. A sucção quente no mamilo quase me fez cair, e eu segurei em seus ombros fortes.

— Quer gozar, Abacaxi?

— Ah, porra! Você ama me ver sofrer. — Acabei de falar e recebi um tapa na bunda.

— Olha a boca. Fique aqui, com as mãos apoiadas no banco e a bunda empinada para mim. — Fernando me colocou na posição desejada e se levantou, descartando a toalha e exibindo sua costureira ereção.

Eu sabia o que ele pretendia assim que ele tocou com o polegar. Fechei os olhos e senti o dedo acariciar devagar meu ânus. Comprimi a entrada, e as bolas doeram na minha vagina.

— Chegou a hora, Maria Clara. Te treinei todo esse tempo para esse momento, e quero aproveitar sem interrupções. — Ele disse isso ao pé do meu ouvido, me abraçando sensualmente. Eu apenas gemi, esfregando uma perna na outra e suando em bicas por causa da sauna. E mal podia esperar para ter a desejada libertação.

Ele abriu a maleta, pegou um tubo e um preservativo. Senti algo líquido e frio na minha entrada e apertei meus dedos na palma da mão. Eu queria isso. Eu queria experimentar, eu estava louca por qualquer tipo de prazer que ele poderia me dar.

— Senhor, é hoje que eu morro — murmurei, inquieta.

— Quietinha. — Ele me segurou, para eu continuar na mesma posição, enquanto inseria em mim um plug. Dessa vez, entrou com facilidade, e quase uivei quando as bolas na minha vagina reagiram com a intromissão no meu ânus.

Ouvi Fernando rindo, e eu nem tinha tempo para berrar. Eu só queria mais. Queria muito mais. Ele retirou o plug, e eu logo senti uma pressão maior. Era o pau. Era agora.

— Ah, caralho! — rugi, e ele entrou devagar por trás, me fazendo ver estrelas. Eu estava toda preenchida, apertada e sentindo minha vagina sendo revirada por causa do aperto lá atrás. O pau dele era um espetáculo, e senti-lo todo dentro de mim, por trás, em companhia das bolas metidas na xota, foi uma experiência devastadora.

Fernando urrou, segurou na minha cintura e retirou com lentidão o pau,

para em seguida meter novamente. Naquele momento, vi uma constelação inteira.

— Caralhooo!

Meu corpo se sacudiu em espasmos violentos. Nossos corpos estavam suados e quentes, e eu achei que dissolveria feito gotas de água em frigideira quente.

— Ah, que delícia! — ele respondeu, sem nem se importar com o palavrão.

E de um jeito muito gostoso começou a entrar e sair de dentro de mim, deixando minhas pernas moles, meu ventre em combustão e minha vagina à beira de explodir. A cada socada, Fernando me tirava do juízo normal. Eu estava prestes a gozar quando ouvi vozes. Ele também ouviu e parou. Ficamos em silêncio, ouvindo apenas as respirações ofegantes, até ter certeza de que eram mesmo vozes. Alguém chamava o nome dele.

— Cacete! Meus irmãos! — Fernando entrou em alerta.

— Termina essa porra! — Levei a mão para trás e segurei a bunda dele. Não vamos parar.

— Maria Clara, se eles entrarem...

— Que se dane. Não me deixe assim. Rápido, Fernando! — Ele se recuperou, voltou a bombar forte e a reavivar o orgasmo. As vozes se aproximavam, e essa sensação de perigo fez o tesão triplicar. Fernando curvou-se para a frente, alcançou a cordinha do colar tailandês e puxou uma bola por vez de dentro de mim, sem parar as investidas atrás, enquanto eu gritava pelos impulsos de prazer provocando o orgasmo.

Nem houve tempo de se recompor. Ele se enrolou na toalha, eu, completamente trêmula e de pernas bambas, vesti meu biquíni e aguardei ele espiar para fora da sauna. Vimos o pessoal ao longe e então corremos para a piscina. Gargalhando feito adolescentes, pulamos juntos.

Os irmãos de Fernando vieram para perto da piscina. Benjamin olhou em volta, desconfiado, como se percebesse que estávamos na safadeza.

— Onde vocês estavam? — indagou. Seus olhos estavam pregados em

mim.

— Tomando um sol. O que vieram fazer aqui? — Fernando assumiu uma pose agressiva.

— Visitar — Andrey disse. — A Mariana queria conhecer a fazenda. — Fez um gesto para a loira refinadíssima ao seu lado. Ela acenou como uma miss para a gente.

— Bom, vou me trocar. — Ameacei sair da piscina, mas Fernando me segurou.

— Ei, vocês dois — falou para os irmãos. — Será que podem dar licença?

— Por quê? — Benjamin cruzou os braços e encarou Fernando, disposto a desafiá-lo.

Eu revirei os olhos e saí da piscina sem dar tempo de ele me segurar. Era idiota da parte dele não querer que os irmãos me vissem de biquíni. Benjamin assoviou apenas para provocar o irmão. E eu nem vi o momento em que Fernando saltou para fora, alcançou um roupão e me enfiou dentro dele.

— Cuidado, Maria Clara, daqui a pouco ele veste uma burca em você — Andrey tripudiou.

— Oi, Maria Clara. Oi, mano. — Stela veio da cozinha na companhia de Miguel. Os dois filhos deles já corriam ao longe na relva.

— Caralho, vocês não trabalham? — Fernando se encrespou ao ver Miguel. Este sorria com ironia.

— É horário de almoço, Fernando — Stela revidou. — Deixa de ser ranzinza e receba sua família com educação.

— Que seja. E o pai? — Ele também pegou um roupão e se vestiu.

— Ficou em casa, não quis vir.

— Milagre que certa pessoa não quis ficar lá com o velho para dar papinha na boca dele. — Até eu percebi que a indireta foi para Miguel.

— Como vice-presidente da Capello, eu poderia mesmo fazer isso — Miguel provocou, e Andrey se preparou para segurar Fernando diante de um iminente ataque.

— Pessoal — eu me intrometi. — Fiquem à vontade, nós vamos trocar de roupa e já descemos. — Puxei a mão de Fernando, guiando-o para dentro da

casa. E ele, como um verdadeiro resmungão, não parou de falar o quanto essas visitas repentinas eram ruins e que ele iria acabar com isso. Fernando não se conformava que justo no dia do sexo anal fôssemos interrompidos.

Os irmãos dele almoçaram com a gente. Só faltou o Thadeo, ele era mais antissocial e não iria mesmo aparecer. Benjamin era o mais legal, e Andrey era um pouco sério.

Amei a companhia de Stela. Depois do almoço, fomos juntas, com Mariana e as crianças, para o lago observar os patos, os quatro homens do outro lado, averiguando o imenso curral.

Sorri, vendo-os ao longe, em sintonia, rindo, conversando, em intimidade típica de família. Um deles era o meu homem. Eu não queria me sentir assim, mas era inevitável. Estava me sentindo parte da família Capello, e pela primeira vez desde que havia chegado ali, tive medo real, medo de que aquilo pudesse acabar.

Dois dias tinham se passado, e nossos planos iam de vento em popa. Apenas eu, Franco e Fernando sabíamos tudo que aconteceria e como seriam apresentados os detalhes para o gringo. E o melhor de tudo era me sentir incluída em algo. Fernando estava confiando em mim e me dando grande credibilidade em algo que era muito importante para ele: não só o reconhecimento do pai, mas também a possibilidade de desbancar Miguel.

Foram dois dias tão bons, que esqueci a visita da polícia e de ligar para Leticia, para pressioná-la sobre a denúncia anônima. Mas ela não se esqueceu de mim.

Era sexta-feira à tarde, Fernando não estava na fazenda, tinha ido para a cidade e eu lia um livro que peguei na estante dele, quando meu celular tocou. Corri para o banheiro e liguei o chuveiro quando vi que era Leticia.

— Leticia?

— Oi, amiga. — Sua voz era baixa, um pouco chateada.

— Meu Deus. — Caminhei pelo banheiro. — Eu ia te ligar. Por acaso foi você que fez uma denúncia anônima contra Fernando? Quer dizer, claro que foi você, só quero saber por quê.

— Você ainda está na fazenda? Ainda está com ele? — Sua voz parecia pasma por saber que eu ainda estava na casa de Fernando.

— Sim, claro que estou. Eu estou indignada, eu te contei aquilo como segredo, era uma brincadeira.

— Maria Clara... Amiga... não sei o que faço. — Estranhei o fato da voz dela começar a diminuir e chegar ao ponto de choro.

— O que houve?

— Eu preciso de sua ajuda, amiga. Você é a única pessoa capaz de me ajudar, meus pais viraram as costas para mim.

— Meu Deus. O que houve, Leticia?

— Eu estou grávida.

A notícia me pegou de surpresa, mas me recuperei rapidamente e encarei meu rosto no espelho do banheiro.

— Grávida? Mas... isso não seria bom?

— Grávida de três meses, Maria Clara. Eu não estava com Thiago ainda. Ele quer que eu aborte. O bebê não é dele, é do Fernando.

Na hora, deixei o celular cair na pia.

29 | MARIA CLARA

Quando peguei o celular novamente, ela ainda estava falando:

— Não pense que é um golpe. Não é. Tenho exames que comprovam, Maria Clara, por favor...

— Ok. — Tentei manter a calma, segurando o surto que pulsava dentro de mim. Fernando seria pai. E de uma forma perturbadora, eu estava me sentindo incomodada por saber disso. — O que quer que eu faça? Não posso fazer nada.

— Pode. Interceda com Fernando por mim. Fale com ele para me receber.

Marcar um encontro entre os dois? Por que diabos o ciúme estremeceu meu corpo?

— Sim, claro. Vou falar com ele... — Aquilo era fácil. Eu jogaria para ele qualquer decisão. — Eu te ligo.

— Maria Clara. Eu não posso perder esse bebê. Thiago só me aceita se eu fizer o aborto. Estou implorando.

Meu Deus! Coloquei a mão no peito. O caso era muito sério. A ficha enfim caiu, e eu soube que era verdade. Leticia não mentiria sobre algo que poderia ser descoberto em um estalar de dedos, ainda mais para um homem tão poderoso como Fernando.

— Tudo bem, eu te ligo. — Desliguei e me sentei no vaso sanitário, com o rosto nas mãos. Fernando tinha um pai extremamente conservador e com certeza iria obrigar o filho a assumir não só o bebê como se casar com a mãe. Meu castelo de ilusões tinha começado a desabar.

Mas o que eu esperava? Um anel de noivado? Eu era apenas a porra da escrava sexual de um fazendeiro milionário, presa nessa fazenda. Entre os meus desejos e um bebê crescendo ao lado do pai, eu faria de tudo para que a segunda opção acontecesse.

Saí do banheiro planejando como eu contaria para ele. Precisava prepará-lo, Fernando poderia ficar instável, e então seria mais difícil contornar a situação.

Não faça burrice. Não faça burrice.

Eu clamava para mim mesma em pensamento. Eu podia me ver fazendo

escolhas tolas, como o roubo do dinheiro de Fernando no calor do momento.

Pense, Maria Clara. Pense...!

Eu ia esperar a visita do gringo, e então contaria tudo para Fernando. Ele tinha conseguido marcar a visita para terça-feira, então ainda tinha três dias até lá. Nada iria acontecer nesses três dias. Até lá, eu pensaria na melhor forma de abordar o assunto. Peguei o celular e liguei para Leticia. Ela atendeu de imediato.

— Eu preciso de três dias — falei.

— Impossível, Maria Clara, precisa ser logo. Preciso do amparo de Fernando.

— Vai acontecer algo muito importante para ele, e assim que ele conseguir, eu contarei tudo. Ele vai te ajudar, tenho certeza. — As batidas do meu coração ricochetavam alto nos meus tímpanos. Tomei uma grande quantidade de ar e esperei ela falar. Leticia ficou por arrastados segundos em silêncio, até que ousou falar:

— Você está apaixonada por ele?

Meu corpo todo ficou rígido e gelado. Não. Não estava. Eu tinha grande atração por ele, mas, paixão? Em apenas três semanas? Não mesmo.

— Leticia, não acho que minha intimidade com ele seja relevante para você. Nosso assunto é outro.

— Fernando não vai permitir que um filho cresça longe dele e eu não vou dar a guarda para ele. E se ele quiser voltar atrás com o casamento comigo, você ficará do meu lado, Maria Clara?

Isso doeu. Mais do que eu gostaria. Meu coração ficou instável e senti uma onda implacável de ciúmes queimar meu corpo.

— E você quer isso? — sussurrei, com medo de ouvir a resposta.

— Quero que meu filho tenha um lar com pai presente.

Assenti, mesmo que ela não pudesse ver. Fiquei olhando para o chão por um bom tempo. E Leticia continuou:

— Se você não está apaixonada por ele, será bom para você se livrar desse imbecil, amiga. Você estará livre dele.

Livre dele.

Pai do céu! Meu corpo já estava trêmulo. Eu não estava apaixonada por

aquele fazendeiro bruto. Mas a falta de ar me dominou, e eu fui obrigada a me despedir dela e desligar. Saí do quarto e descí para a cozinha, onde Tereza sempre estava. A casa parecia pequena para mim.

— O que acha de fazermos alguns bolinhos de chuva? — Tereza ofereceu assim que me viu entrando, mas eu não estava no clima, e ela percebeu. — Aconteceu alguma coisa, Maria Clara?

— Tereza, me diga uma coisa: se você tivesse que praticar uma boa ação, honrosa, mas para isso tivesse que abrir mão de uma pessoa que... você aprendeu a gostar... muito, o que faria?

Ela me encarou com olhar intrigado, tentando distinguir o que estava acontecendo.

— Bom, precisaria ter um contexto. Se a ação honrada beneficiasse muita gente, eu aceitaria viver sozinha, mas sabendo que fiz outras pessoas felizes. Mas talvez não faça sentido você ajudar uma única pessoa sacrificando a própria felicidade e, com isso, passando o resto da vida amargurada.

Eu fiquei calada, pensando e dobrando sem parar um guardanapo.

— É algo com o Fernando?

— Não. — Sorri para ela. — Apenas divagações. — Mesmo desconfiada, Tereza anuiu.

— Como está a minha refém do prazer? — Eu me assustei com a voz de Fernando. Estava deitada na cama e me virei para vê-lo parado na porta do quarto, *à la* executivo. Calça e camisa social, sapatos pretos impecáveis e um belo relógio no pulso. Só quando ele jogou o terno em uma poltrona e se sentou na cama para tirar os sapatos é que me dei conta de que estava em seu quarto. Eu devia estar tão confusa, que agi automaticamente, indo buscar abrigo na cama de Fernando.

Eu me sentei e olhei para suas costas largas enquanto ele se despia.

— Refém do prazer? Parece nome de livro erótico. — Tentei parecer descontraída, rindo forçadamente para esconder o nervosismo do assunto que pulsava na minha mente.

Vestindo só a calça social, Fernando engatinhou na cama, vindo até mim.

— Então você é sortuda, pois em vez de ler, está vivendo um conto erótico. — Ele me beijou ao mesmo tempo que empurrou meu corpo contra os travesseiros, deitando sobre mim. — Estava morto de saudade. — Fernando confessou em um sussurro, e eu estremeci, fitando, sem piscar, seus olhos cobertos de sinceridade. Fernando segurou meu rosto, acariciando meu queixo com o polegar. — Senti a minha falta, Abacaxi?

— Senti — sussurrei.

Pela primeira vez me rendi e confessei que eu adorava estar assim, agarrada a ele. Seus lábios se abriram em um sorriso intenso, me atingindo em cheio de tão bonito. Percorri minhas mãos em seu peito forte, senti o familiar cheiro dele e tornei a afirmar:

— Senti muito a sua falta, Infernando.

Mais do que depressa, ele me calou com um beijo, e, completamente sintonizados, arrancamos a roupa um do outro. Minhas mãos escorregaram para o cinto dele e o desabotoei com desespero, no mesmo instante em que Fernando tentava tirar o meu short jeans.

— Eu primeiro — falei e o empurrei na cama, para que deitasse contra os travesseiros. Ofegante e com um belo olhar urgente, ele tirou a calça e foi impedido de tirar a cueca. Eu segurei suas mãos, e, pelo meu sorriso, ele percebeu que eu queria brincar um pouco.

Acaricieei o contorno do pênis que estufava a cueca, e minha simples carícia fez Fernando soprar fervorosamente. Ele estava apoiando nos cotovelos, para poder ver o que eu faria. Olhei para ele, empurrei meu óculos contra o nariz, fazendo uma expressão sexy. Fernando vibrou. Satisfeita, puxei sua cueca. O meu delicioso objeto de prazer pulou, lindo em sua poderosa robustez.

Tinha bolas proporcionais, que formavam um belo conjunto. Era um pau generoso, do tamanho exato que me preenchia com perfeição.

Abaixei e lambi cabeça, e quando eu a coloquei na boca, chupando-a, o senti pulsar na minha língua. Eu já tinha feito outras vezes isso, mas agora eu mostrava que gostava da sensação de tê-lo vulnerável ao meu toque e aos meus lábios.

Quando intensifiquei a sucção e engoli grande parte do corpo grosso e reto, Fernando soluçou e enroscou os dedos nos meus cabelos, me guiando, tirando e colocando bem devagar, fodendo minha boca calmamente.

Ele deixou minha boca de lado, se levantou e montou em mim, na minha

bunda. Fernando acariciou as bandas e distribuiu algumas palmadas, me fazendo arquejar, estranhamente úmida de desejo a cada palmada dele.

— Você sempre foi o que eu quis, Maria Clara. Bunda grande, teimosa... Seu sorriso me faz ver coisas que ainda não tinha percebido que eu poderia sentir. E quando me olha, cresce em mim uma sensação boa demais, porque eu sei que é o olhar de quem gosta. Além de tudo, é safada. — Ele deitou seu corpo grande e forte sobre minhas costas e cochichou no meu ouvido: — Agora vou te fazer ficar rouca de tanto gritar.

— Fernando... — Minha voz falhou com leve teor de medo. Eu nunca sabia do que ele poderia ser capaz.

— Não tema, Abacaxizinho. — Fernando esfregou o pau muito duro na minha bunda. — Não é punição, é um presente. — Riu no meu ouvido, ocasionando um arrepio quente em todo meu corpo. Depois se levantou, colocou travesseiros embaixo da minha barriga, para que eu continuasse deitada, mas com a bunda empinada.

Quando ele tirou minha calcinha e forçou a entrada, segurando forte com as duas mãos em minha cintura, eu senti um tesão tão grande, que quase fiquei zozza. Porque não importava quantas vezes eu fizesse sexo com ele, sempre a expectativa para sentir o prazer que me proporcionava era inegavelmente poderosa. Fernando golpeou certo e fundo e bombou rápido umas três vezes seguidas, me tirando dos eixos. Nem consegui gritar, tamanha foi a deliciosa invasão.

Meu corpo tremia, e minhas mãos cravaram no lençol. Fernando riu, acariciou minha bunda e foi bem de leve a seguir.

— Pronto, já passou. — Montado em cima de mim, ele mexia de leve os quadris, rebolando, quando estava todo metido, e distribuindo seu peso e força com a leveza dos movimentos.

— Cara do céu... — rosnei sem nem saber o que dizia.

— Diga, morena.

— Ah... esse pau...

Ele riu, cheio de orgulho, deitou-se novamente sobre mim, me abraçou e virou a gente de ladinho. E fiquei presa aos braços fortes de Fernando, sentindo-o entrar e sair cada vez mais forte. Ele segurou uma perna minha, continuou me prendendo com um braço. E as estocadas foram ficando pesadas, até que meus gemidos se tornaram gritos, como ele havia dito.

A invasão daquele pau grosso abria sem piedade meu interior escaldante, me dando a melhor sensação que existia. O orgasmo não tardou a vir depois que ele achou que era uma boa ideia morder meu ombro. A sensação foi tão prazerosa, que fui incapaz de segurar meu juízo mental. Fiquei fora de mim por uns quatro segundos, enquanto convulsionava nos braços dele, sentindo-o ainda dentro de mim. Fernando beijava sem parar meu ombro e pescoço.

Quando eu estava mole pelo orgasmo poderoso, Fernando me virou e me ajeitou contra os travesseiros.

— Bem confortável para aguentar mais uma rodada — falou, dobrou minhas pernas em direção à minha barriga e entrou novamente. De joelhos, dava o seu melhor e me reacendia. O tesão em ondas de eletricidade me esquentou novamente.

Era impossível não se derreter totalmente. Um homem daqueles, tão másculo, na minha frente, me dando um prazer imensurável e gemendo de modo extremamente sexy. Foi a gota d'água quando Fernando inclinou-se contra mim, chupou meus seios e trouxe sua boca para perto da minha.

— Goza, Maria Clara. — A voz estava muito rouca, mais do que o normal. Em seguida, beijou minha boca, e eu agarrei seu corpo suado e gozei entre as incessantes estocadas. Até que ele parou dentro de mim por também ter gozado fartamente.

Eu estava molenga, de olhos fechados, e abraçava o corpo dele com força, como se tivesse medo de largar. Tive medo de perder tudo aquilo.

Fernando levantou o rosto, tirou os cabelos da minha testa e me beijou docemente.

Leticia estava vindo tirá-lo de mim, era isso que eu sentia. O pior de tudo seria eu ser uma egoísta e querer tramar alguma coisa contra minha amiga só para continuar morando e vivendo com um homem que teoricamente eu deveria odiar. Um homem que tudo que fez foi me tornar completamente dele.

Fernando devia ganhar parabéns. Ele tinha conseguido me treinar, não para ser uma submissa, mas para ser dele, só dele.

30 | FERNANDO

Sábado pela manhã, após a costumeira briga para Maria Clara levantar, tomamos café e saímos para dar uma volta pela fazenda. Ela estava encantadora de cara amarrada, chapéu e óculos escuros.

— Venha, você vai gostar do passeio.

— Eu juro que tento gostar de você. — Ela me empurrou, para eu não abraçar sua cintura. — Mas você vai e fode com tudo, cara. Em pleno sábado, e eu tendo que acordar às sete da manhã.

— Oito.

— Que se foda.

Consegui agarrá-la e a segurei contra meu corpo.

— Cuidado com essa boca suja, ou vou tomar medidas drásticas. — Maria Clara rosnou, mas decidiu não brigar comigo. Eu a soltei, passei o braço em seu ombro e continuamos a caminhada. — Além do mais, você me adora. Toda manhã está agarrada a mim. Acho que por isso se recusa a levantar, o caubói aqui é muito gostoso, impossível desapegar.

— Sim, eu amo esse seu jeito cretino, porque faz com que eu me sinta bem superior.

Chegamos ao estabulo e de longe pude ver Laerte trazendo putão e uma égua que era interesse do meu cavalo. Ele era um cavalo à moda antiga, gostava de escolher a parceira, depois paquerava, deixando-a se render a seus encantos, e só então caía para o bote. Já havia presenciado a égua se esfregando nele, totalmente seduzida, e Putão ignorando um pouco.

Ao lado de Laerte vinha Isabela. Tinha carço nesse angu? Parecia que não era só o cavalo que estava flertando, meu funcionário estava disposto a levar a garota da cidade para uma visita íntima ao celeiro.

— Bom dia — ela cumprimentou de modo contagiante. Maria Clara se limitou a murmurar.

— Eu e a cara de pamonha aqui vamos dar um passeio pela fazenda — informei a eles e acariciei meu cavalo.

— Parece que não dormiu bem, Maria Clara? — Isabela questionou, mas antes que ela pudesse usar essa brecha para fazer palanque e discursar sobre os

malefícios de acordar cedo, eu fui mais rápido:

— Essa daí dorme igual pedra. Se deixar, mora na cama. Laerte, ajude Maria Clara a montar na égua.

— Ela sabe cavalgar? — ele perguntou inocentemente, e no mesmo instante meu olhar se encontrou com o dela. Maria Clara até revirou os olhos diante da minha ironia em forma de sorriso.

— Sabe, e muito. Vamos. — Montei em Putão e esperei Laerte ajudar Maria Clara e dar algumas instruções. A égua era mansa, qualquer pessoa que montasse nela estaria segura.

Esperei que ela me acompanhasse e fiz o cavalo marchar tranquilamente em direção ao grande haras um pouco mais adiante. Maria Clara emparelhou comigo, com nariz empinado, tentando parecer fria, o que não combinava com alguém tão expressivo como ela. Observei-a por um bom tempo. Esbelta, parecia um pouco mais em forma, creio que por causa dos treinos três vezes por semana. Tinha a pele macia, e os cabelos tão bonitos, que eu podia tocá-los o dia todo. Ela olhou para o lado e me flagrou observando-a.

— O que é?

— Você não é uma mulher extremamente dependente da modernidade.

— Por que diz isso?

— Já completaram três semanas que está aqui e parece adaptada ao ambiente natural.

Ela deu de ombros e ficou pensativa, depois me olhou e concordou.

— É. Eu não sou muito fã de locais movimentados. Achava um porre ter que trabalhar naquela lanchonete em São Paulo.

— Então te fiz um favor.

— É o que parece.

Chegamos na cerca branca bem construída. Lá dentro, alguns peões treinavam cavalos. Desci de Putão e ajudei Maria Clara a descer. Os dois cavalos foram pastar e nos aproximamos da cerca, para ver os cavalos sendo adestrados.

— Concorda comigo sobre eu ter feito um favor para você? — perguntei para ela.

— Apesar dos contratemplos que você cisma em criar, eu estou aqui de boa, sem precisar trabalhar como um burro de carga, morando em uma mansão,

roupas novas, comendo do bom e do melhor...

— Sendo comida pelo melhor. — Ri da cara brava que Maria Clara tentou fazer, sem sucesso.

— Não ferra. Apesar que liberdade não se compra...

— Você é livre.

— Aham — ela desdenhou, e notei as sobrancelhas subindo por cima dos óculos. — Eu posso, por acaso, ir embora?

— Não — falei na lata, sem nem me preocupar em esconder. Eu me apoiei na cerca e olhei para o céu enquanto pensava sobre isso. — Em hipótese alguma deixarei você ir, Maria Clara. Te dou a permissão de visitar seus pais, ir comprar alguma coisa, desde que volte para cá. — Em vez de brigar, surtar e se descabelar, os lábios dela curvaram de lado, em um sorriso de aprovação. Maria Clara fingiu olhar os cavalos e falou:

— Se por acaso encontrasse outra mulher e ela...

— Não estou procurando para poder encontrar.

Minhas palavras a pegaram de surpresa. Ela arfou, mas insistiu em seguida:

— Mas se caso alguém aparecesse...

— Não sei se percebeu, mas eu já tenho uma mulher. Descarte os meios que te trouxeram até aqui e leve em conta só o nosso relacionamento. O resumo é que você é minha mulher.

Eu estava certo disso desde que a vi na festa na casa dos meus pais. Era a minha acompanhante legítima, a mulher que eu dividia a cama, a mesa, o teto. A única capaz de me ferir com a praga do ciúme e provocar sorrisos involuntários. A única que conseguia colocar ânimo no meu dia mesmo que ele estivesse uma merda.

— E você é meu homem?

— Ainda duvida disso?

Ficamos nos encarando, calados, até ela se virar, escondendo o rosto para eu não ver o sorriso de contentamento. Passei o braço em seu ombro, a puxando para mais perto de mim. Dessa vez, Maria Clara não tentou me repelir, apenas abraçou minha cintura.

— Ah, Abacaxi, eu sou um homem bem resolvido e poderoso por aqui.

Acha mesmo que eu perderia tempo mantendo uma mulher presa na minha fazenda se eu não sentisse nada por ela?

— Você sabe me deixar sem palavras, caubói.

— De várias formas. — Beije os cabelos dela e continuamos ali, assistindo aos cavalos.

À noite, depois de jantarmos junto com Tereza, Laerte e Isabela, conversamos um pouco na sala, e eu fiquei entusiasmada em os ouvir falar da fazenda, dos animais, do crescimento de tudo por ali. Depois que Laerte foi levar Isabela, Fernando e eu subimos. Fui ao meu quarto me trocar, afinal eu só o usava para isso mesmo, depois liguei para minha mãe, para dar boa noite, como fazia todas as noites, quando Fernando chegou para me buscar.

— Estava falando com minha mãe — avisei.

Caminhamos para fora do quarto. Ele vestia apenas uma cueca boxer, gostoso de morrer.

— Falou com a Leticia?

Estremeci completamente ao ouvir o nome. Eu tinha me esquecido dela, passei um dia maravilhoso, com direito a declarações de Fernando, estava me sentindo nas nuvens. Mas, em questão de segundos, caí novamente na terra.

— Ah... — tentei pensar em alguma coisa, mas ele falou:

— Vi uns dias atrás que ligou para ela...

Ah! Ele devia estar falando da primeira vez que pegou meu celular para gravar o nome dele.

— Ah, sim. Quando você me devolveu o celular, tinha tantas ligações dela, que eu retornei. Ela só estava preocupada.

Fernando apenas assentiu. Fiquei com medo de ele querer falar de Leticia e eu logo demonstrar que escondia algo, mas, por sorte, ele queria muito me mostrar alguma coisa. Entramos em seu quarto, e Fernando me levou para o banheiro. Quando entrei, fiquei pasma: seu gigantesco banheiro estava com uma luz tênue, havia velas aromáticas e a banheira estava cheia.

— Tire a roupa — ele pediu e tirou a cueca. Pelado, entrou na banheira. Eu não demorei a me despir e a entrar também, me sentando em frente a ele.

Fernando serviu um líquido espumante em duas taças e me deu uma.

— Liguei para Leda. Ela disse que o álcool pode desestabilizar o nível de açúcar no sangue de um diabético. Então procurei um bom espumante sem álcool, e ela permitiu que você tomasse uma taça apenas.

Meu queixo caiu, perplexa com a preocupação dele com minha saúde.

Olhei para a taça borbulhante, aquilo representava mais do que uma bebida. Ninguém que não fosse meus pais jamais tinha se importado comigo.

— Está consultando médicos por minha causa?

— Beba, Maria Clara. — Sorriu para mim. Tomei um gole e, de olhos fechados, saboreei o líquido refrescante. E era delicioso.

— Bom?

— Muito. — Bebi mais um pouco. — Obrigada. — Olhando para a taça, falei: — Quando eu era criança, achava que seria algo passageiro, como uma gripe. — Olhei para Fernando, e ele me estudava atentamente. — Só vi a dimensão do problema quando flagrei minha mãe chorando e falando com meu pai algo como: “Por que, Deus? Ela é só uma criança.” — Bebi mais um pouco do espumante e deixei a taça de lado. Fernando não tinha uma expressão de pena no rosto, o que me agradava. Odiava quando as pessoas sentiam pena de mim.

— Deve ter sido uma barra pesada — ele murmurou.

— Imagina como é difícil uma criança ter todas essas restrições alimentares... Eu não podia ir a aniversários por causa do refrigerante, docinhos e bolo. E como éramos uma família de classe baixa, eu não tinha muitas opções para minha alimentação.

— Eu fico feliz que tenha crescido tão forte e independente e que não tenha deixado que o problema acabasse com você.

— Sim. — Trocamos um sorriso cúmplice. — Ou eu passava a vida lamentando que tinha diabetes, ou sobrevivia. Escolhi a segunda opção. Entende por que criar uma sobremesa perfeita e que eu possa comer é importante para mim?

— Sim, eu entendo.

— A Tereza faz pudins diets incríveis. Mas eu quero aprender a fazer minhas próprias coisas.

— Estou bem admirado com a sua força de vontade. Que bom que eu te sequestrei e que agora conheço você. Descobri que não foi uma ladra fútil e pilantra, como cheguei a imaginar.

— É, parece que devo agradecer por isso. — Fernando riu e eu aproveitei o momento para saber mais sobre a vida dele. — E você? Como foi a sua infância?

— Não abastada, como deve imaginar. Meus pais se divorciaram cedo, e

minha mãe ficou com a guarda. — Fernando tinha o olhar distante enquanto narrava. — Fomos embora daqui e perdemos contato com meu pai. Depois minha mãe voltou, herdou uma vinícola de sucesso do meu avô e fez o pior erro de sua vida ao se casar com um monstro. Ele a destruiu, destruiu a marca tão prestigiada e acabou com a saúde mental de dois dos meus irmãos.

— Ah, meu Deus! Fernando... Eu... nem sei o que dizer.

— O resto você já sabe. Meu pai recuperou a guarda dos dois filhos mais velhos e só conseguiu tirar os outros de lá quando Thadeo... Bom, meu irmão fez um gesto de bravura que quase acabou com ele. O caso saiu nos jornais, e minha mãe terminou presa, sozinha, e morreu uns anos depois em um retiro que meu pai pagava para ela.

Eu estava chocada com o resumo aflitivo do que havia sido a infância dele. Fernando apareceu sair de uma rápida viagem ao passado, deixou a taça dele de lado e estendeu a mão para mim.

— Venha aqui. — Dentro da água, mudei de posição e me ajeitei, me recostando nele. — Chega de falar dessas coisas. Eu estou bem, todos estão bem, você está muito bem.

— Sim. — concordei, aliviada, pensando como ele.

Depois da banheira, fizemos amor agarrados, com intensa paixão, e eu dormi e tive uma das noites mais felizes da minha vida, porque tinha sido um dia revelador, e eu estava pouco me lixando com a safada que ameaçava meu castelo — que a partir daquele momento, não era nem um pouco de ilusões.

O domingo passou com tranquilidade. Fernando, Franco e eu passamos boa parte do tempo no escritório resolvendo os detalhes da visita do gringo, que ocorreria na terça-feira; tudo precisava estar em perfeita ordem.

Fernando falou que ninguém sabia o que ele estava planejando. Eu não sabia quais documentos ele tinha pegado na empresa para mostrar ao cliente, até achavam que ele não estava dando a mínima para isso. Fernando montou um cronograma do que aconteceria, e quando chegou a segunda-feira, eu estava pronta para lutar com unhas e dentes junto com ele.

Planejei contar para Fernando sobre Leticia na terça, depois que o gringo

fosse embora. E então ele decidiria o que fazer.

Fernando levantava pesos com brutalidade enquanto Edu, o *personal trainer*, me ajudava nos exercícios de panturrilha. Ele sempre dizia e tentava mostrar que não estava nem aí, mas suas ações evidenciavam o contrário. Sempre que Edu ao menos tocava em mim, para mostrar como eu deveria fazer determinado exercício, Fernando surtava de modo calado, sem querer demonstrar. Jogava pesos no chão, rugia enquanto socava o saco de areia, fechava a cara enquanto corria na esteira.

Eu apenas ria de sua fraca estabilidade.

Depois que terminamos, saímos juntos e subimos para tomar um banho. Era sempre a mesma rotina, malhar, transar, tomar banho, três vezes por semana. E devo confessar que o sexo depois que ele malhava era muito mais selvagem e quente.

Ele se vestiu, disse que ia para o escritório, e eu fui para a cozinha. Ria e conversava com Tereza, aprendendo seus dons culinários, quando meu celular tocou. Era Leticia. Saí da cozinha e atendi.

— Oi, Leticia.

— Estou em frente ao portão da fazenda.

— O quê? — Corri para a cozinha e olhei o painel da câmera do portão. Lá estava ela, trazendo uma mala consigo. Eu me desesperei. — Leticia, nosso combinado era em três dias, por favor...

— Libere minha entrada ou armarei um escândalo aqui fora até Fernando me receber.

— Leticia, o que está fazendo? Tínhamos um trato...!

— Eu quero minha vida de volta, Maria Clara. Meu filho em primeiro lugar — Desligou a chamada e, pela primeira vez, eu tive medo.

Ela estava com uma mala? O que essa safada estava planejando?

De punhos fechados, cerrei os dentes com raiva.

32 | MARIA CLARA

Eu estava sendo pressionada por Leticia, e ela tinha acabado de se mostrar muito inteligente me deixando sem uma saída de emergência. E esse sentimento de impotência era horrível. Foi a mesma sensação que senti quando ela decidiu abandonar Fernando e eu tive que lidar com o término do casamento que seria a galinha dos ovos de ouro para mim.

Eu deveria ter contado para Fernando... Se eu soubesse que ela não confiaria em mim...

De qualquer forma, Fernando saberia da presença dela ali, e quando descobrisse que eu sabia do bebê esse tempo todo e escondi, ele não iria gostar. Então me restavam opções escassas. Com a disponibilidade de segundos para pensar em uma saída, olhei para Tereza e pedi:

— Por favor, pegue o interfone e peça a um dos seguranças para acompanhá-la até aqui.

— O que Leticia está fazendo aqui? Fernando não a quer na fazenda. — Tereza presenciava meu nervosismo. Eu estava visivelmente trêmula.

— Eu vou explicar tudo, Tereza, apenas peça para trazê-la.

Ela me olhou intrigada por mais uns instantes e então pegou o interfone e fez o que eu pedi. Do monitor na parede, vi Leticia entrar na fazenda puxando a mala, seguindo um segurança. Respirei fundo. Eu tinha que ter uma carta na manga.

Não faça besteira, não faça besteira — clamei a mim mesma enquanto saía da cozinha.

Eu seria uma grande pilantra por fazer o que pulsava em minha mente, mas era a única saída. A cobra não teria o que picar, se outra cobra já tivesse capturado a presa antes. Fernando me odiaria? Talvez. Depois que a poeira abaixasse, eu explicaria tudo. Ele disse que jamais me mandaria embora, não faria isso agora.

Bati na porta do seu escritório e abri. Ele estava trabalhando no projeto para apresentar ao gringo. A mesa estava repleta. Levantou a cabeça e me olhou.

— Posso entrar?

— Venha aqui, morena. — Solto uma caneta na mesa e sorriu, se espreguiçando. — Sentindo minha falta?

— Preciso falar com você. — Andei para perto da mesa dele, estava de verdade temerosa, porque o que eu faria a seguir se comparava ao fato de ter roubado ele. Fernando percebeu meu nervosismo e se aprumou na cadeira.

— Aconteceu alguma coisa, Maria Clara?

— Acho que sim.

— Acha que sim? — Pronto, ele já estava sério. — O que aprontou?

— Olha, eu não sei como dar essa notícia... Estou até agora perplexa. — Torci meus dedos sem querer ter contato visual com ele.

— Desembuche, Maria Clara.

— Pedi Isabela para comprar para mim... Na farmácia... eu fiz o teste e, ah, meu Deus. — Passei a mão na testa, me fazendo de aflita. — Estou Grávida, Fernando.

Ele ficou de pé tão bruscamente, que a cadeira caiu para trás. Fernando estava pálido como papel. E eu me sentindo horrível por mentir para ele com algo tão sério.

Era a mentira mais tosca do universo. Eu não estava grávida porcaria nenhuma, apenas me sentia muito egoísta por não deixar Leticia chegar perto dele. Quando ela aparecesse dando a notícia, a minha notícia já o teria deixado abalado. Ela podia ter um filho dele, e eu tinha certeza que teria toda a assistência merecida, mas jamais iria morar ali. Não enquanto uma golpista dormia na cama do patrão.

— Como é que é? Que conversa é essa, Maria Clara?

— Você ouviu a doutora dizer que tinha que esperar alguns dias antes de tirar os preservativos, e você veio para cima de mim sem se importar...

— Está dizendo que... o filho é meu?

Mesmo sendo mentira, isso me ofendeu.

— Eu estou presa aqui há mais de três semanas transando apenas com você. De quem mais poderia ser?

Pasmo, ele levantou a cadeira e se sentou de volta. Fernando ficou de cabeça baixa por mais tempo do que eu gostaria. Leticia estava chegando, e ele tinha que acreditar em mim.

— Escute, podemos fazer os exames...

— Fernando! — Ouvi o grito vindo da sala. Meu sangue ferveu, eu

queria bater em Leticia. — Fernando, onde você está? — ela gritou mais alto, e ele levantou o rosto.

— Quem está aí? — murmurou. Eu me fiz de desentendida e dei de ombros. A porta se abriu e Leticia entrou correndo com o segurança à sua cola.

— Ah, aí está você. — Ela sorriu.

— Leticia? Que porra essa mulher está fazendo aqui, na minha fazenda? — Ele gritou para o segurança, mas o homem saiu apressado após ver meu gesto de que ele pudesse sair. Ele devia obediência a Fernando, mas, nesse instante, preferiu correr e preservar seu emprego.

— Saiba que essa mulher — Leticia se aproximou, desfilando — é ninguém menos que a mãe do seu futuro filho. Estou grávida, Fernando, e o filho é seu. — Ela manteve a pose austera, como se tivesse acabado de dar um xeque-mate, todavia o que escutou foi uma sonora gargalhada. Fernando até jogou a cabeça para trás rindo, e eu ri junto com ele.

— Não ria! — ela berrou, pasma com a resposta. Em seguida, me olhou com ódio e bateu na mesa — O assunto é sério!

— Duas grávidas? Vocês combinaram? Estão juntas para tentar me dar um golpe?

— O quê? — Leticia me encarou, e eu não titubeei antes de falar:

— Chegou tarde, amiga. Já tem uma gravidez aqui para o Fernando cuidar. Vai embora e mande um cartão postal depois.

— Sua vagabunda! — Leticia gritou, descontrolada, e veio para cima de mim. Nossa amizade tinha acabado definitivamente, e eu não lamentava por isso. Antes de ela conseguir tocar em mim, levantei minha mão e esbofetei sua cara sem pena.

— Vira gente, porra! — falei, revoltada. Leticia veio para cima de mim novamente, mas foi segurada por Fernando.

— Chega, caralho! Mas que merda está acontecendo aqui?

— Eu estou grávida, esperando um filho seu, e quero meus direitos — esperneou nos braços de Fernando.

— Eu também estou grávida e quero meus direitos — pisquei ironicamente para Leticia. Ela sabia que a cada vez que eu falava parecia mais ainda armação de nós duas, colocando em dúvida a palavra dela. Fernando já estava desconfiado, não havia veracidade nas duas histórias. Todavia eu já tinha

calculado as consequências, e elas vieram. Furioso, como poucas vezes eu tinha visto, ele se voltou para mim.

— Está tentando me dar um golpe, Maria Clara?

Mesmo cogitando que ele poderia pensar isso de mim, foi duro ouvir.

— O quê?

— É isso. É um golpe, Fernando. — Leticia se recuperou, criando forças. — Ela falou comigo que ia fazer isso só para arrancar dinheiro de você. — Leticia improvisou: segurou na camisa dele e implorou: — Eu sou a única que falo a verdade, Fernando. Me aceite de volta, o que eu fiz foi um deslize... Estou tão arrependida.

— Você só pode estar louca. — Segurou forte os braços dela e a afastou. — Olha se eu tenho cara de corno manso? Me respeita.

— O filho é seu... Thiago quer que eu faça um aborto, você precisa me ajudar.

— Se tiver um filho meu aí dentro, o que eu duvido muito, ele terá tudo que merece, mas não ouse tentar encostar em mim. — Após a resposta certa, deixando-a em completa aflição, Fernando deu dois passos em minha direção. Seu olhar era frio.

— Agora é sua vez. O que está aprontando?

— Eu estou grávida. — Sustentei o olhar. O jeito era continuar batendo nessa tecla. Depois eu desmentiria explicando que só queria enfrentar Leticia.

— Mentirosa! — Leticia gritou. Eu nem olhei para ela. Estava paralisada, encarando Fernando, pois ele tinha um olhar diferente. Um ar de esperança brilhava nos olhos dele, mas não a esperança de que eu fosse lhe dar um filho, mas sim de que eu não estivesse tentando dar outro golpe. Parecia que torcia para eu não o desapontar.

Eu não aguentei mais sustentar seu olhar e corri para fora do escritório. Eu me sentia arrependida do que tinha feito. Eu não ajudei Leticia como ela esperava e deixei sua história com pouca credibilidade, mas a que custo? Fernando veio logo atrás e me segurou.

— Fale! — Ele me sacudiu. — Isso tudo entre vocês duas, é uma tentativa de golpe?

— Eu passei três dias te ajudando a bolar tudo aquilo ali para derrubar seu cunhado e acha que eu iria te dar um golpe?

— Então está grávida mesmo?

Eu não podia sustentar a mentira na cara dele.

— Me larga. — Eu me soltei e corri rumo à escada. Eu estava tremendo e suando frio, e de repente senti meu estômago revirar. A tensão tinha sido tanta, que algo deve ter acontecido no meu organismo diabético. Era a única explicação para meu repentino surto. Corri para o banheiro e o que eu tinha comido havia pouco voltou por completo.

Senti Fernando chegar atrás de mim e me amparar, segurando meus cabelos. Eu me afastei, fiquei de pé e apoiei na pia.

— Preciso de doce — pedi. — Acho que minha glicose caiu. — Pelo espelho, contemplei os olhos preocupados dele.

— Isso tem a ver com a glicose?

— Sim. Desculpe. Eu não estou grávida. Era só uma tentativa frustrada de diminuir Leticia.

— Eu não acredito em você.

— O quê? — Eu me virei para ele.

— Vou mandar fazer um exame em vocês duas. Agora eu quero comprovação. Não vou acreditar em você, Maria Clara. — Ele saiu do banheiro, e eu fui atrás.

— Fernando, espere...

— Vou pedir a Tereza que te traga um suco. Não vai sair desse quarto até que eu tenha nas mãos um resultado.

— O que vai fazer se eu não estiver grávida?

— Pensarei em uma punição depois.

Eu tinha mesmo feito besteira, como eu temia. Fui tentar confrontar Leticia e sobrou para mim. Eu pressentia que eu mesma tinha criado todo o furacão. Soprei rapidamente, esperei um pouco, abri a porta e saí correndo. Quando cheguei na escada, escutei Fernando gritar algo. Fui para a escada para tentar ouvir, e Tereza estava explicando o que ocorrera aflitivamente.

— Ela foi embora, disse que não ia esperar nada e que resolveria tudo no tribunal. Eu achei que ela podia ir e... abri o portão.

Putá que pariu! Eu estava pressentindo que a merda só crescia e que poderia desmoronar em cima de mim. Desci mais alguns degraus da escada. Isso

não era nada bom, Leticia não desistiria tão facilmente. Ela tinha um plano de última hora.

— Onde está Leticia? — perguntei. Fernando me olhou, furioso.

— Isso é o que eu quero saber, Maria Clara. O que vocês estão aprontando? Diga agora, onde ela está?

— Eu não sei... — Dei um passo para trás, subindo o degrau. — Não sei, Fernando, não tenho nada a ver com isso.

— Tem a ver, sim. você mantinha contato com ela. Agora essa história ridícula de duas gestações. O que estão aprontando?

Ah, merda! O caldo tinha entornado e sobrado para mim. Eu mesma tinha criado a crise toda. Virei correndo e subi as escadas. Corri para o quarto e me refugiei lá. Não demorou muito para a porta se abrir com brutalidade. Fernando não me falou nada, apenas me arrastou.

— Fernando! O que está fazendo? Me largue! — Ele não titubeou um minuto, me jogou na cama, puxou meu braço e me algemou na cabeceira. — Fernando! O que vai fazer comigo? — Agora eu sentia puro medo, pois nos olhos dele a raiva brilhava, e não tinha nada a ver com punição sexual.

— Vai ficar presa até eu achar Leticia. Se estiver tentando algo contra mim, eu esquecerei tudo que a gente teve. — Ele deu as costas e saiu do quarto, batendo a porta.

33 | FERNANDO

Eu ainda não tinha parado para entender o que estava sentindo. Só queria, e torcia, para que Maria Clara não estivesse tentando me passar a perna. Porque durante todo esse tempo cheguei a achar que tínhamos algo legal e que ela tinha baixado as defesas e me aceitado em sua vida. Eu gostei da porra da sensação de que eu tinha encontrado a pessoa certa, que me fazia querer estar em casa, que me fazia sentir vontade de ter uma companhia.

Receber um golpe de alguém que eu havia depositado tanta atenção seria doloroso. Ainda mais com um assunto tão delicado. Um filho? Caralho! Ainda não sabia o que sentir a respeito disso. Bem no fundo, dentro de mim, uma pequena parte torcia para que ela estivesse falando a verdade.

Separei alguns homens para procurar por Leticia e me isolei em meu escritório enquanto pensava em toda merda que tinha acontecido.

O dia passou sem que eu tivesse qualquer progresso. Pedi Tereza para levar comida para Maria Clara. Eu não queria vê-la. Quando a noite chegou, não tinha rastro de Leticia. Mande os homens reforçarem a segurança em torno da mansão e avisei que ninguém poderia sair da casa sem minha autorização. Subi para o quarto, abri a porta e Maria Clara estava sentada, ainda presa à cabeceira. Sem dizer uma palavra, abri a aljava e a libertei.

— Fernando...!

— Tereza vai trazer seu jantar. Não vai sair do quarto até amanhã pela manhã quando iremos ao laboratório.

Ela se calou, e eu saí sem olhar para trás. Fui para o meu quarto, me despi e entrei no banheiro. Enquanto a água caía em minhas costas, pensei nos vários banhos que tomamos juntos e em todas as noites em que dormimos abraçados. Maria Clara não iria me desapontar, eu tinha certeza. Ou, ao menos, eu tentava acreditar.

Dormi sozinho, um tanto inquieto, despertando a todo instante, e antes do dia raiar, eu já estava de pé, vestido para levá-la ao laboratório. Era um dia muito importante, pois o gringo viria na fazenda, e eu apresentaria todo meu projeto a ele; entretanto eu estava mais ansioso com o exame dela, que deveria dar o resultado no mesmo dia.

Maria Clara desceu sem precisar que eu a chamasse. Acreditei que ela tinha tido uma noite horrível, como a minha. Tomamos café calados, e quando

um segurança entrou dizendo que o carro estava pronto, saímos juntos sem trocar uma palavra.

Eu ia na frente, dirigindo, com o segurança no banco do carona. Maria Clara, atrás, trocava olhares comigo pelo retrovisor. Era palpável seu nervosismo.

Durante todo o processo não saí de perto dela. Até no momento de colher o sangue, eu estava lá do lado, olhando tudo, para não ter erros. Voltamos para a casa, e quando entramos, ela parou e me encarou.

— O plano para receber o gringo, continua?

— Sim. Apenas faça o que combinamos.

— Certo. Vou me trocar. — Ela subiu, e eu desabei no sofá, completamente esgotado com essa história da gravidez de Maria Clara e com o sumiço de Leticia, que simplesmente parecia ter virado fumaça. Só esperaria o irlandês chegar para então eu mesmo procurá-la pessoalmente. Nem que eu tivesse que voar para Minas, onde o filho da puta do Thiago morava.

Maria Clara desceu, usando um vestido sem decote, óculos e cabelos perfeitamente arrumados. Perguntei a meu pai e ele disse que o cara era muito conservador, então eu mostraria uma bela namorada, para que não pensasse que eu era um homem sem apoio na vida.

Ela se sentou em uma poltrona, e eu, no sofá. Depois levantei, andei pela sala, e Franco chegou; conversamos um pouco e esperamos.

Tudo estava perfeito para ser apresentado. Até a fazenda estava organizada para recebê-lo. Os peões esperavam a chegada dele para fazer o serviço diário. Passou das oito e Laerte veio falar que não poderia mais esperar, as vacas tinham que ser ordenhadas. E essa era a principal atração que eu iria mostrar para a porra do gringo. Ele tinha marcado para chegar às sete. Dei a ordem para esperar até às nove, se não chegasse, que pudesse tirar o leite das vacas.

A hora do almoço chegou e nada do homem. Eu já estava soltando fogo pelas narinas. Esperamos, esperamos, e Maria Clara teve que almoçar, pois não podia ficar com fome. Quando era quase uma da tarde, eu liguei para o cara que era como um intérprete e que estava acompanhando o irlandês.

— Só estou ligando para dizer que estamos esperando.

— Esperando? Mas o senhor Gerard acabou de sair da empresa. Fomos informados que você não o receberia hoje.

— O quê? Como assim? — gritei, e no mesmo instante Maria Clara ficou de pé, me olhando. — Que história é essa?

— Seu Fernando, estamos em um restaurante almoçando com Miguel e a senhora sua irmã, Stela.

— Mas eu tinha marcado hoje, o Miguel não seria amanhã?

— Eu não sei. Mas o clima é de comemoração. O Miguel conseguiu trazê-lo para a empresa de sua família, Fernando.

Desliguei e olhei para Franco. No mesmo instante, ele soube que eu acabava de levar uma porretada.

— Fernando, mantenha a calma — advertiu. Eu estava tremendo de raiva, algo que eu jamais havia sentido antes. Queria matar Miguel, e que se fodam as consequências. Digitei e errei o número várias vezes, na tentativa falar com Stela. Eu queria saber onde eles estavam e se ela poderia me dar a localização. Mas o celular só dava desligado ou fora de área.

— Tereza, chame os seguranças. — Ela nem cogitou questionar. Saiu correndo e, em poucos minutos, o carro dos seguranças parou na porta. Dois homens entraram.

— Fique de olho nela. Ouviram? — Apontei para Maria Clara. — Ninguém sai ou entra dessa fazenda até eu voltar.

— Sim, senhor.

Fui para a porta, mas Maria Clara me alcançou.

— Porra, homem. Diga, o que está acontecendo?

— Eu vou resolver isso, nosso assunto é outro.

— Fernando, não faça nenhuma besteira. — Segurou minha camisa. — Por favor, pense com calma. O que aconteceu? O que Miguel fez?

— Fique tranquila. — Beije de leve os lábios dela. — Não saia da casa. Quero chegar e achar você aqui.

— Não sairei.

— Ótimo.

Sozinho, no meu carro, saí levantando poeira na maior velocidade. Mil pensamentos trombavam com violência dentro da minha mente, e eu não conseguia assimilar nada. Era como estar vivendo um pesadelo tenebroso. O maldito tinha me passado a perna, e eu derrubaria a empresa se meu pai

acobertasse aquele filho da puta.

Cheguei em tempo hábil na empresa, entrei correndo e, em vez de ir para minha antiga sala, fui para a sala de Miguel. Passei pela secretaria e avisei rudemente:

— Não ouse dizer a ele que eu estou aqui.

— Sim, senhor. — De olhos saltados e rosto lívido, ela concordou.

Entreí na sala do maldito e esperei. Foram quase duas horas até ele entrar. O bom é que tive tempo de me acalmar e colocar as ideias no lugar. Apesar da vontade, eu não ia fazer uma besteira.

Miguel parou, assustado, na porta quando me viu.

— Fernando? Como entrou...

— Essa empresa é da minha família, entro onde eu quiser. Sente aí, querido cunhado. Temos que conversar.

Amedrontado, ele colocou a pasta na mesa e se sentou.

— O que quer?

— Não se faça de burro. Você sabe por que estou aqui. — Ele assentiu e afrouxou a gravata. Pensou um pouco antes de falar:

— Peguei vídeos do trabalho em sua fazenda. Ordenha, separação de gado, qualidade do leite... tudo era ideia sua. Coloquei em um telão, e o gringo assistiu. — Ele confessou com a maior cara de cínico e até sorria enquanto dizia. — Eu tive o trunfo nas mãos e usei. Não coloque em mim a culpa. — Deu de ombros.

Pulei da cadeira no mesmo instante, fui até ele e acertei em cheio seu rosto, com um soco que o fez cair com poltrona e tudo.

— Trunfo? Passar a perna nos outros é trunfo? Seu covarde! — Miguel rastejou para o outro lado e se sentou recostado em uma gigantesca estante. O nariz sangrava, e ele limpou o sangue com gestos frios. Seus olhos assumiram um tom furioso. — Não pode duelar comigo feito homem e então faz coisas de moleque?

— Ali. — Apontou para a mesa. — No envelope pardo. Eu recebi ontem. Posso ser culpado por usar isso que me mandaram, mas você também tem culpa por ser um incompetente que abriga uma pilantra em casa.

Sem entender, olhei-o por mais alguns segundos antes de me virar para o

envelope sobre a mesa. Estava lá, escrito por fora:

De: Maria Clara Gouveia

Para: Miguel

Com urgência.

As batidas do meu coração até doíam, eram como estrondos no meu peito. Senti meu corpo gelar quando abri o envelope e encontrei muitas fotos. Fotos da minha mesa, da planilha aberta no computador, fotos do meu plano para o dia com o gringo na fazenda e dos documentos que eu tinha pegado na empresa. Estava tudo lá.

— Foi assim que eu o trouxe para a Capello. — Miguel andou calmamente até um minibar e se serviu de alguma bebida. — Eu usei todo seu plano. Não me orgulho disso, nem usaria, mas minha assistente insistiu para eu usar esse trunfo.

Eu nem o ouvia. Apenas estudava as fotos como se elas pudessem me dar uma resposta. No fim do envelope, um pequeno bilhete caiu.

— Ela é uma cobra. — Miguel riu nas minhas costas. — Você criou uma cobra, Fernando.

Mais uma vez, o ignorei. Estava catatônico lendo o bilhete:

“Como tínhamos combinado.

Quero minha parte.”

Peguei tudo, coloquei no envelope, e mesmo com a vontade de bater mais no filho da puta, saí correndo. Eu deveria ter ouvido Franco desde o início e mandado Maria Clara para a cadeia. Uma vez golpista, sempre golpista.

A porra do coração estava doendo por ter sido partido sem piedade. Quando Leticia fez aquela merda comigo, não me importei tanto, pois era indiferente para mim, todavia naquele momento parecia que estavam drenando todo sangue do meu corpo.

Cheguei na fazenda e não via nada em minha frente. Estava cego, a fúria fervia meus músculos e acalentava minha alma. O sofrimento se escondeu atrás

da raiva, e foi bom, pois assim eu não o sentia.

Abri a porta e Maria Clara se levantou do sofá.

Caminhei até ela e minha fala se perdeu. Traído! Era como eu me sentia. Traído da forma mais baixa pela pessoa que eu estava...

— Saia agora da minha casa.

Ela olhou para os lados, e os lábios tremeram na insinuação de um sorriso de surpresa. Percebi que ela achava que era alguma pegadinha.

— O quê? — Ela juntou as mãos contra o peito e se encolheu. — Ir embora? — Maria Clara parecia tão pequena e inocente, com seus óculos, a roupa comportada e os cabelos bem ajeitados.

— Se não pegar suas tralhas agora, eu juro que chamo a polícia. — Eu tentava não deixar a voz falhar. Estava tão rouca e baixa, que parecia tenebrosa. — Sua desgraçada. Suma da minha frente, agora!

— Fernando! O que eu fiz? Foi a gravidez? Pegou o resultado?

— Foi essa merda aqui! — berrei e joguei o envelope nela. — O que eu deixei te faltar, Maria Clara? Eu deixei com você o resto do dinheiro que me roubou. Dei todo apoio a seus pais, por que quis me punir? — Ela não olhava para mim, estava interessada em ver o conteúdo do envelope. — Se enrolou em mim feito uma serpente e me deu o bote.

Em desespero, ela olhou as fotos. Os olhos estavam brilhantes de lágrimas. E quando ela viu o bilhete, jogou tudo no sofá.

— Eu não fiz isso.

— Não. — Gargalhei com ironia. — Imagino que deve ter sido um fantasma.

— Eu não fiz isso! — ela gritou e tentou me segurar. — Olhe para mim, Fernando. — Uma lágrima desceu de seu olho, e isso me enfureceu mais, porque lembrei do Miguel rindo de mim. Empurrei Maria Clara no sofá.

— Saia agora! Antes que eu perca a cabeça.

— Eu não fiz isso. Meu Deus...! — Aflita, buscou apoio em Tereza. — Tereza, eu não fiz nada disso, eu juro.

— Quanto ele te pagou? Hein? Você me traiu por quanto, Maria Clara? Você estava comigo, na minha cama, caralho! Eu deixei você saber da minha vida, ter contato com minha família.

— Eu jamais faria isso com você. — A voz dela era um fio.

— Fernando, talvez ela esteja...

— Tereza, não me faça te mandar embora. Eu não quero ninguém defendendo essa golpista de merda. Rua! — berrei. — Agora! E agradeça por eu não chamar a polícia.

— Você disse que nunca me deixaria ir. — Ela limpou as lágrimas. — Que droga! Eu gosto de estar aqui e de ficar com você... Não me mande embora.

— Tereza, pegue a bolsa dela lá em cima.

— Ok — ela falou. — É isso que você quer, tudo bem. Fique na sua droga de fazenda e espero que a arrogância te engula. Não espere que eu vá lambar seus pés implorando. Sou bem melhor que isso.

Nem olhei para ela. Continuei firme na minha decisão de cortar o mal pela raiz. Eu tinha ido longe demais com essa história. Mulher era o ser mais perigoso de todos, e eu não deixaria outra chegar tão perto para me ferir como tinha deixado Maria Clara. Tereza voltou com a bolsa e uma sacola com a insulina. Só então vi como Maria Clara era frágil. Ela tentava parecer forte e valente, mas todos viam como estava acuada e trêmula. Os óculos não me impediam de ver os olhos vermelhos chorosos. Virei-me para o segurança.

— Tire essa mulher da minha fazenda, agora.

— Você tem que parar de ser trouxa e investigar essa história direito! — Maria Clara gritou para mim enquanto o segurança a puxava. — Pena que quando descobrir a verdade, eu não vou querer mais olhar para sua cara.

— *Solte ela!* — Tereza gritou para o segurança. — Eu a acompanho. Chame um táxi, agora.

— Eu não fiz nada disso... — Maria Clara sussurrou para Tereza, com a voz embargada, e elas saíram, as duas sendo seguidas pelo segurança.

Do meu escritório, as assisti tomarem a estrada principal. Uma lágrima desceu do meu olho, e eu a limpei com fúria. Além de ter perdido a vice-presidência, acabava de perder minha bela e teimosa companheira. Por causa disso, eu me virei e comecei a destruir meu escritório.

34 | MARIA CLARA

A coisa toda me pegou desprevenida, e eu não tive neurônios para pensar na minha defesa. Apenas neguei tudo, quase sem conseguir falar. Naquele momento, lá na sala, eu não estava acreditando que Fernando estava fazendo aquilo comigo. Ele foi burro em ter acreditado no absurdo de que eu pudesse ter feito aquilo. E eu, mais tola ainda, por ter metido os pés pelas mãos nessa loucura de gravidez falsa.

No banco de trás do táxi, limpei uma lágrima e tentei me animar de alguma forma, como a Pollyanna do livro, que sempre encontrava um lado bom de um infortúnio. O lado bom disso é que eu estava livre. Ia voltar a viver por conta própria. Sorri e assenti para mim mesma.

Mas, no fundo, isso não era animador, e nada me doeria tanto quanto a falta que o infeliz me faria de agora em diante.

— Tudo bem se eu deixar uma musiquinha? — o taxista perguntou, sorridente.

— Ah, faça o que quiser. Tô nem aí.

E, para meu azar, Roberto Carlos começou a cantar, me fazendo revirar os olhos.

“Meu bem, meu bem

Você tem que acreditar em mim...”

Tentei não prestar atenção na música e focar nos meus pensamentos, pensar nas coisas que eu iria fazer daquele momento em diante, ter planos de vida. Entretanto tudo que tinha dentro da minha cabeça eram lembranças vivas e fortes de Fernando e tudo que vivemos. Quando minha atenção voltou para a música, ela falava:

“Não dê ouvidos à maldade alheia e creia

Sua estupidez não lhe deixa ver, que eu te amo”

Ri com escárnio, chamando a atenção do taxista. Eu não amava aquele traste. Talvez, no máximo, gostasse dele e sentia grande atração. Mas amar...? Não mesmo. E nem ele sentia algo tão grande por mim, ou pensaria duas vezes antes de me chutar para fora de sua vida.

*“Meu bem, meu bem
Use a inteligência uma vez só
Quantos idiotas vivem só...”*

— Ah, meu senhor! Roberto Carlos a uma hora dessas? Faça-me o favor!
— Na verdade, eu estava sendo atingida pela música e não queria continuar naquele sofrimento.

— E tem hora para ouvir o rei, senhorita? — Ele riu amigavelmente.

— Rei é o cacete. Desliga essa droga aí.

— Precisa dessa boca porca? Olha os modos.

— Por quê? Vai bater na minha bunda? — Acabei de falar e, sem conseguir evitar, chorei copiosamente lembrando do infeliz, tendo ele tão vivo e presente em meu corpo. Meu coração estava tomado pela poderosa essência de Fernando. Um surto de lágrimas e soluços incontrolláveis me dominaram.

— Senhorita, desculpe. — O motorista se mostrou muito preocupado. — Não quis ofender. Quer que eu pare o carro?

— Faça seu serviço, que é dirigir! — berrei com ele, encostei no banco e continuei chorando enquanto ouvia Roberto Carlos no meio da tarde cantar:

“Sua estupidez não lhe deixa ver, que eu te amo”

Cheguei na casa dos meus pais e descobri que o táxi já tinha sido pago por Tereza. Entrei e quando a sala grande e um pouco velha me recebeu, não senti a grande costumeira sensação de estar em um lar. Segurei as lágrimas e me joguei no sofá muito usado. A casa dos meus pais tinha uns bons anos que não

via uma boa reforma.

— Mãe? Está em casa? — gritei e abaixei para desamarrar a sandália.

— Maria Clara? — Levantei os olhos, minha mãe estava parada na entrada da sala. Usava um avental e secava as mãos em um pano.

— Mãe! — Corri e pulei nos braços dela. Ainda surpresa pela minha presença inesperada, ela me abraçou, e eu beijei sem parar seu rosto e cabelos. — Como está?

— Eu estou bem, muito bem. Estava com muita saudade. — Ela segurou meu rosto e parecia mesmo muito bem. Estava corada, e o brilho em seus olhos dizia que a doença estava controlada.

— Não senti mais dores, querida. O tratamento que estou fazendo é muito bom. Eu preciso agradecer pessoalmente ao seu patrão.

Então ele tinha falado com meus pais que eu estava trabalhando para ele. Safado mentiroso.

— Sim. Um dia a senhora terá essa oportunidade. E o pai?

— Seu pai ainda está na clínica de reabilitação, e seu irmão, na mesma vida corrida, emprego e faculdade. E você? O que faz aqui no meio da tarde?

— Ah, vim para ficar por algum tempo. Fernando me deu uns dias de folga. — Eu me sentei no sofá, escondendo dela meu olhar triste. Mais tarde eu contaria tudo, incluindo o roubo e o sequestro.

— Vai ficar aqui comigo? — Seu olhar se expandiu com animação.

— Sim. Posso?

— Claro, minha filha. Claro que pode. Vou preparar algo para você comer. Está tomando os medicamentos certinho?

— Estou sim, mãe. — Abracei seu braço e caminhamos para a cozinha.

— Quero saber tudo sobre sua vida lá, na fazenda dos Capello.

Sim. Era a minha vida, meu paraíso particular. E eu o perdi. Era melhor parar de lamentar e seguir em frente.

35 | FERNANDO

Eu estava sentado no chão, olhando, à minha frente, a mesa de trabalho virada, assim como minha alma estava trucidada. O escritório parecia um pandemônio. Eu podia destruir uma casa inteira e, mesmo assim, não aplacaria minha fúria e mágoa. Senti que perdia o controle das coisas à minha volta e isso me deixava destruído. Só uma vez eu aquilo havia acontecido, quando meu pai me trouxe para a fazenda e eu fiquei incapaz de ajudar meus outros irmãos. Era algo que não estava ao meu alcance. E, naquele momento, me sentia da mesma forma.

Eu me levantei, tirei a camisa e me deparei com Tereza na sala, olhando as malditas fotos. Ela tinha acabado de voltar lá de fora, tinha ido acompanhar Maria Clara.

— Chame alguém para arrumar meu escritório — falei e caminhei para a escada.

— Eu fiquei pensando em como aquela menina deve ter um poder gigantesco.

— Como é que é? — Eu me virei para ela disposto a discutir, mas Tereza deu de ombros.

— Como ela conseguiu armar tudo isso, tramando com seu cunhado, entregando fotos impressas para ele. — Balançou as fotos e as jogou no sofá. — Bem debaixo do seu nariz. Sem colocar os pés na rua e estando na sua cola dia e noite. Devo parabenizá-la, esse feito é de alguém bem inteligente, um espião profissional, eu diria. — Ela me olhou com pouco caso e caminhou para a cozinha. — Pena que eu não possa arrumar todas as suas bagunças.

Fiquei de longe olhando as fotos jogadas no sofá. Desisti de subir para o quarto e me sentei no sofá. Li o bilhetezinho mais uma vez e peguei as fotos, agora com mais calma, uma por uma. Minha mesa, meu computador, o mural que montei para apresentar ao gringo, os documentos. Com ódio mortal bombando o sangue em meu corpo duro de tensão, amassei uma foto na mão, pensei um pouco e saí da sala, subindo para meu quarto.

Enquanto tomava um banho, pensei no que faria. Leticia estava desaparecida, e eu tinha que saber melhor sobre a tal gravidez. Tinha que, de alguma forma, encontrá-la para conversar. Por enquanto, eu não podia nem ver Maria Clara, e duvidava que ela quisesse me ver também.

Saí do banheiro, olhei o quarto em volta, que por longas semanas tinha se tornado diferente. Um quarto acolhedor e bem animado. Sabendo já o que eu faria, peguei o celular e liguei para Franco, que tinha acabado de sair da fazenda.

— Diga, patrão.

— Preciso entrar em contato com Thiago, ex-peão.

— Ah, eu acho que tenho o telefone dele. Um momento, Fernando. — Ele demorou alguns minutos e, quando retornou, me passou o número de telefone do filho da puta. Desliguei a chamada de Franco e digitei o número que acabara de receber. Ainda de toalha, me sentei na cama, e Thiago atendeu.

— Oi.

— Thiago, aqui é Fernando Capello.

— Fernando? O que quer? Não tenho nada para falar com você. — Em um tom amedrontado, ele se adiantou.

— Tem, claro que tem. Você vai me contar onde está Leticia, ou eu pego um voo agora e vou até aí. Você decide.

36 | MARIA CLARA

Olhei para o relógio digital rosa ao lado da cama e suspirei. Seis e meia da manhã. Acordei tão cedo por estar acostumada a ser obrigada a levantar todos os dias nesse mesmo horário. Senti falta do corpo de Fernando me aninhando durante a noite e de sua teimosia para que eu levantasse junto com ele, às seis da manhã. Naquele momento eu só conseguia ter raiva de cada uma dessas lembranças.

Eu me sentei na cama, me espreguicei e fiquei de pé. Era hora de viver a minha verdadeira vida, e não uma ilusão.

Pensei muito durante a noite e cheguei à conclusão de que tinha sido Leticia a culpada de tudo. Ela agira sem premeditação: teve a chance em suas mãos e decidiu usar. Deve ter me ouvido dizer para Fernando algo sobre o plano contra Miguel e agiu quando teve oportunidade. Nos outros dias, eu não saí de perto de Fernando, nenhuma outra pessoa além de nós dois e Franco entrou no escritório, e eu até cogitei se poderia ter sido ele. Mas não fazia sentido, uma vez que ele era braço direito de Fernando há anos. Para que prejudicaria uma carreira tão promissora?

Eu não conseguiria minha vingança contra Leticia, mas ao menos ela não ficaria por cima da carne seca. Fernando não daria a ela a vida de madame que ela jogou fora de volta. Isso, de alguma forma mesquinha, talvez, fazia eu me sentir bem.

— Bom dia, maninho. — Dei um beijo no meu irmão, que estava sentado tomando café. Ele não se assustou com minha presença, evidenciando que minha mãe já tinha contado que eu estava na casa.

— Bom dia, Clarinha. Tá encostada aqui, agora?

— Por uns tempos. — Eu me sentei na frente dele. Observei-o mastigar com calma — Ainda trabalhando?

— Sim. Pego no trampo às oito.

— Se por acaso encontrar um bico por aí, me avise. — Eu me servi de café e pinguei o adoçante.

— Como é que é, Maria Clara?

— Ah, mãe, eu nem sei se vou voltar para a fazenda. Quero fazer alguma coisa enquanto isso. — Ainda estava ludibriando minha mãe, sem coragem de

contar toda a história. E eu precisava me sustentar, ser independente.

— Mas, minha filha, você ganha tão bem lá. Por que vai sair?

— É complicado, mãe. Vou explicar tudo mais tarde.

— Olha, sei de um evento que vai rolar, e tem uma agência pagando para distribuir panfletos. — Daniel tomou minha atenção. — Tipo, não é muito, mas parece suave.

— Quero. Onde eu encontro esse cara?

— Vai entregar panfletos? — Ele me fitou, incrédulo, com as sobrancelhas erguidas.

— Por que não? É serviço. Qualquer emprego enobrece. Melhor do que roubar. — Essa foi uma lição de moral para mim mesma. Se eu não tivesse roubado, não estaria no fundo do poço emocionalmente.

— Isso é verdade — meu irmão concordou.

— Maria Clara, e você é pessoa de ficar debaixo do sol quente entregando panfleto? Olha sua saúde, menina!

— Mãe, estou bem. Isso deve ser coisa de um dia. Se der uns duzentos reais, já é lucro.

— E o seu salário da fazenda?

— Ainda não recebi — menti. — Me passa logo esse contato aí.

Eu me arrumei e saí de casa com o endereço que meu irmão me deu. Eu precisava mais espalhar do que propriamente arrumar dinheiro. Se eu ficasse em casa presa, enlouqueceria. E, falando em dinheiro, eu precisava devolver tudo que era de Fernando e estava na minha conta. Depois eu me foderia sozinha com a Receita Federal.

Cheguei ao pequeno e modesto prédio e, na recepção, fui informada que poderia entrar na sala do organizador. Ele estava esperando as pessoas que se candidatariam às vagas. Um pouco sem graça, bati na porta, e após escutar um grosso “entra”, empurrei a porta.

— Oi, senhor Gilmar?

— Sim. O que deseja?

— Vim pela vaga de entrega de panfletos.

— Ah, sim, sente-se aqui e preencha esse formulário.

Eu entrei, um pouco acanhada, e me sentei na cadeira em frente à mesa que ele ocupava. O homem devia ter uns cinquenta anos, estava um pouco acima do peso e era calvo. A sala era pequena, mas arejada e fria por causa do ar-condicionado. Ele me olhou de cima a baixo e contestou:

— Não parece precisar desse tipo de serviço.

— É apenas um bico.

— Certo. Hoje as coisas estão difíceis mesmo. Coloque endereço fixo, número de documento e ao menos um número de outra pessoa para contato.

— Ok. — Coloquei os óculos e comecei a preencher.

Fiquei feliz por ler que era um pagamento de quinhentos reais se concluísse toda a entrega dos vinte e cinco mil panfletos. Assim que terminei, ele assinou, carimbou, guardou uma cópia e me deu outra. O homem foi até um armário tipo arquivo, pegou uma pequena caixa e empurrou para mim.

— Vai começar com cinco mil panfletos, quando terminar essa quantia, volta e pega mais cinco. E essa empresa exige local para entrega e que os contratados estejam de uniformes. Veste que tamanho?

— *Ahm...* trinta e oito.

Ele assentiu e entrou em uma porta. Voltou pouco depois e me entregou um saquinho. Dentro continha um boné e um colete. Abri e quase tive um treco ao ler:

“3º Festa do Leite Capello”

Antes de eu contestar, ou falar algo a respeito, o homem escreveu algo em um cartão e me entregou.

— Nosso cliente exige que os panfletos sejam entregues em alguns locais estratégicos. Para você, sobrou apenas esse aqui. É um semáforo, uma quadra antes da sede da Capello.

Meu grau de sorte, no sentindo irônico, era espetacular. Só o que faltava para completar meu carma era ser vista por Fernando. Eu estava tão abatida com a injustiça que ele me fez, que ser vista por ele em um trabalho mais modesto me deixava envergonhada.

37 | FERNANDO

Dois dias passaram desde que consegui o número de Leticia. Eu estava esperando o momento certo para encontrar com ela, e por isso acordei mais cedo que o costume e fui para o lago, onde poderia ver o sol nascer. Era como se eu precisasse de uma rota de fuga para todos esses problemas, e o lago sempre me acalmava. A ansiedade se apossava do meu peito, me proporcionava pensamentos inquietos, nem dormir direito eu estava conseguindo.

Tirei uma pequena chave do bolso e a estudei com atenção.

No dia seguinte da partida de Maria Clara, recebi o resultado de exame. Era bem cedinho, Tereza me entregou e ficou olhando, nitidamente curiosa, cheia de esperança.

— Eu não vou abrir — falei e joguei dentro da gaveta do escritório já reformado. Girei a chave na gaveta e a coloquei no meu bolso.

— Não vai abrir? Por quê? — Tereza se espantou, e deu para perceber que imaginava que eu estava com a mesma curiosidade que ela.

— Porque não é mais do meu interesse. — Dei de ombros.

— Como pode ser tão frio...?

— Tereza, Maria Clara é uma golpista, ela inventou a história toda para tentar se dar bem. Não está grávida. A Leticia, sim, está, Thiago confirmou.

— E vai acreditar nele? No cara que roubou sua noiva? — Ela achava que havia acertado meu ego, mas passou longe disso.

— Fique tranquila. Eu sei me virar. Me deixe sozinho, por favor.

Vendo o dia nascer, me perguntava qual caminho se abriria para mim naquele dia, já com minhas escolhas devidamente tomadas. O resultado ainda continuava lá, e a chave da gaveta que carregava sempre comigo parecia pesar uma tonelada pela insistente curiosidade. Mas eu não veria ainda qual era a resposta, mesmo sabendo que não passava de um truque.

Nada disso importava mais. Eu estava prestes a trazer Leticia para cá, de volta, e isso mudaria tudo. Eu tinha que honrar as calças que vestia e fazer a coisa certa antes de pensar em Maria Clara.

O sol nasceu, e eu voltei para a mansão. Estava na hora. Tomei café e até tentei falar com Tereza, mas ela não se mostrava, ultimamente, muito amigável

comigo. Fui para meu escritório, me sentei na cadeira executiva, pensei bastante antes de pegar o celular e ligar. Leticia atendeu depois de muito tocar.

— Oi. — A voz era sonolenta.

— Leticia, quero você aqui na minha fazenda o mais rápido possível.

— Fernando? O que quer comigo?

— Como assim o que quero com você? Não veio aqui e disse que está grávida? Pois quero você aqui, comigo, debaixo do meu teto até essa criança nascer e podermos ter uma certeza.

— Sério? E a Maria Clara?

— Leticia, estou te esperando, não me faça ligar de novo.

— E Maria Clara? Ela está aí?

— Não. Essa mulher não mora mais aqui. Estou te esperando.

— Tudo bem, obrigada, Fernando. — Demorei para desligar e escutei ao fundo ela comemorar. Fui até a grande janela do escritório e olhei toda a minha terra, que ia até onde a vista alcançava. Suspirei, sentindo na pele a dolorosa sensação de voltar à estaca zero. Eu me sentia como semanas antes, quando estava aqui decidindo com Franco os últimos detalhes do meu casamento. Eu jamais imaginaria que seria roubado.

E se tivesse acontecido? Como estariam as coisas hoje? Eu jamais conheceria Maria Clara, o abacaxi mais difícil de descascar. Involuntariamente meus lábios se curvaram ao lembrar dos surtos dela, quando batia de frente comigo. Era uma mulher que homem nenhum ia conseguir domar, e nem precisava, ela nunca ia permitir, porque essa era a beleza dela: a liberdade.

Leticia não demorou a chegar. Em uma hora mais ou menos, ela já estava na porta com um sorriso gracioso. Tereza, com expressão satânica, estava pronta para degolar qualquer um que falasse um “a” com ela. Nem esperou eu pedir um suco e foi para a cozinha.

— Vamos conversar — falei com Leticia. — Meu escritório.

Ela deixou a mala em um canto e me seguiu. Sentou-se em uma poltrona com um ar vitorioso estampando o rosto muito bem maquiado.

— Por que fugiu aquele dia? — perguntei na lata.

— Eu fiquei amedrontada. Maria Clara é louca, e temi pela vida do meu filho. Nosso filho. — Ela sorriu, e eu assenti, tentando não parecer muito

carrancudo.

— Por que fugiu com um peão da fazenda?

Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

— Ah, Fernando, me perdoe. — Juntou as mãos em clemência. Seus olhos assumiram um tom triste, e eu achei que ela choraria na minha frente. — Ele é mau, me obrigou e chantageou.

— Thiago te chantageou?

— Sim. Eu fiquei apavorada. Então eu fui com ele, pedindo a Deus por um milagre, e o milagre que me libertou das mãos dele está aqui. — Ela tocou na barriga. Limpou o olho como se chorasse de emoção.

— Eu sinto muito pelo que passou. Me diga, por que devo te aceitar aqui? Como saberei se esse filho é meu? Sabe que mandarei fazer um exame, não é?

— Sim. Eu sei, e eu mesma quero isso. Não quero fazer nada em cima de mentiras. Thiago ficou feliz no início quando descobriu que eu estava grávida, pois ele achou que era dele.

— Então vocês transaram?

— Infelizmente. — Abaixou o olhar. — Ele me obrigou.

— É uma pena, continue.

— E aí quando a médica disse que já estava com três meses, o que não batia com o tempo em que eu estava em posse dele, ele pirou e disse que eu tinha que matar meu filho. Eu fugi, porque estava muito amedrontada.

— Leticia, eu estou disposto a te dar abrigo. Vou proteger você e o bebê. Se tem uma chance do bebê ser meu, ele já é considerado um Capello.

— Obrigada. — O brilho em seus olhos era contagiante.

— Você vai ficar no seu antigo quarto, tudo bem? Não fique com medo, aqui ninguém vai te machucar. — Fiquei de pé e sorri amigavelmente para ela. — Vamos, eu mesmo te levo. Tereza não está muito boa esses dias.

— Você vai... ficar no mesmo quarto de sempre?

— Sim. Por quê?

— Bom, eu achei, agora que conversamos e nos entendemos, que poderíamos tentar tudo de novo. Temos um filho a caminho, e eu prometo ser obediente do jeito que você gosta. — Ela espremeu um lábio no outro e se

aproximou mais de mim, passou a mão no meu braço e completou: — Na cama e fora dela.

— Quer voltar comigo?

— Sim, é o que eu mais desejo. Podemos ser felizes, Fernando. Eu serei a esposa perfeita, ficarei dentro de casa, não me meterei em seus problemas, te acompanharei nos lugares apenas se você disser. E estou bem treinada... na cama, como você me treinou.

Eu sorri nostalgicamente lembrando de Maria Clara gritando que se eu enfiasse um plug no cu dela, haveria uma guerra na fazenda.

— Por muito tempo, eu achei que você amava o Thiago — sussurrei para ela, acariciando seu rosto.

— Isso jamais aconteceu, de verdade. Agora que serei mãe, é que me sinto madura e pronta para lutar. Eu lutei contra aquele imundo.

— Eu te admiro por isso. Por sua determinação de lutar pelo que almeja. — Eu me aproximei e a deixei encostar mais ainda, as bocas estavam bem próximas. Leticia suspirou e segurou no meu ombro. Antes de ela me beijar, falei: — Mas eu não quero uma mulher obediente sem vida, sem opinião e que não vai me ajudar quando eu tiver um problema. Quero uma mulher que me questione, que me seduza buscando o próprio prazer, que me surpreenda em uma festa, mesmo que não tenha sido convidada.

— O quê?

— Eu sinto muito por ter que ouvir essas merdas, cara. Pode sair. — Eu me afastei de Leticia, e ela deu um grito quando Thiago saiu do pequeno banheiro do meu escritório. No rosto dele, havia filetes de lágrimas, e isso doeu em mim, porque vi em seu olhar a dor de perder alguém que se ama. Mas precisava saber quem era sua mulher, e ele mesmo pediu que eu armasse isso.

Dois dias antes, quando vi as fotos no sofá, algo me chamou a atenção. Era a tela do meu computador e lá estava a hora e a data na barra de ferramentas. Aquele horário foi bem no momento da confusão. Maria Clara saiu correndo do escritório e subiu. Eu fui atrás e depois ela passou o resto do dia amarrada na cama.

A fúria me tomou. Estava na minha cara o tempo todo, e eu deixei a revolta me cegar de uma forma mesquinha; acabei fazendo mal a pessoa que tinha estado do meu lado torcendo por mim e planejando comigo para que eu vencesse o desafio.

A culpa me bateu com tanta força, que eu tive vontade de correr na mesma hora e ir atrás de Maria Clara. Mas eu respirei fundo e me controlei. Tinha que tomar as devidas providências. Tereza não poderia desconfiar, então fiz parecer que ainda odiava Maria Clara.

A maior reviravolta veio quando liguei para Thiago e descobri que ele estava desesperado procurando Leticia, que tinha sumido. Ao telefone, ele me contou que havia se casado em uma cerimônia íntima e muito bonita, me mandou fotos para comprovar, e juntos planejavam a chegada do bebê. Ele mesmo estava fazendo o berço de madeira, junto com o pai dele. Isso me cortou o coração.

Leticia não estava satisfeita com as coisas humildes que o bebê teria, e então as discussões começaram. Ela cobrava o que ele não podia dar, e foi esse o ponto que a fez tomar a decisão de tentar a sorte longe do marido e sogros. Longe do pequeno quatinho do bebê, que o zeloso pai preparava com tanto amor.

— Thiago? O que... o que está fazendo aqui? — Leticia gaguejava, pálida como papel e de olhos esbugalhados, completamente em pânico. — O que você fez Fernando? — berrou, enfim, se voltando contra mim.

— Eu fiz? Você acabou com a vida do cara. Olha para ele.

Ela olhou e tentou chegar perto. Ele deu um passo para trás.

— Thiago... eu só estava brincando, tentando conseguir algo para nosso... — Ela não terminou de falar, pois ele avançou e segurou em seu rosto.

— Não ouse dizer que eu não tenho condições de criar meu filho. — A voz dele estava falhando e embargada de mágoa. — Eu não preciso que venha tentar dar um golpe em outro homem, eu trabalho para sustentar a mim e a minha família.

Ele a afastou e pela primeira vez vi que as lágrimas de Leticia eram reais. Thiago tirou a aliança do dedo e colocou no bolso da calça.

— Acabou, Leticia. Seus pais já estão sabendo, e você pode ficar com eles. Vou continuar trabalhando para não deixar faltar nada para meu filho, mas, na minha casa, você não entra mais.

— Thiago, me escute, meu amor. Eu aceito nossa vidinha lá na fazenda, eu quero estar ao seu lado.

— Nem você acredita mais em suas mentiras. Vá se tratar. — Ele desviou das mãos dela e saiu do escritório quase correndo. Leticia ficou alguns

instantes com as mãos na boca, olhando para a porta que Thiago bateu. Depois de alguns instantes, virou-se para mim.

— Está feliz? Satisfeito por acabar com um casamento?

— Eu não sei por que ainda me surpreendo com sua cara de pau. É hora de ir embora, antes que eu chame a polícia.

— Por que tratou aquela vagabunda de um jeito que nunca me tratou? — Leticia gritou para mim.

Eu me levantei fui até a porta e a abri para ela.

— Eu não te devo explicações de quem eu gosto ou deixo de gostar. Deveria te processar pelo que fez, tirando fotos do meu escritório e mandando para outra pessoa. Isso é crime, é algo muito sério. Mas, como já está atolada na merda, vou ter respeito ao seu bebê e deixar você ir. Suma da minha frente.

Ela abriu a boca para falar, mas eu me antecipei.

— Eu não terei piedade da próxima vez.

Ela andou para a porta e, antes de sair, me olhou com um ódio mortal que banhava seus olhos.

— Maria Clara nunca vai te perdoar. — Sorriu, sentindo um pinga de vitória. — Nunca. Desejo que morra sozinho nessa porcaria de fazenda.

A maldita conseguiu sim tocar na minha ferida. Minha Abacaxi jamais me perdoaria.

— Aí já é um problema meu. Saia.

Ela saiu, dois seguranças a esperavam para acompanhá-la até o portão. Fiquei da janela assistindo Leticia partir. Eu tinha conseguido virar uma página da minha vida. Tinha acabado, mas o que eu sentia não era nada parecido com alegria. Eu estava novamente sozinho na gigantesca fazenda. Meu celular tocou, fui até a mesa e vi que era Benjamin.

— Fala, mano.

— A Maria Clara, a garota que estava hospedada na fazenda, não está mais com ela?

— Ah, cara... É uma longa história. E eu... espera, quem te contou?

— Ninguém. Só que estou aqui no semáforo perto da empresa me perguntando por que sua mulher estaria entregando panfleto no sinal. Eu só presumi.

— O quê? — Olhei no relógio, era quase meio-dia. Maria Clara, naquele calor, entregando panfletos?

— Hein... Já que não está mais com ela... A bichinha está aqui, e nesse sol de meio-dia, vou levar para meu apartamento.

— Se tocar nela, a coisa não vai ficar boa pro teu lado — ameacei com sangue nos olhos.

— Cara...

— Suma daí. Estou chegando. — Desliguei, peguei as chaves e saí correndo.

38 | MARIA CLARA

Faltava pouco para eu terminar o expediente e ir almoçar. Olhei no relógio pela décima vez em um intervalo de cinco minutos. Eu estava há um dia trabalhando em panfletagem e, até aquele momento, as coisas estavam agradáveis na medida do possível. Ter que entregar milhares de panfletos para ganhar quinhentos reais não era algo necessariamente bom, mas me fazia sentir independente e produtiva.

Meu irmão ia passar meio-dia e meia para me pegar, e eu até pensei em me sentar debaixo de uma pequena árvore no canteiro e esperar. Eu me sentia inexplicavelmente cansada. Tomei um gole de água e olhei a fila de carros se formando quando o sinal ficou vermelho.

De repente, uma caminhonete preta, bonita e reluzente saiu da fila de carros e parou no acostamento. Revirei os olhos quando duas pernas longas e grossas saltaram para fora. Fernando vinha em minha direção feito um touro bravo, chamando atenção com um chapéu de vaqueiro. Calmamente peguei o último monte de panfletos e entrei entre os carros parados. Depois que eu entregasse esses, teria que ir buscar mais, e assim restariam vinte mil para distribuir.

— Maria Clara — rosnou, autoritário.

Continuei entregando os panfletos, ignorando-o.

— Maria Clara, precisamos conversar.

— Estou trabalhando.

Apesar de tudo, a presença dele me deixava inquieta. Eu passei duas noites sofrendo por esse imbecil, e ao ter Fernando perto novamente, meu corpo achava que poderia ter tudo de volta em um estalar de dedos.

— Trabalhando? Ficou louca de ficar nesse clima quente? E a sua saúde? — Ignorei, sentindo uma corrente de ódio tomar meu peito ao lembrar que não acreditou em mim e ainda me expulsou da fazenda. Fui para o próximo carro, mas Fernando me interrompeu, parando na minha frente.

— Maria Clara, olhe para mim. Não finja que eu não estou falando com você — Fernando rugiu, e eu desviei, até querendo rir por ele ter me feito lembrar de uma música. Eu me fiz de muda, como se ele não estivesse ali.

— Vai na festa, senhor — ofereci um panfleto para um homem em um

carrão.

— Só se você for comigo, morena. — Antes de eu responder educadamente, um furacão me puxou para o lado.

— *Tu perdeu* a noção do perigo, cara? — Fernando berrou, e, assustado, o homem fechou o vidro do carro.

— Você pode parar de assustar meus clientes?

— Eles não são a porra de clientes. Ficou louca? Me dá isso aqui. — Tomou todos os panfletos da minha mão, andou até sua caminhonete e jogou tudo lá dentro. Voltou na minha direção enquanto eu caminhava para o acostamento, assim que o sinal ficou verde.

Bebi um gole de água e pelo canto dos olhos vi Fernando parado ao meu lado.

— Me desculpa. — Sua voz era um pouco mais calma. — Vamos para casa, eu estava errado a seu respeito. Foi a Leticia que...

— Ah, foi? Não me diga. Achei que tivesse sido eu. Usando o poder da mente.

— Maria Clara. — Segurou meu braço. — Eu reconheço que errei muito, mas podemos recomeçar...

— Recomeçar o quê? — berrei, me virando bruscamente. — Tínhamos algo, por acaso? Se tivesse ao menos consideração, teria me ouvido antes. Eu quis estar ao seu lado. Posso ter mentido sobre a gravidez, mas foi puro medo de te perder e ser expulsa da fazenda. E adivinha o que você fez? Me chutou pra fora da sua casa. Acha que sou o quê? — Eu me virei para pegar minhas coisas, mas voltei imediatamente. — Ou melhor, quem você pensa que é para vir aqui e achar que pode ao menos falar comigo?

Fernando estava nitidamente transtornado e tentando se controlar, vi em seus olhos que, apesar da culpa o tomando por inteiro, ele queria me pegar à força e levar embora, para que eu fosse obrigada a perdoá-lo. Fernando era um homem dominador e muito controlador com todas as coisas à sua volta. Devia ser frustrante para ele não poder mandar nos meus sentimentos.

— Você ainda tem uma dívida comigo. — Sua voz saiu pesada, não por maldade, parecia, na verdade, desesperada. — Não me faça usar a força, sabe que tenho meios de te obrigar.

— Ah, que legal. É assim que costuma convencer as pessoas de que está

arrependido?

— Eu errei, fui um idiota, posso cuidar de você...

— Ah, querido, sinto informar que nunca precisei que cuidassem de mim. Vê se me erra. — Vi meu irmão se aproximando de moto. Peguei minha bolsa, o resto dos panfletos e empurrei Fernando para passar.

— Maria Clara... Converse comigo...

Recebi o capacete das mãos do meu irmão, coloquei e montei atrás.

— Quem é esse cara? — Ouvi Fernando falar atrás de mim, mas nem tive tempo de mostrar o dedo do meio, meu irmão arrancou e entramos na avenida.

Cheguei exausta em casa. Queria gritar de raiva, porque, apesar de tudo, meu coração estava em disparada só pelo detalhe de ter visto Fernando. Por essas e outras, às vezes eu pensava no que de verdade sentia por ele. Não era indiferença, e nem uma simples atração. Era algo bem maior, que me fazia ficar acordada no escuro, lembrando dele, e me deixava nesse estado de calamidade por conta de sua presença e de sua voz sofrida.

Quando eu me tornei essa mulher dependente? Em que momento específico eu deixei um homem me tocar tão profundamente? Olhei as mãos trêmulas e recostei na porta do meu quarto, assustada com o que eu percebia. Como pude deixar que um homem pudesse ser dono até mesmo de minha fúria? Porque até a raiva que eu sentia dele era gostosa de sentir, de certa forma me fazia estar próxima e tornava real o que tivemos.

Se isso fosse paixão, a conclusão era que esse sentimento é mesmo uma droga e machuca mais do que uma surra.

Minha mãe queria saber por que Fernando Capello discutiu comigo no semáforo — claro que meu irmão bateu com a língua nos dentes. Menti, dizendo que ele queria que eu cumprisse aviso prévio e, para minha surpresa, minha mãe ficou do lado do meu “patrão”. Almocei e fui descansar no meu quarto.

Lembrei do exame de sangue que Fernando me obrigou a fazer e concluí que era mesmo mentira, ou ele me sequestraria pessoalmente à luz do dia, caso eu estivesse carregando um herdeiro Capello.

Isso deveria ter me deixado feliz, mas por dentro o que encontrei foi uma profunda sensação de vazio.

No dia seguinte, me levantei cedo para ir à agência para pegar mais panfletos. Eu decidi não voltar naquela tarde. Fernando tinha pegado tudo que estava em minha posse, então não fui mais panfletos e tirei o resto da tarde de folga. Eu não estava bem.

Meu irmão me deu uma carona na sua moto, que o coitado ainda estava pagando em milhares parcelas a perder de vista. Quando terminasse de pagar, nem moto existiria mais.

— Bom dia, senhor Gilmar. — Abri a porta e espiei. Ele fez uma careta quando me viu.

— Você, dê meia volta e vá embora.

— O quê?

Pegou um envelope, colocou sobre a mesa e, na minha cara, rasgou meu contrato.

— O que eu fiz? — Achei que era por eu ter tirado folga por conta própria.

— Garota, a Capello é nosso melhor cliente, eu não vou perder essa benção por sua causa.

— Mas eu não fiz nada... Eu juro. — Entrei na sala, ficando diante de sua mesa.

— Aqui está o seu dinheiro. Quinhentos reais. — Empurrou o envelope para mim. Rapidamente já enfurecida, segurei a mão dele.

— Pode me falar por que está fazendo isso? — Ele soprou, se sentou na cadeira e após alisar a careca falou:

— Fernando Capello veio até aqui e fez uma denúncia pessoalmente. Se hoje você não estivesse na rua, ele acabaria com nossa parceria. Não sei o que fez para irritá-lo, mas está fora.

Sentei-me na cadeira e soltei o ar pela boca. O pilantra estava minando minhas possibilidades para eu não ter como pagá-lo e voltar para a fazenda. Gilmar parecia entender minha fossa. Sem eu pedir, ele se levantou e pegou algo no armário.

— Sei que está precisando de emprego, homens como Fernando não se preocupam com o próximo. Vá nesse endereço e diga que eu a mandei. Eles vão te arrumar alguma coisa, mas não deixe Fernando descobrir que eu indiquei.

Feliz da vida, fiquei de pé e o agradei. Eu queria mais do que ter uma fonte de renda, agora era questão de honra mostrar àquele fazendeiro patife que eu poderia me virar sozinha.

O lugar que ele tinha me mandado era uma gráfica que precisava de empacotadores. Parecia um bom bico, e o homem que me atendeu disse que poderia me encaixar por ao menos uns cinco dias por causa da grande demanda para a Festa do Leite da Capello. No mesmo instante, eu supus que a gráfica também teria ligação com a Capello. E minhas suspeitas se confirmaram quando ele me mostrou as pulseiras de entrada que eu tinha que embalar. Seriam cinco dias, e eu ganharia quinhentos reais. Quase pulei de alegria.

Ele me fez preencher um formulário, e em seguida, eu já estava junto a outras pessoas em uma grande mesa, colocando as pulseiras dentro de saquinhos e passando adiante para serem empacotadas.

As entradas já estavam sendo vendidas e, pelo ritmo da produção, seria uma grande festa. Fiquei por segundos olhando a pulseira, imaginando besteiras. Vi que uma moça me observava e passei adiante para não pensarem que eu queria roubar. Na verdade, eu pensei mesmo nisso, e em ir só para provocar Fernando. Mas era uma péssima ideia.

Eu nem queria mesmo ir naquela festa idiota.

39 | FERNANDO

Eu não tinha conseguido dormir quase nada. Estava tão puto, que não havia a menor hipótese de relaxar. Às quatro da manhã, peguei no sono na minha cadeira no escritório e acordei às seis. Essa repentina insônia não foi por ter encontrado Maria Clara no semáforo. Foi algo que fugiu completamente do meu controle. Algo que eu demorei horas para recuperar do choque.

Era noite, depois do jantar, eu tinha vindo para o escritório tentar trabalhar, quando vi a gaveta trancada. Mandeí tudo à merda e a abri. Lá estava o resultado do exame lacrado pelo laboratório. Abri, despreocupado, e pulei da cadeira quando li a palavra “positivo”.

Sem acreditar, li o exame diversas vezes, olhando o nome dela, a data de colheita, tudo. Eu estava lá o tempo todo, eu vi quando tiraram seu sangue, não tinha como ser falho. Como o laboratório já deveria estar fechado, liguei para Leda, e ela se mostrou revoltada com o que eu relatei.

— Como você nessa idade pode ser tão descuidado?

— Leda, se eu precisasse de sermão, teria ligado para meu pai. Veja a foto do exame que eu te mandei e me diga quais as chances reais de ela estar grávida.

— Fernando, o exame já te deu a resposta. Maria Clara está grávida, e eu sugiro que comece logo o pré-natal, ela é diabética e precisa de cuidados.

Puta que pariu. A culpa me atingiu com tanta força, que eu tive vontade de quebrar tudo à minha volta novamente ou chorar como um menino. Estava com raiva de Leticia, de Miguel e de mim mesmo por ter sido tão idiota e feito aquilo com Maria Clara. Eu precisava dela perto de mim, agora mais que nunca, e sabia, para meu terror, que ela não me perdoaria fácil.

Maria Clara levantou esse fato da gravidez sem saber que era mesmo verdade, e agora carregava o meu filho. Fruto de nossa tórrida relação, que me fazia gemer de saudade. Isso foi demais para minha mente processar. Um filho? Um filho mesmo, definitivo.

Primeiro, eu me desesperei, bebi quase uma garrafa de uísque. Depois, eu quis ter Maria Clara, e o pequeno grão em seu ventre, bem debaixo do meu teto, pois eu morreria se algo acontecesse com um dos dois.

Escolhi um outro carro, pois a caminhonete já estava manjada e ela poderia reconhecer. Dirigindo uma SUV branca, parei um pouco afastado da casa dos pais dela e esperei. Eu sabia que ela não voltaria mais para o semáforo; não era digno assumir isso, todavia eu tinha mexido os pauzinhos. Mas a conhecia suficiente para saber que não ficaria parada chorando pitangas.

Dito e certo. Às sete e meia, ela saiu da casa junto com um rapaz. Respirei aliviado ao ver que era seu irmão, mas preendi a respiração quando ela montou na traseira da moto novamente. Quase tive um treco, até coloquei a mão no meu peito. Grávida, em cima de uma moto pelas ruas movimentadas da cidade. Eu queria trancar Maria Clara em um quarto acolchoado para que ela não se ferisse.

Enquanto a moto partia, fiz inúmeras conjecturas mentalmente. Ela teria tomado a insulina? Estaria se alimentando bem? E se passasse mal em cima da moto e caísse?

Meu pai do céu! Proteja minha teimosa mulher.

Minha mulher.

Sim, era isso que ela era e agora mãe do meu filho. Arranquei com o carro para segui-los. Eu traria Maria Clara de volta para mim de qualquer maneira.

Quando vi em qual local ela parou, sorri com malícia, porque já sabia que gráfica era aquela. Peguei o celular e liguei para o número de telefone na fachada do prédio. Um homem que se identificou como Samuel atendeu e, após eu me apresentar, aceitou me receber no mesmo instante. Entrei e no seu escritório, o homem me atendeu de uma forma adorável, como se eu fosse um rei. Sem rodeios, mandei logo na lata:

— O caso é o seguinte. Minha garota está tentando me provocar. Ela está em estado de gravidez de risco e quer a todo custo trabalhar. — Adicionei algumas inverdades para tornar minha fala mais dramática.

— Ela está aqui? — Ele ficou pálido me encarando.

— Sim. Maria Clara Gouveia. Eu vou pedir com educação: demita ela, ou cancelo agora todo contrato com a empresa.

— Mas... assinamos...

— Você deve entender que para um homem como eu, assinaturas não valem muito. Demita ela agora, e saberei te agradecer muito, no futuro. — Ele não pensou duas vezes, até sorriu, satisfeito com o acordo.

— Claro, eu farei isso agora mesmo.

Coloquei meus óculos escuros e fui para fora esperar recostado no meu carro. Minutos depois, Maria Clara saiu com a expressão que eu já conhecia muito bem. Era parecida com a expressão de quando eu a acordava cedo. Ela olhou para os lados e, quando me viu, veio correndo na minha direção.

— Seu desgraçado! — E me atacou de bolsadas.

— Maria Clara. Pare! — Consegui domá-la. — Precisa se acalmar e me ouvir.

— Porra! — Ela se soltou de mim e andou para o outro lado, ajeitando os cabelos. Voltou na minha direção, parando bem próximo. Quando seus olhos encontraram os meus, vi pura chama de raiva. — Por que fez isso? Diferente de você, eu não tenho milhões para gastar. Eu preciso sobreviver e ganhar a vida honestamente.

— Você tem quatrocentos mil na conta. — Que, a partir daquele momento, eram todos dela.

— Não são meus! — berrou. — E você sabe. Eu quero trabalhar e ter o meu dinheiro.

— Você vai trabalhar, mas em algo apropriado e não agora. Entre no carro, tome um café comigo, a conversa é séria.

Ela parecia cansada demais para brigar. Soltou todo o ar dos pulmões, mostrando insatisfação, mas não precisou que eu pedisse novamente. Rodeou o carro e entrou no lado do passageiro. Eu poderia levá-la para a fazenda e prendê-la novamente, mas não faria isso. Não queria estressá-la e, daquela vez, desejava que ela tivesse vontade de voltar.

— Grávida? — Sentada à minha frente, na mesa de uma lanchonete, ela fitou o papel sem tocar nele. — Isso é sério? Por favor, diga que não é uma armação.

— Não é. Eu fiquei desesperado ontem quando enfim peguei o exame e li. Eu fico louco, imaginando você montada em uma moto indo trabalhar... E se algo acontecer? — Deixei minha aflição se estampar na voz e isso transpareceu para ela. De supetão, ela ficou de pé. Eu também me levantei e a cerquei.

— Eu preciso ir para minha casa.

— Maria Clara, volte para a fazenda, fique comigo, por favor.

— Sinceramente? Eu não vou voltar. Você passou semanas me convencendo a ficar, e eu comecei a gostar de estar lá. Eu queria acordar ao seu lado, participar de seus problemas, conhecer o seu mundo. Mas em apenas segundos, você destruiu tudo o que batalhou para conseguir. — A emoção que emanava dela era intensa, me atingindo dolorosamente com as palavras. — O abacaxi está mais duro agora, Fernando.

— Me deixe te convencer novamente. — Segurei sua mão. Eu estava prestes a implorar.

Ela deu um sorriso nostálgico e limpou uma lágrima que escorreu na face.

— Pode tentar. Eu só quero ir embora e absorver essa nova informação. — Acariciou o ventre liso e andou rápido para fora, onde táxis estavam parados. Eu nem me movi para pará-la, fiquei paralisado observando-a partir.

Eu descobri que era paixão a partir do momento em que senti que minha vida seria uma bosta sem ela. E nada mais me faria feliz do que tê-la de volta.

40 | MARIA CLARA

Quando acordei, me surpreendi por ter dormido tanto, uma vez que eu jurava que passaria a noite em claro. Já passava das dez da manhã. Olhei a claridade pela janela, percebendo que não havia raios de sol, me espreguicei e, quando caminhei até lá para conferir, me deparei com um dia nublado.

Que ótimo! Um dia tão desanimado como eu.

Voltei para a cama, disposta a ficar lá o dia todo. Não tinha forças para nada, uma vez que meu mundo tinha desabado no dia anterior. Nada poderia me preparar para o que descobrira. Era uma reviravolta definitiva, sem chances de mudar. Grávida. Eu estava esperando um filho do Fernando, e isso era a comprovação de nossa ligação eterna.

A porta do quarto abriu com brusquidão, e minha mãe entrou.

— Precisa descer. Agora.

— Mãe? O que houve?

— Vista-se e desça, você tem que resolver o problema.

Aflita, me levantei e me vesti na velocidade da luz. Já imaginava o Fernando lá embaixo, contando tudo para minha mãe. Eu ia matar ele, esse direito era meu, eu que devia conversar com ela. Fiz uma aplicação de insulina e desci as escadas, mas não com pressa: fui devagar para tentar escutar algo.

— Aí está ela — minha mãe falou, e eu me deparei com uma mulher nova, de cabelos pretos, muito bem vestida. Os saltos eram altíssimos e, com o vestido azul escuro, faziam com que parecesse uma executiva. Sorridente, ela veio até mim.

— Maria Clara?

— Sim, sou eu. — Apertei a mão de unhas invejáveis.

— Sou Bruna Caldeira, arquiteta e designer. Estou aqui a pedido de Fernando Capello. Essa é a casa dos seus pais, certo?

— Sim... mas... o que especificamente ele pediu para fazer?

— Uma reforma geral. Vamos sentar, decidir como quer tudo. Se der certo, hoje mesmo poderemos começar os planejamentos.

— Mas... não queremos isso.

— Infelizmente, estou aqui cumprindo ordens. — Ela fez uma cara fofa, como se pedisse desculpas silenciosamente. Olhou para nós duas, minha mãe e eu, completamente perplexas, e bateu palmas, animada. — Bom, ele pediu prioridade no seu quarto, mas disse que não era para fazer um quarto do bebê caso você exigisse. Esse quarto, iremos projetar na fazenda dele e...

— Quarto de bebê? — Minha mãe murmurou estática, quase sem voz.

— Me dê uma licença rápida, por favor. — Puxei minha mãe e a levei para a cozinha.

— Maria Clara, o que está acontecendo? — Seu tom era quase aflito.

— Ok. Eu não farei rodeios. Quero que saiba que está tudo sob controle.

— Já está fazendo rodeios.

— Eu estou grávida. Do Fernando. — Observei a reação dela. Inicialmente, levou as duas mãos na cabeça e fechou os olhos, até parecia que tinha visto a seleção perder um pênalti nos últimos segundos da copa. Ela levou alguns instantes para se recuperar, e eu dei a ela todo o tempo necessário. Nem mesmo eu tinha conseguido digerir a informação.

— Vocês tinham um caso?

Assenti. Eu não queria ainda contar sobre o roubo e o sequestro.

— Antes que pergunte, não temos um plano. Estamos brigados, e eu sou meu próprio plano.

— O que quer dizer com isso? Está pensando em tirar...?

— Nossa, não. Por Deus, não. Quero dizer que estou por conta própria — falei. Seu olhar era cada vez mais confuso.

— Ele não quer a criança?

— Eu não sei, mãe. — Na verdade, sabia. Fernando parecia querer o bebê e devia estar quase morto de ansiedade, querendo cuidar de mim enquanto grávida. — Ainda não sentamos e discutimos. Eu soube ontem, e hoje, ele já me faz essa droga de surpresa.

— Maria Clara... e o que será de agora em diante? Sobre o pai dessa criança...

— Ainda não é uma criança. — Massageei minha nuca. O estresse me queimava.

— Mas será. Minha filha...

— Mãe, eu vou sair para espairecer. Preciso procurar um médico para ver a questão da diabetes com a gestação. Fale com a mulher ali na sala como a senhora deseja a casa, pode pedir do jeito que quiser. Já que ele ofereceu, aproveite.

Saí rapidamente da cozinha. No quarto, me vesti na velocidade da luz e dei um “até logo” para a mulher, que me olhava com cara de interrogação enquanto eu corria porta a fora.

Na lanchonete, tomando meu café da manhã, me senti solitária e dependente de um ombro amigo. Eu nunca tive amigos, a não ser Leticia, que sempre monopolizou minha atenção. Éramos inseparáveis, e ainda não acreditava que ela tinha descido tão baixo justo contra mim, só para ter a boa vida de volta.

Peguei o celular e toquei no número de Fernando. Era a primeira vez que eu ligava para ele. Ele atendeu imediatamente.

— Como passou a noite? — Foi logo me perguntando.

— Bem. Que espetáculo é aquele na casa dos meus pais?

— Bruna já chegou?

— Fernando, não queremos nada seu. Por favor, pare de tentar...

— Você disse que eu poderia tentar te convencer. — Não havia estresse na sua voz, e isso me incomodou. Era como se eu o quisesse louco, revoltado, arrancando os cabelos.

— Reformando a casa dos meus pais?

— E o que mais você queria? Que eu fosse cantar serenata na sua porta? Eu quero te dar bem-estar, Maria Clara. Não vou correr o risco de deixar um pedaço de gesso cair na cabeça da mãe do meu filho.

— Nossa. — Falei apenas isso e me calei. Ele também estava calado, podia ouvir sua respiração, e tive a impressão de que se fechasse os olhos, sentiria ele ao meu lado.

— Por favor, volte para casa... Fique comigo, Maria...

— Não. Tchau. — Desliguei e sorvi calmamente o suco de laranja natural sem açúcar. Sem manipulações, senhor Infernando.

Conforme os dias avançavam, a realidade me tomava completamente, fazendo meu corpo e mente aceitarem a boa nova. Automaticamente, algo inexplicável começou a mudar dentro de mim, era como se eu visse a gravidez com outros olhos. Passei a ver fotos de grávidas na internet, curtir páginas de bebês, ir para lojas de bebê apenas para olhar a vitrine e até marquei uma consulta com uma obstetra.

E hoje, quatro dias depois de ter visto Fernando pessoalmente, eu tive que recorrer a ele, passando por cima da minha promessa de que não precisaria dele. Fernando me ligava todos os dias querendo saber meu estado de saúde. Todas as vezes implorava para que eu voltasse, e, como sempre, eu negava. Uma semana havia passado desde que eu tinha ido embora da fazenda e, mesmo assim, ele não cansava de me pedir para voltar.

A reforma na casa dos meus pais estava em andamento, havia um carro para mim na garagem, que ele mandou entregar, pedindo que eu não dirigisse sozinha, e ontem pediu a Laerte para entregar várias guloseimas diets que ele pedira à Tereza para preparar. No bilhete que acompanhou a cesta, ele dizia:

O recheio do cupcake, eu mesmo preparei. É uma geleia de uva, receita da minha mãe. Tente não comer muito para não pesar o estômago e, por favor, meça continuamente sua glicose.

E agora, voltando da consulta, eu lembrava do bilhete e queria chorar. Porque estava assustada e, de repente, tive necessidade de ter Fernando por perto. A médica me encaminhou para um obstetra especializado em gravidez de risco. Ela me explicou que diabéticas devem planejar a gravidez por conta da glicose e dos diversos problemas que podem ocorrer. Má formação do feto nas primeiras semanas era a coisa mais aterradora que pude escutar. Ela me pediu para agir o mais rápido possível.

Sentei em um banco do lado de fora da clínica, peguei o celular e liguei para Fernando. Como da outra vez, ele me atendeu imediatamente.

— Oi, Maria Clara.

Que droga! Eu não queria ter de depender dele. Mas era impossível agir sozinha.

— Vou precisar de um médico mais caro e exames... o mais rápido possível. Eu... droga! Eu preciso que autorize que eu pegue do seu dinheiro que está comigo.

— O dinheiro é do nosso filho, já que você não o quer. Use para tudo que precisar. O que a médica disse? — Decidi não contar nada para ele, não queria ele por ali me perturbando. Eu podia resolver tudo sozinha.

— Ela me transferiu para um médico especializado. Acho que vou precisar de nutricionista e exercícios leves de relaxamento.

— Quer ajuda?

— Não precisa. Só estou te deixando a par por motivos óbvios. Era só isso, Fernando.

— Espera. Deixe que eu vá no dia do ultrassom.

— Eu vou pensar. Até mais. — Eu não estava sendo cruel. *Ele* tinha sido cruel comigo e, por isso, não baixaria a guarda.

Não consegui deixar de pensar no que Fernando estaria fazendo. Depois de marcar nova consulta com o obstetra especializado em gravidez de risco, fui embora falar com minha mãe. Estávamos ficando em um apartamento alugado por Fernando, já mobiliado, enquanto a casa estava em reforma.

Dividi com minha mãe a preocupação, mas ela me acalmou. Eu mantinha minha glicose sempre equilibrada. Desde cedo, aprendi a controlar e, com o inseparável aparelho de medir, eu levava uma vida saudável.

Mais tarde, depois do jantar, o clima estava muito agradável, levemente frio, pois chovia bastante. Fui para a sala assistir com minha mãe antes ir para meu quarto. Sempre ficávamos sozinhas, uma vez que meu irmão trabalhava durante o dia e estudava à noite. Eu não podia simplesmente me trancar no quarto, deixando-a em solidão.

Já estava cansada pelo dia, querendo dormir muito para esquecer os problemas, quando ouvi um barulho e uma voz alterada gritando meu nome do lado de fora. Corri até a janela e me deparei com a caminhonete de Fernando parada no meio da rua, a porta aberta e ele batendo no portão do pequeno prédio. Parecia alterado.

— Quem é? — Minha mãe estava de pé atrás de mim.

— O Fernando. Puta que pariu. O que esse homem está aprontando? —

Vesti um casaco, peguei o guarda-chuva e saí correndo, com minha mãe ao meu encalço.

Abri o portão e saí na rua.

— Fernando? — Segurei-o, e ele cambaleou. Estava bêbado e todo molhado pela chuva. — Fernando? Olhe para mim. O que está fazendo aqui?

— Não achei... que seria tão difícil... — ele balbuciou e escondeu o olhar, eu pude enxergar seu desconforto. Era como se não quisesse ter vindo, mas em um momento de fraqueza, veio. Ele tentou voltar para a caminhonete, mas eu o segurei.

— Ok. Venha comigo. Vamos subir. Mãe, me ajude aqui. — Ela veio depressa, e, com sua ajuda, o levamos para dentro. Deixei-o no sofá, de cabeça baixa, minha mãe foi pegar um cobertor enquanto eu estava procurando o número de Isabela no meu celular. Percebi como minhas mãos estavam trêmulas, as batidas frenéticas do coração me causavam um leve enjoo. Isabela atendeu, pedi a ela o número de Laerte e só então consegui falar com ele para vir buscar Fernando.

Eu não queria olhar para ele, porque eu não queria ser fraca e cair em suas armadilhas. Eu não queria dar o braço a torcer e, mesmo naquele momento humilhante para ele, eu engoli a piedade e me fiz forte.

Fiz rapidamente um café bem forte e, quando voltei para a sala, ele estava na mesma posição, só que com um cobertor em volta dos ombros. Sob o olhar preocupado de minha mãe, caminhei até ele.

— Fernando, beba.

Levantou o rosto, me encarou por segundos e segurou a caneca. Suas mãos tão fortes, que nunca fugiram de trabalho e que eram perfeitas para dar carinho, estavam trêmulas, e quando toquei, as percebi geladas. Ele não bebeu o café, ficou olhando a caneca e nem precisou levantar os olhos para saber que eu estava ali, à sua frente.

— Eu busquei... sobre grávidas com diabetes e não consigo suportar... ficar longe. — Sua voz levemente grogue e mais rouca que o normal indicava que tinha bebido bastante, mas não o suficiente para perder a consciência. — Eu não posso te ajudar... fico pensando que pode desmaiar e ninguém ver...

— Eu estou bem, Fernando.

Coçou o olho e não olhou para mim.

— Me sinto novamente com quinze anos, impotente, sem poder ajudar você, como foi com meus irmãos pequenos e minha mãe... que ficaram longe. Se eu tivesse perto deles... se eu e o Andrey estivéssemos lá... ela teria conseguido se libertar.

Sentei ao lado dele, brutalmente comovida. Vê-lo tão desesperado por ter perdido o controle, por não poder estar por perto de mim em um momento tão importante, fez meu coração saltar com força, e eu senti minhas emoções se manifestarem, como se reconhecesse naquele homem o meu destino.

— Não pense isso. Eu já estou me cuidando, estou bem. — Ele bebeu um gole de café e negou com a cabeça.

— Você não vai voltar nunca mais? — A voz denunciava um leve choro.

— Fernando... eu não vou...

— Tudo bem. É sua escolha. Eu só preciso ficar por dentro... — Tomou mais um gole de café. Não falou mais nada até que Laerte chegou e o levou. Fernando nem olhou mais para mim, levou a caneca de café com ele.

— Me ligue quando chegarem lá — pedi a Laerte. — Cuide dele.

— Fernando está impossível esses dias, mas vai superar. Daqui a pouco, ele está novo em folha. — Engoli em seco e por dentro desejei que não, pois uma parte egoísta de mim não queria que ele desistisse.

Todavia, quando a manhã chegou, eu tive uma bela surpresa. Tereza estava na minha porta, sorridente, com alguns biscoitos para mim. Eu a abracei calorosamente, com a saudade que sentia. Ela se mostrou deslumbrada pela gravidez.

— Como ele está? — perguntei.

— Bem. Ele acordou disposto, estava com dor de cabeça, mas parecia animado. Vai ficar dois dias fora, com o irmão. Negócios da empresa.

— Ah, que bom. — Fiz café para a gente e, na cozinha, contei a ela como estava minha gestação.

E então, para minha surpresa, ela falou, um tanto receosa:

— Eu vou te encontrar todos os dias. E te ligarei duas vezes por dia para saber tudo sobre sua saúde e a gestação.

— Claro... mas não precisa tudo isso.

— São ordens dele. — Tereza desviou o olhar. — Fernando desistiu, mas

ele ainda está muito preocupado com a gestação e não vai deixar te faltar nada.

— Desistiu de quê?

— De implorar para você voltar. Ontem foi a gota d'água. Ele se sentiu muito mal... muito envergonhado por ter feito aquela palhaçada e disse que esse não é papel de homem e que vai respeitar sua vontade. Então não vai mais falar com ele, nem pessoalmente e nem por telefone. Eu serei a ponte entre vocês de agora em diante. A única coisa que ele quer é estar presente nas consultas e exames. — Só então ela me olhou e parecia completamente desolada. — Enfim está livre, Maria Clara.

41 | FERNANDO

Terminei de falar com Tereza e voltei para a mesa do refinado restaurante onde Benjamin esperava. Ele me olhou, curioso, tentando me desvendar, e assim que me sentei, curvou-se sobre a mesa.

— Vamos, desembuche. Que cara é essa?

— Cara nenhuma. Será que eles vão demorar mais? — Olhei no meu relógio, conferindo a hora. Estávamos meia hora adiantados no encontro com empresários de uma fábrica de biscoitos e bolachas que estavam interessados no leite Capello.

— Você passou a viagem toda emburrado — Benjamin persistiu. Fitei a taça de vinho a minha frente e levantei o olhar para encará-lo.

— A Maria Clara está grávida.

— Puta que pariu. — Benjamin ficou instantaneamente catatônico. — Sério? E é seu?

— É meu.

— É aquela gostosa do semáforo? A que *tu levou* no noivado do...

— Fica esperto não, besta. Quando o murro comer na orelha, vai falar que sou ruim.

— Estou tremendo de medo. Cara, que parada sinistra. Você vai mesmo ser pai? Acho que estou mais pasmo que você. Não sei o que faria se descobrisse que teria um filho.

— É, mete uma camisinha aí, que tudo dá certo.

— Um pai descuidado dando conselhos contraceptivos. Quando penso que já vi de tudo.

— Silêncio, eles estão vindo. — Fiquei de pé e sorri para os empresários. Benjamin ajeitou o terno e ficou ao meu lado.

— Saco. Odeio essas porras de reuniões.

A reunião fora mesmo um saco. Benjamin não gostava muito das coisas relacionadas à empresa, mas fazia por obrigação. Ao contrário de mim, que gostava de negócios e administrar. Porém aquele não era o melhor dia para mim.

Eu tinha decidido dar espaço para Maria Clara quando me vi bêbado fazendo vexame. Eu não era aquele tipo de homem, e se Maria Clara não me queria mais, eu também não seria o tipo pé-no-saco que não aceita um “não” de uma mulher. Não estava disposto a perseguir e encurralar a mulher que gerava o meu filho. Se um dia ela decidisse conversar comigo, eu ficaria feliz, mas, por mais que eu a quisesse de volta, não imploraria mais. Estaria com ela apenas nos dias dos exames.

Depois do almoço, seguimos para o hotel. Dormiríamos uma noite e viajaríamos para a próxima cidade, uma nova reunião para fechar contratos.

— Decidiu o que fará com o Miguel? — Eu tinha contado tudo para Benjamin, e ele estava puto com nosso cunhado.

— Ainda não planejei algo. Estava com a cabeça tão cheia esses dias...

— Você devia contar tudo para o pai. Ele tem que saber que houve trapaça nesse desafio de merda.

— É o que planejo fazer. — Pensar naquilo fazia meu ódio pelo Miguel voltar com força total, mas eu faria com calma, a vingança era um prato para ser degustado frio.

Benjamin e eu permanecemos em viagem por mais dois dias e conseguimos dois novos clientes de peso para a empresa. A demanda estava crescendo absurdamente, o que acarretava na produção da fazenda. Era hora de aumentar a equipe e acelerar a produção.

42 | MARIA CLARA

Eu ainda não tinha conseguido absorver totalmente a nova tática de Fernando em se afastar por completo. Ele queria se fazer de difícil ou estava mesmo respeitando minha opinião? Era difícil definir o que vinha daquela mente. As duas opções me deixavam aflita.

Eu sabia que ele não estava na cidade, Tereza me informava cada passo dele e eu nem a impedia, porque no fundo eu queria mesmo saber o que ele andava fazendo. Era tão difícil entender minhas emoções, soavam, inclusive, contraditórias. Eu não estava conseguindo lidar com a paixão dolorosa, mas o orgulho falava mais alto todas as vezes.

Minha mãe estava com dores novamente, e eu resolvi ir sozinha ao supermercado. Precisávamos de algumas frutas, verduras e legumes, principalmente porque eu queria preparar uma sopa de legumes. Daniel não poderia ser meu motorista então eu mesma peguei o carro e fui.

Estava escolhendo laranjas quando senti, sem precisar olhar, a presença de alguém. O perfume dele veio diretamente em mim, e me arrepiei completamente.

— Seria coincidência se estivesse comprando abacaxi.

Eu me virei bruscamente e fitei Fernando. Ah! Cacete, era tão bom vê-lo! Por pouco, não pulei em seus braços. Agradei ao bom senso por ter me segurado.

— Fernando...

— Fazendo compras?

— Sim. — Era óbvio. Ele só estava puxando papo. Seus olhos atentos me fitando, a saudade impressa neles.

— Sozinha? — Olhou em volta.

— Sim.

— Droga. — Passou a mão na cabeça, ansioso. — Você não podia estar fazendo isso...

— Não faça isso. Você não tem mais esse controle. — Desviei a atenção dele e fingi estar escolhendo as laranjas.

— Desculpe. Me deixe te ajudar.

Olhei as laranjas, olhei meu carrinho quase cheio e voltei a fitar Fernando.

— Tereza me deixou um recado avisando você iria me deixar em paz. — Isso o atingiu em cheio, e até me arrependi de ter sido bruta. Ele abaixou o rosto e pareceu olhar para as botas, seu dedo descansando na fivela e o chapéu, abraçado contra o peito.

— Eu só precisava... te ver. Está sendo a porra de um inferno.

— Me seguiu?

— Porra, você sabe que sim. — Quando seu olhar desolado me atingiu, quase dei um passo para trás. Ele conseguia me contagiar com tanta agonia. — Me dê uma chance. Apenas uma chance para eu me desculpar e recuperar tudo que tínhamos. Eu posso fazer o melhor e cobrir todo mal que te fiz. — Tentou me tocar, mas me afastei. Em silêncio, considerei que Fernando não poderia ter tudo que queria. O que ele fez comigo ainda doía de forma desconfortável.

Olhei para ele, sua expressão caída era de dar pena.

— Não pense que é o único sofrendo, pois não é. Essa gravidez nunca foi planejada por mim e nem por você, e agora eu tenho que levar minha vida com o buraco no peito que você provocou e nosso filho aqui dentro. — Toquei em meu ventre. — Não é tão fácil assim.

— Mas...

— Me dê tempo e espaço, por favor.

Ele assentiu, colocou o chapéu na cabeça e se virou rápido para sair, mas voltou e de repente não estava mais magoado, parecia contrariado. O maxilar enrijecido, denunciando sua tensão.

— O que sente por mim, Maria Clara?

— Nesse momento? Não sei. Mas um dia eu julguei que era paixão, porque doía imaginar viver sem você. Mas agora eu não tenho como te responder. Eu preciso ir.

Eu me afastei rapidamente, nem terminei as compras. Fui embora, lutando para não chorar durante o trajeto. Eu não choraria por algo que tinha começado mal e terminara desastrosamente. A única coisa boa de tudo era meu filho.

Quinze dias passaram em uma velocidade inacreditável. Às vezes, eu via o tempo parar quando pensava em Maria Clara e passava a cogitar o que ela estaria fazendo naquele momento. As horas demoravam para correr e o dia, quando findava, se mostrava triste e enfadonho. E para diminuir o peso dos pensamentos, eu me jogava de cabeça no trabalho. Tereza me contava tudo o que acontecia com Maria Clara e conseguia aplacar um pouco do meu desassossego.

Não era o bastante, nunca era. Mas o suficiente para eu não surtar.

Eu não poderia ser completamente mal-agradecido e dizer que nada de bom acontecia para mim. Eu tinha conseguido aquilo que mais sonhara: a vice-presidência. Agi no momento certo e foi impossível meu pai negar o cargo a mim.

Estava na casa do meu pai, quando Miguel chegou com Stela. Benjamin também estava ali, e vi a oportunidade perfeita. Levando em conta como meu cunhado ficou ao me ver, ele sabia que tinha errado e estava em maus lençóis. Não perdi tempo e falei:

— Parabéns, Miguel. Por ter permanecido no cargo de forma trapaceira.

Ele ficou completamente pálido, eu diria que em tom cadavérico. Tudo que esse cara sempre prezou foi a boa imagem diante do meu pai e da minha irmã. Ele era perfeito demais para Stela, e eu diria que era um homem que se deixou moldar pelas vontades da esposa. Miguel era submisso, e disso, eu sentia pena. Stela ficou boquiaberta, mas antes que entrasse em defesa do marido, eu intervi.

— Sei que usou aquilo como um trunfo, mas era minha ideia, e fico me perguntando o que as pessoas diriam se soubesse que ganhou só porque usou tudo que eu tinha planejado durante dias.

— Amor... — Stela acariciou o braço dele. — Isso é verdade?

Ele ainda fitava meu rosto, mas sua surpresa mudou de repente para ódio explícito. Passeou os olhos por Benjamin, que sorria ao estilo vingativo, e por meu pai, tão chocada, que se sentou.

— É. A Maria Clara...

— Não foi ela — intervi.

— Ok. Alguém me mandou fotos de planos para conseguir a conta com o

irlandês. E eu achei tão bom, que usei, sem saber que eram do Fernando. — De uma forma pretenciosa, ele criou uma expressão triste. — Eu juro que não sabia que era seu.

— Ah, certo. Deve ser que havia outras pessoas competindo, para você achar que os planos eram de outro — Benjamin tripudiou.

— Miguel! Isso é errado. Por que não me contou? — Stela insistiu.

— Porque não quero te ver chateada, meu amor, o que eu fiz foi errado. — Voltou-se para meu pai sendo o pobre moço honesto. — Me perdoe, seu João. Eu só queria deixá-lo feliz.

Baba-ovo.

— Certo... eu preciso de um tempo. — Com ajuda da bengala, meu pai se levantou.

— Então é só isso? — Meu pai se virou quando eu perguntei. Ele permaneceu calado me analisando. Olhou para Benjamin e assentiu. Stela interveio, depressa:

— Pai, o Miguel vai recusar o cargo.

— O quê? — Miguel rosnou.

— É isso mesmo. Você não precisa necessariamente ser vice para poder tomar conta da minha parte. Amor, eu não quero que nossos filhos ouçam comentários ruins sobre você.

— Stela tem razão — meu pai ponderou. — Fernando, me traga tudo que planejou para o Gerard, e você também, Miguel. Quero ver o plano dos dois, e se isso for verdade, meu filho, você será o novo vice-presidente da Capello.

— Era o que deveria ser desde o início, já que dos dois oponentes, apenas o Fernando tem o sobrenome Capello. E que, por coincidência é nome da empresa. Será por que, né? — Benjamin criticou nosso pai e ganhou apenas um olhar todos. Eles não tinham uma boa relação, e meu pai evitava confronto.

E eu consegui. Meu pai não ficou com raiva de Miguel, aceitou o pedido de desculpa e ainda deu um cargo alto para ele. Agora ele era diretor do setor de vendas, e o pior foi assistir meu pai se desculpar com ele por lhe tirar a vice-presidência. Mas eu não me importava. Era o novo vice-presidente de todo o grupo Capello. Uma pena que minha garota não estava em casa, pois iríamos nos acabar de foder para comemorar. Fiquei tentado a mandar ao menos uma mensagem para ela contando minha vitória, mas desisti.

Com os dias que passavam, novidades apareceram na fazenda. Meu pai tinha mandado uma fiscal da empresa para ajudar nos estudos de ampliação da área de colheita do leite. Meus irmãos e eu tínhamos a suspeita de que ela poderia ser a amante do meu pai que era, inclusive, uma beneficiária no testamento dele. Seu nome era Laura, e era uma mulher bonita, de olhos letais, pernas fortes, sempre equilibradas em um salto. O trabalho dela duraria três dias, e percebi que estava disposta a me colocar em prova.

Como já havia se passado algum tempo desde meu relacionamento com Maria Clara, meu corpo implorava por alívio. Eu sempre fui um homem sexualmente ativo, e era novidade eu ter que passar tanto tempo no banco de reserva. Masturbação tinha se tornado quase obrigação, mas não era a mesma coisa.

E por causa disso, eu me vi dando brechas para a funcionária do meu pai, possível amante dele, que chegava todo dia às sete da manhã, almoçava com a gente e ia embora às seis da tarde.

Naquele dia, ela me pegou voltando da corrida matinal e não escondeu que tinha interesse em mim. Eu deveria ter raiva daquela mulher por ser a suposta golpista que Andrey caçava com sangue nos olhos, mas não foi raiva que senti, e perceber meu corpo reagir aos olhares dela me causou um breve espanto. Tomei um banho, me vesti e, quando voltei, ela já tomava café.

Terminamos de comer e saímos juntos, andando em direção aos estábulos.

— Posso segurar em você? Tenho medo de cair. — Olhei para seus pés, e dessa vez, ela usava botas.

— Pode. — Laura abraçou meu braço esquerdo. Suas unhas eram longas e bem-feitas, e ela usava um bom perfume de rosas. Fazia tempo que eu não sentia um perfume feminino.

— Parece solitário, aqui, para você.

— Sim, parece. Mas não é.

— Não tem uma namorada?

— Digamos que... acho que estou enrolado.

— Acha? Então você não tem. — Ela parou de andar e me encarou. — Por que não saímos depois do expediente? Vamos tomar alguma coisa... ou isso é contra as regras?

— Eu não ligo para regras. Vou pensar em sua proposta. Agora, vamos ao trabalho.

— Bom, já é um começo, não ganhei um “não”.

Era tempo demais sem ninguém e sem resposta de Maria Clara. Eu jurei que ela me ligaria, ou mandaria ao menos um recado por Tereza. Nada. Eu me afastei, e isso pareceu bom para ela. Eu não ia terminar minha vida sendo a porra de um celibatário. Meu Abacaxi se fora, e eu tinha que superar e seguir em frente.

Às vezes, eu me perguntava até que ponto o destino poderia agir ou intervir de alguma forma, mesmo que de uma maneira violenta e desesperadora. Antes de terminar o expediente e antes que eu pudesse dar uma resposta para Laura, que queria ir para minha cama e não escondia isso, Laerte veio a toda velocidade em minha direção.

Eu previ que era merda.

— O que houve? — Fui ao encontro dele.

— Precisa ir para o hospital. Maria Clara se acidentou.

Enquanto eu dirigia na maior velocidade, com Laerte ao meu lado, eu me culpava por dentro, segurando tão firme no volante, que quase poderia arrancá-lo. Eu só queria pensar que estava tudo bem, minha vida iria para o ralo se algo sério tivesse acontecido.

Onde eu estava com a cabeça quando me afastei? Que porra eu estava pensando quando a deixei sozinha? Eu sabia que Maria Clara poderia se machucar, porque era muito teimosa, e mesmo assim, eu virei as costas. Eu deveria ter insistido mais, deveria ter tentado mostrar a ela meu arrependimento e lutar pelo perdão. Eu deveria ter lutado mais por ela.

Jamais a deixarei novamente. Mesmo se ela gritar, exigir que eu me afaste, eu ficarei de perto observando. Era uma promessa que eu fazia para mim mesmo naquele momento de pânico.

Cheguei ao hospital e saí correndo da caminhonete sem nem fechar a porta. Na recepção, eles me pararam quando eu quis passar correndo. Dei o nome de Maria Clara, mesmo assim fui impedido.

— O senhor precisa se acalmar, senão não vamos deixar entrar.

— Apenas me leve até ela, só isso que peço.

Só depois que mostrei uma calma que não existia, eles me levaram para uma outra ala. A enfermeira bateu em uma porta onde havia uma placa indicando que era um consultório. Logo em seguida, pediu para eu entrar. Um médico estava sentado do outro lado da mesa.

— Fernando Capello, não é isso? — Levantou-se e estendeu a mão para mim.

— Sim.

— Sou o doutor Roger. Sente-se.

— Por favor, só diga que ela está bem.

— Maria Clara Gouveia. — Ele leu uma ficha e voltou a me fitar. — Ela está estável. Ainda realizando exames. Foi uma batida de carro, ainda é precoce dizer, mas ela pode ter passado mal ao volante.

— Meu Deus. E... a gravidez?

— Calma. Ainda não temos todas as respostas. O senhor pode ficar mais tranquilo, pois ela está em boas mãos. Assim que a levar para o quarto, poderá entrar para vê-la.

— Tudo bem.

Na sala de espera, encontrei a mãe dela, que falava sem parar, atropelando as palavras, totalmente em choque. O que deu para entender é que Maria Clara pegara o carro e fora com a mãe tomar café em uma padaria. Cacete! Ela tinha saído de casa em jejum. Maria Clara devia estar querendo foder com meu juízo. Também fiquei sabendo pela mãe que a batida foi na lateral do motorista e por isso apenas Maria Clara se feriu.

Sentei mais afastado dela e afundei o rosto nas mãos. Eu queria dar um bom sabão em Maria Clara, mas antes queria abraçá-la apertado. Sua mãe foi levada para fazer um raio X, e, nesse instante, a enfermeira veio me informar que eu já podia entrar no quarto.

Respirei pausadamente, segurando o estresse, e segui a enfermeira.

44 | MARIA CLARA

Fiquei em choque quando a porta se abriu e Fernando entrou. Rapidamente me sentei na cama e o observei. Fazia tanto tempo que não nos víamos, e estar perto dele novamente fez meu coração se apertar, percebi logo que era saudade.

Fernando deu um passo na direção da cama. Estava assustado, e seu carregado semblante exibia uma preocupação tocante. E no momento em que ele ficou bem perto, eu desabei como uma jaca podre, chorando tudo que deveria ter chorado naqueles dias. Fui forte com nossa separação, com a notícia da gravidez, com o distanciamento dele, mas não consegui manter o controle quando todo meu ser se enchia de medo de que algo pudesse acontecer com a vida em formação no meu útero. E eu só desabei chorando porque reconheci nele o mesmo que eu sentia.

Imediatamente ele se sentou na cama e me puxou para seus braços. Eu me permiti relaxar ao inspirar o cheiro tão familiar. Eram tão confortantes seus braços, que pude me sentir segura, me senti invencível, como se a gente fosse um complemento do outro e nada pudesse nos atingir.

Fernando não falou nada, e nem precisava. Seus beijos no alto da minha cabeça e suas constantes carícias me consolando falavam por si, diziam o que ele sentia.

— Eu ainda estava me acostumando com a ideia... de ser mãe... — murmurei com o rosto no peito dele. — A ficha nem tinha caído ainda, mas quando eu me vi nessa situação... — Levantei os olhos e o fitei.

— Você está bem agora, é o que importa.

— Eu tive medo de perder nossa vidinha. — Minhas palavras o atingiram como se tivesse levado um soco no estômago, mas se recuperou rápido para demonstrar confiança e passá-la para mim.

— Não pense mais isso. Está tudo bem com a nossa vidinha e vai ficar tudo bem. Deite-se aqui. — Ele me ajeitou novamente contra os travesseiros e se sentou bem perto da cama sem soltar minha mão. — Estou aqui como seu amigo, outro dia a gente fala sobre nossas pendências. Agora descanse, não vou sair daqui.

— Obrigada. Eu fiquei com medo de que você fosse me culpar e me xingar.

— Ainda não escapou do meu sermão. Vou te dar uns dias de trégua. —

Eu ri e suspirei, só então relaxada. Pouco depois, o médico veio e confirmou o que Fernando tinha tido confiança em dizer: estava tudo bem com a gravidez. Eu tinha ferido apenas o braço esquerdo, onde tinha sido a batida, e por isso estava imobilizado, mas não quebrado. Havia alguns hematomas no meu rosto e só, graças aos céus.

Fernando cumpriu sua palavra e não foi embora. Ele pediu a meu irmão para levar minha mãe embora, para que ela pudesse descansar. E por pedido dele, eu fui transferida para a ala particular e colocada em um bom quarto com espaço para acompanhantes.

Ele tomou um banho no banheiro do quarto e deitou-se na cama ao lado da minha.

O silêncio que tomou o quarto era desconcertante. Eu queria falar sobre qualquer coisa, inventar um assunto, mas nossa separação era um assunto tão robusto, que era impossível desviar dele e fingir que nunca aconteceu.

— Você... cumpriu sua palavra e se afastou mesmo. — Era impossível ficar calada e esperar para outro dia. Eu sei que tinha pedido tempo e espaço, mas senti a distância de Fernando e esperei todos os dias por algum pequeno gesto dele. Esperava até que Tereza trouxesse uma mensagem dele. Mas nada veio, e eu deixei o orgulho prevalecer e não fui atrás. Ele me devia desculpas, mais que desculpas, ele me devia ações grandes o bastante para encobrir a humilhação de ter me colocado para fora de sua casa.

— Apesar de não querer ter me afastado, era a sua vontade, e eu a cumpri.

É. Eu sou uma hipócrita que desejava que você tivesse tentado.

— Então é desses que desistem fácil?

Ele se sentou na cama e me olhou.

— Eu deveria ter continuado te importunando?

— Tentar reconquistar é diferente de importunar. Fico triste que não saiba a diferença. — Soei sarcástica, e ele assentiu.

— Eu sinto muito por ter feito aquilo. Fui um trouxa que caiu em armadilhas.

— Sentir já é um bom passo.

— E hoje, me culpei por ter te deixado sozinha, por me trancar naquela fazenda sem saber o que você passava. Se algo acontecesse, eu nem sei... eu...

— Não foi sua culpa, relaxe.

O silêncio reinou novamente. Fernando tirou a camisa, ficando com uma camiseta regata e, após retirar o cinto, abriu a braguilha da calça para ficar mais relaxado, deixando a cueca à mostra.

— Ainda temos muito que progredir — ele falou e se deitou na cama. Olhei para ele, tão grande e forte, bonito como um deus. Fernando era puramente sexy, e estava mais ainda com a barba por fazer.

— Nisso, eu concordo. Me diga, como estão as coisas lá na fazenda?

Ele pensou um pouco e falou, sem olhar para mim, com o braço sobre os olhos:

— Ontem chegou uma visitante.

— Uma mulher? — Eu me flagrei inquieta.

— Sim.

— Bonita? — Para que eu queria saber isso?

— Muito.

— Hum...

— Se chama Laura, trabalha para meu pai, vai fiscalizar o processo de retirada do leite e tem interesse em ir para minha cama.

Resumindo: uma égua que eu queria bater. Meus dentes rangeram.

— Isso é uma tentativa de me colocar ciúme?

— E estou conseguindo? — Tirou o braço dos olhos para me fitar.

Claro que está. Seu patife!

— Não.

— Ok.

— E o que você achou dessa put... digo, dessa funcionária se jogando em cima do patrão?

— Bom, sou um homem disputado, gostoso por natureza e nunca fiquei sem sexo muito tempo. Estava me sentindo sozinho e celibatário, mas não ia sair com ela.

O cara tinha um mês sem sexo e já se achava o monge santíssimo.

— Nem cogitou?

— Ah, não venha querer saber o que se passa na mente de um homem.

— O que se passa na cabeça do pau de um homem, você quer dizer.

— Exato. — Voltou a colocar o braço nos olhos. — Ainda tenho um abacaxi complicadíssimo para cuidar, Maria Clara. Sair com outras mulheres é minha última preocupação. Posso apagar essa luz central?

— Fique à vontade. — Eu queria sorrir pelo que ele falou. Fernando apagou a luz principal, deixando as do canto acesas, veio até mim, beijou minha testa.

— Boa noite — falou e voltou para sua cama.

Eu fiquei por dois dias de observação. O médico fez outro ultrassom, mais detalhado, e pudemos ouvir o coração do bebê pela primeira vez. Ele explicou que o feto tinha de cinco a seis semanas e que só com aquele tipo de ultrassom era possível ouvir, mas ainda não dava para ver.

Eu estava paralisada, boquiaberta, e Fernando não estava muito diferente, de pé, ao meu lado; tinha inclusive olhos saltados. Era um pequeno recado da nossa vidinha, como se acenasse para a gente, mostrando que estava ali, firme e forte.

O médico conversou conosco. Eu teria que evitar dirigir dali em diante, se possível não nadar sozinha ou não fechar a porta do banheiro à chave. Pediu para eu começar acompanhamento com uma nutricionista e recomendou exercícios especializados para grávida. Além de controlar a alimentação, eu teria que medir a glicose diversas vezes por dia, principalmente pela manhã, em jejum, e à noite, antes de dormir.

E eu estava disposta a fazer tudo isso e mais um pouco pelo bem-estar do meu filho. Ganhei alta e voltei para o quarto, e Fernando desapareceu após ouvir o médico. Eu fiquei me perguntando se ele havia ficado amedrontado, por isso fugiu.

Mas pouco depois a porta se abriu, e ele entrou. Parecia tenso e muito sério.

— Meu irmão não vai poder vir me buscar — falei.

— Vai voltar para sua casa? — ele questionou, já mostrando medo de saber minha resposta. Apesar de saber qual era minha posição sobre isso.

— Fernando, não estou com saco para esse tipo de discussão. Vou, sim,

para casa. — Ele não queria demonstrar sua irritação, mas era ela visível por seu maxilar enrijecido.

— Maria Clara, eu posso te levar para a fazenda e aí...

— Não. De jeito nenhum. Eu nem mesmo irei entrar em um carro com você. Não quero ser surpreendida.

— Você é demais, que droga! — Ele pegou o telefone e digitou. — Laerte, traga um carro agora aqui no hospital.

— Não precisa disso... posso pegar um táxi.

Ele nem me deu bola, se despediu de Laerte e me olhou seriamente.

— Não precisava — falei.

— O que tem para arrumar por aqui? — Olhou em volta. — Você continua aí deitada.

— Já mandei tudo pelo meu irmão ontem à noite. Muito obrigada, Fernando.

— Por que está fazendo isso? — Com as mãos na cintura, me encarou.

— Porque eu tenho escolha, poxa. Dá para respeitar?

Zangado, ele não disse nada e foi se sentar numa poltrona perto da janela. Seu celular tocou, e ele atendeu, falando baixinho.

— Ok, eu só vou esperar Laerte chegar e irei. Chego aí em quinze minutos. — Desligou e, quando me viu olhando interessada, explicou: — Problemas na empresa.

— Algo sério?

— Nada que não possa resolver. — Ficamos nos olhando um tempinho, então a porta abriu, e Laerte entrou.

— Pronto, chegou. Vá com ele e, pelo amor de Deus, se cuide, Maria Clara. Passo lá depois para te ver.

— Sim, claro.

Ele veio até mim, deu um beijo na minha testa e, apesar de estar visivelmente tenso, sorriu.

— Tenha juízo. — Caminhou para a porta, acenou para Laerte e saiu quase correndo.

Eu senti o baque da falta dele. Durante dois dias inteiros, Fernando não

se moveu daquele quarto. Laerte trazia as coisas dele, ele pedia a comida no quarto e estava sempre ao meu lado. Mas eu não podia deixá-lo tomar a frente sem antes nos acertarmos. Fernando errou e tinha que se mostrar merecedor.

Laerte pegou minha bolsa e me ajudou. Saímos do quarto, fomos para o elevador e quando cheguei lá embaixo, uma SUV novinha, linda, estava nos esperando. Ele abriu a porta traseira e me ajudou a entrar. Vi Laerte dando a volta no carro e coloquei o cinto.

Olhei pela janela e senti um alívio muito grande por tudo ter corrido bem. Dois dias, e eu já estava livre do hospital. O carro arrancou, e eu abri a bolsa para pegar o celular para ligar para minha mãe. Estava indo para casa, isso era muito satisfatório.

— Laerte, você tem o endereço do apartamento, não é?

— Não. Eu tenho o endereço da fazenda Capello.

Quase dei um grito quando levantei o rosto e vi Fernando dirigindo o carro.

— Fernando! O que está fazendo?

— Te sequestrando pessoalmente. Nem fodendo que eu vou te deixar sozinha para fazer aquele tanto de coisa que o médico pediu.

No mesmo instante, tudo se esclareceu. Ele tinha armado todo aquele teatrinho de se despedir e dizer que estava indo para a empresa.

— Fernando! Para esse carro agora, porra! Você não pode fazer isso, eu tenho direitos.

— Tem direitos, sim, mas lá debaixo do meu teto.

— Socorro! — berrei batendo no vidro, que, por conveniência, estava travado. — Fernando, eu vou te matar!

— Vai ter todo tempo para me agredir, mas será na fazenda. — Pelo retrovisor, ele me olhou, sorrindo, e deu uma piscadinha. Fechei os olhos e contei até dez para não socar o infeliz e causar um acidente.

45 | Maria Clara

Desci do carro, batendo a porta com força, e marchei raivosamente rumo à escadaria da mansão. Estava de volta, e não era assim que eu imaginava. Ele me expulsou dali, e eu queria voltar no meu tempo, segundo a minha vontade.

Fernando me acompanhou e me abraçou quando entramos na casa.

— Tereza! — ele chamou. — Venha aqui depressa.

Eu o empurrei, mantendo distância, e isso não diminuiu a cara de felicidade dele. Tereza veio da cozinha e, quando me viu, seus olhos saltaram e os lábios expandiram em um grande sorriso.

— Olha quem está de volta. — Fernando parecia genuinamente feliz. Revirei os olhos.

— Olha quem foi sequestrada novamente, você quer dizer.

— Isso é maravilhoso! — ela festejou, dando pouca importância para os meios pelo qual eu fui parar ali. Fiquei chocada em saber que ela não iria me ajudar a fugir.

— Tereza, chame um táxi, eu vou embora — falei, e antes de eu dar um passo em direção à porta, Fernando me segurou.

— Não vai, não. Tereza, arrume o quarto para ela. — Ele abraçou meu ombro. — Enquanto isso, vai esperar quietinha lá na minha cama. Vamos subir.

— Ele tem razão, querida. Suba e descanse um pouco. Vou fazer uma comidinha deliciosa para você — ela disse, e eu me afastei de Fernando, indo por conta própria para a escada. Lógico, ele me seguiu.

Eu não queria ter me sentido em casa quando entrei no quarto dele. Todas as lembranças me atingiram em cheio, e eu precisei me esforçar para não parecer admirada.

— Você pode ficar à vontade. Laerte ficou de passar na casa de sua mãe para trazer tudo que você precisa. Eu já conversei com ela, sua mãe está totalmente a par de tudo.

Eu me sentei na cama e o observei, com incredulidade expressiva.

— Conversou com minha mãe?

— Sim. Logo depois do ultrassom, eu percebi que você não podia mais ficar sozinha.

— E minha mãe aceitou numa boa?

— Assim como eu, sua mãe quer o seu bem.

— Não pense que só porque me trouxe para cá, está tudo bem.

— Eu sei. Mas sou especialista em fazer ficar tudo bem. — Ele deu uma piscadinha cafajeste e saiu do quarto.

Exausta, com o braço ainda imobilizado, eu me deitei contra os travesseiros, odiando sentir o cheiro dele impregnado. Porque de repente meu corpo tinha se esquecido do que Fernando fez e se dispôs a se arrepiar só porque eu estava na cama que tinha sido palco de nossos tórridos momentos eróticos.

Minha mãe ligou para mim, e eu fiquei revoltada por ela ter sido cúmplice. Não cúmplice totalmente, mas que tenha aceitado que ele me trouxesse para lá, porque, segundo ela, Fernando tinha mais disposição e dinheiro para cuidar de mim.

Quando chegou a noite, eu já estava instalada no meu quarto, e era como se o tempo não tivesse passado. As roupas novas ainda estavam lá, os calçados, o último tênis de corrida que usei antes de ir embora, tudo como antes.

Eu não estava disposta a me tornar uma prisioneira, e Fernando precisaria aceitar minhas imposições.

Com ajuda de Tereza, eu me vesti após o banho e descii para falar com ele no escritório. Abri a porta, e Fernando me encarou curioso. Olhei em volta, estava tudo muito arrumado, sem vestígios dos planos que estávamos fazendo semanas atrás.

— Está se sentindo bem? — ele perguntou.

— Sim. — Andei até a estante, olhei os livros que ali estavam, passei despretensiosamente até a janela, vendo o jardim iluminado lá fora, e quando me virei, Fernando me assistia, sabendo que eu iria impor algo.

— Você precisa apenas descansar, Maria Clara — adiantou.

— Eu quero trabalhar.

— O quê?

— Eu quero ser útil em alguma coisa.

— Você não pode trabalhar.

— Eu não vou ficar aqui passivamente. Tenho algumas condições. — Eu me sentei na poltrona na frente da mesa, deixando Fernando muito tenso. Ele ficava enrijecido com a possibilidade de ser pressionado.

— Que condições são essas?

— A primeira é ter uma ocupação. Talvez um curso de culinária, como eu já queria fazer. Ou talvez ser sua assistente aqui no escritório.

— Eu vou pensar sobre isso. O que mais?

Tamborilei os dedos na mesa, atraindo o olhar dele. Fiz um suspense e então falei:

— Quero ter o direito de ir e vir. Sair da fazenda quando eu quiser...

— Nem pensar.

— Fernando! Eu sou uma prisioneira novamente?

— Pra onde você quer ir? Só me falar, que eu te levo.

— Não. Eu não vou sair por aí com você na minha cola. — Minha insistência o incomodou.

— Você não pode sair sozinha.

— Então acabou. Eu vou chamar a polícia. E tenho certeza que aquela delegada está com sangue nos olhos para prender um macho controlador.

— Ok. Pode sair, mas só se for acompanhada de Tereza ou Laerte. É pela sua segurança, caramba! Você ouviu o que o médico disse, não pode nem mesmo trancar a porta do banheiro.

— Tudo bem. Já é um começo. Outra imposição é sobre aquela mulher que você mencionou, quero fora. — Eu não queria parecer chorona com dor de cotovelo, então desviei o olhar.

Ele riu, com a testa franzida, surpreso com meu pedido.

— Quer que eu expulse a funcionária do meu pai?

— Entendeu rápido.

Fernando relaxou na cadeira, sorrindo.

— Está com ciúmes?

— Não venha querer saber o que se passa na mente de uma mulher. Se não mandar ela ir embora, serei obrigada a ter longos papos com os seus belos

peões.

No mesmo instante, a expressão dele se fechou. Fernando sentiu um baque e não conseguiu esconder a carga de ciúme que o tomou.

— Não fale besteiras...

— E por último e não menos importante: sem sexo. — Ele não se surpreendeu. Parecia já esperar esse pedido.

— Sabe que em algum momento vai acontecer.

— Ah, não vai. — Fiquei de pé. — Você ainda me deve desculpas.

— Eu já te pedi desculpas, Maria Clara. — Ele se levantou também. — E demonstrei arrependimento.

— Eu não vi empenho nenhum. Se pensa em ter algo comigo novamente, precisa merecer. — Dei tchauzinho e saí do escritório.

Naquela noite, Fernando não me perturbou. Ele veio ao meu quarto saber se estava tudo bem e conferir de perto a última medição de glicose. Eu esperava que ele implorasse para eu dormir no seu quarto? Sim, era esse mesmo o motivo da minha frustração. Ele nem mesmo tentou um convite, foi educado e prestativo, e eu odiei não ver o Fernando mandão e petulante.

Fui dormir com raiva de mim por ser tão instável.

Claro, eu estava na fazenda e, ali, dormir até tarde não era uma opção. Quase chorei de raiva quando Fernando abriu as cortinas e em seguida puxou meu cobertor.

— Vamos acordar.

— Puta que pariu — resmunguei.

— Olha a boca. Está grávida, mas isso não impede de ganhar umas boas palmadas.

Pois é, o Fernando petulante tinha voltado. Sentei na cama e semicerrei os olhos para o belo relógio dourado, estilo despertador, ao lado da cama. Sete e meia. Fernando estava parado na minha frente, uma delícia, só de calça de pijama, provavelmente sem cueca, pois eu podia ver o contorno do pau. E ele nem aí.

Ele se sentou na cama ao meu lado e abriu a gaveta da cabeceira, apanhando o aparelho de medir glicose. Nem disse o que estava fazendo, abriu uma agulha descartável, puxou meu dedo, espetou e o colocou no coletor do aparelho.

— Eu mesma posso fazer isso.

— Vai que você esquece de medir em jejum...

Ficamos calados, olhando o aparelho, e quando ele mostrou o número cem, Fernando sorriu satisfeito.

— Perfeito. Vamos descer para o café, mais tarde iremos a uma academia. Precisa se exercitar e fará isso com ajuda especializada.

Mais uma vez, ele saiu sem sugerir conotação sexual. Revirei os olhos e caí para trás nos travesseiros.

Quando eu me arrumei e desci, Fernando estava na primeira sala conversando com alguém. Era a tal funcionária. O pior foi constatar que a infeliz era linda de doer. Parecia uma modelo de comercial de xampu. Dona de um belo corpo e invejáveis cabelos ondulados cor de chocolate.

— Como assim não é para eu vir mais? Não terminei ainda o trabalho — ela contestava com Fernando.

— Laura, eu já liguei para meu pai. A fazenda tem os próprios fiscais, isso seria desqualificá-los.

— Seus subalternos vão supervisionar o seu trabalho? Conta outra. Você por acaso está com medo que eu descubra algo?

Antes de Fernando responder, eu entrei no campo de visão dela, fui até ele e dei um beijinho nos lábios, pegando-o de surpresa.

— Bom dia, querido. — Olhei para ela, sorridente. — Oi.

— Ahn... oi. — Ela buscou uma explicação, olhando para Fernando, e ele fez as apresentações.

— Maria Clara, essa é Laura, funcionária da Capello. Laura, essa é Maria Clara.

— Oi, é um prazer. — Sorri amigavelmente e apertei a mão dela. — É uma pena que não possa mais ficar.

Ela passou os olhos de mim para ele e os revirou em seguida.

— Acabo de entender tudo — resmungou, emburrada, e eu enlacei o

braço de Fernando, mantendo o sorriso cínico. — Você está deixando o pessoal intervir no profissional, Fernando, e isso não é legal. Até mais. — Ela se foi, e eu soltei o braço dele.

— Estou impressionado com sua agilidade em urinar no poste — ele falou.

— O quê? — Caminhei para a mesa e sorri ao ver quanta coisa deliciosa. Meu estômago roncava. Estava com saudades dos banquetes de Tereza.

— Você, demarcando território. — Ele se sentou à minha frente — Se quer afugentar hipotéticas pretendentes do cara, tem que assumi-lo na cama também.

— Vocês, homens... adoram isso, não é? Esse embate... — Eu me servi de café e pinguei algumas gotas de adoçante.

— Não posso dizer que não. É legal ver uma mulher protegendo seu macho.

— E eu tenho macho?

— Se não tivesse, não teria atuado na frente dela. Me passe a geleia, querida.

Mais dois dias se passaram, e nossa relação continuava fria. Ele não dava um passo, e eu não daria o braço a torcer, mesmo que entre nós a atração parecia querer explodir. Eu o flagrava me encarando e me via imaginando coisas que envolviam ele e seu belo corpo. Ainda mais quando Fernando estava lá com os peões, com botas, jeans e chapéu de vaqueiro.

Mais uma vez ele me acordou cedo, tomamos café e eu fui para a primeira sessão de pilates. Eu faria duas sessões por semana e uma de hidroginástica. Quando saí, ele me esperava na caminhonete e, assim que entrei, já quis saber:

— Como foi?

— Muito bem.

— Mediu a glicose antes e depois, como o médico instruiu?

— Sim, Fernando eu não tenho cinco anos. — Coloquei o cinto de

segurança, e ele deu partida.

— Ok. — Ele se calou, prestando atenção na direção. Quando parou em um semáforo me olhou. — Quer ir em um jantar hoje, comigo?

— Que jantar é esse? — Eu o fitei, interessada.

— Não sei se sabe, mas eu ganhei a vice-presidência.

— Hum, sério? Parabéns. — Não dei grande importância, e isso o deixou inquieto.

— É. Graças a sua ajuda.

— Eu achava que eu tinha ajudado era o Miguel roubando as ideias que eram suas. — ironizei.

— Para de falar besteira. Foi a Leticia, já te contei.

— Certo. E o que fez com ela?

Fernando me contou tudo em um rápido resumo sobre o plano dele e Thiago para desmascarar a sujeita. Eu fiquei chocada. Ainda não havia caído a ficha de que aquela mulher gananciosa e pilantra era a amiga tímida que eu tive.

— Então é isso. O irlandês está de volta, ele vai participar da Festa do Leite nesse fim de semana e quer conhecer os verdadeiros donos das ideias. Aceita ir comigo?

Olhei para o outro lado e pensei, pensei e decidi.

— Sim, aceito.

Quando chegamos na fazenda, Fernando me segurou assim que dei o primeiro passo para subir a escadaria.

— O que sentiu quando eu a coloquei para fora?

— Sério isso?

— Apenas me conte. — Seu olhar era profundo, sua expressão, séria, deixando a face máscula mais bonita, e me fez arrepiar. Uma pitada de cumplicidade nos uniu. Eu soube então que ele vinha pensando nisso e agora queria mesmo saber sobre como eu me senti com tudo que passou.

Eu me sentei no degrau da escadaria.

— Eu tinha desenvolvido algo com você. Um sentimento que eu não reconhecia e que me deixava assustada. E por isso, naquele dia, foi como se você tivesse me acordado de um belo sonho. — Levantei o rosto para olhar Fernando,

que me encarava atentamente. Depois ele veio e se sentou ao meu lado. Eu continuei: — A primeira coisa que senti foi vazio. Naquele momento, você não era o cara pelo qual eu vinha nutrindo... Bom, e aí veio o pânico porque eu não sabia como enfrentar a vida lá fora sozinha.

— Raiva... de mim...?

— Não naquele momento. A raiva veio depois, a revolta e a mágoa. — Olhei para ele. — E aqui estamos novamente.

— Eu sinto muito... de verdade, por ter causado toda essa merda.

Eu assenti, olhando meus tênis. Dei um breve sorriso e elevei o olhar na direção dele.

— Olha a boca — falei. Fernando riu até a seriedade tampar novamente o belo sorriso.

— É sério, Maria Clara. Eu me arrependo tanto... Pena que não posso voltar no tempo.

— É, não pode. Mas pode usar seus erros para criar novos caminhos.

Ele assentiu, avançou lentamente e beijou minha testa. Quando ficou de pé, tinha um sorriso malicioso estampando o rosto.

— Acabou de me dar uma brecha?

Levantei e espanei minha bunda por causa da escadaria.

— Talvez tenha sido uma brecha.

— Certo. — Entramos lado a lado, em silêncio.

46 | MARIA CLARA

Eu me olhei em frente ao espelho no quarto e sorri, aprovando minha imagem. Encontrei o vestido perfeito no closet e o vesti; era preto com detalhes de renda. Meu braço não estava mais imobilizado, mas ainda usava a pulseira ortopédica. De qualquer forma, me sentia poderosa e sexy. Sorri maliciosamente, vendo a curva dos meus seios pela gola “v” profunda.

Tereza entrou no quarto e juntou as mãos, admirada.

— Você está linda. Quer ajuda com o cabelo?

— Obrigada. Quero, sim. — Eu me sentei em frente ao espelho, e ela foi ajeitando meus cabelos segundo o que eu queria. Eles já tinham crescido um pouco, e eu estava adorando o comprimento na altura dos ombros. Tereza foi paciente, criando um belo penteado em que o cabelo estava penteado para um lado, preso por duas pequenas presilhas e deixando a orelha direita à mostra, junto com um belo brinco de perola que escolhemos. Eu parecia meiga e voraz ao mesmo tempo.

Quando desci, Fernando estava na sala, arrumado. Um estrondo de beleza me recepcionava. daquelas belezas másculas que dão até água na boca, porque a mente cria várias fantasias em questão de segundos.

Ele sorriu e adiantou-se rapidamente para me receber na escada.

— Está bonita.

— Eu sei. — Ergui o queixo orgulhosamente.

— E está muito satisfeita para quem não queria estar aqui na fazenda.

— E ainda não quero — afirmei, fazendo-o rir.

Quando chegamos ao restaurante, fomos direcionados à mesa reservada, onde o pai de Fernando já recepcionava os convidados, três homens e uma mulher. Ela parecia ser esposa do irlandês, um homem na casa dos sessenta anos, mas muito bem conservado. O outro era intérprete e, por último, havia um belo homem loiro de cabelos esvoaçantes, que encheu os olhos azuis de brilho quando me viu.

Fernando, como uma águia esperta, percebeu e circundou o braço na minha cintura. As apresentações foram feitas, e eu fiquei apenas observando

enquanto os homens trocavam primeiras impressões, com o intérprete intermediando a conversa.

— *You seem bored.* — “Você parece entediada”, o loiro bonito falou para mim, e só então percebi que estava sendo observada. Ainda olhei para os lados me certificando que era comigo, até ele sorrir e falar algo como: “estou falando com você, *Mary Cleara.*” Isso chamou a atenção do intérprete, que ficou sem saber o que ele disse anteriormente para poder traduzir. Mas eu surpreendi a todos ao responder que era impressão dele:

— *It’s your impression.*

Todos os homens, inclusive o loiro, estavam chocados. Fernando inicialmente se mostrou também perplexo ao descobrir algo sobre mim, mas já podia perceber a raiva em sua face sendo direcionada ao gringo.

O loiro, que se chamava Harley e era filho de Gerard, o irlandês, sorriu estupefato e não conseguia desviar os olhos de mim, me deixando corada. Ele perguntou se eu falava inglês:

— *Do you speak english?*

— *A little.* — Respondi que falava um pouco. A mesa estava em silêncio, pois todos concentravam a atenção em nós dois. Fernando pigarreou, mas ninguém deu atenção. Eu não era uma fluente em inglês, mas por quase quatro anos, consegui pagar um curso, pois meu sonho era progredir, ser alguém na vida, e falar outra língua abre portas.

Da minha casa, eu sempre fui a mais sonhadora e ambiciosa, e não media esforços para conseguir o que queria, uma prova disso era a situação em que estava, por causa de um roubo mal pensado e inconsequente.

Harley disse algo para o intérprete, e ele me falou:

— Ele não vai pressionar a senhorita, e por isso eu irei intermediar a conversa.

— Bom, podemos voltar aos negócios, não é? Maria Clara não tem nada a falar, por enquanto. — Essa fala de Fernando foi traduzida e Harley aceitou voltar a falar de negócios. Até que eu fui colocada na conversa quando Fernando citou meu nome dizendo que eu o ajudei em todo plano para apresentar ao Gerard.

— *Are you his assistant?* — Harley perguntou se eu era assistente. Eu olhei para Fernando, que estava com uma cara horrível, como se fosse ter uma diarreia naquele momento. Apenas assenti para o gringo, que pareceu ter

ganhado um prêmio após minha confirmação.

— Oh! — exclamou, cochichou algo para o intérprete e deixou nos lábios o maior sorriso do mundo.

— O senhor Harley está dizendo que você é muito boa nos projetos e que paga o triplo do que o senhor Capello está te pagando para que trabalhe com ele na Irlanda. — No meio do restaurante, vindo da nossa mesa, uma gargalhada ecoou. Era Fernando. Todos estavam em silêncio enquanto só ele ria. Após seu espetáculo, sua expressão ficou demoníaca e ele apontou para a cara de Harley:

— Escuta aqui seu gringo safado, tira os olhos da minha mulher agora, antes que eu tenha que te dar uma coça. — Virou-se para o intérprete. — Nem precisa traduzir. Essa linguagem é universal. Um homem consegue entender a fúria do outro.

Ficamos todos calados, embasbacados com o vexame. Fernando tomou um pouco de vinho em seguida e empurrou o tablet para o pai de Harley.

— Viemos para tratar disso.

— Não banque o imaturo — eu falei para ele suavemente e me virei ao gringo que ainda estava chocado. — *Sorry*.

Ele assentiu e olhou feio para Fernando. Todos nós sabíamos que haveria retaliação.

Quando o jantar terminou, Harley veio me cumprimentar e fez o intérprete traduzir o que ele dizia só para pirraçar. O gringo era doido de cutucar cavalo bravo com vara curta. O intérprete, meio envergonhado, falou:

— Ele disse que o senhor Fernando não te merece. E que é para a senhorita ligar para ele, caso mude mudar de ideia. — Peguei o cartão da mão de Harley e ganhei um beijinho no rosto de despedida.

— Calma, rapaz. Seja civilizado. — Olhei aflita para João Capello tendo que segurar Fernando para que não acontecesse uma tragédia. O intérprete até correu quando viu o surto.

— Está vendo? Eu tenho pretendentes. — provoquei Fernando enquanto voltávamos.

— Você não faz ideia de com quem está brincando. — A voz foi baixa, mas eu sabia que ele estava espumando de ódio, apertava com força o volante.

Chegamos, e ele subiu na frente, indo para seu quarto. Eu achei que teria discursão, farpas, gritos, mas não era o que parecia. Fiquei pensando o que Fernando aprontaria, ser tão calado não combinava com ele. No meu quarto, eu ria de tudo enquanto me despia e tirava a maquiagem. Até que a porta se abriu, e gelei ao ver Fernando só de cueca com cara de touro infernal.

Ele abaixou a cueca, e seu pau saltou tão duro, que pareceu se mexer sozinho, como uma cobra faminta pronta para devorar sua presa. Seria cômico, se não fosse tão erótico.

— Me ferrei — falei, e antes que eu pudesse correr, ele me pegou. — Fernando, o que vai fazer? Temos que conversar. — Sem se importar, me jogou na cama, montou por cima e segurou meus braços acima da cabeça.

— Acabou a trégua, Maria Clara. — Ele estava ofegante, e em seus olhos brilhava puro tesão. De repente, eu estava quente e arrepiada. Vestindo só lingerie, eu sentia todo o corpo dele em contato com o meu, e não era nada ruim recordar de como era deliciosa nossa relação. — Passou da hora de eu reivindicar o que sempre foi meu.

Eu não queria mais lutar. Fernando errou comigo por ter se deixado enganar, todavia o que mais eu podia esperar? Não aguentava mais nossa distância, e seu arrependimento era sincero. Se é com erros que crescemos, por que eu iria pisar no meu desejo por puro orgulho?

— Me faça sua — pedi, e isso o surpreendeu, porque talvez ele esperasse uma resistência de minha parte. Ele soltou meus braços e não se moveu, me encarando. Eu sorri, segurei o rosto dele e sussurrei: — Por que eu iria embora com um gringo se tudo que eu quero está aqui, nessa fazenda?

Uma breve sombra de sorriso iluminou seu rosto, ainda perplexo. Fernando se abaixou e tocou seus lábios nos meus, me olhou novamente e voltou a beijar, agora com mais profundidade, com toda a voracidade que nossos corpos pediam. Eu o abracei e tremi de felicidade e prazer, reconhecendo cada pedacinho de seu corpo nu, do seu cheiro e o sabor do melhor beijo que já provei. Eu estava de volta ao lar.

Arfei, segurando em seus ombros, quando Fernando desceu a boca pelo meu queixo, pescoço e chegou aos seios. Com delicadeza descartou meu sutiã e pareceu incrédulo me admirando.

— Ah, que saudade! — exclamou e deu um beijo em cada um dos meus seios. Quando chegou ao meu ventre, ele beijou ternamente e falou: — E você aí dentro, saiba que o papai já te ama, mas os seios da mamãe serão apenas

emprestados para você.

Eu ri e afaguei seu pescoço. Fernando tirou minha calcinha e literalmente lambeu os lábios antes de beijar ali, onde eu já me derretia, escaldante de tesão. Estávamos explodindo de tanta excitação, e ele não demorou lá, precisávamos ter um contato mais íntimo, profundo, para selar nossa volta. Ele pairou sobre mim, me beijou devagar, como se tivesse que se controlar, mas era impossível.

Quando seu pênis muito duro se forçou contra mim e deslizou, invadindo sem trégua, eu gemi alto, sorrindo, e apertei com força meus dedos em seu braço. Fernando foi até o fim, se acomodou melhor sobre mim e começou a se movimentar de uma maneira tão deliciosa, que eu quis chorar de prazer. Eu estava consumida por tanta eletricidade entre nossos corpos tensos.

Ele aumentou as socadas me deixando de visão turva. Era delirante sentir cada investida macia chegando até o fim, e meu interior se moldando com perfeição a sua grossura. O barulho das socadas rápidas e de nossos gemidos tomou o quarto, até que meu corpo começou a reagir com um poder incontrolável pelo orgasmo chegando. Eu estava com tanta saudade de Fernando, que nem precisou muito para me fazer gozar enquanto me agarrava a ele com muita força e impulsionava meu quadril para frente, exigindo mais contato.

— Ah, ver você gozar com meu pau é a coisa mais gostosa que existe... — ele sussurrou e beijou minha boca de uma forma extasiante. — Aguenta mais um pouco? — Não respondi. Puxei o pescoço dele para que me beijasse mais. Fernando me abraçou e rolou na cama comigo, se levantou e caminhou no quarto, me segurando sem parar de me beijar. Sentou-se em uma poltrona e, de um modo erótico e tentador, incitou: — Senta no meu pau, Maria Clara.

Eu o segurei, aproximando de minha entrada, e deslizei. Sentar em um caubói era mesmo muito bom. Abracei Fernando e o beijei apaixonadamente enquanto ele entrava e saía poderosamente, gostoso, forçando as pernas grossas para impulsionar.

Gritei e sorri. Ele não parou, lambeu meu pescoço, chupou meus seios e voltou para minha boca sem deixar de se movimentar um momento sequer, impiedoso e implacável, me dando as melhores sensações de sentir seu corpo suado me aninhando.

— Goze, Abacaxi. — Sua voz grossa fez minha pele se arrepiar, e nem precisou muito para me levar novamente ao ápice. Ele me olhava com satisfação, sem piscar, enquanto eu me esvaía novamente em um orgasmo arrebatador. Em seguida, ele gozou também, ficando lindo, com uma expressão de entrega.

Fiquei alguns minutos agarrada a ele, com meu rosto em seu peito, ouvindo seu coração se acalmar.

— Banho, agora. — Ele se levantou comigo e foi para o banheiro.

Essa foi a primeira noite que dormimos juntos no quarto que foi destinado a mim. Fernando me aninhou, e eu sorri beijando-o várias vezes agradecendo silenciosamente por ter me trazido para cá quando eu achei que ele havia desistido da gente.

Estávamos abraçados bem colados, de frente um para o outro. Deslizei minhas mãos sobre as costelas dele, fui até as costas e acariciei sua bunda e dei uma breve risada.

— O que foi...? — Fernando sussurrou.

— Nada. Estou feliz.

— Minha bunda te faz sentir felicidade? — Os rostos estavam tão pertos, que os narizes tocavam.

— Muito. Tudo em você...

— Então aceita essa bunda, esse pau, essas invejáveis coxas e peitoral bonito como seu legítimo namorado?

— Está me propondo namoro? — Afastei o rosto um pouquinho para analisá-lo.

— Tem alguma dúvida?

— Nenhuma. Só estou pensando aqui que se soubesse que um roubo pudesse me dar tanto, eu teria roubado muito antes.

— Besta. — Ele riu.

— Não tanto por ser um fazendeiro rico, bonito do pau delícia... Mas por ser você, especificamente o Infernando, com suas teimosias e petulância, que, apesar de fazer escolhas erradas, é um homem muito bom.

— Eu nunca achei que precisava de algo até você aparecer. Que bom que você me quis, Maria Clara. — Ele deu um beijo em meus lábios e puxou meu rosto para seu peito. — Minha garota. — Eu o abracei forte e suspirei, sorrindo de olhos fechados, sentindo a melhor sensação em anos de vida.

Eu estava apaixonada por Fernando, e não existe coisa melhor que dormir abraçada por quem a gente gosta.

47 | FERNANDO

— Pai, nem adianta me pedir uma coisa dessa. Eu não vou permitir que Maria Clara aceite.

— Fernando, eu não estou ter pedindo nada. Estou ordenando. Ela que vai decidir, não você.

— Então vai mesmo ficar contra mim...? Esse gringo filho da puta está de olho na minha mulher, e o senhor continua contra mim?

— Que gritaria é essa? — Eu me virei, me deparando com Maria Clara vestindo um robe e me observando, intrigada. Ela passou os olhos pelas flores despedaçadas na sala e voltou a me olhar. — Fernando, o que está acontecendo?

— Pai, te ligo depois. — Desliguei e a encarei. Maria Clara caminhou até o buquê de rosas que parecia de ter sido despedaçado por um pit bull. — Não toque nisso, Maria Clara.

— O que está acontecendo? Está aí no meio da sala, surtando, com esse tanto de flor espatifada.

Ela tinha que saber. Era melhor pela minha boca do que por uma ligação do filho da puta. Eu não poderia impedir Maria Clara de atender o telefone ou de sair da fazenda, era minha namorada oficialmente, mãe do meu filho e futuramente noiva. Não iria tratá-la como uma prisioneira.

— Venha aqui, meu bem. — Peguei a mão dela e a fiz sentar no sofá comigo. Seu olhar antecipava que eu teria que me desdobrar para ser convincente e fazê-la aceitar a minha vontade. — O desgraçado do gringo de ontem quer me foder a qualquer custo. — As sobrancelhas de Maria Clara se elevaram em um gesto de confusão.

— O que ele fez?

Soprei, na tentativa de diminuir minha raiva.

— Convenceu o pai dele a manter a parceria com a Capello com uma única condição.

— Que condição?

— Você não vai aceitar, ok? — Antecipei.

— Tem a ver comigo? O que ele quer comigo, Fernando? — Ela era esperta e não precisou muito para entender. — E por acaso essas flores eram

para mim? — Ela se levantou e foi até o buquê de rosas.

— Deixe essa merda aí, Maria Clara. — Eu me levantei em um salto. Ela sempre fez o que quis e não ia me obedecer. Abaixou, pegou o cartãozinho amassado que veio com o buquê e que eu tive o prazer de amassar. Fechei os olhos e rangi os dentes quando ela começou a ler.

— “Maria Clara, espero que aceite minha proposta, vi grande potencial em você. Carinhosamente, Harley.” — Ela leu em voz alta e abaixou para pegar o buquê. Analisou com cuidado e só então se voltou para mim. — Você destruiu algo destinado a mim?

— Ah, então você quer receber flores de outro homem? É isso?

— Não seja tolo, Fernando. Qual a proposta do gringo?

— Que você seja a porra da representante da empresa deles aqui, no Brasil. Uma espécie de diretora comercial, ele disse que pesquisou e viu o quanto você é boa com vendas.

— Gostei desse cara. — Ela amava me provocar. Desfilou pela sala cheirando uma rosa que permaneceu intacta.

— É uma pena que ele não tenha visto o quanto é boa em desviar dinheiro...

— Eu vou fingir que não ouvi o pai do meu filho e meu atual namorado me alfinetando dessa forma. Qual é o castigo que ele vai te dar se eu não aceitar?

— Acabar com o contrato com a Capello.

— Então eu aceito.

— Nem fodendo que você vai trabalhar pra ele.

— Será aqui no Brasil, Fernando.

— Mesmo assim, nem pensar. — Mantive minha posição quanto ao assunto. De braços cruzados, mostrando fim de papo, irreverente.

— Escuta. — Veio até mim e acariciou meus braços. — Eu vou matar dois coelhos com uma cajadada só. Vou ter um emprego e salvarei o contrato de sua empresa. — Mantive a expressão truculenta e virei o rosto. — Olhe parta mim. — Puxou meu rosto de volta. — Somos Maria Clara e Infernando contra o mundo, deixe ele pensar que pode tentar me conquistar, ele não precisa saber que meu coração já está enraizado aqui, nessa fazenda, com o fazendeiro mais gato que já conheci.

Ouvir isso me deixou mais maleável. Na verdade, me fez vibrar, e senti meus olhos despejarem emoção, deixando-a perceber como eu estava sentindo.

— Eu fico tão puto... — Puxei-a e envolvi em meu abraço. — Ele está te usando para me provocar.

— Temos uma vidinha a caminho, Fernando. Não existe ligação mais forte que essa. Estamos juntos para o que der e vier.

— Eu te adoro. — Beije suas pálpebras. — Jamais te deixarei ir, Abacaxi. Nunca mesmo.

— É o que espero. Agora vamos armar um bom plano para o bonitinho.

No dia seguinte, nós dois passamos a perna no gringo. Eu quase gozei de felicidade vendo Maria Clara fazer tudo dissimuladamente e me exaltando na frente de todos logo depois. Ela deixou que ele tomasse a dianteira em tudo durante a reunião, inclusive sorria a cada flerte. Eu já tinha comido uma caneta e um lápis de tanta raiva, calado do outro lado da mesa, vendo tudo. Miguel mastigava um chiclete com ar de ironia para mim, e eu queria socá-lo — logo depois de agredir o gringo.

Meu pai trouxe Benjamin e Andrey e os fez sentar estrategicamente um de cada lado da minha cadeira, para me segurar caso eu virasse um touro bravo. Eu me mantive quieto até o fim, quando os papéis foram assinados e ela se tornou oficialmente gerente de vendas da empresa irlandesa no Brasil. Maria Clara intermediaria os negócios da Capello e da Merck Alimentos, o que, em resumo, era a mesma coisa que ela intermediar os negócios comigo, já que me tornei o vice-presidente da Capello.

— Janta comigo hoje? — O intérprete traduziu a fala de Harley para Maria Clara.

— Não posso. — Ela juntou os papéis e pegou a pasta sobre a mesa.

— Então vamos à Festa do Leite amanhã?

— Eu já tenho companhia. — Ela caminhou até mim, gostosa como nunca, de saltos, vestido executivo e óculos. Minha garota empresária. — Eu vou com meu namorado. — Segurou no meu braço.

— *What?* — O gringo se sobressaltou. Ele já devia saber que eu e Maria

Clara tínhamos algo, mas não devia ter ciência que era sério.

— Eu fico feliz que o senhor tenha contratado uma mulher grávida. Geralmente as empresas aqui nesse país dificilmente fariam isso. — O intérprete traduziu, e o gringo ficou pálido.

— *Pregnant?*— ele exclamou.

— E adivinha quem é o papai? — eu falei. — Não contamos nada sobre nossa relação e a gravidez porque queríamos que você ficasse iludido achando que teria algo com ela. Agora, com papéis assinados, pode se mandar do Brasil. Adeus. — Sorri cinicamente para o intérprete: — Pode traduzir isso.

— Eu serei avô? Quando ia me contar, Fernando? — meu pai balbuciou.

— Acabou de saber, pai. Um abraço para todos. — Abracei Maria Clara, ela me deu um beijo rápido na frente de todos, acenou gentilmente e caminhou de mãos dadas comigo para a porta. Antes de sairmos, parei perto de Miguel.

— Rá! Perdeu o posto de único pai de herdeiros da Capello. — Dei um tapinha no rosto dele e só então saí.

48 | MARIA CLARA

Não acordei com um puxão no cobertor e nem com claridade em meus olhos. Havia um cheiro gostoso, e ouvi o som baixo da voz de Fernando. Abri os olhos, incrédula por ele estar me acordando com calma.

— O que houve? — Olhei para os lados. Ele se sentou na cama, ainda sem roupa, vestindo apenas uma cueca.

— Nada. Estou te acordando.

Semicerrei os olhos e o fitei. Fernando se levantou e, para meu espanto, pegou uma bandeja enorme e colocou na cama.

— O primeiro de muitos cafés na cama para minha Abacaxi preguiçosa.

— Fez café para mim?

— Não. A Tereza fez e teve que sair. Mas a geleia é minha receita, eu mesmo preparei e tem um pote grande na geladeira.

Ajeitei meus cabelos e olhei cada coisa na bandeja. Eu estava chocada, mas em um bom sentido. Jamais fui mimada dessa forma, ainda mais por um homem. Geralmente eu só namorava trastes que nem se importavam se eu já tinha me alimentado ou tomado insulina.

— Obrigada, Fernando. Eu... estou sem palavras.

— Fico feliz que tenha acordado de bom humor.

— Vai fazer isso todo dia para eu acordar sorridente?

— Não conte com isso, garota. — Ele abriu a gaveta pegou o medidor de glicose, e eu deixei que ele medisse como já fez outras vezes. Assim que nos certificamos que estava tudo bem, me servi do café.

E a surpresa não parou por aí. Assim que terminei, ele me fez levantar, vestir o robe e descer com ele.

— Está andando de cueca pela casa? Quando se tornou tão despudorado?

— Relaxa. Estamos sozinhos. Tereza saiu com Laerte. — Ele pegou a faixa de cetim do meu robe, se posicionou atrás de mim e a amarrou em meus olhos.

— Pra que está me vendando?

— Porque sim. Venha comigo. — Segurou minha mão e me guiou pela

escada. Quando parecia que estávamos na sala, ele tirou a venda e disse para eu olhar. Rapidamente coloquei as mãos na boca, perplexa.

A sala estava abarrotada de arranjos de flores de todos os tamanhos e espécie.

— Tudo para você.

— Fernando... — Eu estava sem fala. Eram todas lindas, naturais e cheirosas. Andei pela sala olhando cada um dos arranjos.

— Tive o cuidado de pedir flores que pudessem ser aproveitadas depois. Um jardim, por exemplo, a maioria poderá ser replantada em vasos.

— Por que fez isso?

— Porque quero te ver feliz. Um homem deve mostrar em atos como gosta de sua mulher.

— Ah, Fernando... — Caminhei de volta para ele e o abracei. — Obrigada...

— E, claro, porque ontem aquele filho da puta mandou flores para você. E me toquei de que eu tinha que dar valor ao que tenho, antes que perdesse novamente.

— Ai, caramba! Você é muito fofo quando quer. Estou em chamas.

— Eu sei o remédio perfeito para suas chamas. Leite Capello. — Ele deu uma olhada sugestiva para a própria cueca. — O melhor dessa fazenda.

Gargalhei e pulei nos braços dele, enchendo-o de beijos. Fernando me olhou nos olhos e disse:

— Nunca achei que falaria isso, mas... — Levantou o rosto e gritou: — Obrigado, Leticia, pelo pé na bunda que me deu!

Eu gargalhei junto a ele, e nos jogamos no sofá da sala. Era perigoso, mas quem se importava? Eu só queria beijá-lo e percorrer cada pedacinho de seu corpo com minha língua. Transamos ali, no sofá, tendo o perigo de alguém chegar e ver a cena, mas foi nosso momento mais lindo. Fizemos devagar, apaixonados, nos beijando agarrados e rodeados de flores.

À noite fomos para a Festa do Leite. Era como uma exposição sobre tudo

que a Capello produzia. Havia os touros e vacas de raça, cavalos bonitos expostos, barracas de doces, iogurtes, biscoitos, tudo vindo da fábrica, e uma ala onde o público poderia ver um pouco da rotina da fazenda. A rotina que eu me apaixonei.

Ele falou ao público e explicou algumas coisas. E eu estava lá, na plateia, como uma boba, sem acreditar que aquele monumento de homem era todo meu e que, no início de tudo, eu apenas babava de longe no noivo gato da minha amiga.

Fernando estava de jeans, camisa xadrez, botas e, claro, um belo chapéu de vaqueiro. O autêntico caubói brasileiro que tinha paixão pela vida no campo, na natureza, mas que sabia conduzir os negócios de um escritório com maestria.

Assim que ele terminou e se despediu do público, veio até mim, abraçou meu ombro, e saímos para andar pelo evento. Mais tarde teria um show de uma famosa dupla sertaneja. Para minha surpresa, na barraca do doce de leite flagrei alguém me encarando: Leticia.

Fernando também viu, e ficamos parados encarando-a de volta. Ela manteve uma expressão rude, de puro ódio. E para nossa maior surpresa, um homem bem mais velho, com aproximadamente sessenta anos, virou-se para ela e entregou um copinho de doce.

— Toma seu doce, meu bem.

Ela mal conseguia receber o doce porque Fernando e eu éramos uma atração bem mais interessante para ela.

— Deixa para lá — ele cochichou e me puxou. Saímos sem olhar para trás. — Pena que eu não possa impedi-la de entrar na exposição — Fernando lamentou.

— Ela está dando golpe em um senhor. Eu não consigo acreditar que essa é minha ex-melhor amiga que eu julgava conhecer cegamente.

— A gente se surpreende com as pessoas. Quer comer alguma coisa?

— Estou louca por um cachorro quente.

— Seu pedido é uma ordem. — Ele deu meia-volta, e seguimos rumo a uma barraca de cachorro-quente.

— Adorei ver você falando, explicando sobre a fazenda.

— Sério?

— Muito. Você sabe como ninguém explicar sobre como tirar leite.

— É. E você sabe como ninguém como tirar leite. — Curvou-se e cochichou no meu ouvido — Ordenhadora de fazendeiro.

— Ah, cala essa boca. — Rindo, empurrei o rosto dele.

— Calo, sim, agora mesmo. — Ele parou de andar, me tomou e seus braços e me beijou de forma gostosa.

EPÍLOGO

Fernando

— Puta que pariu! Para de tremer, Fernando — Andrey falou, rindo ironicamente enquanto ajeitava o nó da minha gravata.

— Seu rabo que está tremendo. Estou tranquilo.

Ah, caralho! Uma porra que eu estou tranquilo.

Enfim chegara o dia do meu casamento. Até passamos na frente do de Andrey porque Maria Clara e eu chegamos à conclusão de que tinha de ser antes da barriga dela aparecer completamente, o que já estava começando a acontecer.

Entretanto, descartando o nervosismo, eu estava tão feliz como nunca imaginei que me sentiria no meu casamento. Era diferente do casamento de conveniência que eu teria com Leticia, em que só desejava que os seis meses acabassem logo para eu me ver livre da relação.

Maria Clara me perdoou e estava me dando a joia mais preciosa que eu poderia ganhar em toda minha vida: um filho. Naquele dia, eu iria selar nossos laços, selar o compromisso não só com ela, mas com a vida que gerava em seu ventre.

Nosso noivado foi íntimo. Apenas nós dois no lago da fazenda que representava tanto para mim. Eu a surpreendi abrindo a caixinha diante dela e a pedi em casamento ali, com o pôr do sol e toda a natureza deitada em crepúsculo como testemunha.

Ela gritou tanto quando viu o anel, tornando o lugar mais marcante ainda, pois jamais esquecerei o surto de alegria da minha Abacaxi.

Depois disso, tivemos apenas quinze dias para arrumar tudo. E ela tomou a frente com sua experiência em produzir casamentos. Maria Clara estava transbordando euforia em preparar a própria festa.

— Não precisa trabalhar pesado, posso contratar uma empresa — opinei, pois estava com medo de ela se esforçar demais.

— Está com medo de eu te dar um novo golpe e superfaturar as contas?
— Caminhou até mim, mordendo o lábio, exibindo uma expressão maliciosa.

— Faça isso de novo, Abacaxi, e adorarei te fazer pagar pelo resto da

vida. — Eu a puxei pela cintura, e ela foi receptiva me abraçando.

— Vai me prender?

— Vou. Te prender ao meu lado.

— Se todo mundo que roubasse tivesse uma proposta deliciosa dessa, o mundo seria de crime. — Ela beijou meu pescoço, meu queixo e em seguida minha boca.

A sombra de um sorriso brotou em minha expressão fechada por eu relembrar de nossos momentos de semanas antes. Olhei para Andrey, que acabava de ajeitar minha gravata. Eu estava nervoso de tanta felicidade.

— É normal o nervosismo. — Virei quando Miguel falou. Ele estava no meu escritório também, junto com meus três irmãos. Todos eles seriam meus padrinhos, e o casamento acontecerá aqui, na fazenda onde tudo começou. Miguel continuou sem ter a total atenção de meus irmãos:

— Eu estava mais nervoso ainda por ser uma garota de família tradicional. Eu fui o primeiro homem de Stela e pensava que todos iriam descobrir que tínhamos antecipado tudo e então eu me vi...

Ele parou de falar quando notou que nós quatro o encarávamos. Benjamin até deu um passo na direção dele.

— Acho que não é legal você contar esses detalhes para os irmãos da sua esposa — Thadeo avaliou da poltrona onde estava sentado com um copo de uísque na mão.

— É, foi mal... — Ele se levantou e achou por bem tomar uma distância segura do rebelde que o olhava com fúria. Benjamin não teria problema em plantar um olho roxo em um padrinho. — Eu só achei que esses assuntos eram normais em uma roda de homens.

— São normais. — Andrey se afastou de mim e foi se servir de alguma bebida. — Desde que o assunto não seja a irmã dos caras.

— Bom, eu vou ver se estão precisando de algo. — Miguel saiu pela tangente, buscando refúgio fora do escritório e, claro, ao lado de Stela, que o protegeria com unhas e dentes.

— Doze anos que esse cara está com a Stela, e me pergunto como eu ainda não descii a porrada nele — Benjamin comentou e foi se acomodar na minha cadeira com os pés na minha mesa de trabalho. Eu estava ansioso demais para me importar com sua pose desleixada.

Eu me olhei no espelho de corpo inteiro que Tereza pediu para trazerem para meu escritório, onde eu estava refugiado até chegar o momento. Minha roupa foi escolhida por mim mesmo, com algumas objeções de Maria Clara. Eu não abria mão do chapéu que era minha marca e, usando isso como base, ela e Stela encontraram a opção perfeita. Meio-fraque de três peças, tudo preto, exceto a camisa, que era branca, e a gravata cinza.

— Nunca achei que me casaria antes de todos vocês — comentei sem olhar para meus irmãos.

— Nem espere que eu vá acabar meus dias, que já são fodidos, em uma merda de casamento — Benjamin opinou, aborrecido.

— Estou contigo — Thadeo concordou. — Eu lá quero problema em minha vida?

— Para mim, a presidência vale o sacrifício. — Foi a vez de Andrey dizer. A porta abriu, e Stela entrou.

— Pronto? — Veio até mim e, com brilho nos olhos, ajeitou meu traje. — Está lindo, mano. — Ela olhou para os outros, todos os três estavam bebendo. — Vocês. Larguem esses copos e tomem as posições lá fora. — Ninguém pareceu se importar, e ela bateu palmas. — Depressa, Benjamin, não temos o dia todo.

— Tá. Não bata palma pra mim. — Ele se levantou e foi o primeiro a sair, seguido de Andrey e Thadeo. Stela voltou a me fitar.

— Estou tão emocionada. Maria Clara está linda, só esperando o momento para entrar.

— Cacete. Estou nervoso. Como o pai está?

— Bem ansioso, sorriso de orelha a orelha.

— É bom ver nossa família tão forte e unida. Obrigado por ter ajudado minha noiva todo esse tempo. — Eu a abracei, e Stela foi logo garantindo:

— Ela é a irmã que não tive, você está trazendo uma pessoa fantástica para nossa família.

Eu tinha certeza disso.

Eu saí e olhei para o espetáculo armado. Tudo estava enfeitado, era fim de tarde e dali a pouco as milhares de luzes bem posicionadas acenderiam, deixando tudo bem mais bonito. As pessoas já estavam sentadas em cadeiras brancas postas em fileiras ladeando a passarela. Lá na frente havia um arco

floral, onde o juiz de paz esperava em uma bela mesa arrumada.

Cumprimentei algumas pessoas, em especial os pais de Maria Clara. Era incrível como seu Flavio, pai dela, estava bem com o vício controlado e, inclusive, estava trabalhando na fazenda. Fui para o fim da passarela, onde Stela explicava para meus irmãos onde cada um devia ficar.

Assim que os padrinhos entraram, eu fui o próximo, indo sozinho na passarela, acenando para os presentes. Não pude deixar de sentir naquele momento a falta da minha mãe, mas foi uma rápida sensação ruim.

Eu me posicionei, e quando a marcha nupcial tocou, tudo em volta parou e nada mais existia. Só ela. Apenas Maria Clara em um perfeito vestido, tão linda, que meus joelhos tremeram. Ela sorria, emocionada, seu riso que iluminava minhas manhãs e sarava minhas feridas, me deixava imune a qualquer tristeza. Minha amada.

O pai dela a entregou a mim, e eu a recebi agradecido por ter conseguido trazê-la de volta, agora em definitivo.

— Oi, Infernando — sussurrou com lágrimas umedecendo os olhos.

— Oi, Abacaxi. Você é a noiva mais linda do mundo. Tão linda, que... caralho, estou sem fala.

— Shhiu. Olha a boca porca. — Rimos e nos viramos para o juiz, que deu início à cerimônia. Minha irmã, Tereza e a mãe de Maria Clara choravam, meu pai sorria em contentamento, e meus irmãos, cada um à sua maneira, expressavam estarem felizes por mim.

Quando o juiz disse para beijar a noiva, eu puxei Maria Clara para meus braços e a beijei em meio a aplausos e chuva de pétalas. A porra de um momento classicamente romântico, em que nunca me vi fazendo parte, mas agora que o vivia com Maria Clara, era o momento que eu jamais esqueceria.

— Eu te amo — declarei. Ainda não tinha dito isso. Ela arregalou os olhos e até engoliu em seco. Ri de sua expressão de susto e sustentei: — Caubói bruto, mas que também ama.

— Eu também te amo muito. Tanto, que chega a doer. — Voltou a me beijar, ainda mais ardorosamente.

Maria Clara

— É hora de provar minha maior experiência gastronômica — falei com Fernando ao partir o bolo. Todos em volta da mesa assistiam o momento em que cortamos. Eu mesma tinha feito o bolo do casamento, claro que Tereza e Stela me ajudaram e pesquisamos muito sobre modelagem e confeitaria. Na nossa frente, o belo bolo branco de três partes poderia até se passar por produto profissional, e o melhor é que era *diet*.

— Eu sempre sendo sua cobaia. — Ele acabou de reclamar, e eu enfiei uma colherada de bolo em sua boca. Fernando mastigou, fez caretas estranhas e não disse o que achava.

— E aí? O que achou?

— Tem recheio de abacaxi? — Ele riu.

— Claro. Seu sabor preferido. — Pisquei para ele, e Fernando captou minha indireta.

— É verdade! — falou em alto e bom som. — Eu adoro comer e chupar abacaxi. — Voltou a me olhar enquanto eu corava de vergonha. Fernando segurou meu rosto e completou: — Minha maior paixão.

— Pode servir o bolo — falei para Tereza. — Meu marido aprovou.

— Só não está melhor porque não está com sua boca. — Ele me puxou, e seus lábios ainda com resquícios de glacê abocanharam os meus. O pessoal em volta ovacionou e flashes foram disparados.

Eu jamais tinha sequer considerado alcançar momentos tão felizes assim. Quando estava produzindo o casamento de Leticia e Fernando, cheguei a me flagrar com inveja da minha amiga várias vezes na ocasião. Era um homem rico, muito bonito, bem requisitado no país. Ela era a garota que passou a vida toda fazendo a coisa certa e merecia tudo aquilo. E eu, a golpista que ralava dia e noite, dava corda para homens errados, vivendo relacionamentos rasos sem qualquer pretensão. Mesmo assim, eu estava feliz por Leticia, só nunca acreditava que um dia eu pudesse também ser feliz.

Saímos da fazenda na manhã seguinte rumo à lua de mel em Veneza. Meus pensamentos de reflexão continuaram enquanto estava ao lado de Fernando no avião. Agora, não mais o vaqueiro dos infernos, era meu marido, dono do meu coração.

Tudo foi escrito tão perfeitamente para que ele fosse meu, que eu era incapaz de cogitar como o destino havia traçado tudo. E esperava que o futuro reservado para a gente, fosse como o presente, igualmente delicioso.

Nosso bebê nasceu dia quinze de abril. Ele se chama Arthur e é um ariano, como o pai. Fernando não se continha de felicidade e até derramou lágrimas quando o segurou pela primeira vez. E naquele momento, sentado ao meu lado na cama do hospital, ele me beijou e tornou a repetir o que eu amava escutar:

— Eu te amo, Abacaxi. — E ele não poderia ter escolhido o melhor momento para se declarar novamente. Representava muito ele me dizer essas três palavrinhas quando estava segurando nosso filho.

— Eu também te amo. E espero que consigamos, todos os dias, alimentar nosso amor.

— Conseguiremos. Eu sei que sim.

Eu me vi vivendo os melhores dias de minha vida. Desde que eu tinha voltado da lua de mel, assumi o cargo que o gringo me ofereceu, era um emprego promissor, que durante meses só me deu alegria. No dedo, uma aliança, e na fazenda, um marido que sempre me esperava de braços abertos. Mal podia esperar todas as horas do dia para voltar para ele, o homem com o qual eu dividia um recíproco amor e um bebê que era a alegria da fazenda. Eu não poderia querer algo melhor.

Gostou de DOCE DOMÍNIO? Deixe sua avaliação aqui na Amazon, recomendando o livro para outros leitores. Ele é o primeiro livro da série DINASTIA CAPELLO que é composta por cinco irmãos, e terá a seguinte ordem:

Doce Domínio - (Fernando)

Segredos Indiscretos - (Benjamin)

Sublime Amor - (Stela)

O beijo da Fera - (Thadeo)

21 dias para o amor - (Andrey)

PROXIMOS LANÇAMENTOS:

Adoravelmente atraídos – Spin off de Adorável Selvagem

Adorável indomado – Livro 02 da série Selvagens Irresistíveis

Segredos Indiscretos – livro 02 da série Dinastia Capello

Em pele de cordeiro (Livro único)

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Table of Contents

PRÓLOGO

01 | MARIA CLARA

02 | FERNANDO

03 | MARIA CLARA

04 | MARIA CLARA

05 | MARIA CLARA

06 | FERNANDO

07 | MARIA CLARA

08 | MARIA CLARA

09 | MARIA CLARA

10 | MARIA CLARA

11 | MARIA CLARA

12 | FERNANDO

13 | MARIA CLARA

14 | FERNANDO

15 | MARIA CLARA

16 | FERNANDO

17 | MARIA CLARA

18 | MARIA CLARA

19 | FERNANDO

20 | MARIA CLARA

21 | MARIA CLARA

22 | MARIA CLARA

23 | FERNANDO

24 | FERNANDO

25 | MARIA CLARA

26 | Fernando

27 | Maria Clara

28 | MARIA CLARA

29 | MARIA CLARA

30 | FERNANDO

31 | Maria Clara

32 | MARIA CLARA

33 | FERNANDO

34 | MARIA CLARA

[35 | FERNANDO](#)
[36 | MARIA CLARA](#)
[37 | FERNANDO](#)
[38 | MARIA CLARA](#)
[39 | FERNANDO](#)
[40 | MARIA CLARA](#)
[41 | FERNANDO](#)
[42 | MARIA CLARA](#)
[43 | FERNANDO](#)
[44 | MARIA CLARA](#)
[45 | Maria Clara](#)
[46 | MARIA CLARA](#)
[47 | FERNANDO](#)
[48 | MARIA CLARA](#)
[EPÍLOGO](#)